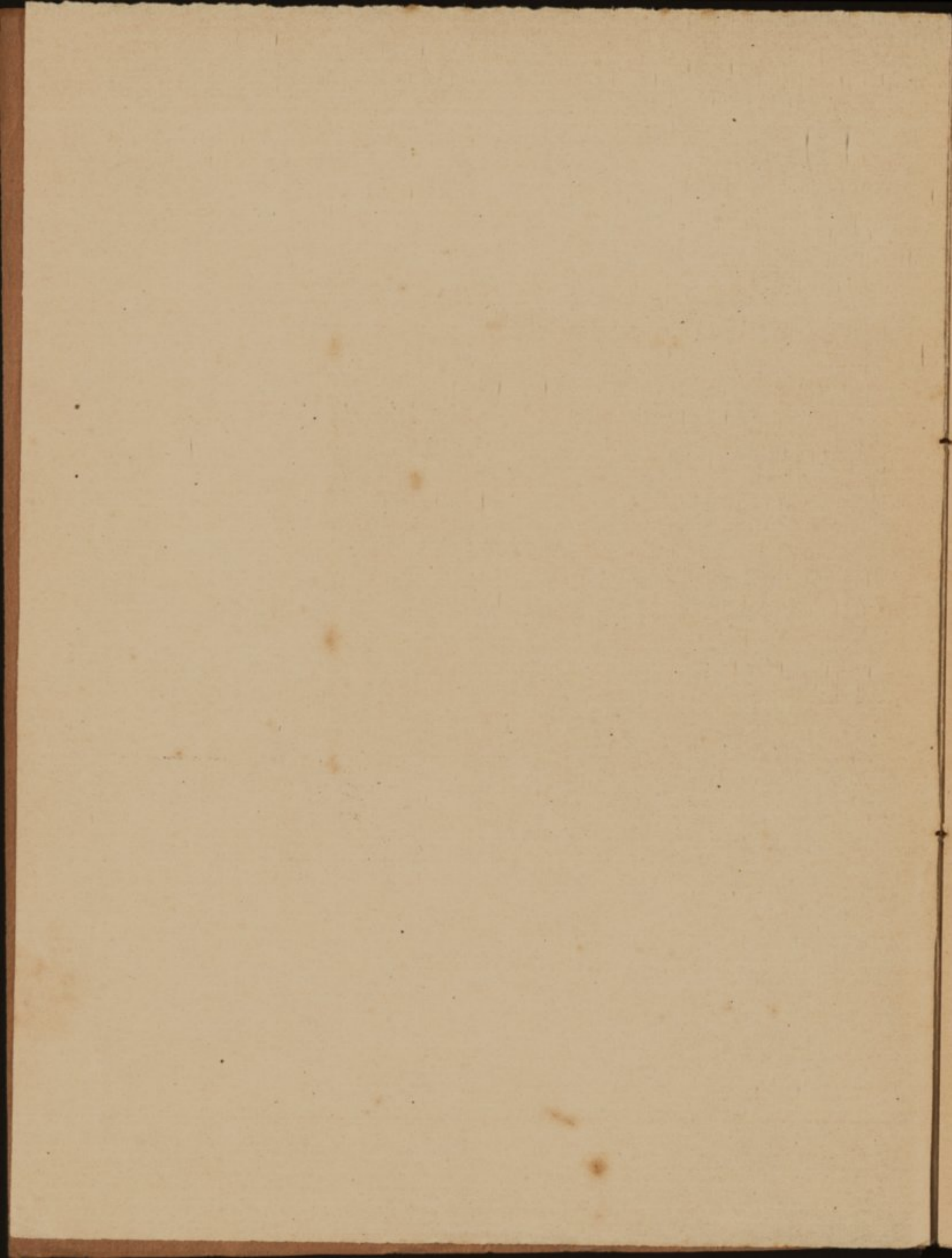


Passaios e —
Viagens:



Passeios e ==
== Viajadas:

Notas ligeiras:

Vol. I



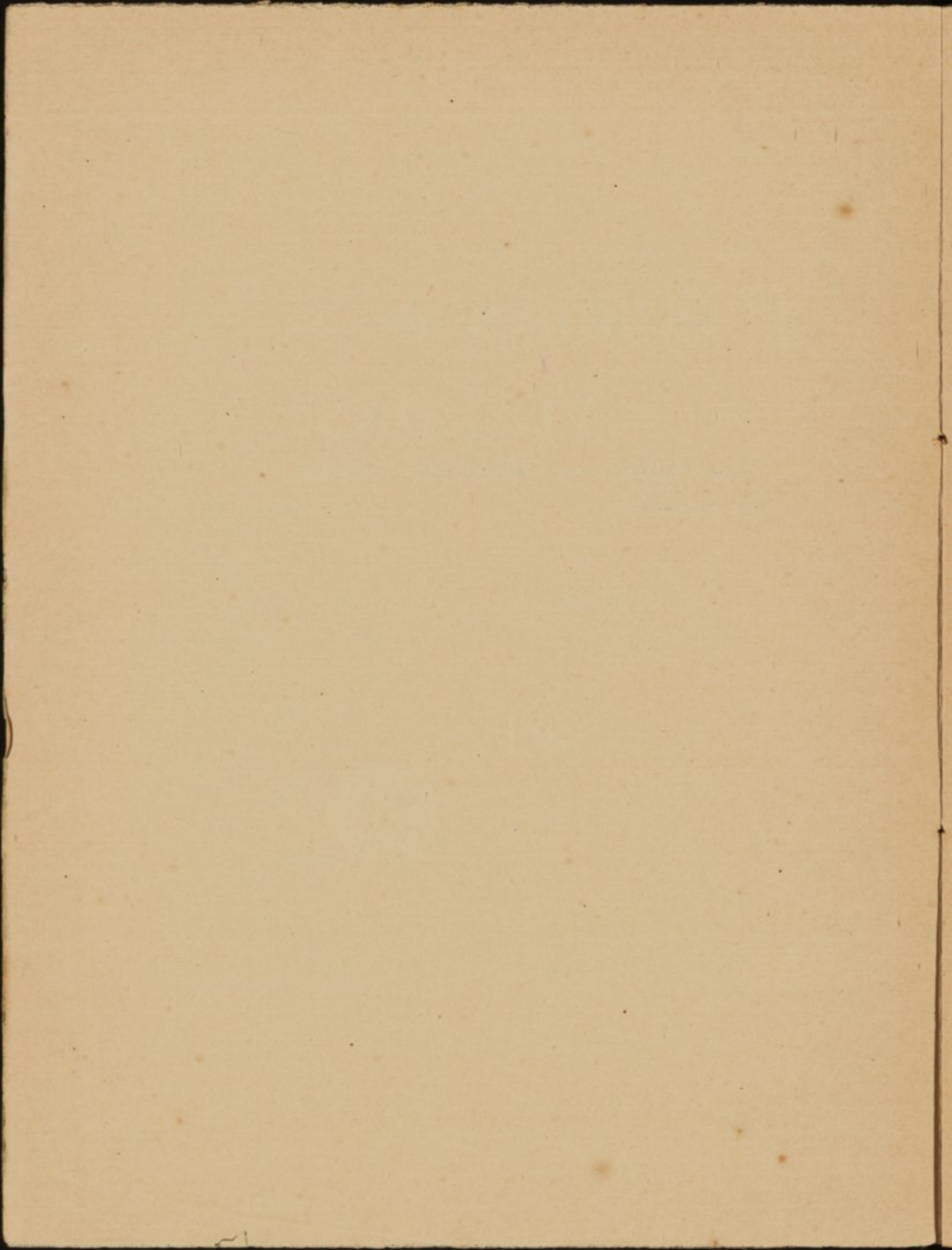
9 201922.159

2611/1511



I

Da Galiza ao Alentejo. Notas
de occasião.



« . . . é preciso ser histo-
riador, geografo, paisagis-
ta, politico, descreitor, poeta
e filosofo. Com tanto não po-
dia eu. »

Tomás Ribeiro : Jornadas, I, 10.

Galisa

1907 : 13 de julho

Logo que o comboio largou da estação de Viana do Castelo, eu não abandonei a janela do lado do mar. O mar absorvia-me, esplendido como estava, nessa tarde luminosa; mas o desejo de compreender a Espanha, a cavalheiresca Espanha, dum momento para o outro, alvoroçava-me a curiosidade.

O comboio seguiu, linha férrea, batendo a todas aquelas estações: Afife, Montedôr, Ancara, a linda Ancara, Moledo e muitas mais. Ao aproximar de Guimarães, a tarde declinava já; e eu, que não queria perder a alegria de ver a Galisa ainda com sol, espiçhei-me pela janela, na esperança de poder dizer, como na antiga canção

— Já vejo terras de Espanha!

Olhei, com meio corpo de fora da janela;

espreitei, investigatei com certa ansia . . .
De repente, numa curva, appareceu um cerro
alto, bem alto, apresentando uma projecção co-
nica regular, como um monstro ameaçador
que dissesse:

— Cá estou!

Percebi que para cá do monte havia um
braço de mar: devia ser a foz do rio Minho;
e para comigo, bradei satisfeito:

— Lá está a Espanha!

No escuro da base daquelle imenso caue,
aude, no lusco fusco da tarde, ainda apare-
ciam uns pontos brancos de casas, estalejavam
suavemente um foguete.

A tarde começava a tornar a paisa-
gem uniforme; o sol escondia-se porre o
mar, fazendo uns esgares interessantes; e
eu olhava curiosamente o enorme cerro co-
nico, dizendo:

— É a Espanha . . .

Pela primeira vez eu via, á mão, ali
perto, a Espanha, a cavalheirosa, a fidalga, a
alegre, a beata Espanha; e logo a avistei sob a
fermeza dum caue elevado aude o cair da tar-
de ainda deixava distinguir uns rochedos es-
carpados.

O comboio, pareceu, não me dar grande tempo para observar, puz-se rapidamente por um escuríssimo pinhal e, ao terminar o pinhal, pombeiro e extenso, pareceu em Garrinha.

Do outro lado, na base do cone, os foguetes continuavam, pesadamente, a estalar.

A seguir a Garrinha, pelo vale do Minho fôra, a Espanha — como a noite ia caindo — aparecia — me do outro lado do rio como uma faixa escura de terra; de quando a quando, o brulho dum foguetão denunciava a alegria galega; e aos poucos, essa mesma faixa escura ia desaparecendo, perdendo-se na escuridão da noite.

Depois, mais adiante, um amontoado de luzes que real brulhavam na água do rio: era Tuy! O comboio, daí a pouco, galgou a rampa escura, entrou na estação de Valença do Minho.

— 0 —

19 de julho

No dia seguinte ao da Garrinha chegado a Valença, logo de manhã cedo, com a curiosidade de ver ao sol claro essa Espanha de

heróis e de bandidos, subi á vila e procurei ponto de onde descerhuisse a terra alheia. Encontrei-o no baluarte do Socorro, na extremidade noroeste das fortificações, e confesso que rabisfez.

Em baixo, o rio Minho passa rotundamente, contendo sempre em respeito os seus inimigos seculares; do outro lado, Tuy, a velha cidade galega, cingõe-se na sua colina alta, com a velha casaria que desce até á ponte; em frente ao penhasco alcantilado da baixa Galiza, desenhavam-se bem nítidas no céu azul da manhã; e para o nascente, por aquella margem direita jára, e perder de vista, um sucessivo encadeamento de serras pitorescas.

Mas á tarde, depois do jantar, é que fizci pela primeira vez Terra espanhola...

Com dois companheiros, desci a esplanada que vai dar á ponte internacional; entrei na ponte pelo parameço inferior (por que o superior é para a linha férrea); e ao chegar á outra extremidade vi... — a primeira creatura que vi em Espanha! — um "carabiniere", um autentico "carabiniere", muito bem postado numa poltrona, estem-

dido quase, a ler... o quê?... o Seculo!
 O homem olhou quando pombiu passos; conhe-
 ceu um dos meus companheiros; levantou-
 se, correjou.

— Paese usted bien...

Seguimos estrada fora para Tuy aude,
 ao fim de uns dez minutos, embrei solene-
 mente. E é curioso: os campos, as vinhas,
 as casas, têm o mesmo aspecto rrintado;
 dir-se-hia que corrinhamos pelo Minho
 se não notasse a diferença da graça das damas
 que apareciam á janela ou que cruzavam
 com osso na rua.

Embrei numma rua larga com bons pré-
 dios; subi uma escadaria antiga; e assim
 cheguei á "corredera", que é a rua mais
 importante da terra, larga, com uma fonte
 para carros, outra para peões, e ao fundo
 um ponto de vista, admiravel, para os cam-
 pos. Começava embão a juntar-se gente; se-
 nhoras alegres, com aquella alegria garrula
 e comunicativa das espanholas, de fatos
 claros, falando irreverso, dávam uma emar
 me vida a tudo.

Eu comecei a percorrer os grupos, com
 fonda o meu côco lisboeta; e chamava-me

a atenção uma espanhola de fôrta branco, pal-
radeira, alegre, interessante, graciosa, em cu-
jos grandes olhos negros me ficaram os meus
froleres olhos de português...

Passavam eubas bandos de padres em o
seus trajes talares que lembram a roupeta je-
suítica; passavam uns officiaes melhos, fan-
dados, arriados á beugala de ardenança,
com um ar de conqarso e uagua — como de
quem levava para o túmulo o dergorbo de Por-
tugal continuar independente; passavam sol-
dados, com a sua calça vermelha, larga, e bo-
né branco; passavam os espectaculosos guar-
das civis; passavam donas de aspecto grave,
vigisndo o babdo patreiro das raparigas.

Mas o que mais me interessava era
precisamente esse bando de raparigas que chil-
reava, que tagarelava, que dava a impressão
dum bando estavado de averitãs que saltas-
sem, e ás quaes apenas esperassemos ver bo-
tar as asas e voar!

Voltámos, já pela noite; na ponte, já
iluminado a luz electrica, o museu "carabi-
nero", cumprimentou-nos com afabilidade; e
de novo subimos em Portugal, sem comba-
lando meu peso na consciencia.

Eu apenas trazia na rebina os olhos da espanhola vestida de branco. . . Não deixava de ser um caso de consciência.

— 0 —

17 de agosto.

No domingo, apesar do calor e da minha indolencia, fui á los toros de Pontenedra; e com franqueza o digo: gostei.

Sim, gostei!

Além de mais nada, a viagem é deliciosa. Não me quero referir á demora dos comboios que para um pequeno percurso de uns 40 quilómetros conseguem a maravilha de levar seis horas; não, refiro-me á paisagem, á beleza de encanto da região que atravessei, aos successivos pccuários que me apareciam aos olhos ávidos.

Os comboios. . . oh os comboios! Os espanhóis têm-nos de duas espécies: uns que the-gam; outros que the-gam quando the-gam; e outros ainda que . . . nevera the-gam! Aquelle em que eu fui era dos que devia chegar quando . . . chegasse!

Mas a viagem, que beleza! Primeiro a vizinha Tuy; depois Guillarney; e seguir as

gandaras de Parriño, uvas gandaras ex-
 cepcionais, duma fertilidade exuberante,
 e sobre fiadas de montes graníticos; depois, a
 Redondela, onde dois altos viaductos de linhas
 fereças se cruzam sobre a povoação alegre e
 pitoresca; adiante, a margem sul do rio
 de Vigo que nos dá a impressão d'um grande
 lago d'um inesperado encanto e duma sceno-
 graphia maravilhosa.

Não sei descrever a impressão que rece-
 bi ao passar em frente de bocas d'essa água
 tranquila, espelhada, onde uns barchiños cor-
 riam á vela por entre ilhotas verdes, e as
 encostas cheias de casas alegres e de jardins,
 se reflectia quietamente, como um espê-
 lho. Não sei descrever...

Sei que me emocionou esse scenário
 de magia que a velocidade do comboio não
 me deixou fixar; sei que nos meus olhos fi-
 cou a impressão do deslumbramento.

Estim' emocionado, senti o comboio pa-
 rar em Pontevedra e uma voz soe me dizer
 por sobre o marulhar da estação:

— ¡Cuidado con los cartieristas!

Era um guarda civil, correcto dentro do
 seu vistoso uniforme, que em nome do Es-

tudo avisava os seuhes passageiros que se aaventuravam aos encontros dum dia de festa rija. Eu, como mais nada levava alem de umas pesetas em prata e umas pernas gordas em cobre, não me impussei muito.

Atravessei a multidão, embrei na fonda da proprie estabecida, almocei pacatamente e depois deitei-me a percorrer a cidade.

É que impressão agradável que tive no ligeiro passeio que dei! Impressão de alegria, de conforto, de limpeza, de distincão. Ruas claras, acastadas; lojas alegres, amplas; praças largas, arborizadas; casas confortaveis e elegantes, desde as janelas razeadas ao alto até a varanda emidracada onde se amon-toam flores. E depois... a alegria comunicativa das mesdoras não é indifferente para o conjunto.

Andei assim, todo a tarde, sob uma amavel temperatura de 36° centigrados a primeira — até ás 4½ vendo passar umas forças da guarda civil e uma outra do 37 de linha (regimento de Murcia) fui andando para a praça de touros.

Embrei, procurei o lugar e olhei. Naquelle vasto redondel o aspecto é differente do

que se descreva nas nossas praças. A alegria enorme, estuante; o traje das mulheres, de manbilha e montón, com flores no cabelo; a grandessa da própria praça; a enchente é en-
nhia — foram para mim novidades.

Mas o melhor veio quando, polenemen-
te, abraçou a quadrilla; depois das cerimo-
nias do costume ficaram quatro picadores de
vara larga e . . . saltaram o primeiro bicho!

O boi abraçou na arena e viu os cavalos
— pobres filéas de olhos vendados! — en-
vesbiu, manrou no mais proximo; enves-
tiu com sibno, tornou a manrar, fez cair o
picadôr e foi abraç do "espada" que o cha-
rou para envesbir com terceiro cavallo con-
deudo. Mas os dois primeiros cavalos, já
peu cavaleiros, arrastavam-se no chão, de-
batendo-se, com os envesbino enveneguenda-
dos a misturarem-se com a areia, saindo
às golfadas; pelos rasgões abertos. Os en-
tros cavalos, caíram também, como os pri-
meiros, e combarciam-se enquanto uns
creados não vieram com uma champa e os
nãos liquidáram de uêr.

O boi continuou na sua furia, chei-
rando os envesbino dos cavalos, manrando

sempre, furando, esbrifando com eubria-
quês. Depois, começou o trabalho dos bandari-
theiros, por sobre os cadáveres dos cavalos;
mas o publico não ficou satisfeito e berrou:

— Más caballos!... Señor presidente!
más caballos!

É só quando o boi começou a estar cansa-
do é que avançou, roléu, o "espada", o "dies-
tro", e depois de uns quites, de uns parres, de
uns capotazos, apontou uma espada afiada, e
numa parte de peito se volaprie... zás! me-
teu a espada no cachaço, direita ao coração. O
dairo recuou, sembiu qualquer coisa dolorosa,
deitou um olhar mauoso e triste em nós, rol-
vou um mugido comovedor, ajoelhou, fra-
quejou e... caiu ao lado, num mar de
sangue, movendo lentamente as pernas. Um
bandartheiro avançou eubão com um punhal
e cortou-lhe o tendão do pescoço; o boi, com
um esbrifão, ficou imóvel.

De lá de dentro, guisalhando, alegremen-
te, romperam três nuvens valentes; preendi-
ram-lhes os cavalos e depois o boi e sobre
o guisalthar alegre e a grita dos condutores,
elas lá foram arrastando os corpos dos ami-
mais mortos pela areia, deixando um risco

de sangue por sobre a poeira do circo. Sel-
uageria, não é verdade?

Ora multiplicado isto que contivei por
seis (que foi o numero dos tauros) e aí está
o que foi, mais ou menos, a lenda
da espanhola de Pontevedra.

E assim eu vi, pela primeira vez, es-
se divertidissimo espanhol que coloca os nossos
vizinhos num grau muito pequeno de aduan-
tamento na civilização.

Mas confesso — e parece mal confessa-
lo — que gostei...



31 de agosto

Fui ontem, outra vez, a Tuy. Ahé que
enfim, tive uma tarde livre!

Depois do jantar segui esbada fãra;
entrei na ponte; segui á direita — e eis-
me de novo em Tuy, ainda de dia, á hora
a que as peuharas saiam para o passeio
diario da carredera, alegremente, num
chilrear de avesitas esvoaçando, como é
proprio da gente espanhola.

Escrevi uns postais; comprei caramel-
los para trazer como reuerdo ás duas ra-

parigas do hotel; e eis-me tambem a passear, ao longo da carretería, espantando-me como animal morto.

Aquella alegria espanhola!

Em Valença, as senhoras saem funebremente, veias abraz das veias, cochichando uébrigas, vendo se as veias não veem veias vevidas, olhando para os rapazes com o unico fito de um numero . . . Mas em Guey, ali a dois passos . . . hombrere! que alegria, que vida, que buena disposicion! Em regue vevidas de claro, andam depresso, pallitam, esvoaçam, paltram, encantam!

Eu, levitarrissimo pensava, on-tem, no meio daquela alegria, pensava-me bem, pensava-me quase alegre, pensava-me ex-kranhio bem estar por todos aquellos othares que me veiváram, pensando mesmo que, afinal, aquilo é que é a maneira de levar a vida.

A alegria! Veuhom dizer á portuguesa que se mostre alegre, que ande depresso, que fale depresso, que pense depresso!

E como Valença é triste — que fazer se não ir até Guey e embregar-me ao coração misericordioso das espanholas?

6 de setembro

Na passada 4.^a feira, com o Empis e com o Bemfeito fui a Vigo. Foi um esplendido passeio.

Hé á Redondela, o carrinho era conhecido; aqui, carbónos para a esquadra e a linha ferrea peguei, margem da ria fóra, sempre á beira da agua, passando por viadutos, trausfrondo túneis, metendo por trincheiras cavadas a fôrmo no granito, até que, a certa altura, quando já estava a ser monotona a agua tranquila do golfo, emoldurada nos pinheirais rerecos da esbira margem — eu avistei por sobre um ponto de grandes casuartheiras, com ar alegre, o amonhoado do casario de Vigo, envolto em alguma nevoa, e a seguir, o mar tranquilo sede uns grandes paquetes fundeados fureham um certo tom de civilização.

Uns barcos pulcavam o azul da agua; uns vaporesitos percorriam a baia, lançando fumo; e eu fiquei encantado com aquella aparição grandiosa a que dava mais realce a grande altura a que, neste ponto, corre a linha ferrea.

Ainda estava com os olhos cheios desse quadro magnifico, quando o comboio parou. Desembarcámo-nos; e, através da guardia civil, saímos para a rua e fomos por ali fóra, guiados por um rapazito, até ao hotel que nos tinha sido indicado.

No atravessar as ruas da cidade, tivemos a impressão de uma grande cidade; movimento já grande; prédios esplendidos; lojas boas, luxuosas; cafés, como não ha em Lisboa, principalmente o café "Colon", na calle del Principe; ruas, apesar de tudo, quiz-me parecer que aquilo tudo era, apenas, um bazarr...

Quero dizer: Vigo é uma terra de feras. Feiros, é uma terra de expanção; tudo aquilo que ali se move e gira é estrangeiro, é tudo de fóra; e é essa grande massa de população flutuante que dá á terra um grande ar de capital.

Mas, incontestavelmente, é uma terra linda. Percorremo-la toda, de lado a lado, de cima a baixo; e vê-se logo que ha cerca de vinte annos a transformação tem sido completa, porque as ruas são todas largas, os prédios novos; e pó malgemos rios

e poucos, é que ainda apparecem uns case-
lras velhos e umas vielas ruijas com um
ar resiguado de quem espera ir á degola.

Mas, a principal beleza consistê no
porto, no vasto porto emoldurado em coli-
nas verdejantes, de agua parada dum lago
encantador. Ha uma muralha de cerca de
2 kilometros, com parapetto de grade e que
acompanha uma rua larga, quase avenida,
arborizada, e com o chão alcatroado. Na-
quella tarde, muito calma, muito limpa,
tudo aquilo — o cais, a agua, o céu, a
margem norte — era uma beleza!

Naquella tarde, por essa longa aveni-
da marginal, passeava immenso gente, ao
fresco, saboreando o encanto daquella entar-
decer. Grupos de damas de ferro, farasbei-
ras inglesas, alemãs e até portuguesas —
nem que quase babel. . . galega — andá-
vam dum lado para o outro, ammirando a
paisagem. Porque, é de notar: em Vigo li-
ve a impressão de que toda a gente andava
na rua; tudo passeava!

Ora eu e os meus dois companheiros
não parámos durante o dia: vimos tudo,
observámos tudo, analisámos tudo; e,

ainda depois do jantar, fomos para a alameda, onde a musica tocava e onde, pode dizer-se, a cidade estava toda.

O luar estava esplendido; a luz electrica era a jorros; centenas de espanholas, graciosas, alegres, passeavam, mas sempre na direcção, vagarosamente; toda a mais gente passeava tambem no mesmo sentido; só nós tres, como parhupuerinhos malencados, e como queriamos ver, andávamos no sentido contrario... A musica lá se ia esfalfando, com o Lohengrin e o Tannhäuser; e aquella multidão ia girando, sempre no mesmo sentido, compassadamente, passando á nossa vista, sem curiosa conjuncto.

Tudo levou para além da meia-noite; de modo que, no dia seguinte, não acordámos para ir, de madrugada, a Bayona, no vapor da carreira dos banhistas. Ficámos na cidade e fomos, pacatamente, para o cais, observar a esplendida luz da manhã que estava, o movimento do porto, os mercados, a vida matutina, enfim, de uma cidade que tem que dar de comer a ~~uma~~ multidões de forasteiros, entreteendo assim o tempo até á hora do aluoz.

Depois, subidos no expresso Vigo - Orense - Madrid, puxado a duas mequinas, lá voltámos velozmente para a Pabna, deixando com certa pena aquella vida de farasbeiro alegre.

Mas enfim...

Na Redondela, o comboio de Bombarda trazia o peirinho do del formento, o peñon Besada; houve faguebario, fino, cumprimentos, zumbaias, etc. etc. — tal e qual como cá...



26 de setembro

Ha dias appareceu aí um ardeur para o comendante da praça de Valença ir a Guilla-rey cumprimentar o rei de Espanha que deuria passar em comboio especial. Vinha das meanoleras de Monforte, na provincia de Orense e ia a Bombarda escolher sitio para um palacio que deuera construir numa das ilhas encantadas da ria.

Lá fui tambem; com o Governador e outros officiais numa das tres tiprias descubertas que se alegraram em tny, sobre meus de poeira, com o pol que se a baber-vo nas costas e na cabeça e no meio dos othares curissos e admirados dos galegos e galegas que

aquele lixe passásem nas esbadas. Uma-
 vezámos Tuy polinicamente, de penachos sol-
 tos ao vento, ceuuo eu desafio á nesse inimí-
 ga peculiar: penachos pretos dos caçadores, pe-
 nachos azuis do administração militar, penachos
 vermelhos do medico e do alvexarife; pas-
 sada a cidade, onde ficou tudo com cerbo pé-
 do, peguimos a esbada, mais precizamente ainda,
 da esbada; e depois de uns pedaços pitorescos
 de terras, lá deus com a esbada de Guillarey
 onde a guardia civil fez uma combiencia res-
 peitosa ao Governador "que ia imponendo com
 os seus pete cráchás e o collar de ouro da Socie-
 dade de Geografia...

Na esbada, a ardeuranca tirou dum au-
 terinho uma escova e, com o devido respeito,
 deu a todos nós uma escovada; e, assim
 escovados e alindados, embámo para a sala
 de espera, suja e desolviada, onde o chefe
 apenas tinha posto umas cadeiras de madeira
 com assento de esparto para o alto funciona-
 lismo. Deu ao meus varrerem o chão, es-
 tes desolados espanhóis!

Dai a pouco começou a afleur "o mundo

(1) O Tenente-coronel Joidéro Marques da Costa.

oficial, solene e caucioso; depois, as penho-
ras

Se elas haviam de faltar!

Mas, do "mundo oficial", veio primeiro
o comandante militar de Tuy, tipo distinto, sê-
co, cheio de medallas, atencioso; depois, um
oficial de marinha, comandante da canhoneira
Penta; depois, o governador civil de Pontevedra,
simpatico, muito afavel; veio mais o tenen-
te-coronel comandante da guarda civil da pro-
vincia; appareceu a seguir el penon dorv obis-
po, com cara de barbação, o actor, umas risos
de jesuita, acompanhado por tres conegos, ver-
dadeiros tipos de operetta; depois . . . mais
gente, mais gente, toda aquella gente
que, em toda a parte, tem de comparecer a
actos semelhantes.

O Isidoro conversava, era com um, era
com outro, muito afavel, sempre com ri-
sos, muitos afagos, cumprindo admiravelmen-
te o seu papel diplomatico.

A certa altura, os empregados da estação
correram dum lado para o outro; houve spi-
tos; deram-se ardeus; e daí a nada, na cur-
va da linha, do lado do rio, appareceu leuba-
mente, dir-se-hia, com medo, o cambrio.

Do outro lado, estoiráram foguetes; e da multidão partiu um grito, um fragorissimo viva:

— Viva el-Rey d'España!

Houve apenas um ligeiro vozear, acompanhando o viva; e então, á janela do palácio que vinha, com cara de embalado, muito pouco á vontade, appareceu o rei Alfonso XIII, com um fardo lizo e que apenas se via uma cruz do lado esquerdo, e na cabeça um bonet redondo, de perúico cubano, com bordados e orno em volta. A cara receiosa do rei fez-me pensar; com o labio inferior caído, nariz grande, prognatismo muito pronunciado, olhar vago e sem expressão, parecia-me mais um homem a quem levassem para a fôrça do que um rei em viagem de recreio.

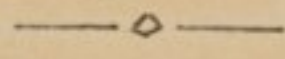
Depois de olhar um momento, sem deixar muito a cabeça de fora, e depois de ter feito uma combinancia muito acanhada, viu-seahir na gare gente que tinha de receber e foi para dentro. O Governador avançou para o palácio, com um bom farduzquês; entrou primeiro o Governador Civil; depois elle; atroz o bispo cheio de mesuras; logo el señor alcalde de Tuy que nos quiz mandar subir, com re-

reverências protocolares. O rei ficou á porta; e como a varanda ou platafôrma era estreita, pouca gente cabia e a que subiu estava como pardiilha em canastra.

À janela, o cunhado do rei, o príncipe Fernando da Baviera, príncipe, loiro, olhos azuis, vivos, fazia grandes cumprimentos, especialmente para nós, portugueses.

Passadas estas cousas obrigatórias do protocolo, reuniram-se afitos; o comboio de novo se pôz em marcha; e o rei veio á janela, perfilado pela cortinella real feita, servindo de visões escasas, contrafeitos que paravam do povo e foram real correspondidos.

O comboio lá deslizou; nós subimos de novo nos carros e corajosamente aquecimos nos revestimentos de fôrça até Valença.



23 - de outubro

São 10 horas da noite. Venho do Tey. O luar está esplendido; e a beleza desta noite, lá em baixo, nas margens do rio, lembram-me a beleza das noites claras de lua, sobre os palmeiros e os charcos do Mondego.

Na atmosfera, ha uma humidade ma-

tural mas noites frias ; a lua cheia, em volta de si, um halo alaranjado ; e as pedras apresentavam apenas a linha pinuosa das cumeadas, onde se destacam os pináculos agrestes dos montões sobrepostos de rochedos.

No longe, do lado da "perração", de madeira, ouviam-se uns cantos regionais, perdidos na distancia ; qualquer coisa monotona, restos de canto meirisco que por esta Galiza ficou, ~~ecoando~~ ecoando ainda pelas iusuar vendentes, perdendo-se nas succostas das pedras alcantiladas.

Massem, agora mesmo, desci eu a succosta alegre de Tuy — no meio dum conjunto tal que, a cada passo, eu parava a olhar um ponto e outro, e a embalar-me na toada longinqua que ainda ouvia, aos poucos, ao saber da aragem fria do norte.

Que beleza de noite e que tristura de noite, así

Como me lembrarei o Mondego e a beleza das noites de luar da minha terra ! E ~~como~~ eu pensei, com certa inveja, em como ha causas bonitas na natureza sem per em Coimbra e em como o luar faz brilhar a agua com grandesa sem per sobre o Mondego...

Sua beleza de noite!

Eu tinha jantado só; hoje, no hotel, houve uma pausa. Quando tomei café, ao ver pela janela a perra do Fão a espreme-lha-me, senti ganas de ir longe, de andar muito... Desci até à ponte, já no lusco-fusco; atravessai o rio; à direita, a cidade galega apareceu-me bandada em luar que subia rompia por sobre os montes pequenitos. Que lindo scenario aquelle! A catedral negra apparecia como uma enorme mole sobre a casaria branca que descia, a brilhar muito, até á agua tranquilla do Minho; ao lado, como contraste, a perra pedregosa de S. Julião, imponente, sobre a planicie verdejante ainda, cheia de casais, num rampante de pegia. Pensei se iria até lá...

Estava frio. Mas a noite estava tão linda...

Fui. E por essa escuridão fãra, trauteando uma canção qualquer, em ir vindo, com o crescer do luar, appareceram as cousas mais distintas, mais claras, num conjunto de poesia e de saudade que me fazia lembrar a minha terra...

Atteiui pela á cidade; aqui sobre a calle da carreira ainda uma ou outra pechincha me

aventurava ainda á quiciera do norte que so-
jraava com certa frialdade.

Andei á toa pelos passeios a ver as mon-
tanas; num café, tomei qualquer coisa quente;
escrevi uma tarjeta; e de novo desci para a es-
trada, através deste luar esplendido, desta noite
clara de luar, que recordava o vulto elegante dos
cheiros, que espelhava a agua do rio, que fazia
luzir, como faróis, os vidros dos carrinhos perdi-
dos, e que me ia fazendo lembrar, acerbamente,
com o tal « delicioso pingir » o meu rio ma-
tal. Assim voltei ao meu país.

Um guarda fiscal, zeloso, quiz saber se eu
trazia contrabando; mas, mas trazia contrabando,
trazia apenas paudades . . .

Deu-se por satisfeito; mas eu considerarei
que do lado de lá, nessa Galiza alegre, real se me-
ta esse odioso da aduana; tudo, ali, traurita
livremente, desde os queiros para consumo
até ás paudades dos expatriados!

— 0 —

1908: 29 de janeiro

Cheguei, na 2.^a feira, de Ourense, um tan-
to ou quanto moído, com duas noites real dan-
quidas. Foi um excelente, um alegre passeio!

Quer a ida para Monforte, pela margem
 do rio Minho, sempre esculpada, e que ao
 passar de Ourense, na Barragem del Miño é tudo
 quanto eu tenho visto de mais agreste, de
 mais dura e de mais selvagem; quer o pla-
 nalto de Monforte, extenso, ruído extenso,
 de se pender a vista; quer a cidade de Monforte,
 velha, feia e ruzia (como eles dizem), mas
 interessante; quer a cidade de Ourense, pou-
 co mais ou menos do tamanho de Coimbra,
 num ribeirão alegre, batido e lavado do sol, com
 belas ruas modernas, belos edificios artisticos
 e estatuas em jardins; quer o passeio "con-
 sistorial" de Ourense onde tocava a musica
 "del ayuntamiento" e onde passeavam, pere-
 namente, paulhanas elegantes e distintas que
 nem por isso deixavam de ter o ar alegre de
 espanholas; — tudo isto, foi um conjunto
 variado de causas que me deram impres-
 sões agradaveis, inéditas, algumas inesque-
 civeis e para o que, tambem, não deixaria
 de conservar a excellente companhia que levei
 eu.

Foram tres optimos companheiros que
 conseguiram transferir o prolegio para
 esta minha fatura: antes bem acompanhado

do que só . . . De modo que, ante-ontem, che-
guei bem convencido e bem compensado de
que não há nada como viajar e andar às pol-
tas . . .

É então quando se viaja por essa terra de
jotas e muineiras, onde a alegria corre pere-
rmente, como um dom natural e a espon-
saneidade é um condão exagerado, então . . .

Ponhamos ponto, discretamente.



O Minho :

Braga :

1903 : 4 de novembro.

No simples percurso do Porto para aqui,
o Minho deu-me uma bela impressão.

Tudo muito verde, muito alegre, muito
pitoresco. Tudo parece respirar saúde e ale-
gria. Ao longo da linha sucediam-se os fo-
rçados, alguns escondidos em verdura; um
em outro rio passava por sob um túnel de
salgueiros e charões; e mais distante, emol-
durando o cenário, a linha de curvado de
alguma pedra agreste.

Eu conhecia o Minho pelos romances de
Corrêa; e realmente, a impressão não se mo-
dificou. É certamente, uma bela provincia;
e eu que tinha sempre a ideia de boas impressões,
achei-as logo que o comboio largou do Porto e
eu deixei de ver a Torre dos Clerigos.

Serão estas impressões tão boas por se-
rem as primeiras?

Vamos a ver.

9 de setembro

Final, o Minho, o encantado jardim
de Portugal, para mim, fora da viagem do
Porto para aqui, tem-se limitado ao que eu
alcanço, com a vista, desde Braga metropoli-
tana. Não por isso deixa de ser belo, aquilo
que os meus olhos alcançam e procuram;
mas eu queria mais, muito mais.

Baixas excelentes projectos de excursões,
de passeios, quer nos arredores mais próxi-
mos quer a locais, um pouco mais afastados,
cujo nome me atrairia pelas suas tradições
pelo seu pitoresco ou até pela própria poneri-
dade. Queria ver, de passar, esses recantos pi-
torescos das curvas dos rios umbrados; esses
atachos floridos onde a vinha desce das arvores
altas; esses alegres miltarais regadios onde
cantassem mulheres no trabalho; esse aspecto
interessante do casario rural, de lapa ve-
rianda paudavel voltada ao caminho, convidan-
do ao repouso e á contemplação... Queria

Tudo isso ; mas afinal o Minho que tenho visto é bastante pequeno e restrito.

Do hotel, vejo diariamente as serras do Samceiro e Bom Jesus ; da casa da minha companhia o vale de verdura, muito extenso, do vale do Cavado. Não tenho podido ver mais do que isso ; e se o que vejo me agrada, é, pouco, para o que eu queria, muito pouco.

Valença do Minho :

1907 : 17 de julho.

Foi há seis dias que, passados anos, eu de novo atravessei este Minho de encantos.

Passados os arredores do Larbo, ele apresenta-se tal como é : os vales cobertos de verdura de toda a espécie ; as serras, de cerba alta na para cima, rúas e com a cumeada cheia de rochedos ~~para~~ penhascosos, de onde, aqui ou ali, desceem uns poucos de carvalheiras ; as casas rústicas, rústicas sobre arvoredos, escondem as suas paredes negras com trepadeiras pitu-ras ; a vinha trepa ás arvores e os riachos deslizam, subtilmente, por túneis de folhagem. Assim, sempre com a paisagem tão decorativa emoldurada pelas serras alcançáveis.

das, eu passei o Baixo Minho, pela alegre Rio Tinto, por Alíne, por Farnelias, por Barcelos a fidalga — até que a linha-ferrea, obliquando para o poente, deixava perceber a proximidade do mar.

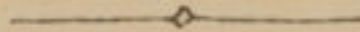
Os terrenos começavam a mudar de aspecto; ao longe, como a tarde ia a cair, adivinhava-se o doirado do poente maritimo; eu volta a terra desceia e de repente encontro-me na ponte sobre o Lima.

Depois, á beira-mar, o comboio correu para o norte sobre terrenos maritimos e plaias fertilissimos; era, na verdade, um encanto, aquella linha de transição que o embarque mais realçava — e assim me encontrei até barrinha onde um comboio apinhado de gente alegre que tocava e cantava, veio dar-me a primeira nota viva da gente da região.

Embardecia, o sol desaparecera sobre o mar; daí por diante a noite não deixaria ver nada; sómente as multidoes que eu chegam e despejaram por vezes o comboio me lembravam o Minho alegre, o Minho das romarias, o Minho das procissões e dos fagueiros, num continuo barulho de zabumbas e numo crepitante algarria de castanholas.

O Minho estava em festa para me receber. Me do lado de Espanha, além do rio pere-
no cuja água eu adivinhava no escuro da noite,
a certa altura, uns foguetes puliram, riscaram
o céu e entalaram alegremente.

Cheguei assim a Valença do Minho



Valença do Minho:

Valença do Minho

1907: 19 de julho

Aqui cheguei ha uns oito dias, depois de
uma alegre travessia pelo Minho alegre, cheio de
verdura, de vida, entre faguetes e rancos de ac-
bumbas. Eu desejaria chegar de dia, para ver
logo, com sol, o meu desbarro e colher, com a
luz solar, as primeiras impressões.

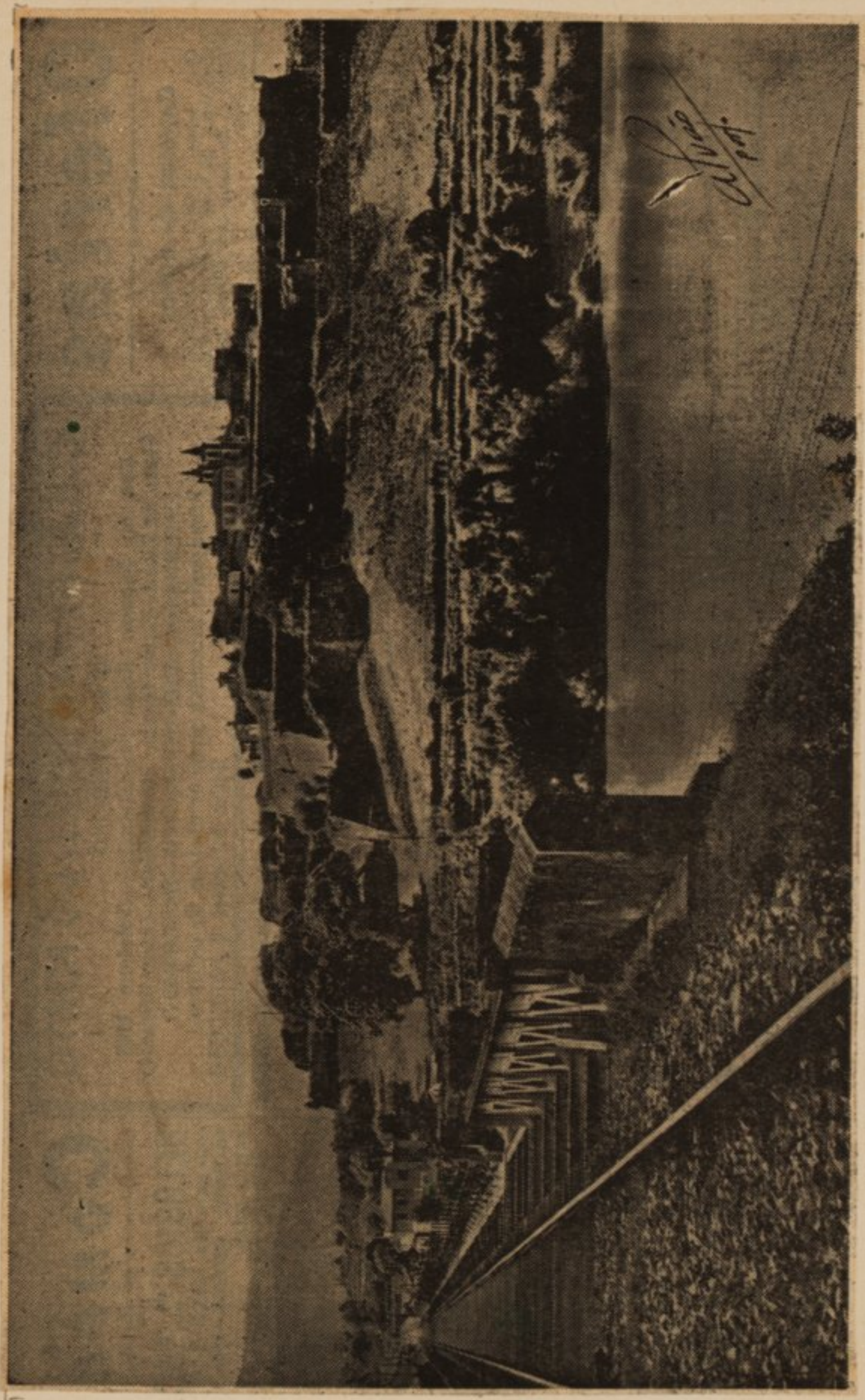
Não ponde ser. Cheguei de noite a esta ve-
lha praça de guerra, e esta guarda avançada por
sugressa cubra Espanha. A estação era triste,
iluminada e uma froura luz electrica; tive a
impressões, logo, de tristese, de abandono; e co-
mo o Nobel me não tireu estas sensações, lan-
guei pelas ruas na direcção do rio que ao lon-
ge se denunciava por linhas rectas de luzes
pequennas. Vi, no freute, elevarem-se raiu-
pas colerbas de relva curta, limitadas em cima

pelo maciço negro das nuvens. Aquilo era, de certo, um presidio.

Voltei ao hotel e deitei-me.

Na manhã seguinte, uma nuvem de pousas acordou-me; e eu, considerando-me impotente contra aquella aluvião de inimigos, levantei-me, pois e ainda não eram sete horas, á luz do sol nascente, rubra esbada acima, direito á Terra valenciana.

Havia uma grande claridade em tudo; para trás, um extenso vale, com um doce tapete verde, rompia dum leve nevoeiro que o sol, espreitando afagurado, afugentava e rir; para cima, a inclinação dos taludes das obras avançadas da praça, escondia ainda a vila que apenas apparecia, cabelosamente, com um seu subro camponário mais audacioso; para a direita, serrarias, pitorescas parrarias que se acompanhavam com gosto e fechavam o pceuario com um certo exotismo. Havia ainda, pairando no atmosphereira, uma cerba frescura de madrugada; uns pinos refriavam com alegria; gente do campo passava cantando para o trabalho; e eu, sem querer, comecei a reparar que tudo aquilo era bonito . . . A manhã triumphal desripára a Trés-Ves do presidio.



W. J. P.

1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

Passei, então, pela primeira abertura da
 contra-escarpa; segui ao longo dum fosso; en-
 trei por uma escuridão porba da muralha, com
 uma certa sensação de respeito; e eis-me num
 largo do vil, em frente de uns prédios altos de
 granito. Percorri a vila, curiosamente, sob a cu-
 riosidade dos povoadores; vi as ruas esbeltas
 de casas altas e maneira barbuense; vi, aqui e
 ali, restos de edificios militares que atestam um
 passado guerreiro; vi inscrições de relevo e um
 velho templo que me pareceu valioso; e final-
 mente procurei uma subida ás muralhas para
 tomar ar e alargar a vista.

Todo o circuito da muralha defensiva tem,
 sobre o rio, os campos e as povoações, uma admi-
 ravel e impressionante superioridade. Foi a primeira
 vez que dei a volta; mas nessa segunda volta eu
 vi que o jardim se alargava em paraiso e eu
 iria ali ter, para consolar, uma benéfica repa-
 ração aos meus trabalhos. A suavidade do ve-
 le, especialmente, chamou-me a atenção alio-
 rada; a tranquillidade da paisagem teve efei-
 tos emollientes...

Vamos a ver. O mundo é largo e... não
 é feio de todo.



4 de agosto.

Não se imagina como este Minho é alegre e festeiro! As festas, as romarias, as procissões sucedem-se quase todos os dias, num continuo estalar de foguetes, num esbrideio ben-zinar de filarmónicas. Sua alegria, que riso aberto, este Minho pitoresco!

Debem, levantei-me ás 4 e meia de madrugada para serviço. Subi á vila; e ainda a novas corria lá de baixo, do rio, e esfarraparse de encontro aos pinhais e ás latadas das quintas marginaes; ainda o sol apenas deura na o crista penhascosa do meute do Faro subão bem recobrado, em alcantis, sobre o azul-verde do céu da madrugada; ainda no vale se não ouvia o penetrante chiar dos carros nem o alegre cantar das mulheres para o trabalho; — pois já eu pensava num musica, esbrandosamente a tocar um organario desafinado, em guisa de alvorada festiva. Logo na lgreira, subão ainda enculenta pela nevas que pulia do rio; de modo que o pom vinha daquelo leuçal claro de neblina, misteriosamente, mas argentino, vibrante, vibrante. A festa era á tarde e á noite; mas a alvorada ali estava annunciando alegria.

Pois bem! Depois do recolher, acabado o serviço, vim ao hotel, vesti um fato velho, fiz um boné na cabeça e vesti-me á esbriado para ir ver o arraial. Já ao descer da vila, ao pair das muralhas, eu via ao longe, através das latadas e das arvores, as luzes do arraial e ouvia o estalar dos foguetes e, vagamente, os desceantes arrastados e tristes das mulheres.

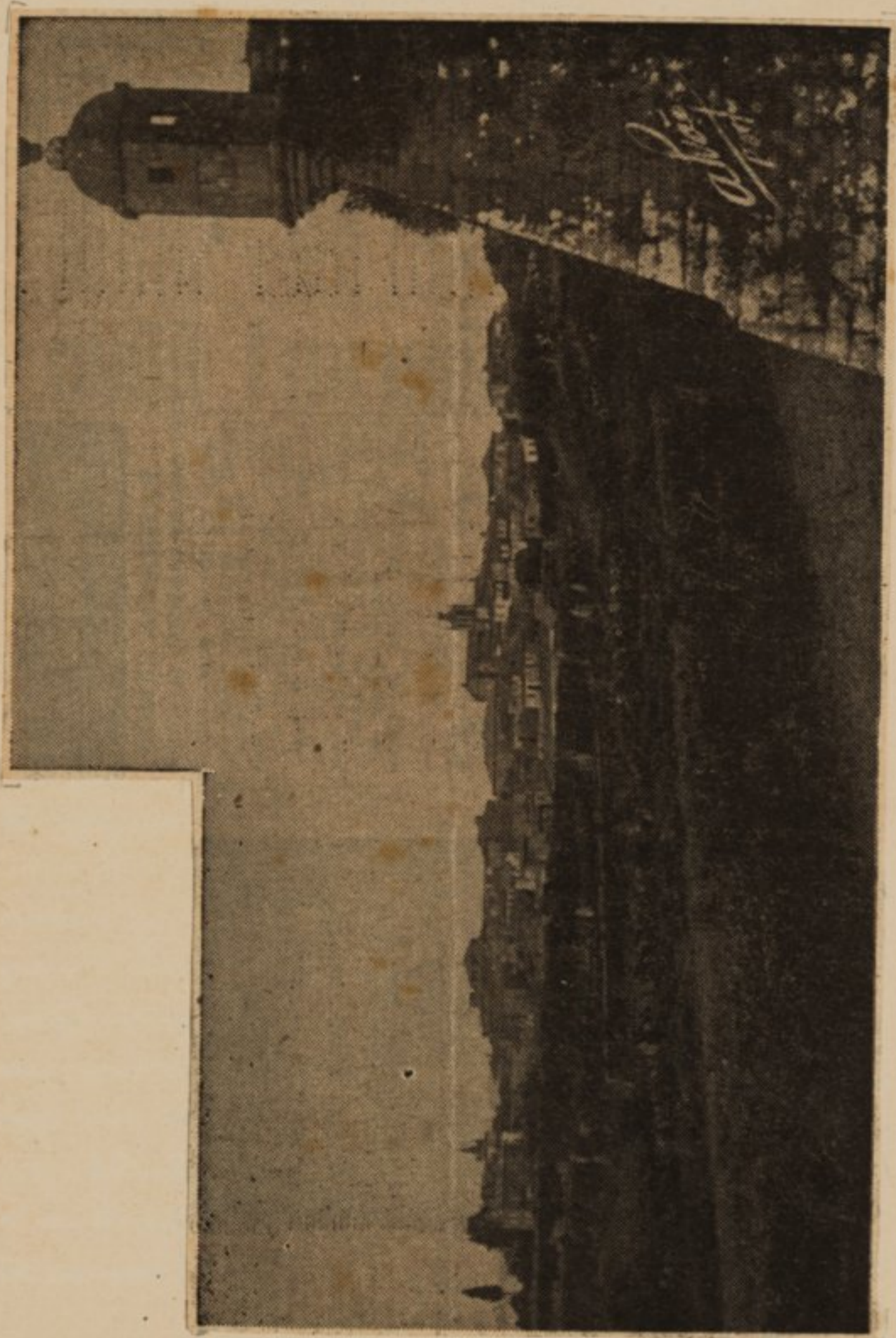
Não reservei e fui: a minha nostalgia ficou com os tristes cantos; mas iria ver o arraial, tomar um banho de poeira e ~~me~~ deliciar-me na contemplação de novos usos. A noite estava escura; muito ao longe, relampejavam; dum atalho do lado da Serra do Faro, vinha um canto arrastado, ressonando a galego, um que se prolongava a nota final de cada esbriado, em tons, harmonicamente, deliciosamente: era gente que descia da Serra para a festa; do lado de São, a mesma toada plangente dum outro grupo que avançava; atrás de mim, um grupo de raparigas de Valença avançava, cantando a mesma coisa que ás vezes tomava um ligeiro sabor religioso; e de frente, do lado da Urgeira, esse mesmo harmonia triste vinha esbrar nos meus ouvidos. De todos os lados, esse combico arrastado, a rescender aos cantos da Galiza, vinha descer-me.

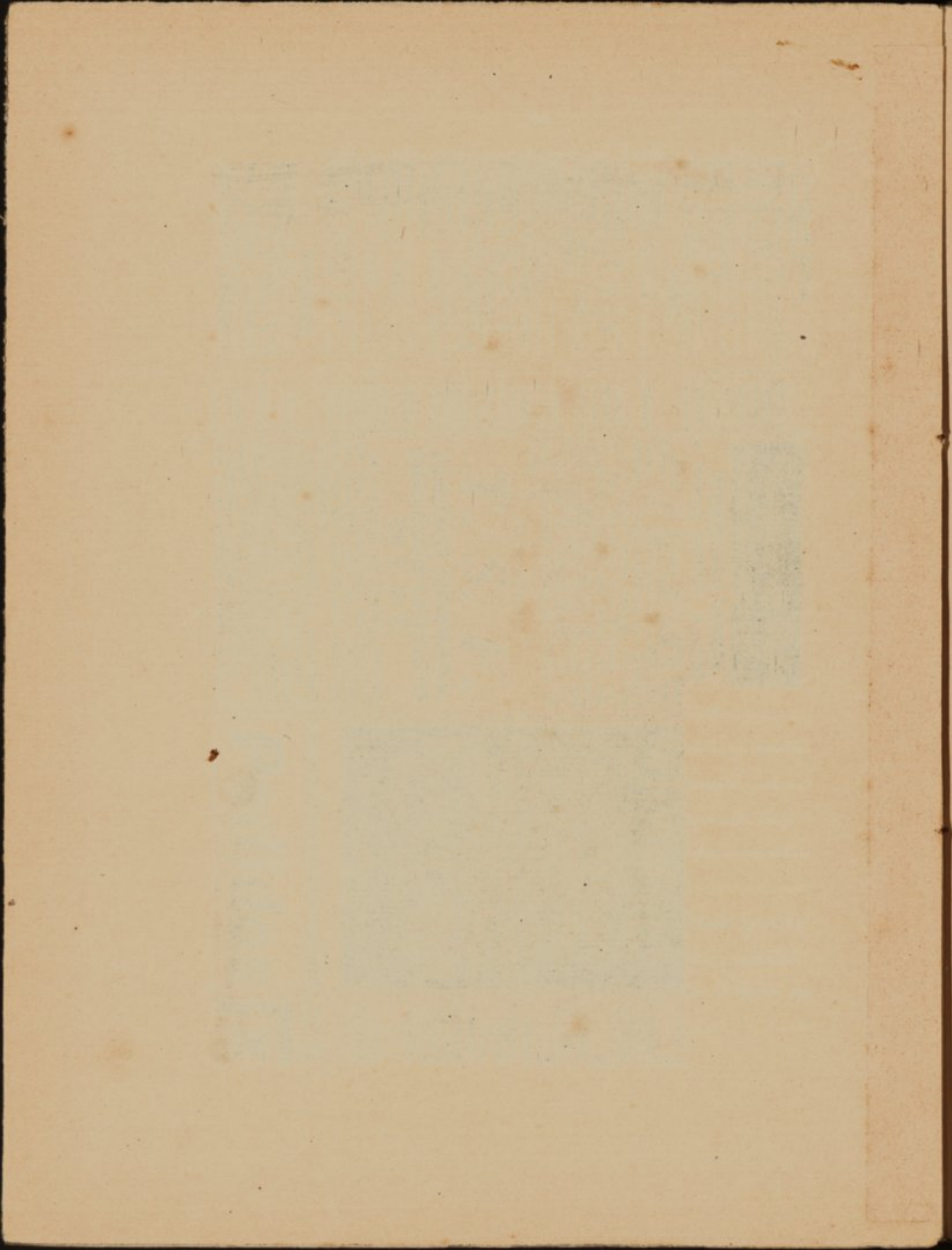
A noite escura deixava brilhar, fulgurantemente, as estrelas todas; o vulto da serra fronteira da Galiza recortava-se no escuro do céu, lembrando-me pecuarios fantasiosos; e eu, metendo a meu atalho pedregoso, entre latadas, tão observado já que meu dano pelas pedras com que topava a cada instante eu com alguma notable lamacentá oude correra agua das regas.

Que noite impressionante! O ar calido trazia-me o cheiro acre dos pinhais e o perfume dos jardins sob latadas amarrucis; a terra, ainda humida das regas, cheirava bem, também; e o brilho infinito das estrelas, por de cima, tenturante, indapásem, atravez dessa atmosfera que sebe, o que já no meu aldea de exilado. Que tristura de noite!

De repente, a meus curvas do atalho, ouvi na povoação e ouvi diobintamente o canto até aí languineo; vi, no meuinho frente, um largo rodeado de postes com balões á minhota; havia, ao meuio, uma capela e perto deis ceretos cada um para sua filarmónica.

Muita gente passava; havia umos focina leve, no ar; e eu percorri o arraial, vendo e observando com a curiosidade dum beirão que nunca foi só Minho.





Levarei - me, também, como maneira
frabica de afastar a tristeza, de ver se havia se-
nhoras no arraial. . . Havia, pois; meu mes-
mo se compreende que não houve.

A um dos lados do lago havia um pequeno
duma quinta e nele arulava um caraman-
chão coberto de trepedeiras; nele estava um gru-
po de senhoras de Valença e, sobre elas, uma
que, ha dias, me chamou a atenção no teatro
da terra.

Uma companhia de zarzuela dava um es-
pectaculo; eu não faltai e notando certo grupo
de damas no balcão que me pareceram distin-
tas, e perguntando a um rapaz conhecido, meu
vizinho de cadeira, quem elas eram, disse-me:

— São as mais distintas do nosso ha-
te-gomme . . .

Ora, precisamente, esse grupo elegante,
estava no caramanchão vindo o arraial ale-
gre; e no grupo essa tal dama, de busto cor-
recto, de aspecto nobre, muito interessante para
mim, que no tal espectáculo de zarzuela aumen-
tou um pouco a minha tristeza de exilado. . .

Parsei para um lado e para o outro, sob
a curiosidade maliciosa das damas do miran-
te; e como a fozia fosse péde, dirigi-me ao

comandante da pequena força de caçadores que fazia a policia do local e que estava encostado a um largo parbão fidalgo, perguntando-lhe se de poderia beber um copo de agua fresca. Do lado, um rapaz novo, de oculos, que eu tenho visto em Valença, mas eu queim, no occasio não reparai, e' que respondeu:

— V. l. c. Tem a bondade de subir... beba V. l. c. a agua que quizer...

E spontanea a subida duma esplendida quinta, onde eu vi, a uns 30 metros, uma casa de aspecto fidalgo, cheia de luzes: era a quinta murada ~~em~~ em cujo caramanchão o grupo distinto de raparigas me appareceu ha pouco. Agradei, excusei-me: não queria incomodar... o traje... as senhoras...

Mas ele, polidamente, insistiu. Entreei. Bebi, realmente, a agua que quize; conversei um pouco; e fui depois apresentado á mãe, á duas filhas, e outras senhoras e, entre ellas á tal de vestido branco, de pente alto e molhe, de busto soberano que deixara o caramanchão e se viera sentar ao pé das velhas...

Final, a casa era do falecido 1.º barão da Urgeira; a mãe do rapaz que me ofereceu a agua era irmã dela; e ao pé das duas damas

havia ainda uma aubra, casada com um fidalgo qualquer, e que era a mãe da tal menina. Erba, foi-me apresentada assim:

— Minha prima, D. Antonia Zagalo de Mascarenhas...

— Muito prazer... etc.

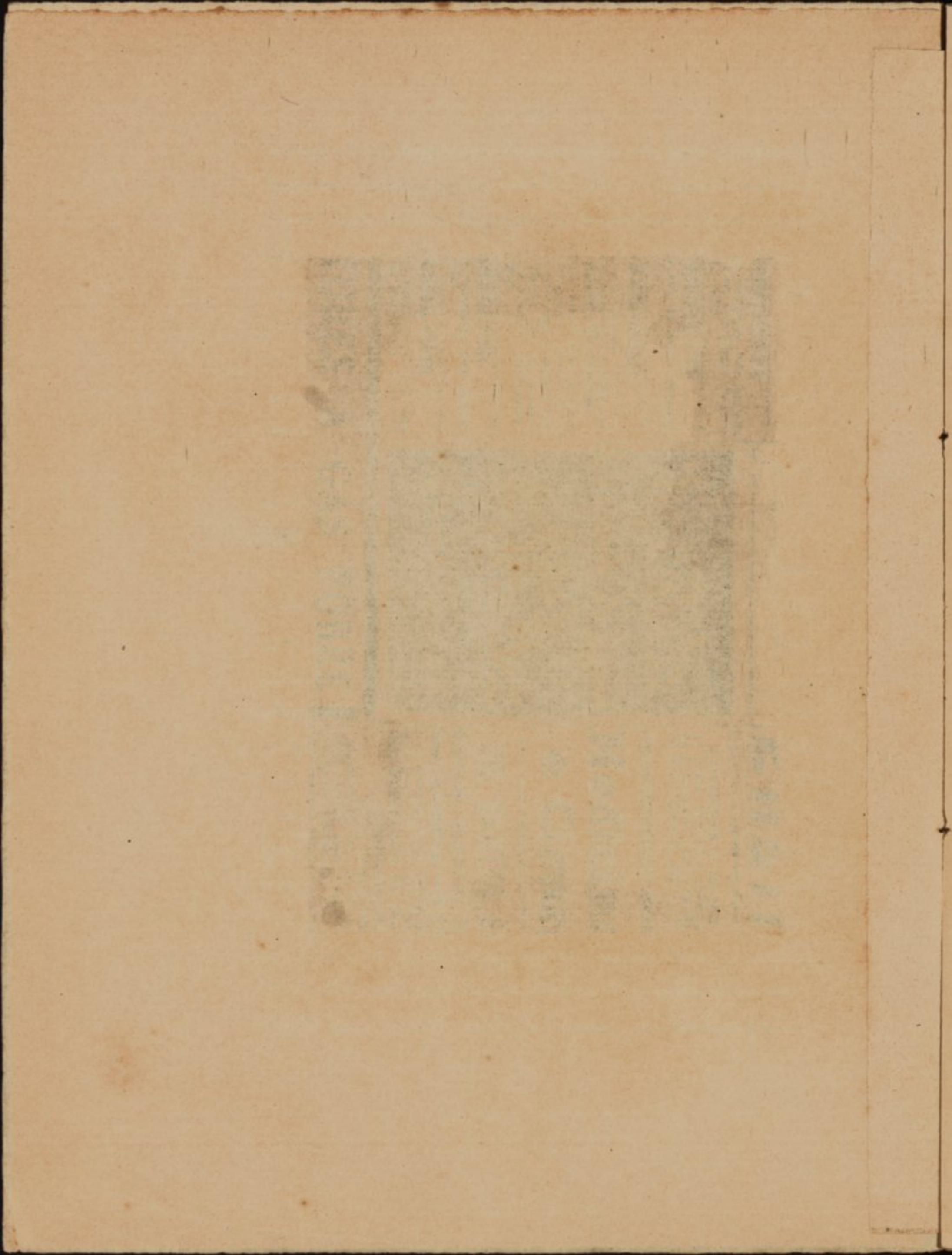
Foi distinctissima no cumprimento. Eu fiz de desculpa do traje: um arraial, e noite, o pé, os meus corrinhos... Mas daí a pouco, o rapaz que me ofereceu a agua e que se chama Americo Arthur Norton (que data de fidalgo, meu Deus!) levou-me ao caramanchão, para ver em baixo, no largo, a festa; os balões já começaram a espagar-se, mas o vinho começava a ascender os arripos. Sentei-me, sob as trepadeiras que caem em docel; conversei; não tardou que a conversa se juntasse a duas damas, uma das quais a fidalga D. Antoninha; e aí comecei eu, sob o docel das trepadeiras, a fantasiar cousas, a fazer para longe, e fazer fugir consigo as duas damas... O primo Arthur foi-se embora; a aubra ficou, debruçada no muro do mirante, memorava um rapaz de Valença; e eu fiquei-me a falar, no vinho, com a afremada D. Antonia Zagalo, levando-a em imaginação aos piceirais do

meu Mondego; cantando com ela versos na lingua dos Erbeiros; subriestecendo-a com a suavidade doente do Pseudo da Saudade; enternecendo-a com os milagres da Rainha Santa; e derrogando-a a deitar uma lagrima peubimuebal pelo profundo caso da morte triste de Inez...

A noite peguia o seu curso. O arraial esmerecia; as luzes iam-se apagando; do jardim da quinta vinha o perfume miêno de flores; os cantos dolentes da festa começavam a perder-se pelos atalhos, na rebirada dos festinos; e eu ia esquecendo as horas naquela suave conversação...

Enfim... já passava das 2 horas da manhã quando me rebirei. Pelos atalhos, ainda peubia o "canto triste dos ranceiros que se afastavam; a noite, cheia de estrelas, estava ainda perfumada; levantava-se do rio, uma luminosidade tenue; e o vulto pinuoso da torre do Farro desenhava-se com elegancia. Seriam 3 horas quando me deitei; e não sei se ponhei, por sobre as tristezas dum cerebro de exilado, com o vulto branco, romenbico, peubimuebal, da D. Antoninha Lagalo de Mascarenhas, a firma flôr da Haute-gomme (como dizia o outro) a mais toleranceira e molre das raparigas de Valença, mostrando o busto correto, apri-





ruado, por sobre a verdeura do caremenhão,
á luz dos balões do arraial. . .

17 de agosto:

Ante-aubeu, no monte do Faro, na ro-
maria, passei um dia excelente.

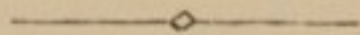
A vista é soberba: desde o mar, oude de-
pague o rio Minho, até Melegoço, perras do Sua-
jo e da Calveira; desde as perras do Nizo e de
Monforte, na Galiza, até quase á perra do Sa-
meiro, em Braga; tudo se avista, num tan-
go conjunto, por sobre os pinheirais finos e o
verde claro das vinhas e dos campos de milho.

A bacia do Minho, até á sua foz, ^{...} vê-se toda,
numa enfada; para o sul, vales fundos, com
penhascos esseguidos, peruiam de moldura as
primaveiros campos alegres do Couro; em baixo,
a vila, cingida pelo seu traçado abaluartado,
destacava-se bem no vale exuberante, estuante
de verdeura alegre. É soberba, a vista.

A romaria é fra-a, é quase insignifi-
cante, mas não deixa de ser curiosa. Danças,
descantes, comensinas, fogueiros, uma filarmó-
nica, alegria, muita alegria, sempre a mesma
alegria!

As horas passaram, na contemplação da terra que, para delcete dos olhos, se estendia para um e outro lado. A' sombra dos rochedos da crista do monte, ao fresco da rirração do mar, eu passei horas de meditação, de recolhimento, embalsando-me na leitura do pccuario, passando eu peries, a minha vida...

E ao longe, o rio Minho, proteado com o sol, corria de encontro á barra onde uns pontos escuros indicavam navios fundeados; os pinheirais sussurravam com melancolia; e uma nascente de agua, bem perto, com agua gelada, bem gelada, cantolava de pedra em pedra.



14 de dezembro:

Hoje, quando o caruceiro tocou á alvorada, pela janela do quarto de inspecção, entrou uma luz muito escassa ainda.

Abri a vidraça. O céu já tinha a cor clara da manhã, com uma nevoa tenue que apagava o brilho das estrelas. No largo, em frente, ninguém; apenas as arvores balançavam ao vento, pouco lentamente. A' varanda passeava com as mãos rixas do frio; e eu tive o apetite de ir ao alto do baluarde de Sant'ana,

junto do quartel, para ver romper a manhã.

Estava fresco, ainda, para a minha farda de colim; o vento que corria era fino e húmido; mas, em compensação, que beleza de alvorecer!

O rio, em baixo, com uma ligeira neblina, corria por sobre a areia; a ponte aparecia como uma grossa linha recta através do verde claro das juncas; adiante, a casaria de Tuy e energia do fusco-fusco, a custo, dominada pelo vulto grande e negro da catedral. Al pé de S. Julião, em frente, esculdava os primeiros planos, com o alantillado de sua crista que vai pender-se ao mar; e para o longe, apareciam os contornos primitivos de outras serras galegas até se desfazereem na penumbra. Mas tudo isto, com a indecisa luz de madrugada tomava um carácter tristonho.

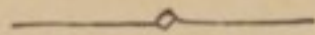
O frio repassava-me; voltei costas e fui ao baluarte perezinho que domina a porta da Boxada; e subo aí, foi um estender a vista pelo grande vale que vai pender-se nas serras de Berseira e confundir-se com as de Atreosa, para os lados de Viana; pelo vale que nasce na Serra do Faro ou de a capelinha branca do Senhor, na cornéa e aparecer, mesmo quebrado, por sobre as carvoeiras — e vai morrer lá bai

no, quase ao pé do mar, numa confusão doirada de luz e de nevoa.

Em baixo, através da verdeura do vale, em grandes linhas rectas, um coubois curvo, silvando, para o sul; e um bargeito, ao longe, em frente de S. Pedro da Torre, com uma vela branca, navegava alegremente pelo rio.

A luz da manhã aumentava; a nevoa ia-se tornando mais transparente; divisavam-se bem as modas dos pinheirais sobre os campos cultivados; as povoações começavam a aparecer sobre a verdeura, com algum fumorito das chaminés; e ao longe, sobre o mar, uma nevoa alveolada ao surgir com os pinheiros cobertos de pol.

Estava acabado o crepúsculo; a quadrada peguia magestosamente; a neblina curria para o mar e desatapava a terra toda; e numa povoação galega, na outra margem, estalou um fogueiro festivo. O pol espreitava, a medo, por sobre os montes e um foguete de caneta fez-se descer do baluarte. A manhã peguia o seu triunfo incomparavel; a terra desnudava-se, como modelo que se oferece, voluptuosamente, a um artista.



18 de setembro :

Hoje, o pôr do sol, sobre a Serra frágil de S. Julião, na serra marçã, foi dum grande suavidade; a serra avermelhou-se, ficou quase ensanguentada e assim esteve muito tempo, dolorosamente, até se tornar cinzenta com o desaparecimento, na neblina do mar, do astro rei dos poetas.

Este pôr do sol, hoje, deu-me tristeza. E depois, os campos, nesta época de colheitas, começam a amarelarem; o rio vai correndo sempre sobre os mesmos palmeiros...

E' sempre a mesma terra de exílio, tudo me parece acerbamente a desterro...

20 de setembro

Os noites de luar que foram sabado, esplendidas, trazem-me sempre á ideia, as noites de Coimbra, quando a luz da lua e a água do Mondego e subistecia mais o verde sentimental dos palmeiros e quando dum sua aubia parte a harmonia dolente dum fado, gemido numa guitarra de serenata. Deves, esteve umas noites dessas. Quando anoiteceu e eu passava o tempo

fara ir ouvir a musica, subi á vila, subi pela muralha do nascente e por ella fôra fei dar ao baluarte do Socorro onde, por invisão uma velha peça de bronze de alicha lisa, bemida no seu bronze bem fundido, está apontada a encadernadamente para Tui como se estivessemos em constantes sobressaltos.

Quando ali cheguei, a luz dava-se cheia na velha casaria de Tui; a luz electrica punha bem distincto o contorno da cidade e mostrava a linha da esbada; e a cathedral, monumental amontado de pedra negra, punha uma nota escura no claro da paisagem.

Estava, na verdade, esplendido, a noite! Sentis-me bem ali, sentado sobre o muro da canhoneira, vendo em baixo, lá no fundo, a esbada da ponte e o rio cercado por sobre os salgueiros que eu não acho tão bonitos como os do Mondego... Al perder de vista, as pedras pedregosas da Galiza, estendiam-se para o norte; ~~estendiam-se~~ e ao nascente, um ponto branco apparecia no paço preto da serra do Faro: era a capelinha branca da Virgem, entre as grandes carvalheiras.

Estava fresco; havia uma tenuissima neblina; mas que beleza de noite!

Na ponte passavam as raparigas que andam empregadas nas parróquias de Tuy, cantando uma variante triste do fondaugo galego; e no rio andava um barquito com passageiros que tocavam violão e cujos sons me chegam lá acima, plangentes, misturados com o murmurar dos remos.

Deram oito horas; dei por terminada a contemplação; desci do baluarte, atravessei a vila e fui para o largo onde tocou a murice do batalhão seguinte as murinas da terra passeavam dum lado para o outro, contando as escapas dos incautos e dando um pouco de atenção aos alferes abinadicos . . .

23 de setembro:

Parece impossível que Valença com murice aos domingos e quintas-feiras, seja abençoada! Parece impossível, mas . . . não é.

Mas o que é a reunião musical das quintas e domingos, nesta ditosa terra de sua língua?

Imagine-se o que vou descrever. Em frente do quartel há um largo que serve de parada; dum lado, a fachada triste e esquisita

do aquartelamento; do subro; uma serie de casas, do cubigo feruente das praças de guerra, que não podiam passar acima das puerellas; ao fundo, a vista estupida dum paiol com dois pára-raios; do lado correspondente, a parede lateral duma capela. Ajei ebbá o que é o largo, com a agravante de, por cima dos toldados apparecerem as puerellas negras, rodeando tudo; e para fóra disso... o Céu!

Em um dos lados, armam-se, encostadas á capela, as estantes para a musica; ao longo do largo, formando um corredor, collocam-se uns bancos de arrecadação regular para quem se quizer sentar; mais junto do quartel ha umas cadeiras para seuhoras da alta da volenciana; e ajei ebbá, sem exagere nem pal, o grande passadio onde a musica toca, duas vezes por semana, em Salvação do Minho, tendo boa de sua lingua e de tradições de pacotiz militar.

Agora, as passantes. Primariamente, estbam no largo as "puerellas gentis", que são duas irmãs altas, elegantes, bem vestidas, mas feias; peguem-se as Barrios, duas irmãs muito parecidas, mesetas, com bozes othos, pequenas, com os paltoz altos para parecerem mais-



nes; depois, as d'ns irueãs Boelhos, com grandes ares, elegantes, suas de feições ligeiramente pirrmanas; veem as Vitar Illyo, pequeninas, saltitantes, arrebitadas, faloderas; peguem pe no subreda na areia, as Soares, mocetonas rijas, fortes, interessantes, resfinando paude e fidelguia; as Lobos, muerenas paudaveis, de olhos abrevidos; depois, as Fragosos, as Lopes, as Passos... etc. etc.

Tudo isto anda de lá para cá e de cá para lá, falando, dando encontros, dizendo real, conversando acerca da vida do quartel (porque em Valença tudo sabe o que se passa no quartel) e, para variar, memorando o peú bocado.

E aqui está o que põe as queixas e do. meijos em Valença. No fim toca o hino da Carta; a pouco e pouco começam a sair as Passos, as Lopes, as Fragosos, as Lobos, as Soares, as Vitar Illyo, as Boelhos, as Barros... etc. etc. pela ardeur estabelecida ficando por fim o largo vasto. As fachinas recolhem os bancos; os canhões tocam a recolher; e daí a 10 minutos o largo fica silencioso e apenas se ouve o passar compassado da sentinela. E aqui está...
Immensamente, superiormente diverbido.

9 de novembro:

Depois do almoço, ao chegar ao quartel, chamáram-me a atenção para o rio Minho. Na verdade, dum baluarte, vi que o rio, em baixo, corria rápido, com uma enchente considerável, e que as pedras galegas, em frente, enegrecidas pelo regime do dia, se tinham tornado feias. Seu plano inferior, dentro dum ruído avançado ou de uma fonte, melho- res lavavam roupa; e a sua concha arrastada, monotona, ia ecoar, lá ao fundo, nos contrafortes que deitam sobre o rio.

Para o lado da vila, o panorama, é de tédio; de um ou outra janela mais alta, pendia roupa a encher ao vento e uma ou outra cabeça curiosa surgia a espreitar os astros, a ver se vem o tempo bom.

Realmente, o tempo melhorou um pouco; embora pelo céu rolem nuvens grossas e pesadas, há rubomas de melhores dias, e esperanças de que acabe esta monotonia da prisão no quarto de hotel, e volteem as tardes limpas e tristes, que deixam ver o vale todo a subir. Vem gradualmente, quando o fumo da chimenea começa a subir e a envolver as casas das al-

deias e se ceuserem, serenamente, pausado
 polve os telhados e se esfarrapa, aos poucos, que-
 ras de encontro ás arvores mais altas.

No pueus, a vista corre á vontade, e a
 alma alivia-se com a peregridade da natureza.
 No pueus, a agua tranquila do Minho, sobre
 salgueirais, espelha a margem espanhola e mos-
 tra os recortes agudos das pedras.

1908: 14 de fevereiro:

Na terra, os meios desta gente se dividi-
 rão, dividem-se em tres classes: os bailes de
 alta roda, os bailes de média e os do povo; isto
 é: os da aristocracia, os da burguesia e os
 do proletariado.

Em tudo, até nos dinheiramentos, ha a
 eterna separação das classes!

Pois cá, em Valença, ante-onhem e au-
 tem, recommecaram, depois de respeitoso luto
 pela morte do rei e do principe, os bailes todos
 e eu, como bom valenciano que quise ser,
 a todos fui ver.

Os da aristocracia, isto é, os da gente
 mais grada da terra, são dados no assembleia,
 com grande ar, e chamam-lhes os bailes de

"haute gomme", os bailes "chico", os bailes da "crème", valenciana...

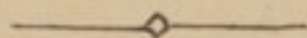
Os da burguesia — como se não fossem todos harrinelemente, esbuzidamente burgueses! — são dados no teatro, á tribuna, com cadeiras pagas nos balcões e galerias para as damas verem; concorrem as raparigas e quem o orgulho da "haute-gomme" chama triconas; de modo que, a estes bailes, chamam-lhes por despreso — o "triconé".

Os outros, os do povo, são dados numa casa alugada, enfeitada com fitas e lousos velhos, serpentinhas e gravuras de jermois e são concorridos por credas de servir, raparigas do povo, soldados, etc. E como aquilo para o orgulho da burguesia representa a escénia, chamam a estes bailes os bailes da "trangalhada" — nome espanhol que quere dizer mistura de coisas más e ruijas.

Aqui está o que são os divertimentos valencianos; e eu que costumo em Roma ser no mesmo, vou aos primeiros, aos da "haute gomme", converso, danço quadrilhas e arrasto a arca quando posso; aos segundos, vou ver, do balcão, pagando a cadeira; aos terceiros, vejo-os... mas de rua, de passageiros.

Isso é: frequente a "crème"; oho completa-
mente o "tricané", e desprazo com nêjo a
"trangalhado"...

Um completo valenciano...



26 de fevereiro.

Domingo magro. Um esplendido dia de
inverno. A paisagem doce desta parte do Alto-
Minho, polarescia com a luz branda do sol ~~em~~
ainda fraco. Em todo o vale havia uma tran-
quilidade consoladora.

Às 4½ da tarde pensei no que iria pela
vila: eram horas de jogar o entredo e pelas
ruas devia haver movimento. Fardai-me, em-
brulhei-me no capô e fui, estrada acima, para
a vila.

Na rua principal da vila, os habitantes es-
tavam todos á janela; senhores e mulheres,
agrupados, estendidos pelas varandas, curiosa-
mente, viam...

Viam o quê? O que é que toda aquella gen-
te via?

Via a rua... vazia!

E eu, polosamente, cumprimentando
para a direita e para a esquerda, passei através

daquella gente bem jantada e curiosa que olha
na . . . o vácuo!

No largo de S. João, o coração da vila, a
mesma coisa; mebi á rua direita, a rua
mais importante da terra, e a mesma coisa.
Tudo deserto; e eu cumprimentava sempre,
para a direita e para a esquerda, e toda aque-
lla gente baixava a cabeça necessariamente.

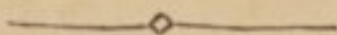
No fim da rua, passando ao pé da casa
do general Almeida, referendo, eu de reu-
me a alta roda, mebi que qualquer coisa caia
junto de mim; não olhei para o chão para fin-
gir que não dava pelo caso, mas, de novo,
qualquer coisa caiu pesadamente . . . Olhei de
postais: era uma correlia branca!

Parei, olhei para as janelas e corbejei:
era a filha do general, era a Saraminha Sobral,
era a Bêbe Seixas, que furiosamente me cor-
riam . . . o correlias! Tive de ser galante pe-
rente tanta galantaria: tirei a capa, fiz dela
uma espécie de peço e recolhi as flores que
caiam de sobre, lançadas febrilmente . . . E
agradecendo, confessei ás tres nobis damas de
"haute-gomme", que as correlias tinham sido
meio mal suspensas . . . corbejei de novo
e pegui o meu caminho, levando caubelosa.

mente o saco com as cornélias que, mais a-
 diante, caubelosarmente também, eu fui deitar
 da muralha abaixo, para o lado do rio.

E pareuamente, auguando a tarde caia pe-
 rena e fria, desci e vim jantar.

E aqui está o que foi o domiyo magro no.
 leuciano . . .



P

O Senhor do Bomfim, em Anhões

Valença do Minho

1907: 21 de julho:

No dia 12, á noite, depois de um passeio a Tuy, fondei-me, puz as correias e fui para a vila. Ao chegar ao quartel, estava a força já ferocada; tornei o comando; dessembainhei a espada, e segui rua fora, transpuz a porta do Sol e desci para a estrada de Mourão.

Ja para a reuvaria do Sr. do Bomfim, em Anhões, concelho de Mourão, onde a ordem publica exige a minha presença e onde a minha curiosidade ia exigir observações.

Uma romaria no Minho! Ja ves, de ferro, uma reuvaria minhota; e por aquella noite fora, estrada adiante, eu ia já subvertendo as maravilhas de luz, de alegria, de bulicio, de fanatismo — cousas que se leem em reuvar-

ces e se admiram em quadros e gravuras e que por isso meesmo, avultam no fantasia.

Da primeira parte da viagem nada sei dizer; a noite estava escura, e por essa estrada fôra, mais ou menos plana, ao principio, via ainda as luzes de Tey, á esquerda, mas depois, nem isso, era só a escuridão para um e outro lado. A beira da estrada, via ás vezes grandes rengues de pilastras de granito com latadas e de quando a quando, o rio apparecia-nos, passando perto, como a guiar-nos por aquella marcha fronteiriça.

Assim andei uns oito quilometros; a fonte chamada "dos burros" é que deixámos a estrada e metemos a um atalho. Um soldado dos ritos ia á frente; e então foi um caminho atravessado de pinhais densos, de fazendas onde as latadas cobriam o caminho, de poutos cobrados, de açudes onde cabelos e mesteira se atravessava sobre pedras escarpadas com selgueirais a rodearem pelos bonés, de bocados de terra alagadiça onde passavam as agua de rega — enfim, uma serie de atalhos sobre atalhos que de dia deviam ser dum fidalgo encantado.

Da o paragem ia-me contando causas da provincia: as nevarias, aqui, no Illo-Mi.

nhos, não sempre os lypares eude povoações vão resolver contendas ambíguas e rivalidades ancestrais; para aqui, a grande arma é o pão, o mel, o melero, o cacete de carvalho ou a cana de Índia; e em todas as occasiões ha sempre graves desordens e que resba a que nós iamos, se esperarmos o encontro sobre os lypares do Riba de Mauro (do concelho dos Arcos de Val-voez) e o do Souto, povoação da terra do mesmo nome; que esta gente era a gente mais rija de Portugal, ou pelo menos, do norte de Portugal, etc. etc.

Erão estas as impressões que eu ia recordando; assim ia fazendo conhecimento da região desconhecida que ia atravessar; e assim ia vendo á minha frente esse rude prelúdio de povos, por cimes atavicos, que eu teria de evitar ou de dissolver a força...

O marche foi seguindo até ás 4 da manhã, hora a que chegámos á povoação de Pias, sede da freguesia do concelho de Mourão. Parámos aqui; tratámos á porta de uma venda para fazermos café; e depois de confortados com o café quente e pão com manteiga, lá seguimos o mesmo atalho até á esbada dos Arcos de Val-voez. Era já dia claro, começava a distinguir-se a paisagem.

Depois de um escasso quilometro de estrada, de novo subimos a um atalho, atalho que começou a escalar o monte nu, alantilado, onde está a capela milagreira. A subida custou, na verdade; o atalho era íngreme, não havia agua e o sol, embora baixo, ficava muito.

Por fim, ás 6½ da manhã, por uma rua muito redida, ouvindo tocar dois bumbos e duas caixas extraordinariamente, dei subrado no arraial que me lembrava, pela situação, a Senhora das Preces na Aldeia das Dez.

No alto da Serra, num começo de quebrado, está a capela e seu freixo, com o intervalo dum pequeno terreno, uma casa — a "casa da mesa". Grandes carvalheiras encobriam o terreno e um largo espaço em volta; á volta a serra nua com tojo e muito bravo.

Aqui está o que é o local da reunião do Senhor do Bonfim onde no dia seguinte se reuniriam umas 6 a 7 mil pessoas.

No chegar, os bumbos tocavam, ao desafio, dumna forma curiosa e como eu nunca vi; os tocadores saltavam, davam pulos curtos, como selvagens, lançavam ao ar as baquetas, mas tudo isto para perder o ritmo ou mesmo a... melodia; fora do terreno, uns homens

funhom de pé umas tendas de lousa e de venediam vinho; e mulheres, com os trajes ganidos do norte, preparávam seus fogareiros em que haviam de cozinhar seus azeitões e queidos desta gente e que eu nunca percebi o que fosse.

Alhejada a tropa e depois de comer alguma coisa fui dormir em um juco num dos campamentos da tal casa que lá havia; dormi, ainda assim, umas duas horas, não mais: os bombos continuáram a sua musica, e fináram-se, davam os acordes preparatórios para a festa.

É claro que não dormi mais; e todo o dia passei a ver os preparativos para o arraial, desde o arrear das tendas para o vinho até ao afan da armação da capela — tudo num pocalo poço que não deixava adrinhar o bulício do dia seguinte, nem a rixa annunciada.

N' noite, o fogo fresco, começou a juntar gente; o arraial começou a animar-se; o povo entrou a redorminhar pelo terreiro.

O « fogo do chão », como lhe chamam, é o ruído, no fim de contas, em toda a parte; é a ruída complicação inverosimil de câms, de foguetes, de bombas, de rodas e rodinhas que andam e desandam, que terram e que veiam, que assolam, que zunem, que esboiram e que

provocam no povileu um largo e abafado ah!... de espanto.

Eu fui para a janela ver o povo redorminhar e cantar. É que curiosa que é a diversidade dos trajes! Raparigas perfeitas, esbeltas, com o peito coberto de sira — cruces, corações, argolas, cordões grossos, cordões finos, uma meubria, enfim, de aniversários — davam a maior alegria ao conjunto; as danças multiplicavam-se, sempre a mesma dança regional, misto de galego e de mineiro, monotona, arrastada, mas movimentada; as filarmónicas não faltaram, e — levado o Supremo! — em vez de uma só, apareceram duas: a de Monsanto e outra de ao pé de Braga, flamantês com fardameus garzidos, imitando fardas espanholas. A animação crescia e a minha curiosidade rejubilava.

Tudo isto parecia muito mais interessante se eu não tivesse sempre na ideia o falado contenda entre os dois povos; olhava para o arraial atentamente, mas receava sempre ver, a cada movimento, o povo debandar e, no espaço em branco, aberto pela fumaça, divisar dois grupos de homens batendo-se a páo, como em qualquer revanche de fantasia.

O numero das bandas era já enorme; me-

las vendiam-se capilés e cubros refrescos; havia pipas de vinho colubas com ramos de louro; havia esvazados cestos cheios de pão farinhado; e havia ainda a exploração dos rosários, fitas, espetos, flores alusivas á romaria de mistura com conchilhas, agulhas, relógios de sol e cubros bugigangas meimimas.

No leuço dos reuques das tabas tendas, o povo passava, descia e subia; á volta dos cubros juntava-se tambem um grande reuagotés, e ao som da musica que as filarmônicas tocavam alternadamente, organizavam danças animadas pelo seu bom harmonio que não se preocupava muito com a afinação. Os foguetes zurrindo pelo ar ia alumando minisamente a terra, a terra ruia, negra e deserta.

Assim, o arraial ia-se animando; de cada vez chegava mais gente; havia verdadeiras migrações das aldeias vizinhas. alguma occasião eu que eu estava no varanda da casa, um soldado alvarocado, apontando para o povo sobre a casa e o primeiro cubro, disse-me:

— Oh meus alferes! ali vem a "esquadra" do Suajo!

Eu olhei: por sobre o povo, passando bicha que bem se distinguia pelos varapaus de car-

velho por descaçar, um fileira de hameus rom-
pis, um pouco á bruba, com um á frente tocando
do harmonium; eram hameus de mediana es-
tura, mais abé para o baixo; vestiam calça
justa, canete vermelha, camisa branca com gre-
ga nos ombros, amarejada nas mangas deixando
ver a camisola; colete preto, cucha larga e de al-
guns traxiam grandes navetas ou punhais e,
segundo la me disseram, não raras traxiam es-
condidas pistolas velhas, do tempo da Maria de
Fonte, mas que ainda assim me tom gente.

Eram uns riobé e tontos, vinbe hameus
frentos para o que deere e viesse, vinbe pelvageus
decididos; a sua apparencia era de respeito e, na
verdade, eles andavam sempre juntos, em columna,
com os cacetes prontos, meua ameaça, como em
desafio altivo.

Considerarei, filosoficamente, que era como
aquela gente que me devia de bater; e ouvindo nar-
rações de costumes regionais e aventuras de
bandeada e romarias; ouvindo a historia de
um célebre Felix da Gaveira, um hameu que
ri um mito! que já fez com que um compa-
nhio de Caçadores 3 fosse daqui a manche-man-
che á perre da Gaveira para lhe dar caça e não
o encontrou; eubebido, enfim, com estas cou-

nas interessantes e inéditas, o tempo passou e chegaram ao 2.º h. da madrugada; o arraial po-
cegou; toda aquella gente se deitou pelo chão, re-
passando; e eu, ao recolher ao quarto que me es-
tava destinado, ainda ouvi um dos membros das
filarmónicas, antigo militar, dizer-me com en-
xusiasmo que aquelles povos dali, Suajo, Ilcos e
Riba de Mauro era a gente mais valente e mais
rija de Portugal.

Seriam 5 horas da manhã, os bombos, os
terríveis bombos, e as duas caixas de rufo, cujos
vocábulos ficaram alojados numo loga por debaixo
do meu quarto, começaram a afinar; depois,
num crescendo, deram os primeiros «cordões»;
e depois ensaiaram os primeiros compassos;
e eis que rompeu, bravo, indómito, atroadero,
a melodia da vespera! As paredes tremiam e
eu, pegado no péno como erbava, acordei so-
berreltado. E elles continuaram, audazes com-
positores de extranhas harmonias, num desafio
tremendo que eu parecia por baixo do cobredo co-
mo um rugido ameaçador, um ronco colos-
sal que annunciava um terrível convulsão de
terra.

Olhei, extremunhado pela janela: o arraial
erbava a recommear, e animar-se; pelos atalhos

que vinham dar ao terreiro, ~~arrastando~~ bandos de
 homens e mulheres, alegres, cantando, dançando,
 deitando foguetes, chegavam pressurosos; havia
 uma luz triunfal por sobre tudo e por sobre a
 neblina fraca que subia, adivinhava o magnifi-
 co horizonte.

Dai a pouco, chegavam ao arraial, algu-
 mas poucas de Mossaé; sobre elas, havia
 uma rapariga branca, de belos cabelos negros, to-
 da vestida de branco, distinta, com olhos de velu-
 do... preto. Era de ilha, morava na estrada,
 numa casa alta, á entrada, com latadas fritas
 cas á frente, de onde se via correr rumbicamente
 sobre o rio e as pedras alcantiladas da Espe-
 nha... Neste Minho alegre e festeiro, até a
 paisagem emoldura as belezas.

Mas o arraial animava-se; o vinho co-
 meçava a correr pelas gabelas e as fripas a ren-
 drem-se varias. O calor apertava; o sol come-
 çava a escaudar; a poeira andava em suspen-
 são e recava a garganta.

At certo altura, sobre o arraial uma
 "promessa": á frente uma mulher edosa, de
 joelhos, com um véu preto pela cabeça, segura
 por duas raparigas cheias de ouro no peito, ar-
 rasbando-se a cusbo sobre os joelhos talvez feri-

dos ; atrás , duas creanças com velas acesas ; a seguir , um homem segurando um vitelo novo , cheio de fitas nos pés e com fitas mais largas sobre o dorso , como num sacrificio pagão ! e ainda atrás , uns homens com cestos com mais oferendas . Tudo isto era uma " promessa ."

Bons tempos ainda de crendice e ignorância ! E como a promessa era grande , as duas filarmônicas fechavam o presbitério , polenemente , tocando umas marchas graves . E á frente , a pobre mulher lá se ia arrastando , quase sem forças , quem sabe se deante .

Hoje outras depois , pelo dia de ante , mais coisa menos coisa , com cerimonial pagão e estalejar de foguetes .

As 11 horas , pouco mais ou menos , começou a festa na capela ; devia ser coisa de estalo e avalar pelo parreirão , prejudado de varanda , á falta de púlpito . O povo , no terreiro , dançava , cantava , redemoinhava ; os bombos atiravam os ares ; os pequenos bebiam vinho e seu cimo , no balcão de pedra da capela , á certa altura , appareceu um padre , bateu as palmas , berrou , gesticulou , quiz chamar a atenção do publico devoto . Mas qual ! . . . Só mais hora depois , á força de fuleiros e de palmas é que conseguiu um re-

lativo silencio no auditorio inquieto; e ai
começou ele ciuma arengo complicada, ciuma pré-
dica enarue, ciuma copia vasta de gestos, de mur-
ros sobre a pedra, de citações latinas intercaladas
que, de quando a quando era intercalada por
um canto irreverente de harmonio nos confios
do arcaial ou ciuma ou sobre fardada peça mal-
quem bombo mais insofrido.

Depois, logo que terminou o sermão e o
padre recolheu, foi um alivio! Parece que as
iras do Senhor arboreram suspensas, largo tem-
po, sobre aquele povo alegre; mas ele acabou, tu-
do cantou, tudo dançou, tudo redemoinhou!...
Do silencio succedeu o barulho infernal dos bom-
bos, das caixas de rufo, dos marbeiros. E dai a
pouco, poleua, camparada, paine e procissões do
Senhor do Bomfim.

Procissões?... Eu não sei bem o que che-
me áquilo que vi sair da porta da capela, ciuma
poleuidade e reverencia. A' frente, vinham
(contei-os eu) vinte e sete pseudões vermelhos,
ciuma triangulares sobre de fardas rectangulas;
vinham precedidos de dois bombos e duas caixas
que aleriam caminho ciuma ribomban imponeu-
te. Era um ciumaço de carbejo excelente. A' re-
quis aos pseudões (vinte e sete pseudões!) vi-

eram cinco andares, isto é: cinco causas inverosímeis, de 4 a 5 metros de altura, cheias de bandeirinhas e papelinhos de todas as cores, e dentro deste labirinto, perdida naquella mar inconfundível de papel variado, uma pequenina criança dum canto ou dum outro canto.

Atrás dos andares, uma filarmónica; depois, pessoas de rastos, cumprindo promessas, em grande parte acatadas; a meio desta turba desuainada, um grupo de vários homens segurava um subútil caixão, aos ombros, dentro do qual ia um homem acatado, fazendo de morto; havia alguns com velas na mão, outros com palmeiros — tudo isto no cumprimento de promessas em casos aflitivos. Seguiu-se a este tremendo espectáculo de ignorância e localidade, a leva de tres bovinos e um boi, enfeitados com fitas, oferacidos, também com promessas, ao Sr. do Bomfim.

No fim, atrás dos bovinos, seguia o palio poleve, acompanhado pela outra filarmónica.

Fez-se o cortejo grande magote do povo. Tudo isto deu uma volta larga pela terra, magoamente, com paragens por causa dos que iam de rastos; e real passou, o povo acatava na dança, barulhando; o vinho acatava

nuava a beber-se, as pipas a esvariar-se; o calor pútrio é colheita e os disturbios commença-ram.

Primeiramente, para amosá-lo, dois ho-mens por baixo da janela anda em arbaço, que-riam-se; de repente, um vibrou uma paula de no outro; o outro, apesar de pequeno, fez jogo com o cocete, deriu circolo e commença a malhar no primeiro que ficou logo em sangue. Acudiram outros, feruáram-se parbidos, mas em breve tudo passou sem intervenções vio-lentas. O povo, em volta, fugira; umas duas tendas de vinho e refrescos ficaram em bocados e a volta dos cambuderes formou-se um grande espaço vazio.

Dai a um bocado, outro disturbio, mais distante. Imediatamente, a volta dos coceteiros, feru-se um sussego claro; as tendas foram ao chão; o tumulto fez um barulho susse-guendo; e no meio da refrega, um homem ensanguentado, cambaleou, caiu no chão e fi-cou imóvel. A rixa continuava; e como to-mava proporções, feru a fôrça, saí com elle e mandei fazer um tapete de carreta; o pom metálico que scôu pelas quebradas, teve o con-dão de, sem mais nada, acomodar os desor-

deiros. Foi apenas uma amavel intervenção musical...

Mas o pânico e mais grave disturbio, foi pelas 5 horas. O mestre de uma das filarmônicas estava ao pé de mim e diz-me, de repente:

— Olhe: ali estão eles... os de Suajo com os dos Arcos... Ujo, ujo, no alferes: desafiaram-se... aprieto dá bardoada...

De facto, duas filas de homens, uma em frente da outra, questionavam, discutiam, berriavam, batiam com os cacetes no chão, em desafio; e de repente, num alar e fechar de olhos, começaram á cacetada bravia. Eu só avia, sobre o barulho do povilão a fugir, o estalido seco dos pés uns contra os outros que se batiam, durante algum tempo, sem resultado favoravel para um ou outro lado.

O povo esvaziou o layo e fugiu para as encostas e eu mandei formar a força á espera da requisição official e á espera de passar o primeiro impeto dos combatentes...

Nisto, o um dos homens, caiu o cacete das mãos; e como estava um pouco mais á frente, vi eu, quase ao mesmo tempo, cinco bardoadas assestarem - lhe no costado e na cabeça que o fizeram esbater-se, banhado em

sangue, no meio do chão. O tumulto redobrou, eubão, com este desastre; a fúria do bando a que pertencia o ferido recresceu e o ruído seco dos cacetes parecia que airmontava os meus ouvidos.

Nesta altura, a avaridade, paternalmente, resolveu intervir: era o momento, porque se estroçavam aqui e ali novas dependências dos amigos ou parciais dos combatentes e o mulheris agachado pelos matos das encostas fazia um alarido de puster medo. O administrador mandou-me pedir o auxilio; pegui com a força combalando a escuridão até a um canto de terra poltranceira ao cubro do combate e mandei fazer um foguete; ao pom bélico, responderam uns hameus de cacete avançando para nós em ar de guerra, outros vieram atroz, para fazer barreira aos verdadeiros libipontes e eu tive de lhes mandar dar canonhadas que os afastava, uns por seu pé e outros rolando pelo chão.

Slouue, eubão, de parba delas, um momento de indecisão; aprobei-o; desci ao terreno; e mebeendo a força quase sobre os dois partidos disse qualquer coisa em voz alta e vi com esfonto que os hameus se combiveram. O administrador, flepueabicamente, começou a

perder, a tanto e a direito, e ia subregando-os á força militar; e eu á espera que se fizesse a justiça á maneira de Monsau, ia vendo honreiros cobertos de sangue com injunções terríveis; modas vermelhas pela terra; os dois bandos, embora caubidos, ameaçando-se sempre e ás vezes com impetos de avançarem de novo ao combate; o povo em volta a ulular; e grande quantidade de bebados, discursando largamente e querendo abraçar ~~os~~ os soldados. Foi um bocado desagradavel mas muito curioso.

Quando voltei ao improvisado aquartelamento com os presos — como haueusarrão! — e olhei, de cima, para o arraial, estava tudo vario: apenas os deuses das tendas arrastavam os destroços e lá no fundo de um querbrodo, muito em baixo, uns honreiros bebavam com uma friça de vinho que, desprezido, cá em cima, dos laços do equilibrio em que se conservára, resolveu, no meio do tumulto, ir para abaixo, em busca de novos destinos.

O secretario da administração, limpando o suor, dizia-me:

— Oh sr. alferes! isto é que foi... Olha que venho aqui todos os annos e nunca vi tal

causa... Isto é que foi! Se não fosse V. Ex. ter tido prudencia... Ora, ora... nunca vi uma causa assim!

E o pobre homem estava em terra; creio que também levou ~~uma~~ bardoada.

Dai a pouco, um magote de gente trouxe ao administrador (que é medico) um homem apalhado no chão para dar socorro. O medico olhou e disse-me em voz baixa:

— Está morto.

Eu senti uma impressão desagradavel. O homem tinha a cabeça fendida em tres pontos de onde escorria um sangue já muito coagulado; a boca estava aberta e a lingua de fora; tinha os olhos vidrados. Era repulante. No entanto, o medico mandou vir aguardente e deitou-a nas feridas, como unico desinfectante que tinha.

Qual morto meu meu morto! Mas a aguardente sobre as feridas, o homem espertou, berrou, fez o demonio. O que ele estava era muito bebado; e com as tres barbudas na cabeça, estava vivo, bem vivo, bem riço e bem valente.

Até 6 1/2 da tarde, o arraial estava desperto. Fartei a farda, senti dentro de mim os vinte e tal furos e, com as precauções regulamentares, re-

qui, caminho abaixo, pela encosta da serra, direito a Mourão.

Então reparei nos prisioneiros: eram latagões, belas figuras de homens, vestidos, em regra, com jalecos de peles, calças justas, cintas com muitas voltas e até escondiam muitas espadas, punhais e pistolas.

O caminho era longo e foi demorado; o piso da serra era ruim e já era noite fechada quando subrimos na esbada dos Arcos para Mourão; segui então com todas as precauções porque fui avisado de que, num grande pinhal escuro que atravessáramos, teria um espartoso para libertar os presos. A todo o momento esperava ouvir um tiro indicador da prisão ou o alarido entusiasmado da real libertadora.

Cheguei assim a Mourão, poriam 11 horas da noite. Entreguei os presos na cadeia da vila; acomodei a tropa numa casa para isso desbinada e fui ceiar, visto que a hora do jantar já tinha passado e que os malditos desordeiros não consentirem que eu cumprisse com esse dever de todo o homem que tem esbomago... Era meia-noite quando me lembrei á mesa.

Mas... a minha boe-parte! A hospedaria, grande casarão na praça de Deus-la-Deus, era de uma mulher, ainda no vigor da idade, que tinha tres filhas, raparigas novas, encantadoras, desenhadas, amáveis. Diziam as más linguas que o padrinho de todas tres era um padre da terra, sacerdote virtuoso, que se comia todos os dias á hospedaria das afilhadas. O que havia de verdade, não o sei; só sei que me enchiam de atenções, de amabilidades, de carinhos, qual delas mais solícita, qual delas mais bela, qual delas mais encantadora... E quando me deitei, sob o bafo benéfico das tres Graças meusanenses, sei que dormi como um juízo, sob a sua protecção das deusas, bebendo gorgulhas, lá fora, no largo, a agua do chafariz de heroína.

Este Minho! este Minho!

A manhã já é alta, muito alta, quando acordei. No largo, o mesmo gorgulhas monótono da agua do chafariz; o sol batia na janela com desespero; havia chilreios de aversinhas nos beirais; e nos corredores, para proteger o meu sono, as "deusas" passavam suas

uemente nos bicos dos pés . . . Só no Minho se têm um despertar como este.

Depois, o alveoco, assistido pelas ruínas das três belezas; e a seguir, um passeio rápido pela vila, que se vê sobre vinhedos, num largo vale encantadão.

Pareceu-me terra imperiosa e com vida. Das muralhas abaluartadas de que ainda há restos, eu contemplei os arredores: para o sul, serras acasteladas, cruzando-se; para o norte o Minho, as suas "arillas", pitorescas, a margem espanhola cheia de vinhedos como de cá; para leste e para oeste, belos campos de cultura, muito verdes, em que as ladeiras de granito caminhavam em grandes linhas rectas, e onde uma sobremancha negra de pinhais dava um contraste curioso.

Depois . . . pelas janelas, caras bonitas; tive de convencer-me de que as belezas do Minho estão acumuladas em Mourão . . .

Até 4 de tarde, fazendo a festa, tive de abandonar a terra; tinha de ir . . . O sol desapareceu por detrás de uma nevoa agradável; e sob esta presença, sob os olhares curiosos das belezas da terra, meabi estreda fera, dirigi-me a Valença.

A estrada segue constantemente em curvas, ora sobre pinhais finos, quase transparentes, ora sobre labadas seguras por colunas de granito, de um grande efeito decorativo. O rio segue mais ou menos, sempre, ao nosso lado; e de uma vez, por sobre uns eucaliptos pas- sou pilhando, na sobre margem, um caminho agreste. As casas rústicas, ao lado da estrada, estendem, em regra, cobertas por vinhas, por grandes troncos queкрепam aos telhados, que ro- beam pelas colunas das varandas; as grandes ar- vores estão também abraçadas por vides eser- puzes que se enroscam, que robeam, que se mis- turam á folhagem para depois descer amavel- mente até quase tocar no viajante. Ha sta- thos em que as videiras formam tunel, cru- zando-se de arvore para arvore; ha casas que chegam a desaparecer por baixo de tanta verdu- ra. E assim andei quilómetros e quilómetros, sobre tanta beleza pitoresca, sobre tanta alegria da terra — vindo tambem do outro lado a Gali- ra, com o mesmo aspecto, com as mesmas labadas, as mesmas casas escondidas em ver- dura, os mesmos pinhais finos e transparentes, e o rio sempre de permeio, sobre campos ver- des e campos a rebeubar com milho.

Passámos a povoação de Lapela e de ainda
 se vê uma torre colossal, quadrangular, cons-
 truída sobre rochedos, á beira do rio. É ainda
 uma construção polida, rusciosa, arguthosa, e
 de um vez da hera poética das paredes velhas,
 cresce a vinha, em grandes troncos que vão, a
 pouco e pouco, abraçando o colosso e protejen-
 do-o do abandono a que parece votado — po-
 lere guarda atento e leal das inmensidades dos nos-
 tros vizinhos da Galiza e Leão!

Até tarde caia; a peregrinação no vale, era
 completa; ao escurecer avistei as muralhas de
 Valença; tinha audado, sem dar por isso, um
 puxado 18 quilómetros.

Caminhã

Valença do Minho

1907 : 3 de setembro

Fui, na verdade, a Caminhã, no domingo passado, á festa de Santa Rita.

Voltei ás 11 da noite, quando no rio os barcos se cruzavam iluminados e as povoações de Seixas e Lonhelas se batiam, pelas rozas das reparipas, com cânticos de toda religião que se iam perder ao longe, no silencio da noite, de mistura com a agua corrente da maré.

Minhotas do Alfife, de Arcena, de Seixas, de Gondareu, vinham em grupos mostrar a sua beleza que não é simplesmente uma figura de retórica; o traje característico fazia mesmo, realça-la; e o encanto da noite e da iluminação do rio juntava-se ao encanto de tanta cara perfeita e de tantos olhos belos.

Só um grupo de Lisboaes que estão passando o verão em Moledo ou Juncosa, e que esbrapavam o conjunto; o seu ar incanescerístico de cidade, contrastava com a alegria e o atractivo dos ranchos de lindas moçoilas, de meia branca bordada, de chinela no tico do pé, de paia vermelha lavada, com um lenço lançado artisticamente na cabeça, com o colete bordado a lantejoulas apertando um peio nobre, onde assestavam peças de filigrana de ouro.

Eu, como de costume, observei, e de todas as observações que fiz, conclui que aquilo era um espectáculo bello. Pensei ainda, por causa de hora do comboio, quando larguei a muraltha do cais e ao longe começava a ouvir os cantos mais ou menos religiosos de vozes femininas em cânticos e em tercios, que partiam dos bancos que vinham vagando sublimemente ao pabão da maré, iluminados com balões que reflectiam na agua escura onde seus reflexos brilhantes vinham fazer perder a triste monotonia da agua quieta.

Quando o comboio em que vinha atravessava a ponte sobre o Douro, começavam a queimar uns fogos de Bengala; e da agua partia uma serie de pequenos foguetes brilhantes.

tes, de fogachos, de esbrelas, de miithares de
lugas bulicosas que para mim, era, verdadei-
ramente, uma maravilha da sciencia pirote-
cnica destes foguebeiros minhotos.

Para baixo, aos clarões do fogo, avistava-
se a casaria da ~~cidade~~ vila, plana, voltada á
barragem do rio, onde polrescava um campanário
de igreja; o resto era o confuso conjunto de te-
lhados, de aguas quietas, e do ruacisso cómico
de monte de Santa Tecla que um ou outro
brilho maior do foguebario ás vezes, escas-
pamente, illuminava.

O comboio nasceu pelo escuro da linha;
e eu vim com a toada religiosa nos ouvidos,
cantada em cânticos e em terças, naquelles feiti-
ceiros bancos illuminados.

Braga

Braga.

1903:4 de dezembro

São sete horas da manhã. Estou junto da janela do meu quarto de onde vejo, em frente, uma grande extensão de quintais, cobertos de arvoredos, cheios de verduras.

Está uma manhã fresca; e a esta hora começam a abrir-se as janelas das casas, e as creadas a apparecerem e sacudirem panos e tapetes. Em baixo, ha uma grande conversação de creados nas cozinhas do hotel e ao longe, os sinos de varias igrejas tocam alegremente annunciando as missas.

Terra bonita, Braga!

É uma boa terra, é mesmo uma cidade bonita. Mas não se passe por uma rua que se não toque com uma igreja; não se dole uma esquina que se não veja uma casa.

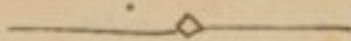
ta; mas ha largo que não tenho um casue-
to em traversa onde não existam umas al-
minhas! É a terra portugueza beata por ex-
celsencia.

Os pinos tocam sempre; as igrejas so-
tão sempre concerridas; os padres são aos cen-
tos... Mas é, na verdade, uma terra boni-
ta e alegre.

Para leste, eleva-se a Serra arborizada on-
de está o ruinho conhecido Bom Jesus; mais
acima, num alto, surge a capela da Senhora
do Sameiro — a inimiga fidalga do Bom Je-
sus; a seguir o alto da Falperra, já sem la-
drões româmbicos — e tudo isto forma um
agradavel conjunto paesographico.

Para o norte as serras meias do Gerez;
e a poente estende-se o grande vale fecundo
onde passa o Cávado, sempre sobre verdura,
sempre no meio de terras de rega e vinhe-
dos alegres.

Mas os pinos, meus Deus! tocam cons-
tantemente! Esta gente de Braga, carba-
mente, quando morrer, deve ir directamen-
te para o céu...



Coimbra:

Coimbra:

1904: 7 de fevereiro.

Está hoje um dia de chuva, desta chuva que se parece bater com força nos vidros e que convide a um dia pocegado de repouso em casa. Assim faço, perante os aguaceiros fortes que caem lá fora e com os quais resolvo não me bater.

Coimbra tem, também, a sua beleza, com este tempo; não se julgue que só caiu por ela no seu primeiro noite de luar tempo é que Coimbra é bela. Não: o encanto não é lá, quer chova quer faça sol... Mas eu hoje resolvo saborear os encantos da minha terra, daqui, sucessivamente, inspirando com voluptuosidade o que lá vai fora e pensando, com beatidão, nesta cadeia de braços, nas molhadelas que os arbustos apanham.

Agora, com tanta chuva que tem caído por essas terras, os regatos aumentam; os ri-beiros transbordam do seu leito e os rios avolumam imenso. Da Serra de Estrela, o Mondego vem descendo de pedra em pedra, recebendo a ajuda de muitos regatos; contorna um dos lados da serra e desce ao vale; a certa altura lança-se-lhe impetuoso o rio Dão, arrastando as águas das encostas do Caramulo. O Mondego aumenta e continua, pelo vale fora, para logo adiante receber o Ilva — um belo rio que vem de terra em terra, desde o alto, em curvas, aos zig-zagues, arrastando quanto água ha pelas encostas do monte da cordilheira, dentro do distrito; recebe-o junto de uma aberta curva, na Rainha; e depois de se lançar em eschão pela passagem de Lubre-Penedos, corre ~~para~~ por entre margens alternas até a Portela onde o espera o Teira, outro rio caudaloso, vizinho do Ilva na nascente e que largou, muitos rios, por um caminho diferente.

O Mondego, então, colosso de água, espregueia-se e arrasta tudo o que se lhe opõe; os palmeiros das margens se tentam resistir, não com a corrente; as ruínas de riada-

ção não levadas com o impeto; e assim, turvo, revoltoso, impetuoso, contorna os montes do Pinhal de Marrocos, passa roncando á Lapa dos Erbeiros e apresenta-se diante de Coimbra que é, no dizer dos poetas, a sua rainha.

A sua agua turva, trazendo fragmentos de arvores, bocados de madeira, ás vezes amais que foram esmagados pelo diluvio, redemoinha de encontro aos pérgãos da ponte; susurra na passagem, eleva-se, para depois in movemente espaciair-se pelas curvas baixas e cultivadas. Depois, se se eleva alguma coisa mais, resupe pela canalização e entra pereneamente pelas ruas da cidade, na parte mais baixa, e vai fazer a sua visita annual aos bairros pobres, inundando as pobres casas, esbragando haveres e reduzindo os habitantes a julgarem-se, por uns dias, em Veneza...

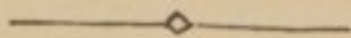
E depois, lá vai, pelos suaves campos planos da Sidreira, da Geria e de S. João, para finalmente se lançar no mar, deixando na grande baía de Buarcos uma zona barrenta, para atestar a força do seu corrente, confundivel com a empulsação do Oceano.

Quem fôr a ponto alto da cidade, numa occasião destas, vê um bello espectáculo. Para o campo pó se vê a enorme extensão da agua onde aqui e ali apparecem as pontas dos chafarzes altos, vergados ao peso da creta. Os barcos, os grandes barcos pernãos, amarrados ás murallas, puxam pelas cordas, aos repelões; e de outro, nas ruas da cidade, gente benevolente, em pequenos barcos, leva comida aos habitantes cercados de agua e transporta um subro que precisa sair.

À noite, não se podem accender os candieiros; e assim fica um ar sinistro pelas ruas imundas, como se fosse uma Venus ás escuras...

O ponte do caminho de ferro, lá ao fundo, parece acruada na agua; e ao ver passar um comboio, dir-se-ia que ele seguis subtilmente por sobre a agua, leve, muito leve, como se não fosse uma pesada massa de ferro.

Assim deve estar todo o recanto da ~~cidade~~ ~~rua~~, neste dia de chuva forte; os vidros esconrem; o vento força as janelas; e pelas calçadas das ruas segue o diluvio... E eu sinto a beleza de tudo isto!



Cap. 27 de maio.

Esta povoação, em Coimbra, é exclusivamente dedicada á romaria tradicional do Espírito Santo, em Santo António dos Olivais.

Santo António dos Olivais, é um suburbio da cidade, a cerca de dois quilómetros; fica num alto, dominante, sobre vales fundos cobertos de pinheirais escuros, sobre as encostas que desceem aos campos do Mondego e sobre o vale verde de oliveiras que vai da Lomba do Chão do Bispo á Lomba da Irregação. Coimbra vê-se em baixo; a fita branca do Mondego corre pelos campos verdes que se estendem a perder de vista; e em tardes tiepidas as areias do mar, ao norte do cabo Mondego, avistam-se com um risco brilhante, para cá dum verde escuro que é o negro das aguas. Ao norte, o Buçaco, levantando o dorso seu, ainda vagamente aparece a corno das arvores da mata; ao sul, a Louran, com o marco do Troçoim a brilhar ~~em~~ ao sul.

É neste sitio de bom ar e boa luz que se faz a romaria.

Durante o dia, os carros passam carregados de gente, levando familias iubeiras que se

na lá vão reunidas, jantar, ou almoçar e muitas vezes passar o dia inteiro; os charrá-bancos vão apinhados até ao tejadilho; dentro canta-se numa alegria enorme, e fora, os tocadores vão tocando os violões, ou as guitarras, preparando-se para a "fandega".

Coimbra despojava-se nestes dias; tudo vai para o Espírito-Santo, ninguém falta.

Depois, as aldeias também comparecem. Bandos de gente dos campos, com trajes garridos domingueiros, veem por essas esbradas, numa nuvem de pó enorme, cantando e dançando, em geral ao som dum harmonia, dum flauta, dum rebeca e dum pandeiro. Eles aí veem, coitados, alegres, satisfeitos, esquecidos, por momentos, o resrejar constante.

É o pequeno recinto de Santo António enche-se a transbordar com uma eterogenea multidão curiosa que canta, que dança, que bebe e que levanta uma poeira infernal.

Mas, a especialidade da romaria, aquilo que lhe dá um tom curioso e desconhecido, é a venda das companhias de barro e do objectos de louça do mesmo barro — obras modestas e simples dos pobres oleiros dos Buios e do Carapinhão, que veem a Coimbra á busca

duma celeridade que a sua obscura origem lhes não dá. Estas aldeias quase vivem do fabrico de ba louça e quando é romaria carreadas em carros, para arranjarem seus vintens. São cantaros, azados, bithas, vasos e especialmente as campainhas; ha louças de todos os tamanhos e feitios e as campainhas, do feitio vulgar, umas são pequeninas, outras maiores até quase ao tamanho de sino, desde o preço dos dez reis até a quantia fabulosa de seis vintens!

A campainha é que dá todo o pitoresco á romaria; já de longe, ao aproximarmos-nos de S.^{to} Antonio, já se ouve o seu ruído, por cima do barulho natural, o klim-klim continuo do barro poeireiro; por fim, e então, é o pom dominante, agudo, alegre, que não se acomoda e que se repete, até, nos olhares de todos.

No chão, pela sua fôrça, junto das paredes, estão os mercados da louça de barro; o povo passa, repassa, anda, redorminha e as pobres mulheres dos oleiros, acocoradas, lá estão de guarda aos seus haveres, vigiando os roubos do rapazio que também são tradicionais, e que provocam, por vezes, algazarras. Mais adiante, estão as barracas de "comer-e-beber,"



cheirando muito azeite queimado e a peixe frito; mulheres de mangas arregaçadas mexem qualquer coisa em frigideiras e lá dentro, nas mesas, come-se e bebe-se alegremente. Em frente das barracas ha um arranjo de vendedeiras ambulantes das especialidades de terra: arrufadas, manjares brancos, pastéis de S. Clara; e perto da escadaria da Igreja, os brithares chinezes, roletas, tómbolas e outras coisas no genero, proprias para se perder dinheiro. E junto a tudo isto, uma nuvem de poeira no ar e por sobre tudo o Uim-Uim alegre do barro das companhias.

N' Igreja, pouco gente vai; o sacristão costuma estar á porta, sinal de que pouca gente lá entra. Tudo vai para o terraço, ao lado, ver o vale fundo coberto de pinheirais e o rio, ao longe, a brilhar com o sol presente, como um fita de prata, serpenteando no campo verde.

Em baixo, em qualquer canto disponível, as danças comecam, levantando poeira mais deusa, ao som dum harmonio, dum flautão e dum violão & dirigidas por um "jrabico" que, sobre as marcas, vai amaciando a garganta com qualquer côpo de vinho. He vozes já ensurdecidas pelo pó; recebem-se pal-

uas, compassadas; os instrumentos desafiam de quando a quando — e a dança lo segue, alegremente, sobre palmas, levantando cada vez mais poeira.

De repente, o povo afue a um ridio: a policia corre e afita; o comissario comparece. No ar, por sobre as cabeças da multidão, ha varapáus agitados; ouvem-se gritos, ha deus mais. Que foi? Nada; uma causa vulgar nos arraiais: a penca-daria. Fazem-se juissões, alguns vão á farmacia proxima e tudo continua nos mesmos, riendo, folgando, cantando, levantando poeira; e por cima de tudo continuam a ouvir-se o Uim-Uim paucos do barão no maldado

— o —

1905: 20 - março.

Coimbra, vista de longe, é das cousas mais belas que conheço. Estamos no cimo do monte da Esperança, acede está o encume do convento da Rainha Santa. Para a esquerda e para a direita seguem-se os montes que sobem e descem, com aspecto triste, cobertos de oliveiros fecundos. Em baixo, está o bairro de S.^{ta} Clara, que se avista com pouco por cima dos

muros do convento de S. Francisco. Segue-se a
 estrada de Lisboa, sobre arvores, como uma
 alameda, que vai dar á ponte. Depois, o rio,
 e por fim, a cidade, mesma aglomeração enorme,
 que termina pela esguia Torre da Universidade.

O aspecto é, sem exagero, soberbo. O panorá-
 ma é grandioso, visto com um dia claro de
 sol. Por detrás da casaria, fecha o horizonte, o
 vulto negro da Serra do Bussaco sobre a esquer-
 da e mais perto a Serra do Desemboado, toda cober-
 ta de pinhais pombeiros e que vai morrer além,
 á direita, mesmo curso do Mondego; para o
 norte e sueste, os campos perdem-se de vista;
 para o sul, as serranias continuam, até se uni-
 rem á Serra de Lousan, deixando ver o meio
 o ponto branco da capelinha do Senhor da Serra,
 o de Semide, o verdadeiro Senhor da Serra, o
 mais genuino e puro de todos eles.

Mas, continuemos a olhar para a frente,
 para Coimbra; nota-se logo, á primeira olha-
 dela, a elevação da colina onde a cidade assen-
 ta. De facto, é uma colina elevada, e mal-
 gus pontos cardeais quase a parvo, fazendo
 do precipício de respeito. Anbriamente, era
 um castelo por assim dizer inexpugnável;
 mas a cidade começou a romper o cinto das

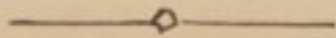
murallas, desceu até quare ao rio formando um novo bairro populoso; depois, começaram a desfrescar os velhos muros e construíram casas sobre eles; as couças transformáram-se em ruas íngremes, os arcos em encomodos passadizos e as torres em inúteis vaidades do passado.

Num ângulo da muralla, no século XVI, um padre licenciado construiu uma linda casa manuelina; as torres ameidadas de defença da velha pé, transformáram-se em campariários festivos; sobre a velha alcáçova dos reis, construiu-se um soberbo observatório; e assim a cidade, sem mudar de lugar, foi transformando-se progressivamente por sobre as murallas méo-godas. As ruas ficaram esbeltas e declivosas cheias de esquinas e recantos; as casas, abertas umas contra as outras, acasteladas pela encosta, censerem um admiravel equilibrio; mas de fora, o aspecto é sempre o mesmo: a cidade desce suavemente a colina, sem ter ao bairro baixo que se estende até ao rio e vai morrer, á esquerda, lá adiante, debaixo do murete do Conchado, enquanto que, do lado sul, á direita, lança um outro braço, de couças

em zig-zagues, que vai terminar, quase á esborda da Beira, ao fundo da mata do Jardim Botânico.

Entre nós e todo este pântano, corre o rio; de um lado tem a muralha moderna do cáis, do outro a muralha pitoresca dos palacinhos e de um muralha de chefes finos, cujos tons verdes são uma das melhores causas que a vista logo agradece; assim passa o Mondego perante a cidade, entre esplendidos riveiros de verdura, sobre belos campos fertilíssimos; e desde a volta, á direita, de "Lapa dos erbeiros", até á outra, ao fundo, na "Memoria", dizem os poetas que corre magnificamente, como nassalo humilde de tão soberba rainha...

Mas reubemos-nos, um pouco, até cansar a vista; depois seguiremos para a cidade histórica.



24 de março.

Já, já, parece, que se começa a descer a margem esquerda, vamos um pouco, aqui ao lado, á Igreja de Santa Clara, ver a estatua da Rainha Santa, sobre o seu andor gobi-
co sobre escudos de Portugal e Aragão.

Ela ali está, sobre luzes, com o ar po-
 lido de rainha, e a sua humildade de Santa.
 É uma estatua maravilhosa que a religião es-
 teve para rejeitar mas que os livre-pensa-
 dores admiram...

A direita, pelas grades do céu, ~~est~~ vê-
 se, sob umas arcadas bonais com pinturas
 ainda mais bonais, o primitivo túmulo de
 Santa, uma esplendida obra de arte esquecida
 de os que se interessam pela arte.

Uma entre estas duas obras de arte — a
 estatua e o túmulo — quero lembrar a lenda
 a que este ambiente anda ligado e que tem
 passado, através dos seculos, pelo sussurro
 dos palmeirais, pelos contos das raparigas
 e pelas aguas murmurantes do Mondego.

Era uma vez...

Sim, o conto tem de ir á antiga, como
 lenda que é.

Era uma vez uma rainha, uma rai-
 nha muito bonita, que usava um manto
 muito lindo e que vivia num castelo muito
 alto rodeado de torres. O castelo estava num
 monte escarpado sobressaindo da casaria bran-
 ca do burgo; e em baixo, publico, mauso,
 muito pequeno, corria um rio lindo, muito

liudo, onde á noite, por entre os salgueiros, apareciam as cabeças gombis das ninfas e dos faunos, tocando a flauta pastoril.

O castelo lá no alto, negro com o tempo, parecia respeito a tudo, em volta. E o rio corria sempre, rubilicando, com medo, com receio, de ir provocar a ira de tão grande senhor. A torre de mensagem era grande e alta; e sua altura parecia o céu aos mais cuidados. Quem a via de longe, dizia consigo: "lá está..." e pegava com os olhos no chão. Quem pegava pela ponte, sobre o rio, para os lados de terra de moirama, nunca chegava ao fim sem se voltar para trás para ver a torre alta e forte; e os barqueiros no rio viam-na de longe, anciosos, quando partiriam em terra, com a corrente: "lá está já o castelo!..." E' que lá em cima, junto dum anjo das aneias da torre de mensagem, estava o pendão real, ao vento e á chuva, atestando que lá dentro desses muros desegridos e grossos, estava « Sua Senhoria El-rey » e a Santa Rainha Isabel, a boa Rainha Santa.

Por isso o castelo era um farol, uma balizão! Todos sabiam que lá dentro estava a rainha, rainha dum reino na terra, mas já rainha nos céus...

Todos o patriam de pollejo e todos a amá-
vam. Pois se ela, á noite, vinha ás escondidas,
dar aos pobres a sua ceia, e repartir com eles
o rendimento da sua casa!

Quando ella, ás vezes, ao pôr do sol, rodea-
da das suas donas e curtiheiras ia para o
mais alto cimo do seu palacio ver as obras
do convento, lá em baixo, no vale, os campo-
meses, de longe, descubriam-se, como se
ella os visse e abençoasse... Os mães segun-
avam os filhos nos braços e levantavam-nos
ao ar, e pediam-lhe protecção, como se ella
os visse lá de cima! Os creanças, criticadas,
e quem ella afogava e dava esmoetas, diziam-
lhe adeuses. E sua real Serhenia, recubada
entre as ameias do cimo, apoiava a cabeça
encostada na mão quase descausada, e olha-
va as obras do seu convento.

Já apparecia uma ogiva elegante da Igreja,
e a torre gótica do campanário; e ella, vaza-
mente, com tristeza, considerava a igreja
que tinha em se acotcher, um dia, aquelles pa-
redes sagradas.

A linha de cumedras, em frente, des-
parecia suavemente, além, para o lado do
mar; e a rainha pensava em que, nesse noi-

te, já pouco tinha para dar aos pobres, antes de El-rei voltar da caçada. Lhes meigos vim. Seus de Alfonso 3.^o era tudo o que lhe restava...

E' certo que não era o dinheiro que dava a felicidade; mas os pobres necessitavam dele para comer. Garbarias até á ultima pogeia, ficaria sem mealtha.

O pul permia-se abraç dos mealthes e a rainha desceu.

Os mealthes muito, junto da ponte levadiza do castelo, do lado de fora do fesso, uns desgraçados esperavam a esuada da beufidara; no castelo estava tudo pocegado; El-rei ainda não voltara da caçada e que fãra, mas esperava-se dum meamento para o castro subir o tropear da cavalgada pela couraça acima.

A rainha, só, emburthada num meanto, desceu umas esudas mealthas no mealtha, enquanto as suas deusas e donzellas dormiam pocegradamente nos afosentos. Chegou á ponte levadiza; as mealthas dormitavam, encobadas aos seus ~~me~~ piques; ao reconhecerem a rainha ajoelharam reverentes:

— Meacér por sus Senheria!

Os gausos da ponte gemeram e esta desceu tambamente. Era uma causa proibida a

a descida da ponte, áquella hora; mas era a Rainha que mandava...

Os pobres prostaram-se em terra, beijando a orla do manto; a santa rainha abençoou-os, beijou as crianças — ella gostava tambem de crianças! — e abriu o saquitol. Magro pécunio d'ouro, mas o pouco que era lançou-o no regaço do manto.

Repevivamente; por debaixo de uma varre da muralha, saiu um tropel de ginezes e o claro d'ouro archotes!

Era El-rei!

Era o rei, sua real Sarcharia que vinha da caçada, a todo o galope dos seus ginetes, com a cornetia. Moços do manto, falcoeiros, moudeiros, cavaleiros, infanções, ricos-homens, tudo vinha sobre, num galope desenfreado. Os trombebas tocaram, as guardas vieram fóra.

A rainha esbrameceu; e ao ver surgiu o rei teve um sorriso amargo... Mas, pegando a ponta do manto onde lançára o magro pécunio que trouxera no saquitol, esperou resignadamente a explosão de colera de seu senhor e marido.

El-rei trazia aspecto carregado. Perdura-se nos caminhos e a sua expressão indelével

de trovador, taldára-se pela zanga do cambotem-
po. Ao ver o vulto da Rainha, ali, no meio da
estrada, só, áquella hora, teve um impulso de co-
lera que o fez popear o cavallo. Travou na san-
ta um olhar ierbengadór e cruel; e os folhes,
submissos, curvados por terra, pediam miseri-
córdia para a sua protectora.

Só a rainha, erguendo os olhos para o alto,
parecia ver alguma coisa.

Mas o rei dominou-se. A comitiva está-
cára, silenciosa. Havia um silencio afflicto. E
D. Diniz, mal contendo a colera por ver como
a rainha gastava o dinheiro que elle, laboriosa-
mente, accumulava, perguntou, tremendo:

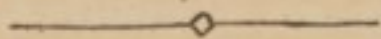
— Que fazeis aqui, Senhora?

A santa abriu o peito e mostrou-o ao
seu real esposo. Os archotes davam luz ierbu-
sa. No peito, a que a mão fina da rainha pu-
zha uma leve tremura, viam-se umas lindas
flores que lançavam um perfume fino. E a
santa respondeu suavemente para el-rei:

— Deu q estes folhes, esitados, as flores
do meu canteiro...

Assim é a lenda... Aquei fica a histo-
ria do milagre causada por quem nella não

acredita — assim como noutras semelhantes — mas que, mesmo por isso deixa de lhes achar poesia ou deixa de as contar...



2 de maio.

Já agora... Já que estamos no largo da Partagem, vamos á historia de Santo Agostinho. É uma historia de frades, historia de quem não tem mais que fazer, mas sempre é coisa alegre.

... Pois foi aqui em frente, onde agora está este circo de verões de uma companhia de cavalinhos, que antigamente começava a velha ponte de pedra do venturoso rei D. Manuel.

Havia, á entrada, um arco que foi demolido com o advento do Liberalismo; era um arco grande, uma especie de porta de defesa, com grande aspecto; do lado sul, havia uma inscriçao comemorativa que começava: « O serenissimo Principe, "alto e muito poderoso rei D. Manuel... » e do lado de cá, do lado da Partagem havia uma estatueta de Santo Agostinho subida num nicho alto que foi mandada por ali pelo mes-

mo peremissivo rei e que, por varios de-
pastres, foi duas vezes substituida.

Ora Santo Agostinho era um doutor da
Igreja, grave, austero padre que ditou leis á
cristandade e cujas sentenças e palestras são
ainda hoje citadas a proposito de muitas cau-
sas. Estava ali, no nicho, como convinha,
com o seu traje de bispo — fêra bispo de Hi-
spôna, salvo erro — de baculo na mão, com
o livro na outra, gravemente, austera-mente,
como convinha á sua fama de doutor e á
sua dignidade episcopal... Era como um
símbolo para mostrar a quem passava: se-
riedade, compostura, austeria, bom senso
e juizo...

A primeira imagem, logo nos come-
ços do século XVII foi derrubada por uma
tempestade. Santo Agostinho, o afamado dou-
tor, veio cair ingloriamente no chão e despe-
dçar-se precipitadamente de encontro ás pe-
dras da calçada. Quebrou-se o baculo inflexi-
vel, o livro da alta sciencia, a mitra glorio-
sa; o Santo viu que milagros daquelles se
não fazem de pé para a mão e deixou-se
cair e quebrar!

No tempo, parece, por entre os muitos

conventos que existiam em Coimbra, havia como principal em opulencia, riqueza e poderia, o dos Coadjuvantes de S.^{to} Agostinho, conhecido vulgarmente pelo nome de «Santa Cruz.» Por isso, quando a estatua se quebrou, os cruzios, como donos de tudo, mandaram fazer outra estatua do mesmo ponto mas em vez do vestuario episcopal levava o habito da ordem dos coadjuvantes... Santo Agostinho voltou para o nicho, novamente, mas mascarado com um humilde habito fradesco.

Havia na cidade um outro convento, o da Graça (onde hoje é o quartel) cujos moradores eram eremitas de S.^{to} Agostinho e não gostavam, por questões ambigas, do frades cruzios; ora quando viram o seu patrono, no nicho da ponte, despidido de alta dignidade de bispo, deram, verdadeiramente, sorte...

Levantou-se questão; os graciosos queixaram-se á Camara; alegaram que era um atentado o resbirem assim um pobre deuter da Igreja; a Camara reuniu e declarou-se incompetente para resolver a questão — mas por fim entenderam por bem tirar a esta

Sua e mandam pôr no seu lugar um quadro de assunto religioso, provisoriamente, enquanto se não resolve o assunto de melhor maneira.

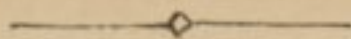
Os graciosos venceram e os cruzios, de alto do seu poder, tiveram que seguir a vitória dos outros.

Mas, não ficou por aqui o caso, porque o Padre Eterno também quiz interceder pelos eremitas da Graça: um dia, passavam e caue- to, pela ponte, dois frades cruzios, médios, bem tratados, contentes do mundo e esperan- çados do céu; ao olharem para o arco, por maldade, como lá não viram o seu patrono, não fizeram ao quadro alegorico a venia do crôculo; esse acto escandalizou os céus e logo uma das nuellas, por qualquer causa, espan- tou-se, empinou-se, saltou, escaucinhou, fez causas do arco da velha...

É claro que o covego regente que ia em cima não se aguentou; a outra nuella, por uma questão de solidariedade de raça tam- bém se empinou, relinchou, saltou, escau- cinhou; e os dois médios covegos, talvez bem tratados, contentes do mundo e com a certeza do céu, não se equilibraram e vir- ram cair no chão estatelados!

Santo Agostinho, o piedoso bispo, o
Deuter afamado, estava vingado!

E aqui está a histeria alegre do arco da
fronte que a civilização demoliu.



26 de maio

Entramos agora na rua de Calçada, cap.
fisada pelas reações do liberalismo com o
mais civilizado nome de rua de Ferreira
Borges.

Casas altas de um lado e de outro, de
quatro a cinco andares; lojas de modas, li-
vrarias, chapelarias, uma pastelaria, far-
macias, etc. É a grande arteria corimbri-
cense: é o Chiado e a rua do Ouro junta-
mente; junta o chic de uma com o tem
comercial da outra.

Enfim, a Calçada, em Coimbra, é tudo.
Quando qualquer creatura pái de casa, diz in-
variavelmente:

— Ven até á Calçada!

Quando se combina um ponto de encon-
tro é certo e sabido que se diz:

— Logo, á tarde, na Calçada...

Ha que ver, ha que fazer lá? Não: é o

centro de cavagueira, eude se vêem passar as meirinas, eude passam as damas que vão ás compras, os couseheiros que vão fumar um charuto á Hausnera.

E aqui está o que é a Calçada...

A seguir a esta ha uma outra, em linha recta; é a antiga rua de Baruche alargada pelas reações com sacrificio da capela-mór duma igreja românica e crismada com o nome liberal de Visconde da Luz.

Sendo continuação de Calçada, é, contudo, mais rua Augusta... Menos chic, mas mais commercio.

Resumindo: ambas, uma pensão-boria. Mas não lá dizer ao legitimo commercense que não são uma maravilha!

E adiante?

Adiante é o largo de Sansão, ou, como manda a idade liberal: Praca de Oito de Maio.

Nada de notavel: casas altas pintadas ou revestidas de azulejos, umas palmeiras enfileiradas a pedirem um lca de Queiroz commercense, á direita, em linha recta fombalina a rua da Sofia e... mais nada.

De quando a quando, por estas ruas e

largo passa um carro americano, lentamente, ao passo preguiçoso de umas mulas enmagrecidas.

Nada como o progresso embora a passo lento de mula!



1908: 15 de agosto

A serenidade da tarde derripou-me a sair de casa; o sol, ao desaparecer por detrás da cidade, deixou um triste tom de suavidade em tudo e eu senti, vagamente, um desejo de ver a tristeza do campo e do rio...

Desci á ponte; o verde esmaecido das insuas entristecia o olhar; as oliveiras da encosta daleu uniam-se na mesma côr escura do entardecer e as curvas das colinas, para o frontê, recortavam-se num ceu fu-ro azul-verde.

Havia, em tudo, uma beleza desordenada e comovida.

Atravessei, á pressa, o largo e entrei na ponte. O areal do rio estava transformado num alegre e vivo arraial de euda subia, até acima, o ruído alegre de descantares e o cheiro forte a peixe frito.

Ranchos esbriávam-se ao longo da bal-
 ça dos salgueiros cantando e dançando; outros
 a meio da areia, cauíam mais jocosamen-
 te os restos da merenda tradicional; e os rapa-
 zes, atentos e firmes, segurávam os seus pa-
 pagaios de papel, altos, muito altos, seguros
 por cordeis que a vista não conseguia seguir
 no ar. Do longe, para os lados de S. Mar-
 inho, estalejavam foguetes.

Era a tradição duma festa impregnada de
 alegria e satisfação. Era a merenda ancestral
 que tinha, fatalmente, que ser comida e os
 pagaios de papel que tinham, forçosamen-
 te que voar naquela tarde de agosto.

Intelectual; os foguetes, ao longe, já dei-
 xavam, no céu, nuvas lágrimas luminosas
 e crepitantes; sob os salgueiros acendiam-se
 fogueiras de folhas secas; e lá do alto, vagaro-
 sos, curveteando, começavam a descer esses
 divertimentos de cana e papel de seda. Do
 areal, continuava a pulsar a alegria dos des-
 cantos, em desafios. Pela ponte começava a
 desfilar gente que entrava na cidade com os
 cestos vazios do faroel que foram cauer a al-
 guma porteira da encosta. Uru ou outro car-
 ro passava, cheio de gente que levava, ges-

ficulans, mostrando a todos que ia bebada...
Pelo ar havia o tom festivo do nosso povo em
romaria.

Ho longe, os foguetes aproximavam-
se; cada vez se aversinhavam mais; ou-
viam-se uns vivas de alegria: era a ban-
deira de Nossa Senhora de Nazaré da Ribeira
que se aproximava. Havia um clarão
na estrada, a vozear era mais.

Do areal tudo correu; as fogueiras
apagaram-se; toda aquella gente que canta-
va e dançava subiu á estrada alegremente,
quase em tumulto.

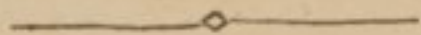
O vozear aproximava-se; no ar ha-
via poeira em movimentos a que alguns ar-
chotes davam aspectos de fantasia; e en-
tão começou a desfilar uma procissão in-
findavel de carros á frente dos quais vi-
nhá um com a bandeira de Nossa Senhora
de Nazaré empunhada com polemicidade por
um homem de peiças e toleda por garo-
lada com archotes.

Agora vinham os outros carros afri-
nhados de roumeiros, já bebados, com mu-
lheres que cantavam um tanto ou quanto
desafinadas. Um tropel de gente, em turba-

multa, peguia os carros, aclamando a bandeira. Havia um vago cheiro a vinho; a fonte estremecia; e toda aquella multidão lá foi andando, alegremente, com os vivas da tradição e... da ignorancia:

— Viva a Mãe - Santissima!

Logo já noite; o clarão dos archotes da rua Tomo curiosa é casaria; o rio e as margens da esquerda estavam mergulhados na escuridão; e a pouco e pouco o vozear do fouteau foi-se perdendo pelos becos da cidade baixa por onde o carbejo peguia.



Arganil:

Arganil:

1903: 6 de dezembro

Aguei estar, nesta iuncta aldeia parana da minha Beira montanhosa.

Imagine-se uma grande bacia de montanhas, nas faldas da serra da Estrela, cheia de pinhais e cortada por vales fundos; só pelo norte abre-se uma certa extensão de terrenos pouco acidentados que vão suavemente passar de leito ao rio Alva; e no meio disto, apertada, contrariada, uma vila de ruas estreitas e velhados pelo charmeus...

Imagine-se isto e ten-se-ha uma fugaz ideia do que seja Arganil — onde neste momento estou a refazer-me ainda dos 60 quilómetros de caminhada pelo chuve, por essas iubermináveis estradas lamacem.

tas ; imagine-se isto e poder-se-ha fazer
uma ideia vaga do que seja uma vila escondi-
da neste reconhecido impoente das man-
hanhas, cabeça de concelho, cabeça de comar-
ca e centro comercial da região !

Parece um contrasenso e no subretanto
é verdade : Arganil, encafiada neste re-
canto agreste, sem apparecia, acanhada,
sem ruas nem largos — goza de uma incon-
testavel hegemonia no alto distrito, tem o
predominio nesta roda de concelhos, e' por
assim dizer, a capital desta encosta da par-
te de ao Mondego.

Tradição ? Situação ? Não sei ; o que
sei é que é isto — embora esteja a tremer
de frio, com braseira proxima e janelas
fechadas.

1904: 2 de junho.

Estou de novo em Arganil. Vim para
guardar umas eleições de Misericordia —
ranhidas eleições que duram ha um ano e
que prometem ainda durar mais outro
ano ! Coisas de terras pequenas onde a po-
litica torna um ar mais pessoal e que se

estendem pelo andar dos tempos causas coi-
ras importantes!

É depois, o administrador do concelho
é um homem terrível, inteligente, vivo,
político até à medula, capaz de fazer seu des-
fazer uma eleição com enorme facilidade
e alguma pouca vergonha; "é um homem
de sociedade, amavel, atencioso, obsequia-
dão em extremo, fidalgo nas recepções em
sua casa — mas de uma subtilidade de expé-
dientes e de uma mobilidade de processos em
casos eleitorais que chega a causar assem-
bro.

Excelente campo de observação para
quem não anda expunhado nesta vida poli-
tica local . . .

A par disso, parem, a terra agrada-me.
Levanto-me ás 5 horas da manhã — e as
manhãs na terra são uma linda coisa!
O sol aparece alem, por detrás da capela de
Senhora de Montalto, forando primeiro bri-
thar os vidros da ermida e deixando no
escuro os vales fundos cobertos de escuros

(1) Era Francisco Inácio Dias da Queiroz, de
Gois, conhecido por "o Xico Inácio."

pinheirais ; o fumo das poucas chaminés da vila sobe publicamente para o céu, assim como o que se espalha das telhas dos telhados; alguma nevoa que ha caida pelas baixas co- meço a dissipar-se e para o norte appare- cem com a maior intensidade de luz os pinheiros agrestes do barrotilho. Este especta- culo é sempre grande, embora o veja todas as manhãs da janela do quarto ou do local do quartelzito ; todas as manhãs ha causas novas e a natureza mostra novas perfeições.

A vila, amontoadas indistintamente, sem arte ~~sem~~, tem contudo, no conjunto, o pitoresco das terras do Beira, no meio desta natureza agreste, afogada entre alterosas ser- ranias, escondida por cabeços monumetais — mas que, com a luz do amanhecer, to- mam a mais variedade de tons, desde o dourado ao negro, ceusante o sol lhes dá a caricia suave ou os deixa empulhados na penumbra. No meio de todos estes infre- vistos, a vila, amontoadas, sem beleza, to- ma um ar de soberana para quem o Deus Sol, de manhã, espalha magnificencias e distribue prodigamente maravilhas, sem se importar que lhe chamem feia visto que tem

do eu volta se esforça por despertar uma recolhida admiração e fazer esquecer a sua fealdade.

Demais... para apagar estas impressões das quadragadas não é necessario que ás tardes, quando as pombeiras começam a esdizar-se pelos vales vindas do alto dos cabeços, as damas da terra venham passear autonomamente para a Praça.

O vai-veem eu que elas andam no estreito largo, conversando, riudo, bisbotando, mas tem a beleza de qualquer raio do sol quadragadão que deira o alto dos montes, meu impressões como o levantar do nevoa, aos farrofos, desfazendo-se nos pinhais da base do Alva.

Contudo... ao cair da noite, quando o pccuario se limita ás poucas casas do largo, a conversa ferrimica ajuda suavemente a passagem dumas horas até que venha o pôno lembrar que a quadragada seguiu-me espera. A conversa ferrimica é então suave e tranquila, como a suavidade e a tranquillidade daquelas pannonias...

Lorvão:

Coimbra:

1905: 19 de outubro

Na terça-feira passada, levantei-me cedo, poriam umas cinco horas da manhã. Ainda havia, sobre a cidade, uma neblina muito tenue e o luar brilhava ainda no céu já esbranquiçado pela madrugada.

No chegar ao largo da Portagem, era já quase dia; por cima do rio corria a neva mais densa; mas o tom de luz que pairava por sobre tudo era tão alegre e tão bonito que me não cansei de olhar até à chegada da deliberação.

Eu ia para Lorvão, ao baptizado dum filho do capitão Domingos de Freitas, com paragem, á ida e á volta, no Chelo; era festa rija, com muitos padres, jantar lauto e foguetório bravo.

Vinha, pois, á falta de outro transpar-
te, de sua sujeitar á deliquencia — seus
carrifanos pequenos, com tejadilho, com qua-
tro lupares dentro e dois fóra, seus pedras,
com eixos fracos e com balcoços horriveis;
mas, enfim, Vinha de ser.

Não deixa de ser pitoresca uma viagem
assim, aos rolavancos, sujeita a imprevis-
tos e aventuras; e de mais, está, que pro-
mebia festa rija!

Daí a pouco, o cocheiro, veruetho já
com tres ou quatro copos de aguardente lá
fez mover a traquitana, puxada por dois
cavalitos esqueléticos; dentro ia um ho-
meme conhecido pelo Francisco e cujo ape-
lido eu ignoro, com a familia; fóra ia eu
e um outro passageiro; ao tejadilho ia
uma carga razoavel, mal arrumada, e
mal distribuida; e tudo isto, aos rola-
vancos lá seguia estrada fóra, dando ás
vezes bordos de uns 30 graus mas voltan-
do ao equilibrio normal por qualquer
razão desconhecida da Física...

Comecára a aclarar o dia; a luz
incidia já claramente sobre o rio quase
despido de nevea; as encostas, de seus cu-

Lonços iam-se desbravando com precisão e tudo parecia um dia excelente. E então, quando se chegou á Parbeta e se seguiu pela margem do Mondego, com o sol já a se freitar por sobre os montes e a agua do rio a brilhar como um espelho, a impressão de agrado augmentou e ali me deixei ir encantado com aquelle scenario magnifico.

Grandes terras, riuas valgueus pontos, montes com raras oliveis e ainda outros com pontos de castanheiros, uma ou outra vinha e ás vezes casitas minusculas alca-doradas; de quando em quando, um enorme monte, de forma regular, cai abruptamente sobre o rio coberto de rochas esmagradas e por entre as quaes correu umas regueiras das chuvas; depois, uma enorme quebrada, funda, quase um enorme desfiladeiro, que obriga a estrada a desaparecer, a atravessar a torrente por uma fonte alta para voltar depois, sob acacias e eucalipthos, á encosta do rio; mais adiante é um bocedo do rio aberto disruido, dobrando em angulo recto, parecendo que a corrente nasce ali, de alguma caverna, de algum buraco escondido e misterioso; depois, mal-

quem n'isto em que o leito alarga, é uma
 meiga fértil, ridente, cultivada, com uma
 azenha rústica ao lado, para a rega; adiante,
 é um bocinho grande de estrada cortado a pri-
 meiro nas rochas, num corte de 4 ou 5 metros e
 com um muro do lado de fora, de suporte,
 com 6 a 8 metros de altura; além, um oli-
 val alinhado, em grandes fiadas, para onde
 se pôde ir só quase de gatas e onde a afan-
 da azeitona deve ser um problema; aqui é
 um pinhal cerrado que vem do alto e desce
 até á agua; lá cima, sobre cabeços descal-
 vados, moinhos de pedra, mendo ao vento;
 em baixo, junto da corrente, muros de pe-
 dre solta, muito grossos, em curvas, para se
 oporem á invasão das areias no inverno;
 — tudo isto, por essa estrada adiante, em in-
 tendo com frezer, mais uma vez, encon-
 trando sempre novidades, quer no pitoresco
 das povoações amontoadas sobre vertentes
 nas encostas, quer nos imprevistos das cur-
 vas do rio quando parece sobarrar com as
 serras, quer no aspecto duro, selvagem, de
 certos passos.

Assim se segue a estrada: Torres, a
 Mizarela, o Baneiro, e Roberdosa.

Um pouco antes da Robardosa appareceu o Bernardo Pedro, em bicyclata, mas ruído, estafado, com febre; dei-lhe o meu lugar na diligencia e sob os incitamentos do gordo Francisco que ia alagado no carro, e me disse com voz amavel:

— Bóte figura, m. alferes, bóte figura! eu mostrei áquelles pinhais e olivedos pelvageus que era habil em manobrar tal maquinice de transporte a que a civilização chamou bicyclata... Segui átraz do carro, e apesar de me divertir o aspecto da carruagem toda tombada a um lado, aos polvancos inumerosimos, com desvios da linha de gravidade que, necessariamente, iam ofender as leis de equilibrio estabelecidas, eu não deixei de ver as varzeas alegres, verdejantes, bem tratadas daquelle recta do Mondego, nem deixei de reparar no pitoresco dumas casas da outra margem, entre latadas, com trepadeiras, sob arvores frondosas.

Logo adiante do lugar da Robardosa, e em curva, o carro parou: estávamos no atalho que nos levaria ao Chelo; apressamos todos e começámos a subida ingreme, aspera que nos levaria ao alvoco...

A meia encosta, todo fresco, com ar de quem dormiu bem, de grande flôr ao peito, surgiu o Domingos de Freitas, sorridente, e vaidoso:

— Vivam! vivam!

E a subida continuou, era aspera para encontrar ora em curvas poeirentas, por sobre trincheiras cheias de pilvados.

À entrada do lugar, havia um arco festivo, de luxo, ainda da festa de vespere e ante-vespera; havia ainda bandeirolas por aqui e por ali; e aquela gente toda que asportava ás portas, com trajos ainda endombrados, cumprimentava polidamente:

— Viva o sr. capitão!

Ao chegarmos a casa, felicitei o Freitas pela celeridade e pela preponderancia ao mesmo tempo que, na sua reunião cammicheira, chegava o Prior de S. Pedro de Alva — homenagem saudavel, muito merecida, que devia ter nascido nos bons tempos do Sr. D. Miguel e que nestes tempos de liberalismo vai arrastando com objurgatorias irreverentes a sua fatalidade de transiado.

Depois dos abraços e cumprimentos e suppranto ~~ao~~ preparar-se o almoço, fui com

o capião é capelinha do lipar. É uma capela vulgar, de aldeia, sem nada de notavel; apenas chamávam a atenção os cinco andares da ultima procissão festiva, o resto era o vulgar de todas as capelerias aldeanas: imagens horriveis de vestidos berrantes, jorruellas nos cantos e, pelas paredes, um ou outro ex-voto e mais nada.

O Freitas chamou-me a atenção para a imagem de uma Nossa Senhora de qualquer causa que tinha ao pescoço um grosso cordão de ouro; e a meu-voz disse-me:

— Você vê este cordão? Ha uns dois annos tivei de soldado um rapaz, filho de um homem do Chelo, abastado; pois o pai confiou, como lembrança, este cordão que lhe devia ser custado a sua cabeça de mil reis e ofereceu-o ... a mim? Não, a Nossa Senhora ... Veja...

E com esta nota curiosa de que me ri, saímos e por sobre os pinais festivos de aldeia, vendo pelos intervallos das casas uma empolgante successão de planos de montes e serras que a nevoa da manhã ia descubriendo, poruendo aquelle ar puro de altura, coado por pinhais — encaminhámos-nos resolu-

tarriente para o almoço. E na verdade o al-
moço forte, reculento, cheirando divinamen-
te, estava a ir para a mesa.

Depois do almoço, seriam onze horas,
organizou-se a caravana; bem almoçados,
um tanto ou quanto pesados, lá abandoná-
mos a mesa e seguimos alegremente para
Larvão.

O grupo era grande: o domingueiro de
Freitas com as duas filhas; o infatível e
gordo Francisco, com a consorte e a filha; o
José Ribeiro, proprietário do Chelo, trouxe um
par de bijos de ouro e deu-me a Vitor Manuel,
pladão, gesticuladão, sempre com uma la-
grima sentimental ao canto do olho; o Ber-
nardo Pedro e o irmão; uma prima destes,
rapariga de Coimbra de belos e suaves olhos
negros; o juíz de S. Pedro de Alva e o padre
Alvaro Coelho. Todo isto foi seguindo, ~~em~~
~~um~~, alegremente, em pequenos grupos;
e até deixar o lugarejo, passámos por entre
o povo cumprimentadão, homens barba-
dos, com fatos domingueiros; raparigas es-
beltas com as roupas características, um
chambre claro com laços de fita sobre o peito,

num desejo de obedecer á moda das cidades, saias com listras de veludo, garridas, num conjunto artistico de côres. Toda esta gente andava com simpatia e caravana, mesmo pelo atalho fóra, onde havia casalitos ou logarejos alcaenderados naquelas encostas agrestes.

O falecido Lino de Assunção quando foi a Lavras por ordem do governo a seguir á extinção do convento, disse numa missiva que escreveu que não viu nem mulheres feias, com a saia pela cabeça, desconfiadas, com ares selvagens . . . É que o Lino de Assunção nunca aqui passou num dia assim como este, num dia de sol e de festa, em que as mulheres deixassem em casa as anáguas grosseiras de lã de ovelha e vestissem os garridos trajes febrinos que lhes realça a beleza, a elegancia, a perfeição! é porque nunca aqui passou num dia em que a certeza do divertimento lhes tira o ar selvagem e desconfiado dos dias de trabalho para lhes trazer ao rosto muereno a alegria, a perecuidade e o brilho suave e promettedor aos olhos verdadeiramente penninsulares! Se ele fosse vivo, eu escrever-the-

ia : sr. Lino da Assunção ! você nunca
veiu ao Chelo no dia da festa da Senhora
não sei de quê ! . . .

Mas a caravana seguia ; no ar estale-
javam foguetes ; num ponto mais abaixo,
ouviam-se os acordes mais ou menos de-
safiados da filarmónica de Paucoos que che-
gava para a festa ; num terreiro largo, e ce-
nário de jovações, viam-se ainda no ar,
como esqueletos de enfarcados, os restos das
peças de fogo de artifício queimado na ves-
pera ; e pelas janelas chegavam calças
curiosas e bisbilhoteiras de velhos endormi-
gadas, de homens severamente escantoa-
dos, de galantíssimas raparigas de olhos pe-
renos e vivos.

No passar pela loja principal da terra,
do Manuel Bastano, que tem caixa do correio
e negocia em politos — houve quase ma-
nifestação ; depois seguimos por sobre o ma-
to cobido da ultima rua e entramos no ca-
minho estreito e sinuoso que nos levaria a
Larvão, e a conversa começou a generali-
zar-se alegremente.

Eu e o Bernardo Pedro, um pouco em
competência, fizemos oferecer o braço á

gentil prieta de olhos belos; e o maroto do Francisco, percebendo o duelo, piscava-me o olho e dizia matreiros.

— Onde, pr. alferes: os boeus guerrearam com os boeus...

Atroz, com ares graves, vinham os padres com o capitão; o prior de S. Pedro de Alus, o P.^o Diviz de Alereu, corpulento, espadado, dolido, aspecto inteligente, falava alto, acompanhando sempre as palavras com gestos da mão direita, costume, cerbaente do pulpito; o outro, o P.^o Alvaro Coelho, do concelho de Beula, rapaz novo, saído há pouco do Seminário, atencioso, fino, ouvia reverentemente... Qualquer deles era franquista: o de S. Pedro de Alus, tem sido muito perseguido pela politica progressista do concelho, mas tem resistido a tudo, sempre pronto para torcer o codigo como para, com um cacete, escangathar as costas de algum adversario; deviam por assim os padres guerreiros das lutas miquelistas e o proprio João Franco chama-lhe «o nosso valente Prior...» O outro, o Coelho, foi prior de Larvão até que a politica dominante o pôz fora; mas ele, como bom franquista, e como gostou da fre-

guesia, por aqui se deixou ficar e vai fazendo uma terrível politica franquista que dá que fazer aos outros; é boa figura, insinuante, indeligente, neste á vontade fôto de câr, com pouca ortodoxia e usa camisas de pano de Oxford. Parece-me por liberal apesar de assinar o Correio Nacional.

Ara o Domingos de Freitas, no meio dos dois, aplaudindo os gestos largos do Padre Diniz de Alencar, atacava acerbamente o Causelheiro Alipio Leitão, de Pernambuco, o chefe incontestado dos progressistas, que tinha o coucelho na mão — mas que nunca fizera nada que se visse a bem dos habitantes ou dos melhoramentos da terra: só tinha tratado de colocar os filhos, os primos, os sobrinhos, só dava jantaranadas a pessoas graúdas que iam á vila e... pronto! mais nada!

— A ponte, por exemplo, olhem a ponte! fe apontava com gesto largo para os lados da ponte sobre o Mondego cujos pégoes em construção estão assim ha perto de trinta annos) vejam se elle tem feito alguma coisa para para que ella se acabe!

— Isso é verdade, m. capitão, isso é verdade, concordáram os dois padres.

Em volta, a distancia respeitosa, alguns lisuueus do Chelo seuism reverentes...

A politica é, na verdade, uma causa grave e profunda!

Para a frente a caravana ia mais animada: iam lá os rapozes e as raparigas e isto basta para calcular que iriam todos alegres.

O atollo é que não é grande coisa: es-
treito, quase sempre sobre pinhais, contornados uns montes altos, sempre com um vale fundo á esquerda que mais parece um canchido desfiladeiro por onde corre uma fonte torrente de agua que faz andar uns mesinhos primitivos; vai subindo e descendo em curvas, á roda de montes successivos, sempre escuros com as copas de pinhais densos, com o vento bravo, a carpueja e a urze; de quando a quando topa com um politario castanheiro, paudoso de certo de pontos antigos que desapareceram; outras vezes para com umas levadas que adiante caem cachoantes sobre os rodizios dos mesinhos. É assim o meu atollo que nos leva a esse decantado Larvau que um poeta já cantou:

« Vão ali grandes montanhas
de alguns vales abertas
todas de pontos cobertas... »⁽¹⁾

Melhor eu frisar, mais topada meus
topada, passámos á Ribeira de Lavões, loga-
rejo pendurado na encosta da direita, de ca-
pas sobrepostas, com grandes varandas lar-
gas esculpidas com trepadeiras; adiante,
outro logarejo chamado de Lavatodos, penve-
lhente ao da Ribeira, com as mesmas ca-
pas acumuladas, com amplas varandas
cheias de verdura, contrastando com a
severidade da paisagem. É' portas, pere-
nemente, embora no ar haja refriques de
festa, algumas mulheres fazem palitos, pa-
cienciosamente, um a um, juntando o pão de
cada dia num pequeno cesto ao lado.

É' a grande industria local; creio que
em nenhum ponto do país esta industria
se exerce como aqui; toda a gente sabe tra-
balhar em palitos, toda a gente, desde os
anos da infancia até á quase extinção de

⁽¹⁾ Cristóvam Galvão: Ecloga.

velhice, desde o nascer do sol até a noite, a luz da candeeira na lareira, nos intervalos dos trabalhos do campo ou do arnanho da casa, toda a gente trabalha em palitos.

Sentam-se á porta, põem umocado de sola sobre o joelho, apiam ligeiramente na parede uma fogueira em bico, estendem, no chão, a paredeira de palqueiros e ao lado um cesto vazio; a faca talha repetidamente aquelles bocaditos flexiveis do palqueiro e num abrir e fechar de olhos, o cesto enche-se; embulham-se em massas pequenas; um cesto numero destes massas formam já uma unidade de venda — e assim, pausinho a pausinho, palito a palito, numa semana, a freguesia exporta mais dum conto de reis!

Defeis, carros de bois carregados com caixotes, atravessam a terra, desceem a Sousaes, e despacham-nos na estação do caminho de ferro. E aí vão, mundo fóra, esses modestos palitos laubaneuses, feitos modestamente, ignoradamente, num recanto de pedras cobertas de pinhais bravos, sobre ruato e carqueja, longe de tudo e de todos!

No passar em Lavatodos, o atalho co-
meça a subir, a subir, até que, depois
de algumas curvas, nos penetra no fun-
do do desfiladeiro, avista-se, mesma volta,
uma torre, também no fundo do vale,
quase escondida.

— É a primitiva igreja de Lervães, do
tempo dos godos, diz-me o Padre Alvaro.

Eu disse que sim, embora saiba que
não há no país edificio antigo que não seja
classificado por esta especie de arqueologos
em obra de mouros ou, para variar, dos
godos... Mas logo, quase a seguir, mesma
entre curvas, a nossa vista tem a deplora-
vel impressão de ver, no fundo do mesmo
vale, no ponto onde alarga um pouco mas
em cuja volta as rochas são mais altas,
um enorme casarão, caído para ali, ao
acaso, entre pinhais bravios.

É curioso mesmo que este alarga-
mento do vale, com o aspecto de uma ba-
cia funda, tem as duas communicações de
passagem da ribeira estreitissimas; para
subirmos em Lervães pelo atalho da ri-
beira, passamos, quer dum lado quer do

outro por um apertô do extenso desfiladei-
ro — dando a impressão, do alto, de que
as aguas que ali caírem não terão por onde
saírem.

Mas o enorme casarão ali estava,
com uma soberba torre do cruzeiro da igreja
sobresaindo aos telhados negros; e ao pé ou-
tra torre, a dos pinos, mandava-nos os refri-
ques festivos de boas vindas.

Pobre gigante caído no fundo daquelle
enorme barrocal!

Com mais uns passos, estávamos em
frente do historico convento de Lervão.

Para ali fugiram as infantas Teresa e
Sancha, na luta com o irmão rei, Afonso II;
dali partiu, com levada cavalegada, a infanta
D. Branca, filha de Afonso III, quando foi rap-
tada pelo gentil meuro algarvio, pobre poeta
encantado num palacio de cristal, á beira-
mar, sobre uma rocha de jaspe...

Ali chorou Herkulano a miseria das
freiras; ali se recolheu Wellington uns
dias, em vespas do batalho do Bussaco.

Ja em considerando estes factos e pen-
sando pelo minha erudição em materia
historica, ao aproximar-me do imponente

edifício, quando ao lado o Francisco, o guarda Francisco, me disse apontando-o com o dedo:

— Aquilo é que é um barracão, oh sr. alferes!

Havia qualquer coisa de filosófico na frase do guarda e ignorante laurador; e na verdade o velho mosteiro estava reduzido quase a um barracão. E com isto entramos no lugar de Laruás, sede de freguesia e cabeça da indústria paliteira.

O lugar é pouco mais que uma só rua; á direita, na encosta jugreue, há ainda uma aglomeração de casas do mesmo sistema e do mesmo aspecto das dos liparejos por onde passámos; mas a parte principal está toda cá em baixo, na rua que percorremos, com casas altas de fraca apparencia.

Ás portas, havia gente que trabalhava em palitões; ás esquinas, sobre gente eido-miçada fazia horas para ir para o Chelo, á festa; e nós, quase em procissão, em grupos mais compactos e menos bulicçosos, passámos ao longo dessa arteria da civilização laurianeuse até chegarmos ao fundo, ao portão da entrada para o pátio do mosteiro.

Compreendendo de um largo e amplo terreiro, o capitão disse-me com ar de quem o mediu com a vista:

— Oh meu alferes: que bela parada para um quartel!

Mas ao lado, o Francisco, mais pratico:

— Bom, bem, mas era para metter mitho!

E se olhando para o edificio em frente, considerarei o seu aspecto de abandono, de tristezza, de máus tratos. É um casarão enorme, crivado de janelas gradeadas onde espreitavam calieças de gente do povo; nenhuma beleza, nenhum traço elegante de arquitectura, nenhuma estatua, nenhuma porta ou janela com graciosidade artistica! É ainda por sobre isto o aspecto de casarão desmantelado, caído para ali ao abandono.

— Que barracão, não ha duvida, commentava o Francisco confiando as coisas.

Da parte da esquerda, saliente, e ainda ainda se conservão umas relhinhas sobreviventes á extincção, que viviam desde pequenas no mosteiro e que, ja agora, ali hão de morrer; á direita, ao fundo do terreiro, está a casa de residencia parochial, olha

mais moderna mas estragada por modernismos de fresca data. O P.^e Alvaro explicou:

— Quando tornei fosse, aquilo estava ao abandono, uma miséria... Arranji a escada, o jardim... veja!

Aproximei-me e para calcular o que arranjou o Padre, bastou-me ver no jardim-rito de entrada, a regularidade de uma latada com riquíssimos cachos (ainda bem, ao meu lado!) estavam duas colunas rousarnicas, de pernas para o ar, com os capitais arrematados no chão, cheios de terra, lascados pelo roçar das rodas dos carros e das botas de quem passava...

O capitão chamava-me para ir ver a Igreja; eu mal analisei esses restos que o Padre, de certo, foi tirar em qualquer derrocada do mosteiro e, dirigindo-me para o grupo que me esperava, disse com a maior efabilidade para o Padre:

— Muito bem, sr. Prior, muito bem...
E fui para a Igreja.

A Igreja, para a qual se entra por um corredor abobadado cujo eixo forma um ângulo agudo com a parede, é um templo vulgaris-

rimo do século XVIII : muito luz, certo ar de grandesa, qualquer causa de infonancia, linhas simples e mais nada.

No voltar, parem, costas ao altar-mór, dei com os olhos na melhor obra do convento e, pegando dizem, numa das melhores causas de Bemusula : o côro.

É realmente, uma preciosidade. Separada do corpo da Igreja por uma soberba grade laurada, ha uma sobre nave, quase do tamanho do templo e com o mesmo eixo, onde no mesmo pavimento, está o sumptuoso côro, de duzentos e tantos lugares, de bela talha do século XVII. É uma bellissima obra, harmonica, equilibrada, quase simples.

Eu abhei, admirei, comentei, raciocinei, calculei e... acabei por me sentar commodamente na vasta cadeira abacial e comecar a imaginar o que seria uma festa religiosa, com a comunidade toda ali sentada, entoando o latimario dos canticos, enchendo as abobadas com uma revoadada de cantochão, ao mesmo tempo que iam espreitando profusamente os galantes que na grade admirariam tanta magnificancia e... tanto descaimento...

No fundo, a parte feminina da caravana ajoelhava aos altares; o Prior de S. Pedro de Illes beuzia-se na capela-mór; e eu reubia-me bem, recostado irreliçiosamente na cadeira onde se reubarãam, em outros tempos, as venerandas abadeças, algumas filhas de reis, de príncipes, de grandes fidalgos e até filhas novas das outras...

O Francisco palpava a medeira dos ricos cadeirais, meio desconfiado; o José Ribeiro, coçava o queixo, olhava para aquella obra toda com o ar de quem calculava quanto aquilo renderia reduzido a palitos; eu disfrutava, comodamente, estes dois utilitaristas quando surgiu, ao fundo, o Prior já paramentado seguido pelo P. Boetho, acolitando.

Seguiu-se o baptizado que, verdade, verdade, não me pareceu feito com todas as regras liturgicas nem com todos os di-karnes canonicos; mas nem por isso o pequeno ficou menos catolico, apostolico, romano... A meio da cerimonia, ainda o Prior estava a braços com o latim, o Francisco pegredou-me, como quem descobre uma maravilha:

— É um foguetezinho, oh sr. alferes?
 Não vinha a cáthar?

— É verdade, um foguete! Oh sr. Francisco, arranque uma dúzia!

Segredou-se para o lado, ao sacristão; seu Larvão, porém — oh atroz! — não havia foguetes! Só um Lavatodos, mo fogueiro de Lavatodos, que era o artista da região que sabia de pirotecnia... Chamou-se um rapazito, deu-se-lhe uma corôa e mandou-se, a correr, comprar o fogo.

— Ora, ora! Uma festa sem foguetes! dizia o Francisco; já vivam uma coisa assim!...

Terminado o acto religioso, exigi que me mostrassem o convento; eu não tinha vindo a Larvão para estar recolhido na Igreja, como qualquer beato remeiro; e dirigindo-me ao sacristão, perguntei-lhe:

— E os tumultosinhos?...

O sacristão, com um riso meio tolo meio esperto na cara escurada, levou-me á capela maior; ali, começou a tirar dum altar da esquerda uns vasos com flores, umas imagens de santos, umas paças ou coisa que o valha.

Eu não percebia aqueles movimentos e voltei a dizer:

— Oh sr. sacristão! Eu queria ver os tumulos de prata das senhoras Infantas, aquelas senhoras que se acolheram a este mosteiro fugidas ao máu iruão, o rei leproso...

Mas o sacristão, insensível á minha larga cultura histórica, tirou de cima do altar mais umas beuziganças, puxou para o pé um banco, paltou para cima do banco, depois para cima do altar e... oh profanação! com suas bruxca puxou uma carteira de peda adamascada ~~em~~ que encobria qualquer receptáculo que se imaginava conter as pagudas parbículas em recatado sacratio.

Mas qual! aos meus olhos atentos appareceu uma urna de prata laurada, mais ou menos elegante, com pedras encastoadas que meubros tempos talvez fossem grecio-pas; não estive com minhas medidas: valendo-me da minha pratica de ginstica arancei um paltó para o altar que estalou ao contacto com as minhas botas com um gemido de resiguada admiração, curvei-

me para dentro e, mais do perto, ajreei a obra. Era, na verdade, uma urna laçada, obra do século XVII, graciosa, pois que tivesse valer para se abrir a boca de admiração; as pedras encastoadas estavam mezes a dizer que foram, meus tempos. mais felizes, pedras preciosas, mas que, por misteriosos efeitos de alquimia, se foram transferuendo seu vidros cêrados...

— E o outro túmulo, sr. paristão?

— O outro está ali, disse ele, apontando para o altar fronteiro, e é igual.

O capitão, porém, puxou-me pela calça:

— Deixe a arte, homem! venha ao terraço admirar a natureza!

Fomos, reluciente, aos terraços, por uma escada escura; tudo abandonado, e cair, tudo caiu o ar de ruínas que pô uma forte reacção da tradição consuegue puster em pé!

Do terraço, a vista é pequena e esca-
nhada: o lugar, ali estava, velho burgo fronteiro ao poderoso convento; para um e outro lado serras sobre serras, mesurando, ao longe, numa linha sinuosa de franhei-

rais; o muro da cerca, coberto de heras, talvez centenarias, seguia a sinuosidade da encosta, em arcos, abripando dentro terrenos que antigamente foram ortas, pomares, jardins bem tratados e que hoje estão cobertos de matagal, de pedras das derrubadas e de silvado bravo; em baixo, mesma parte do convento arruinado, ainda se via o resto dum claustro renascente, muito elegante, com um chafariz em pirâmide, ao centro, mas num abandono mais do que criminoso.

Aísto, subitamente, no ar estalou um foguete. Cheguei á borda do terraço: o Francisco, em baixo, no terreiro, lançava os foguetes, num delirio, de cigarro na mão, radiante, cercado pelo rapazio que dava vivas. O capitão exultava, o Francisco, meio doido, continuava a lançar ~~com~~ continuamente o foguetario; o fumo enchia o terreiro; os rios replicavam com alegria; á nossa frente passavam furiosamente os foguetes, silvando e estalando; o mulheiro do lugar acorreu a ver — e por sobre o luparejo recatado pairava um ar de festa rija.

Os rapazes, correndo a apanhar as canas dos foguetes que caíam gritavam:

— Viva! viva!

E eu, lá de cima, cogitei um pouco na transfiguração das cousas: ali está no que dera um mosteiro opulento e nobre, refugio de Infantas e recato de fidalgas devassas...

Seriam tres horas e meia a cavavana organizou-se para o regresso; o povo afilhou-se na rua para nos ver passar; os padres cumprimentavam reverentes e nós lá fomos transpondo o atalho com a convicção de que iamos, liuredamente, ganhar o direito a um bom jantar...

No chelo estava tudo pronto para a cozeima; numa mesa posta em diagonal na sala da casa do José Ribeiro, havia alinhados, arrumados, irreflexivos nada menos do que trinta talheres! No centro um enorme vaso de flores, descomunal, lançava pontas de trepadeiras para todos os lados; á volta, um mixto de assentos: cadeiras de pau, de palhinha, bancos, umas ou outra tripeça; a um canto, sobre um cavalete, um irreverente fipo de vinho e ao lado, ci-

utilisadamente, uma caixa com garrafas de champagne certamente destinada para as pessoas de respeito... Sobre uma mesita, ao lado, uma caixa com charutos.

A conversação arrimava-se na expectativa dum offiparo jantar; no largueto, ao lado, a filarmónica de Benacova tocava, num coreto, umas cousas desafinadas; no céu já meio escuro estalejavam foguetes. Pela larga margem que deixava sobre o rio em mãos que cansava de ver aquelle cair da tarde, pereceu, sobre o vale eupoligante do Mondego; os rochedos, do outro lado, iam gradualmente escurecendo; os pinhais, quer os das encostas quer os que cercavam as linhas de cumeeiras, iam tambem tomando um tom carregado; só a meio, brilhante, como lamina tombada ali descomunavelmente, o rio paravinha a alegria clara do dia, por entre umas neijas ainda verdejantes.

— A popa! Lá vem a popa!

Este grito fez movimentar toda a gente; de dentro, uma nija moçoila surge com uma escurra terrina nas mãos, pensa a um rual aflitivo da dona da casa; dizem-lhe qualquer cousa e a moçoila

voltou pelo mesmo caminho. E' que do outro lado, da entrada, surgia a tuna de Lorrão, cumprimentadora, cerimoniosa, que vinha cumprimentar e paudar...

Cheguei-me ao Francisco que com a vista da terrina tinha ganho alento:

— Que quererá a tuna?

— O pián é que a popa arreifece, comenteou elle copiando as peissas.

Então voltei a olhar tristemente pela longa varanda o horizonte: lá estavam a desaparecer no escuro os rochedos de S. Miguel de Poiares, por onde ha dois annos tropeei a caminho de Spanil; a perra do Salgueiral por detrás da qual fica Pombeiro; o rochedo agudo de Geis; a perra de Leusan, do Espinho, de Miranda. Mas... a tuna começou a tocar! Era uma valsa terrivel, infundavel, cheia de rebuccias e desmaios...

Só quando, depois dos discursos, dos agradecimentos, dos copos de vinho e dos vinhos, elle saiu contente e a terrina da popa pulou movimentada, triunfante, nos braços da mesma rija meçoila, é que o alivio voltou aos courivas e um courulo especial se apoderou de todos.

Ja, enfim, começar o jantar; todos se pentaram; e enquanto a sopa se comia houve um silencio profundo, grave, como que precursor de grandes cousas... Os dois frieiros occupavam os lugares de honra: a Igreja super omnia! eu fiquei com o capitão e com o Bernardo a uma das extremidades do mesa; o resto, indistintamente, mais preocupado com o que se iria comer do que com a questão de precedencias.

O criado, mais ou menos encasacado, começou a servir proficientemente (era um criado do Causelheiro Alipio, do Penacoua.) um jantar grande, esmerado, colossal, grandioso, monstruoso, pavoroso, faraônico; os pratos pegavam-se ininterruptamente, em grandes travessas bem farrasadas, deixando um cheiro delicioso; um subro criado corria, com uma garrafa que ia escher ao bifo, os copos dos convivas; a conversação amimou-se — e o jantar entrou, definitivamente, no periodo aureo...

No sexto ou sétimo prato, tive de dar parte de fraco; daí por diante só conversei porque não era possível comer mais; mas o criado encasacado, continuava grave-

mente, como quem estava habituado a estas
causas, a trazer e a pensar travessas su-
cessivas com vitela, carne de porco, lombos
de varias ferejas, leitão, galinha, perús, pa-
tos e dizia-me com amabilidade a cada pro-
to que eu recusava:

— Barbão V. Ex. já dá parte do fraco?

E eu que já aguentara até ao pedineo com
gothardis dizia-me sempre em resposta:

— Fraco, fraco... não; é que eu sou
muito doente...

— Bem se vê, bem se vê... Suave co-
me tão pouquinho...

O Barbaro! Sete pratos reculentos, de
causas congestas era pouco!

Mas misto, atrocamente, com um
agudo terrível e um graues fora de propo-
sito, ouviu-se á porta, o solene Hino de Car-
ta, tocado pela filarmónica. O Prior de São
Pedro de Alva foi interrompido, nessa altura,
numas violentas objurgatorias que dirigia á
França por causa da reparação da Igreja do Es-
tado — ao que eu replicava amigavelmente,
com leve ironia, repetindo o leis dos Cardeais:

— Erminecia! a humidade de avan-
ça!...

— Qual avança, meu meio avança!

Nisto o hino interrompeu a oração e a replica ficou para depois.

A filarmônica, segundo a costumeira, cumprimentava os convidados e lançando aos ares as notas do hino nacional, fazia jés a um copo de vinho... Depois, invés de escada acima: perto de trinta rapazes entraram e formaram círculo á volta de mesa; entre eles, o regente, olha para mim, abre os braços e corre:

— Oh Belisário!

— Oh Antonio Barimiro!

Era um antigo condiscipulo do liceu que eu já não via ha muito tempo e que agora é amanuense de administração do collegio; rapaz sempre alegre, estouvado, grande amador de musica, por ali se ficara, na terra, entre a repartição e a filarmônica... Disse-me que estava mais pacato, casara, tinha uma filha e... estava feliz! E eis eu que se resumem as ambições de um rapaz: casou, tem uma filha, é amanuense e é regente duma filarmônica!... Como se póde ser feliz com tão pouca coisa!

A filarmónica, parece, era progressista; o presidente era mesmo um filho do Conselho, o Carlos, bom tipo de laureado e com quem trouxe um lizeiro cumprimento diplomático; e para não perder a ocasião, o Prior de S. Pedro de Ilheus que ainda há pouco zunzira com palavras veementes a política progressista local, a dominadora, a onipotente, a corruptora, levantou-se e dirigindo-se ao Carlos Leitão fez um brinde ao velho Conselhoheiro Filipe, a pessoa de maior consideração e representação de Beira-cova...

O filho, em breves palavras, agradeceu, tanto mais que o brinde partira do chefe franquista do concelho; e a filarmónica, reconhecida, desandou a tocar uma musica territorial, uma miscelanea, em que o bombo, de paleudamente, ia lançando a casa abaixo e ensurdecendo os ouvintes.

O José Ribeiro, tendo com trinta copos que bebera, lançou um viva á musica; o Prior um outro, neutral, ao concelho; o Francisco, com lagrimas no olho, um outro ao Domingos de Freitas; os musicos beberam e comeram e por fim lá saíram contentes e mais compostos de estomago.

Dei um abraço ao Camimiro; e quando julgava que o jantar estivesse no fim... qual! iam ainda servir uns quissotos, um peguêdo aos quais veio um lombo, um peru, um leitão e não sei quê mais!

Contudo, com maior ou menor esforço, lá se chegou ao fim; e quando se julgava que estava, realmente, no fim, e que serviriam um café estomacal, appareceu uma enorme travessa com arrôr doce, o classico, o tradicional arrôr doce, com legumes feitos de casela, irrefrescivelmente lançadas. Depois, meu Deus! seguir-se uma profusão de doces: crêmes, langues de ovos, rôlos, um coussus... um horror, verdadeiramente um horror!

Foi então que os amigos começaram e como o jantar, foram intermináveis. O Prior de S. Pedro de Alva, como chefe politico, aproveitou a occasião de fazer um discurso em louvôr do Conselheiro João Franco; cada qual lançou a retórica que tinha estudado: desde os eucômios ao neofito até aos louvôres reverentes ao chefe de Estado...

Seriam mais de dez horas, começaram os couvinas a levantarem-se; o Francisco,

não suportando tanta comoção, chorava; o José Ribeiro, de boca aberta, lembrado como dono da casa, abraçava o Domingos de Freitas; o Bernardo gesticulava com as raparigas para irem dançar; e o tal criado sucasado, chamando-me de parte, pediu-me respeitosa-mente para fazer um brinde a meu Pai...

O homem, afinal, além de criado do Gouremeiro Alípio, era também distribuidor rural...

Dai a pouco, em baixo, surgiu-se um harmonio; dançava-se já na loja, amplo compartimento térreo que deitava para traz, para um quintal. Raparigas do Chelo, cheias de laços e fitas no peito dançavam ao pé das varas e á luz de duas candeias antigas de azeite.

Vinha o péu quê de curioso aquelle baile á luz mourisca de candeias ancestral.

Desci com o Bernardo; o baile aui-nou-se; os pares rodificavam num crescendo; havia risos, alegrias; de vez em quando uma voz soltava qualquer quadra popular para quebrar a monotonia de mur-múrios; e lá fora o luar brilhava e fazia sin-

tilar, como metal, as águas corruídas do
 Mondego. Virgueu cançãe no bailarico;
 qual o tocador paraus, exigia-se, em grita,
 que recommecasse.

.....

E peria umis hora e mais de manhã, o
char-à-lancs partiu, pela estrada cheia de
 luar, para Coimbra.



Pampilhosa da Serra

Coimbra:

1907: 13 de março.

Resolvi ir aconhã á Pampilhosa da Serra. . . . Para quem se habitua ás comodidades dos palcos de luxo do Companhia do Norte e Leste, esta viagem tem o seu quê de universo-mimil. Mas vou.

Deve ser uma causa sumamente pitoresca, variada e, para mim, inédita.

Basta saber que tenho que empregar todos os meios de locomoção para conseguin chegar a essa desterrada vila, para a qual terei que galgar pedras sobre pedras, aridas, ruias, pedregosas, durante horas e horas; desde o comboio até ás botas, tudo se emprega, louvado Deus! Desde o acouchegado companjamento de 1.^a classe, desde a delirancia cambolante, desde a média mula albardada

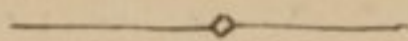
á. perrona com alforjes, até ao andar a pé,
ao gosoico, ao velho, ao primitivo andar a
pé... tudo se emprega nessa travessia avari-
surosa!

Depois de partir de Coimbra ás 5½ da
manhã; depois de usar de todos estes meios
de transporte, conseguirei — se os lobos es-
faucados da terra ou os javalis ferozes do
Tezere me não comereem — chegar á Pamphi-
thosa, velho, velhissimo burgo no fundo de
um vale, sobre grandes pedras descalvadas,
onde o pol brilha eucomodamente, mas só
quando ele tentar desaparecer por detrás dos
rochedos agrestes e, ao mesmo tempo, as
pombeiras comecarem a rotar, assustadora-
mente, pelos vales. Um dia inferno!

Deve ser uma divertida e agradável
parceira. Binoculo e tiracolo, maquina fo-
tografica arrestada, levo tudo quanto neces-
sário para a recreação da vista e para a fixação
das impressões.

Poucos dias serão; mas mesmo as-
sim verei se consigo ver o Tezere, se con-
sigo admirar o Galril; se consigo comer
frutas — se eu fim a aproveitar o tempo e se
admiro todas essas belezas ignoradas deste

folhe país desconhecido. Depois, quando descer das serranias, e passado dois dias para ligeiro descanso, irei a Lisboa — ganhar-me em civilização...



Pamfithosa da Serra

15 de março.

Curiosa, aventureira, interessante, contada de peripécias cómicas e perias, a minha viagem de ontem!

É he quem me acousete a mão ir á Africa — quando eu já estou habilitado a ir a toda a parte do mundo!...

Até 5 horas da manhã, puebido no caulbois algum tanto civilizado da Lourenço, pegui por sobre campos cobertos por uma grande camada de geada, e por vales tomados por uma deusa e fria neblina; ao sair da carruagem no terminus desta primeira parte, puebi um esurme frio e a neblina, mais deusa, trespassava.

Procurei o carro da Pamfithosa no meio da aglomeração de delipencias que ali estacionavam; arrumei a minha mala de mão; e por sobre a admiração que as mi-

umas botas altas de cabedal branco provocá-
vam, eu fui pedir café e pão a uma casa
de pasto próxima.

Nisto, partiu o carro pela estrada fóra;
os campos brancos de geada; o sol ainda está
na escondido por detrás das serras mas já
fazia brilhar, lá á esquerda, a capelinha do
Senhor da Serra de Serride e mais ao lon-
ge a capela do Senhor do Monte Alto do Pe-
nacova; havia frio e supranho ele não in-
cidiu sobre a estrada, aos sip-ragues, que
nós seguíamos, foi um martírio para os
passageiros da pobre caraquejola.

Passado Vilarinho, a subida começou,
ás curvas, e o panorama a tornar-se
mais vasto: o baranulo começou a esprei-
tar por cima de Poianes e lá ao longe, pa-
ra a frente, divisaram-se os altos das ser-
ranias da Beira. O sol, já vencidas as
cumeadas da cordilheira inundava tudo;
eu já ia mais quente e os meus olhos
mais contentes por os panoramas terem
mais vida.

Às 9 1/2 da manhã, depois de duas ho-
ras e meia de balço, paramos na Ponte do
Sotão — onde abruptamente se eleva o so-

berbo pseudo de Góis, movimentação do ro-
lo extranha, imprevisista, inconfundível que
ali, naquele vale apertado de encostas negras,
dá um aspecto de cenário infernal... Pela
primeira vez aqui passei e senti, franca-
mente, um grande peso: parece que, pe-
rante aquela pseudo, se não respira a vou-
tade e que se receia uma avalanche, lá de
cima, a todo o momento, rolando pelo decli-
ve assustador.

Mas, enfim, não houve nada disto; o
carro pegou pela ladeira acima, a luz ia
aumentando, as encostas apareceram verde-
jantes e daí a pouco, na Paróquia de Góis tive-
mos de novo sobre o panorama soberbo de
penhas. Em baixo, entre vendura, á
margem do beira, a vila de Góis, apertada em
um recanto de pedras; mais adiante a capela
branca da Senhora do Monte de Argemil;
á esquerda a de Santa Eufémia da Moita; a
serra do Caravello mostrava os seus pinheiros
fiterescos e por toda a parte para onde se
olhasse as pedras surgiam, numa movi-
mentação orgulhosa, sobrepondo-se, num
cenário magnifico que chegava a encanar a
vista.

A estrada, curvas, em grandes curvas, peguiu, resolutamente, pela serrania brava: para um e outro lado, só as encostas áridas, descalçadas, cobertas de urze; para baixo, á esquerda e á direita, valesios inensos onde se não descontinua a vivalma; só, de longe em longe se divisava, a custo, algum caselre sem cal, com o tecto coberto de colmo ou com grandes lausas negras peguras com pedregulhos. Era uma de solação! É a estrada, lá peguia, pelas lombas fina, como um risco branco traçado, em curvas brandas, no megrume da terra.

O penedo de Gais, inflexível, domina o panorama da direita; para a esquerda, de cabeço em cabeço, de perronia em perronia, chepa-se ao marriço central, todo coberto de neve ainda, para onde lancei o meu civilizado Góertz. É um soberbo de recordar de perrario, na verdade, de uma variedade enorme; por mais que se pu-
la, por mais que se imagine que se chepa é curmada e se vejam reales que contém fundo aquelle amontado de perras, o que é certo é que a vista só alcança, constantemente, novas perras que apparecem e que

constantemente se sobrepõem umas ás outras.

É a estrada pública paueira, paueira! Ha seis leguas que se publica já; as três primeiras, coitadas, lá arrastavam, como podiam, o carro; e eu que não encontrara, porque não havia, onde comesse alguma coisa, ia entreteendo a fome com cigarros. O cocheiro de vez em quando, conversava; tinha sido cocheiro da comarca de Trindade, de Lisboa; tinha, pois, a nostalgia do bulício, do movimento, das desordens, que se pale meo se das jrisões do Governo Civil e queria voltar para lá. É a estrada regular interminável, em inúmeras curvas, sem uma árvore, paueira pelas lombas da terra arida, descalçada, absolutamente deserta.

Nas vezes passavam grupos grandes de carroceiros, com os machos cheios de grãos e com grandes cargas de carvão; e o cocheiro, para animar aquelle soldado, gritava:
— Mula!...

Mas, a terra, ia ficando cada vez mais deserta; o horizonte cada vez mais cheio de serranias; as raras casas que se viam e se confundiam com a terra, mais abaixo,

meu já agora se mostravam; e quando, ao dobrar um colleço, eu imaginava ver terminar aquella aglomeração de montes e ver, finalmente, vales extensos... qual! sempre serras sobre serras, cada vez mais altas, cada vez mais aridas!

A certa altura appareceu outro carro, de cima; os cocheiros pediram para haver transbordo...

Mudei de carro; mais adiante chegámos a um locado plano de estrada e assim andamos cerca de um dois quilómetros: tínhamos finalmente galgado o alto da pedra e passado para a vertente de cá, já em aguas do Lezere; mas em frente o mesmo pccuario de serras, e mesmo aglomeração de serranias!

A lousa, uma casita branca, segundo a opinião do cocheiro, marca o terminus da viagem: era a catraia do Roda, mas balçada — casita isolada ali, naquella altitude, exposta a todos os temporais do sul, ás visitas dos lobos, e á constante e permanente solidão.

Mas, enfim, chegámos; um homem, atencioso, communicou-me que me esperá-

na casa a mula do Sr. Besan; eu paciendi
as pernas entorpecidas e senti, avassalado-
ramente, a fome.

Era uma hora da tarde. Já lá iam no-
ve leguas.

17 de março.

Chegante o hamau, de cara incara-
cterística, vestido de paragona, preparava
convenientemente a mula, eu olhei seu vol-
ta: era um pouco acahar de pernas!

Daria estar a uns 1.300 metros de altu-
ra, voltado a sudoeste, na montanha do Ze-
rene; os vales desciam fundos, curvavam-
se para um e outro lado, fazendo descer
as linhas de cumeadas a pouco e pouco, pro-
gressivamente; lá estava a encosta sul da
serra da Laurã com o risco branco da estre-
da da Bastanheira; e por de cima de tudo
isto, lá ao longe, adivinhava-se a terra chã,
lá para Soure e Bombal, quase na faixa
plana da beira-mar.

Uma beleza!

Em volta, fozes, e completa solidão!
Não uma casa, nem um rancho, nem

um fumozinho que indicasse o mais modesto e obscuro carroeiro! Só ali, aquella casa, barraca, toca — ou o que lhe queiram chamar — servia de feira aos viajantes quando a neve cobria a terra e os temporais não deixavam aucturar ninguém pelos caminhos.

Tudo, nos altos, descalvado; só para o fundo, nas encostas declivosas, ao passo que se iam aproximando das ribeiras, apareciam uns pequenos olivais e uns pinheiros rasgados.

Montei auba na mula, média, bem tratada, aparelhada e ferrada; o homem do meu a mula ás costas e peguei a diante pela estrada feia; dois quilómetros além, largos a estrada e meados, é direita, por um atalho que começava a descer por uma lomba onde havia estrada, a do Silva, mostrava o seu telhado de laje de mistura com o colmo. De quando a quando, passava um ou outro homem com machos carregados e cheios de queros.

— Veem da feira de Pamphitosa, infernava-me o meu guia.

E como o caminho era declivoso, e descia

a um precipício eu apreei-me cautelosa-
mente e comecei a descer a pé, com a mu-
la á redea. Desceamos, desceamos, aos zip-
ques, por um caminho estreito, pedregoso, e
dum enorme declive; á esquerda, um enor-
me precipício onde rugia uma torrente; e
quando chegámos ao fundo e o houverem des-
cansar um pouco a mala sobre o muro duma
toca de pedra, eu olhei o relógio: já an-
dávamos há hora e meia, isto é: meia hora
de estrada e uma hora de descida!

Olhei em volta para ver onde estava:
mas á volta nada se via porque estava, ver-
dadeiramente num poço. A torrente de
água rugia em baixo, precipitando-se por
sob o arco da ponte toca; e abruptamente
as encostas elevavam-se, a grande altura,
cheias de matagal cerrado e de medronheiros
teravios. Parece que faltava o ar; a tristeza
do pitio ofuscava; e quando começávamos
a marchar, seguimos por um stalho aberto na
pedra rachada da encosta onde, daí a pouco,
a vista se perturbava olhando para o fundo.

A mula, carfuleta como era, toma-
va o caminho todo; se alguém viesse de cima
tinha de se encostar para eu passar; e lá me

fundo, de pedra em pedra, de rochedo em rochedo, a torrente rugia, levantando espuma.

Por fim, comecei outra vez a avistar serras; transporemos um pequeno planalto e de novo voltámos a descer, a descer por um medonho caminho através dum pinhal, já escuro, voltado ao nascente, pelo qual novamente me apressei, e desci a pé, com a mula á redea.

Por entre os pinheiros divisei, no fundo, uma outra torrente de água e umas casitas amontoadas num serra: era a aldeia do Barualho, um amontoadado de casas toscas, cujas paredes, na sua maioria, são pedras sobre pedras, e os telhados sustentados com telha peguera com grandes pedregulhos, por causa do vento!

Desci, outra vez, muito; em baixo, a ribeira era mais larga e o vale mais alegre que o anterior; e quando parámos na ponte, para o homem descansar a mula, olhei o relógio: 3 horas e um quarto. Isto é: de ribeira a ribeira, subindo um caminho e descendo outro, gastámos quase duas horas e só então, depois que larguei a es-

trada, couseguei ver uma povoação! Sua-
re 3 horas de atalho, através da solidão.

Meltemos, depois de um ligeiro descanso,
pelo caminho acima: uma ladeira íngreme,
quase igual á anterior, desce pela encos-
ta; começaram, eubá, a aparecer mais gru-
pos de penhas que vinham, da vila, do mer-
cado municipal; eram mulheres, a pé, com
enormes carregos á cabeça e homens, a ca-
valo, em machos, muito comodamente,
que me faziam saltar á memória a fábula
do velho, do rapaz e do burro...

Mas o certo é que eu não dava com a
Pamphliosa; chegaram as 4 horas e eu, doi-
do com fome, com um enorme péso, pen-
sando o sol quente nas costas, não via fim
aquelle interminavel caminho! Transpose-
mos uma extensa lomba de pedra; desce-
mos a outro vale, subimos de novo a ou-
tra lomba; as encostas, no fundo dos
vales, apareciam agora com alguns casta-
nheiros, uns olivêdos e uns locaditos cul-
tivados; até que, na extremidade dessa
segunda lomba, quando eu reparava em q.
apareciam, finalmente, pinais de vida, o ho-
mem, apontando-me para a frente, disse:

— Ora ali está o vilto, meu peuhor!

Olhei na direcção indicada e fiquei admirado: no fundo de uns vales, apertados sobre escuras penhas, viam-se umas casitas negras, amontoadas, entre umas oliveiras e uns castanheiros de grande côrma. Eu não queria ofender o patriotismo do meu político guia, mas não pude deixar de dizer:

— Então é ali que está uma cabeca de coucelho?

O homem, afavel, murmurou:

— É sim, meu peuhor...

Continuámos a descer; atravessamos um pinhal pouco denso; adiante, numa volta do atalho, vi um vilto a dizer adeus, com largos gestos: era o António Francisco, administrador do coucelho, bacharel em direito e chefe franquista que me vinha esperar e que já estava inquieto pela minha demora.

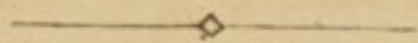
— Não havia maneira de chegar!

Desculpei-me, amavelmente, com a distancia a que eles têmham a terra; fui apresentado ao bozar, ao dono da mula q. era o chefe da estação do correio e telegrapho;

e depois dos abraços do estylo, desceamos todos
 tres, com a mula e redea, a vereda tortuosa
 que vem dar á ribeira de Unhais — por a
 tarde parecia, com o sol a esbizar as pombeas
 pelos vales, um rocêço magnifico que me
 fez esquecer a fome . . .

Passava ainda gente do mercado; e
 quise ir dar por isso, conversando, che-
 gámos á Pampithosa. Eram 5 horas da tar-
 de; escurecia; lá nos altos, os cabeços ain-
 da conservavam um ligeiro dourado do
 sol presente; é volta, encostas escuras co-
 bertas de musgo; a ribeira peltava de pedra
 em pedra, por entre uns charcos; a care-
 ria, amontada, mal se distinguia, com
 o negro das paredes; tive uma impressão
 de agrado . . .

Ha doze horas que o comboio largára
 de Coimbra e que eu não comia. Mas, não
 sei porquê, senti-me bem ao chegar a es-
 te fim do mundo.



18 de março.

Estava, pois, no decantada e desterrada
 Pampithosa, com fome, cheio de pó de serras

atmos que a esbigeu pulverizou — mas
ao mesmo tempo cheio, também, de uma
sensação de agrado e quase de bem estar.

É que todo o percurso do caminho me
agradava e o percurso da chegada me deu
também uma agradável impressão, por mais
paradoxal que isto pareça.

Entrámos por uma ruazita e tivemos
logo de nos refugiar numa porta para dar
passagem a um carro de bois; adiante,
há um largoito, com umas oliveiras e
de ainda se viam restos do mercado mu-
nal; e um quase modo adiante, o admi-
nistrador, apontando-me para uma casa
seu cal, de janelas baixas, com uma tar-
ga varanda coberta que deixava para o rio,
di-se-me com um ar de príncipe que
mostrava o seu castelo:

— Aqui temos o nosso palácio!

Subimos pelo escado molde que leva
à varanda; e eu, apesar de fome, não
deixei de me chegar à balaustrada para
ter logo a sensação do que era a terra.

Na verdade, em frente, com uma luz
suave, numa magnífica tranquillidade,
estava a vila toda, povoação que o rei Dom

Dimiz fundára naquelles reconceavos das montanhas; em baixo, sobre a ribeira e pelo declive da serra fronteira, subia uma aglomeração de casas, quase todas semical, num ajuntamento ~~de~~ de acasos; a ribeira, num leito pedregoso, com ligeiros flocos de espuma, corria bulliciosamente, cantolando qualquer canção das águas; e para a direita e para a esquerda, para a frente e para trás, serras, serras e mais serras, cobertas de musgo escuro, de tapos cabeços arredondados!

Leis o Paupfithosa de Serra, pobre vilita perdida no amesbado de serranias, separada do mundo civilizado por vinte e quatro horas de distancia, onde o ruído do mundo chega sempre atrasado como um eco perdido pelos vales das montanhas!

Leis a Paupfithosa!

A noite, perensamente, caía; a água da ribeira, em baixo, remorejava; na fonte de alienaris, os homens passavam, recolhendo do trabalho, com o característico capote de paragoça ás costas; do musgo das encostas, vinha um canto arreastado de qualquer pastor que recolhesse o rebanho ao

redil ou ao curral; e por toda a terra vi-
via para mim qualquer coisa impressionante
monte daquela natureza agreste a ponto de
eu dizer:

— Isto é bom, oh Antonio Francisco!

No lado, discreto, o chefe da estação
telegrafo-postal parvia:

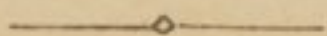
— Hum!... acostumado a Lisboa...

O que é certo é que tudo aquilo tinha
um ar tão grave, tão triste, mas tão
grande — que deveras me impressionou
e me ia fazendo esquecer a fome... Por
entre as oliveiras, o fumo dos casebres, su-
tia provavelmente: era a coia dos parranos
que se fazia; pelas encostas caía a noite
suavemente; as estrelas apareciam aqui
e ali no céu limpo: eram horas de ir co-
mer...

Fomos para a mesa: caldo verde su-
culento; carne de porco; presunto; fritada
de ovos com chouriço — tudo ottimo, ex-
celente, cheirando maravilhosamente...
Conversou-se; eu contei histórias e histó-
rietas da capital; atentei o chefe da estação
com os bailes de mascaras pelo ouvido e
estimulei o Antonio Francisco com os bailes

eu que se não leva mascara; e por fim, quando a noite era já escura e não se viam as estrelas, e na terra só se ouvia o sussurro da ribeira, nós saímos, demos um ligeiro passeio e fomos para casa do Priar jogar o loto!

Perdi dois tostões. Os 10 $\frac{1}{2}$, comodamente deitado, num quartito onde havia, no tecto, umas dependuradas a pecar, eu adormeci regaladamente e dormi, com gosto, até á manhã seguinte.



20 de março.

Ontem, mais uma vez, me convenci de que a nossa selvageria nos leva ao estrangeiro para vermos cousas belas, quando as temos cá, ignoradas é certo, mas superiores. O passeio que ontem dei e de que só hoje voltei ás 4 $\frac{1}{2}$ da tarde foi verdadeiramente uma cousa soberba: um conjunto de cousas fez com que a excursão fosse uma maravilha!

Partimos, poriam 6 horas da manhã; o grupo excursionista compunha-se do administrador, do escrivão de fazenda Costa-

ribeira Sobro; o amanuense do museu cha-
 mado Prego; o Gesar dos correios e telegrafos;
 um ricão do termo, Ambrosio Maria Vicente,
 subido parento farmacêutico da armada; e o
 Albarinho da loja, o grande Albarinho chara-
 dista. Vamos a pé, á excepção do amanu-
 ense da fazenda que ia num burro e do Alba-
 rinho que ia num macho.

Uma manhã esplendida; lusco-fusco
 admiravel; umas nuvens com uns
 raios avermelhados era a unica coisa que ha-
 via no céu; ó volta, os montes, ainda com
 fraca luz, mostravam-se uniformes; e a
 caravana lá foi, meargem da ribeira fãra, pa-
 ra montante, pelo caminho talhado na rocha
 abrupta, até á subida pedregosa que trepava
 á parra.

Olhei o relógio; quando chegamos ao al-
 to, depois do subir, subir, subir, quer pas-
 sando por cima de penedos, quer através de
 pinheirais, vendo sempre umas sucessões in-
 findavel de pedras, encadeadas com regulari-
 dade, como grandes dentes adormecidos, quan-
 do chegámos ao alto, dizia eu, olhei o relógio:
 passára uma hora na subida. Uma hora de
 escalada valente, decidida.

At' frente iam os dois, a cavallo; atrás, os outros, conversando, contando anedotas, rindo com as paradas do Vicente que tinha muita graça e um arsenal de ditos apanhados a correr mundo. Assim, numa excelente disposição de espirito; metemos pela lousa da Serra fôra; á esquerda, um valeiro fundo onde se via a aldeia perdida de Pescansecos e mais adiante outra aldeia, não menos perdida, chamada Praçais; em frente, soberbamente, levantava-se a Serra mais alta do distrito, a Serra da Gelôla e á direita, o pccuario das serras precedia-se para os lados do Fundão e Castelo-Branco.

Eu não sei bem descrever as impressões recebidas durante essa outra lição de caminho pela lousa larga da Serra; só sei que vi serras, serras, mais serras, sempre serras, enormes, altas, descalvadas, umas com neve nos picaros, outras com sulcos fundos de valeiros onde a agua devia correr impetuosa para as folhas ribeiras cá de baixo. Só visto; não sei mesmo se alguém, por mais rigor de prosa que possua, pôde descrever a maravilha que aquilo é — a que a luz da manhã dava um tom superior, estabele-

cendo contrastes, destacando planos, aveludando a aspereza de tanto metalgal, grombeando chispas de alegria na neve eterna dos altos. Só visto.

Arrim, seguindo lombas colantes, reparando avidamente em tudo, cheguei a um ponto em que o escrivão de fazenda me disse apontando com o varapau para a frente:

— Ali tem o meu alferes o Gabriel...

É o chefe dos correios, para não ficar inferior em inferências:

— É ali os rochedos do Vidual!...

Parei, então, a olhar, encostado ao varapau, para fixar tudo, para ver no netinho toda aquelle scenaria de prodigio; mas a verdade é que não sei descrever o que então vi na minha frente.

Só disse, para aqui deixar qualquer coisa que para o futuro me recorde este dia individual, que, adiante, cruzada com a Serra em que estávamos, corria uma outra, pedregosa, em cujas encostas afloravam pedregos enormes e em cuja crista uma série de rochas descaídas, seguia ininterruptamente, de extremo a extremo, amonilhadas, pelo mexo, como esqueleto dum dor-

no bojudo e que as águas de peuclos tiráram a carne e deixaram o descoberto a estrutura disforme. A' direita, entre duas oliveiras, estava uma aldeola, com uma capelinha branca onde, naquele momento, tocavam alegremente á missa em ladainhas que vinham pelas quebradas com infinito pitoresco: era o Gabriel. Mais á direita, a terra inabarcável - se num rasgão fundo, aberto nos rochedos, rasgão, abertura, garganta, desfiladeiro - ou o que lhe queiram chamar - que desaparecia a uma enorme profundidade, esvaziada, regular, como que talhada pelo Hércules da fábula em dia de bom humor e em occasião de noção de pimebria... E a terra seguiu para o sul, com a crista erigida dos enormes pedregulhos descarnados que já vinham do norte e lá se perdia adiante, por entre o aglomerado infundavel de pedras.

Erão estes rochedos que, junto da garganta, tomavam proporções colossais, os chamados rochedos do Vidual.

Que soberba curva!

Do local onde parei até lá, ainda ia, pequena, uma boa legua; e pelo caminho ia vendo, seguindo as veredas, quase caminhos de

cabras, a gente dos casais e das aldeolas da freguesia, em longas filas, uns atrás dos outros, a caminho da missa.

O sol já dava nos valesiros fundos e a vista só alcançava um pceário enorme de serras sobre serras dominadas pelo maciço central da Estrela a brithar, a brithar, coberto de neve.

Começámos, então, a descer um pouco e daí a nada estávamos no Cabril. Um pequeno agrupamento de casas com telhados de ardósia negra com pedregulhos; ruas com muito para curvir; nenhuma casa com cal além de igrejinha pitoresca; umas oliveiras a rasparem ~~ruas~~ por entre os casebres negros: eis aqui a inumerável aldeia do Cabril, péde de freguesia!

Erão 8 horas e um quarto: todos disseram que andámos muito bem porque o caminho teria cerca de 3 leguas bem feitas. Era ali, naquela aldeola pendurada na encosta, que iríamos almoçar; e numa das casas, toda fechada a papel por dentro, com tecto de madeira aparelhada onde se cruzavam fiadas de ruações, estava uma mesa posta com pratos de Sacauem, com vinho e

com brão, numa simplicidade rústica que ajuda a abrir o apetite... Juntou-se-nos então o Padre Gaspar, um belo moço de Pescansêco que tem ardeus de diácono e está á espera, naquelas serranias moutais, que lhe chegue a idade para tomar ardeus sacras; appareceu, tambem, o professor do lyceu, um rapaz novo, de grandes botas perranas pelas quais ganhou a alcunha de botifarras; e supuzto não vinha o aluogo, eu com uma guitarra, o padre Gaspar com um bandolim e o escripturario de fozenda com o violão — dedithámos ternamente um fado, doente, cheredinho, sentimentalissimo, que devia escandalisar aquella forte e máscula natureza que nos rodeava mas que fez juntar, com respeito e atenção, quasi todos os pobyagens do lyceu...

E quando o aluogo veio, de bacalhau e atum (atenta a prohibiçao quaresmal que nestas serras se cumpre com devota impostura) nós fizemos-lhe as honras, belamente, por entre conversas alegres e troca curiosa de impressões pessoais. Depois, fui ver a igreja cujo tecto, cheio de pinturas herendadas e a delicia das gentes da terra; pinturas treucadas de todas as victorias de santos sobre os demo

nios, desde o classico S. Miguel até ao mais moderno S. Frei Gil ou outro qualquer parecido... Um polve distribuidor rural disse-me respeitosaemente:

— Oh meu alferes! olhe aquelle desuo-
nio, ali... aquillo é que tem mesmo uma
cara de respeito!...

É o Vicente, com a irreverencia pro-
pria de quem tem corrido muito mundo, ao
olhar para Vós honradas carantonhas, disse-
me, a rir:

— Be sempre aqui ha cada marisla!
Mas eram horas de pegar.

Pela encosta fôra, por um caminho de
carros de bois, lá fomos para os penedos do
Vidual. No fundo, muito no fundo, corria
a ribeira do Unhais, pedregosa, saltitante, por
entre blocos alegres de espuma; e ao dobrar
o monte, adonte um bom bocado, o escri-
vão de pseudo, polido e inteligente ciceroni,
susteve-me levemente, apontou o varapau,
e disse-me com evocação:

— Veja e admire, meu alferes...

Eu parei, encostei-me ao cajado, le-
vantei ao de leve a alca do chapau, olhei pa-
ra aude o Castonheira Lobo que apontou, e fi-

quei, sem exagero, surpresendido. Aquilo que ali via era a fortuna de qualquer recanto Suíço ou qualquer região italiana e ~~era~~ teria as heuras de grandes castores anunciati- vos; mas escondida entre estas rochas, aque- la beleza natural, nem mesmo era apreciada pelos nativos do coucelho, selvagens quase, ignorantes na sua maioria, contrarios todos a que as estradas rasgasse as aquellas agueras.

Soberba, maravilhosa cova!

Olhem os rochedos do Vidual que eu tinha já visto a mais distancia e agora ali tinha, jun- to, solhos, murres, num conjunto sem igual, numo maravilha paesografica que ex- cedia toda a expectativa. Não sei tambem es- crever o que senti nem o que vi.

Fiquei-me, quase esquecido a olhar pa- ra aquella terra em anfiteatro, elevada qua- se abruptamente, coroada de rochedos num amontoamento apocalitico; fiquei-me qua- se alheado, a olhar para aquella gargante por onde passava a ribeira em cantões, me- donho porvedeiro pintado e amarelo de eu- xofre que escorria das fendas da rocha; ~~era~~ fiquei-me a olhar, embasado, para aque- le pequeno vale, em baixo, com umas cari-

tas entre verdura (a que a prosopía popular chamou o Vale-Grande!), com umas propriedades alegres, ricas, por meio das quais vinha ~~como~~ perfumando a água da ribeira, depois de cair, de pedra em pedra, do desfiladeiro. Fiquei-me a olhar para tudo, a ver se fixava tudo, para deixar no papel as impressões; mas, não, não sou capaz de transmitir ao papel aquilo que vi e que senti, naquella empolgante península de montanhas, a que o contraste daquella garganta infernal, verdadeiro modelo para Gustavo Doré, dava um impressivo sabor de maravilha.

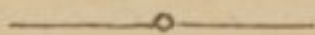
Despedi-me dali, daquelle encantamento, para não obrijar a caravana a uma paragem demorada.

— Vamos lá ao Vidual!

Tínhamos que seguir a curva da pedra e transpormos o desfiladeiro em certa altura dos rochedos; com o andar, cada vez os pedregulhos da crista frangeira aumentavam sucessivamente de tamanho e mudavam de cor para mais negros; o amontado tornava-se mais disforme e os risos amarelos do enxofre faziam-se mais largos, mais fumelares mais aparentes.

Do aproximar-me da garganta, a impressão de beleza ia-se transferindo em uma ligeira ofressão; em volta, tudo perevo, tranquilo, deserto; do outro lado do rio, na outra encosta fronteira, um pastarito tocava flauta de cana, dolentemente; e o sol a juumo dava já um tom plumbeo aquelas serranias cobertas de matagal escuro.

A caravana, tomada daquela grandeza, e porventura pesada do alvoco forte, ia calada, pelo atalho estreito, em linha, ruminando consigo as impressões do momento:...



22 de março.

Quase ao chegar á garganta, quando já nos faltariam uns 300 metros para entrarmos na varagem, o escrivão do fazendeo lembrou-se alegremente:

— E se formos ali acima, aos rochedos, ver a gruta?

Olhei para cima, para o amontoado de rochas, infelizmente sobrepostas, para ali, ao Deus dará, na crista do rio abrupta; olhei para o escrivão do fazendeo, para ver se o convite era a sério:

— Per aqui acima?

De facto, em frente, havia um amontoamento de rochedos até grande altura, acompanhando quase o declive da pedra; lá no alto a crista aguda, numa infernal aglomeração — de modo que, a subros que não nós, a subida parecia impossível. Escolheram-se os fortes, os que não se fesssem de coração nem tivessem dificuldades de pulções; os outros foram mandados para o Vidual como incapazes, pelo atalho plano; e no meio de alarido de entusiasmo começámos, não a subir, mas a trepar, de rochedo em rochedo, com pés e mãos, numa escalada autêntica, escurregando, desaparecendo sobre uns pedregalhos, subindo ao alto de subros com impoñencia, dando gritos alegres, dizendo um subro memorilato de admiração.

Cada vez, o panorama era mais extenso e cada vez, na nossa frente os rochedos se aglomeravam com maior barafunda; o Vicente, que tinha sempre a partes para tudo dizia, apontando para um tremendo pedregulho que se elevava sobre uns subros com os seus 3 membros de altura:

— Sua bela pedra para um alfinete de gravata!

E assim, entre ditos e escorregões, levámos um ou mais metros na escada, guiados por um pastorinho bexigoso que nos advertia a todo o momento do pédo do corrinho. A certa altura, o pastor, levantando o braço, dum reconceito ou de se metero, brodeu:

— Estamos na gruta!

Olhei para o local donde viera a chamada: havia, de facto, uma pequena abertura, que não teria um metro de altura: era a gruta misteriosa, a gruta das moiras encontradas, onde havia riquezas sem fim e se ouviam cantos maravilhosos. Bebeu-se um copo de vinho do Porto dum garrafa que alguém providencialmente levára; fez-se um pequeno descanso considerando aquelle buraco nas rochas, entrada para o misterio; olhou-se para baixo, por entre as pedras, para as perrenias bravas que se perdiam por esse Portugal fóra — ao mesmo tempo que uns pastores iam juntando muito pouco para dar luz ao subterraneo.

Com este descanso e umas ligeiras considerações philosophicas acerca da entrada no

reio da terra-mater, reunimos nos furtos para descermos ao poço pelo fundo das moirras encantadas e ouvir-lhes o canto suavíssimo. Os pastores acenderam o mateo seco que juntaram pelos recantos das rochas e entraram; eu e o escrivo de fazenda, resolutamente, acocoramos-nos, recolhemos o pescoco e entramos também quase de gatas pela passagem, felizmente curta; cessa de um metro, pouco mais ou menos, o tecto daquelle tunnel natural elevava-se e podémos nos levantar — e aí seguimos nós por uma galeria estreita, de declive rápido até uma especie de sala, mais ou menos circular, de abobada alta, com aspecto de certas capelas pentanejas.

Aqui, os pastores lançaram ao chão o mateo que ardia, como archotes, e começaram a dançar uma dança confusa, sem grande mexo, mas que, naquelle ritmo e com aquella luz que projectava sombras fantásticas, tinha qualquer cessa dum ritual de bruxaria...

A' direita seguia outra galeria que levava a um poço onde, segundo a lenda, estava uma enorme quantidade de barras de

airo escondidas pelos moiros; perguntando-me se já houve um dia uma tentativa de esgotamento do poço pelos povos dos arredores, mas depois de um dia de cansativo trabalho de dezenas de homens, a água de quele poço de maravilha estava ao mesmo nível, sempre á mesma altura!

À esquerda, havia uma escadaria estreita em que se notava mais o artifício do homem do que o acaso da natureza; a escadaria descia, descia, metia-se pela terra dentro, não se sabia para onde!

Com estas coisas todas que provavam aquelle esconderijo misterioso, explicavam-se os medos dos pastores e aquelas danças rituais para afastar os demónios; e o q. é certo é que, como o fogo levantado com as danças, como as chamas do fogo a arder já um tanto murchas, como as sombras projectadas na abobada e nas paredes cada vez mais fantásticas — eu deixei-me ir, também, pelo estranho de tudo aquilo; sem querer, comecei a sentir um tiqueco de frio e vagamente atentei-me com a ideia de que o fogo se apagava e ficávamos, ali, ás escuras, a caminho do centro da terra,

quase nas garras dos demônios . . . Olhei para o escrivan de fazenda : com a luz nas fendas que estava , pareceu-me ver-lhe um ar de aterrado . . .

Olhei em volta , mas não dei com a saída ; a dança , felizmente , acabára ; um dos pastores indicou-me o caminho ; subi rapidamente a galaria , acócerai-me , transpuz a boca da entrada e eis-me de novo ao ar livre , á luz do sol , entre o amesbamento de rochedo , ao pé dos companheiros . . .

Estes , perguntaram-me que tal achára a caverna ; eu , bebendo uns goles de vinho do Porto , respondi :

— Aquilo . . . deve ser o Inferno pouco mais ou menos . . .

Mas era a hora de continuar .

Tínhamos que transpôr a crista da pedra para descer ao Vidual ; e aí começamos de novo a subir , a subir , trepando , trepando , de rochedo em rochedo , de equilibrio em equilibrio — até que conseguimos atingir o rochedo mais alto .

Solentis , magnificis censis !

O escrivan de fazenda disse-me que devíamos estar a cerca de 1000 e tal metros de

altitude; para a frente, a Estrela, branca
 com a neve; sobre a direita, com o binocu-
 lo, avistei a cidade de Castelo-Branco e pa-
 ra diante a terra chã (como se chamam ao
 alto Alentejo); apontaram-me a direcção de
 Castelo de Vide, mas a pouca visibilidade da at-
 mosfera não deixou ver; mais para a direi-
 ta, a sucessão interminável de serras, qua-
 se uniformes, descendo para o vale do Tejo;
 lá no fundo, o vale, apertado, escuro, onde a
 ribeira de Unhais corria venturada; na escos-
 ta em frente, relinchos pastando numa tran-
 quilidade paradisíaca.

Magnifica, soberba causa!

Mais dum quarto de hora ali estivemos
 a olhar; eu perguntei constantemente infor-
 mações, orientei-me bem, olhei para tudo,
 veli as impressões de momento com ansia
 — e foi confortado, por completo, com aquelle
 scenario que eu considerei em deixar o trono
 esplendido de pedregulhos para descer ao va-
 le... Descer?

Imagina lá alguém o que foi aquelle des-
 cida! Em cada cinco metros de diferença de
 nível, olhávamos para trás e ficávamos de
 boca aberta:

— Como descemos nós por aqui?

É que, na realidade, nos parecia impossível ter-se descido por ali, por aquela cascata de pedregulhos sobrepostos, sem tãem nem pom; e no subitanto a caravana lá desceu alegremente e chegou cá abaixo sã e salva. Lá de baixo olhámos de novo para cima: eternou-nos a ideia de que tivéssemos ali descido, mas o certo é que ali estávamos sem novidade.

O resto da descida, pela encosta pedregosa, nada foi comparado com a primeira parte; e debruço em pouco estávamos no vilhual de Baixo — pobre aldeola, acamada no pendão da encosta, encolhida á sombra dos rochedos do norte de Vermel garganta.

Curiosa aldeola aquella, naquella fim de mundo, ali escondida sob telhados de laja, sob a ameaça daquelles gigantes de pedra! Como ali se vive! A solidão daquelle recanto de penhas, o silencio que envolve aquellas vidas!

E depois, a ameaça do despeñadeiro formidavel, pesando eternamente sobre as pobres casitas aglomeradas umas sobre as outras sem instincto de defesa; o abismo

do outro lado onde corre turbada a ribeira de Unhais, de pedregulho em pedregulho; a nudez daquelas encostas onde pastam rebanhos péssimos — tudo isto, quase me ofendeu e me impressionou grandemente.

O Sr. Laureuço, a pessoa grada do lugar, estava á espera, de braços abertos, em atitudes classicas; levou-nos a casa para descansar, e tomarmos um refresco — e logo as filhas como na Idade-média subiram com bandejas com copos de agua pura e fresquissima, com vinho, bolos e assucar e rodellas de limão.

Era um oasis aquella casa modesta, a unica que ~~nos~~ tinha telha e cal; por deubos o acciaio dáve na vista; a afabilidade sincera dos donos commoio; lembrei-me no paraiso e esqueci o inferno da gruta e o purgatorio das pedreiras...

Mas tinha que ser: a excursão ainda não realisára todos os objectivos; era necessario ir lá baixo, ao Vale Grande, ao fundo da garganta, ver de perto aquella passagem aberta pelos reculos através da perrania.

Lá fomos. Descemos por um atalho, es-
traito, declivoso, cheio de precipicios; mas lá

no fundo, entalados entre aquellas duas
aprumadas paredes, sob uma impressão de
grandeza, que novas sinfresas tivemos!

Os rochedos elevavam-se a toda a altura,
ofuscando o polvore mental que ali se aventu-
rara; a agua descia de queda em queda, liman-
do a rocha, alimentando musgo; pelos inver-
naes, flocos pituescos rebentavam, alegrando
a escuridão das pedras; medronheiros cres-
ciam no declive do penho; restos de lavas de
enxofre, amarello-esverdeado, desciam quase
abaixo; havia um enorme silencio em tu-
do: simplesmente o marulhar leve da
agua fresca se ouvia, de pedra em pedra, pe-
la garganta deusna. Uma vez por outra, lá
do alto, a viração trazia uns restos dum toque
de flauta pastérel.

Seu admiravel retiro para a meditação,
para o isolamento indelipeite, a pós com a
natureza pura!

Descançámos um pouco; em pouco fa-
lei porque o sitio me impressionava; e daí
a pouco, como tínhamos que transpôr a gar-
ganta para jurante, para o Vale-Grande, lá
voltámos a subir a encosta abrupta porque
pelo leito da ribeira era impossível.

Atravessámos o desfiladeiro por um
 atalho a uns 60 metros de altura, cavado na
 rocha a furo; descermos por um outro
 atalho declivoso para a varzeasita alegre onde
 uns meninos cantavam o pau rom-rom ha-
 bitual; passamos por uns lameiros verde-
 jantes, fecundos, onde umas cabras saltavam;
 e aí voltámos para a subida fozente do gar-
 ganta brutal, negro, formidavel, de onde a
 agua caía alegremente de queda em queda po-
 bre a terra chã; depois de uns dezentos metros
 de torturado saltitar. Do novo, na minha
 frente, se erguia a descomunal abertura, ofri-
 mindo, comprazendo, tirando alegria áquele
 vale cheio de seiva e de frescura, passando po-
 bre o pccuario alegre daquelle baixa onde ha
 charcos e palqueiros, onde as vinhas rebun-
 tavam nas fameiras tosecas e a agua corria
 por entre as curvas largas, por entre o junco
 fino e marochês floridos.

Mas... eram horas do jantar. Sobre
 as rochas, á laiz de pic-nic, havia toathas
 brancas; sobre as toathas appareceram gali-
 nhas coridas, carne de porco, presunto, cabri-
 to, tudo numa amalgama pouco respeitadô-
 ra de época quaresmal — mas saboroso, ex-

celebradamente pavoroso que naquele sitio ame-
no parece magnificamente como jantar de
príncipes!

É a garganta, a jumento, pobre nós, fazis-
me olhar para cima de vez em quando, com
a impressão de que tudo aquilo desabava e
nos soterrava para sempre... Junto á mesa
improvisada do jantar, o rochedo mais baixo,
a jumento pobre nós, teria cerca de 100 me-
tros; os outros iam por aí acima, até lá ao
alto, onde o sol ainda batia com brilho e de
onde a brisa nos trazia, uma vez por outra,
o canto triste duma flauta de pastorinho.

Caía a tarde; eram horas de se ir ao
atálho e seguir por aquellas ladeiras para pa-
ra a Pau-fritosa; e, confesso, apesar de o que
são daquelles terríveis penedos, eu queria que
me ia custar a arrancar dali: voltaria algu-
mas vezes mais áquelle sitio? Tornaria a ver
aquella garganta dantesca, escurecendo enxofre
infernal, torturando a corrente inocente de
ribeira, fazendo arrolhar o vento lá nos al-
tos?

Sim, pareceu, de largar dali e seguir
para a vila; era uma avanteada curiosa por
aqueles 16 quilómetros de atálhos de serras,

depois de tanta impressão inédita e forte.

— São Peters, Antunes Francisco?

Mas o sr. Lourenço do Vidual embargou a partida; que não, a ida para a Paupritose era penosa para mim e para o administrador segundo a sua opinião; nós vínhamos que ficar em sua casa naquela noite e seguir na manhã seguinte, pela fresca... O sr. Lourenço, com a innocencia maior deste mundo, desenvolveu uma serie consideravel de argumentos a que eu, ceremoniosamente, pe-
nha um pouco simulacro de objecções. De facto peduris-me a ideia daquella tarde e noite passada patriarcalmente em casa do sr. Lourenço; resisti a fugir — e despedindo-me do resto da caravana que tinha, pelas suas ~~as~~ occupações, de recolher, eu subi o atalho ingreme da encosta, abrangendo uma noite tranquilla, vendo as cumeadas das serras deouradas ainda pelo sol, e a escuridão a invadir, soberbamente, o fundo infernal da garganta.

Estava uma tarde serena, absolutamente serena; os fumos das chaminés dos raros caseiros subiam em columna, perpendicularmente, para o céu; na encosta, um

pastorinho, a frente do rebanho que recolhia, tocava uma flauta de cana; e assim, naquela tranquillidade, respirando fundo o ar puro daquelas serranias, eu entrei na modesta mas fidalga casa do sr. Laurence, a cuja varanda as filhas ~~estavam~~ cantavam uma canção qualquer que se ia perder naquelas quebradas desertas.

Quererem coisa mais patriarcal?

Fomos todos para a varanda de onde se viam as encostas do mascate, poluanças e ribeira; eu, o administrador e o Albano, e a família de casa, sem outros nenhum, numa encantadora simplicidade, confraternizamos logo alegremente, numa alegre e viva conversação — eu que eu atreui aquelles serranos innocentes com as maravilhas do Lisboa, os theatros, os bailes de mascaradas, as velocidades do ped-express, as magnificencias dos transeptonicos, os confortaveis automoveis do luxo...

Pobre gente innocente que de grande e de movimentado só tinha... visto a feira da Senhora de Montalto de Arganil!...

Lancaria eu, sem querer, naquelas almas simples, o pevenite dominho de auli-

ção, do desejo de ver, de aspirações meusas licitas?

Durante a ceia pensei muito com Kristina. Quem me mandou a mim, creatura das cidades, desveendar o real á innocencia, levantar o véni que encobre o vicio áqueles olhos puros? Estava ali a fazer o papel miseravel da serpente do Paraíso...

Em todo o caso, a ceia, parece-me bem. Depois fomos-nos deitar. Quarto pequeno, confortavel; camas de madeira do seculo XVIII; lençoes bordados de ha mais de 50 anos; rodapés inapreciveis de rendas finas; quadros de molduras do começo do seculo passado com oleografias religiosas; uma prateleira, quase ao tecto, com maças: como não havia eu de dormir regadamente, recebendo-me seguro naquella paz soberana, velado por carinhos br. pitaleiros, com o corpo sobre um fôfo colchão de palha de canções melthas que os de nuólas dos bons ludeis?

Com effeito, dormi regadamente — até que de manhã, poriam 6 1/2, ao entrar do sol pelas frechas da janela, o dono da casa, cariciosamente, veio dar-me uma excellente gemada de belo leite com ovos, cum-

gruindo um dos tradicionais deveres de hospitalidade daquelas serras.

Era a dejejua ancestral, que o sr. Lourenço vinha oferecer; lá fora o sol começava a dourar as cumeadas; debaixo da janela, vinha o ruído do garrulho dos porcos que reclamavam alguma coisa; as maçãs da jureleira perfumavam o quarto; tudo isto me chamava á realidade, me obrigava a acordar a valer, me impulsionava a saltar de cama e a vir para o ar livre.

Com a gemada confiante, sob os olhos pereneos dum berço que mostrava o seu sagrado coração em chamas numa moldura aubipa, vesti-me, e vim para fora ver a beleza do montão — conjunto harmonioso das pedregalhas brancas com as encostas agrestes que o sol coloria alegremente, e a que o orvalho de noite dava um brilho especial.

Que bela montão, que beleza de luz!

Lá fora, o Antonio Francisco conversava com o professor de Douzelas, o ilustre sr. Ventura, um homem sério, de grandes gestos, feições duras, metido pelas ruínas de Wolfraio e que em toda a parte imagina topar com uma ruína superior á de Panasqueira, na serra de Be-

bôla que a casa Burnay & C.^a explora com exito. O homem, quando eu cheguei, explicava ao administrador que encobriera no quintal uma mina e que ia pedir por ela 70 contos...

— Já é... já é... disse eu, para dizer alguma coisa.

— Mas tenho outras mais bonitas, até-lheu logo o professor, e só eu sei onde elas estão. Uma, por exemplo, vendo eu por 500:000 reis...

— Com que outras vende minas por todo o preço?

O homem encavacou um pouco, mas o sr. Laurenceo salvou-o porque solicitou-me que me mostrasse a aldeia, as propriedades, um jardimito que tinha ao lado da residência, e os porcos, um cavalito, umas cabras...

Depois, meim o almoço: carne de porco excelente, ovos fritos, bolos de arôr, um vinho que mais parecia um nectar, agua pura de rocha que embaciava o copo! Que almoço no hotel Braganza de Lisboa, ou no Central, se trocarias por este? Tem que parte do mundo se almoçaria tão bem e com tão simples e boa companhia?

Estava a dar o meio dia, despedimos-nos.

Para compensar, disse ás raparigas manavilhas daquelas serras nem igual; que as cidades nada eram comparadas com aquilo; que não havia elevadores nem luz electrica das capitais que se fossem um paralelo com um aluogo como o que acabei de comer...

E lá voltamos para fazer eu, o administrador e o P.^o Gaspar (que nessa altura apparecia) a pé, de varapau, alegremente; e freixo, a cavallo, o Albano.

As quatro da tarde chegávamos a Paupritosa.

23 de março.

Estou no final desta minha viagem á Paupritosa da Serra; depois de amanhã, segunda-feira volto para Coimbra, abandono estas serras e estes vales por onde andei em quase parreio subinvençal.

Estes dez dias por aqui passados, longe do mundo, integrado nos costumes da terra, foram excellentes.

Não valeu a pena a caminhada para desvendar estas belezas naturais? Não valeu a pena ir tão longe para ver e observar tipos

de aldeia remota que, embora tenham qual-
quer coisa de comum com os das outras terras,
las, não deixam de apresentar aspectos novos?

Neste campo, a minha observação não es-
caparam, por exemplo:

O escriptor da administração, homem es-
pedaçado e de grandes barbas negras que por so-
bre a papelada burocratica polfejave em voz alta
unas musicas da filarmónica;

O medico, rapaz do meu tempo em Coim-
bra, que durante o tempo de estudante foi um
republicano intransigente, muscómico, carboná-
rio, etc. etc. e agora é um feroz regeneradôr
que chega a ponto de não passar atêstados a
quem for franquista ou progressista;

O Albano, o Alberninho da loja, miúdo,
grande argumentadôr politico, uma memoria
prodigiosa, e um charadista eximio;

O escriptor da fazenda, o Castanheira Lobo,
alegre e jovial, musico, contadas muitas de
muitas anedotas;

O professor de Damaelas, o sr. Ventura, de
gravata esparafada com uma cruz de Christo
por alfinete que é capaz de disserter um dia
cabeiro acerca de minas de wolfranio que ele
diz encontrar ás duzias nas serras do Zezere

e que não de tomar, dentro de pouco tempo, muito barato esse mebel tão procurado;

O Bezar do correio, o perspicaz e inbeligente Bezar, homem que diz mal de toda a gente da Pamphosa e que embute a conversação com ironias e sarcasmos finos, lançados com inteligência e ditos com finura;

O prior, o padre Urbano, homem respeitavel e respeitavel, que fala com pausa e cuidado e que é tarde, polidamente, nem passar para a parte de pedra, olhando com tristeza o poente e vigiando, ao mesmo tempo, os trabalhadores que andam numa fozinha sua em baixo, sobre a ribeira;

O professor, velho veneravel de longa barba branca, calvo, com uma perfeita cara de São Pedro, com dois dentes só, que nunca perde a occasião para fazer um alto elogio á sua nascente de agua, junto do quintal, que é a melhor da Pamphosa e das melhores do concelho para não dizer do distrito!

E depois, por sobre estes homens, não esquecer a memoria do Padre Vicente, esse laudario Padre Vicente que ainda hoje domina brutalmente a Pamphosa, com a lembrança das suas violencias, do seu poder poli-

tico que acompanhava sempre todos os governos para manter o poderio, com a recordação dos seus actos de desprota pertancejo que não respeitava direitos nem honra dos outros.

É ainda, além disso, não escapou a minha observação a serie de factos capitais de terra em volta dos quais gira toda esta vida minuscule de aldeia — como por exemplo a paralisação dos trabalhos da colheita que ha 16 annos lá ficou susperrada na terra e que os politicos locais tem impedido de continuar com medo de que, a civilização, entrando por aí em automoveis e carros, lhes venha tirar a preponderancia sobre a gente selvagem que dominam.

É o loto em casa do Prior, coisa respeitavel, com a gravidade solene do deus da casa, com a submissão respeitosa do coadjutor, com um serviço de vinho e bôlos ás 9 horas da noite, trazido por uma mulher alta, feia, desdentada e em pécos?

É a carne de fêco, delicia, manarilha, macia, tenra, que se come sem se dar por isso e não fêca na digestão como as outras carnes de fêco?

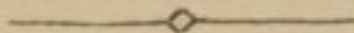
É o vinho, transparente, fraco, que se bebe á vontade, sem se sentir?

É o ar, este ar puro esado por pinhais e matos bravos da serra, afiado nas pedreiras altaneiras?

Quanto não vale tudo isto — desde as pessoas aos pedregulhos, desde a carne de porco á politica?

No entanto, forçoso é deixar estas penurias. Amanhã, 2.^a feira, vou-me embora para Coimbra e... na 4.^a feira talvez seja para Lisboa...

A civilização chama-me para um trabalho reparador...



Miranda do Corvo e Semi-
de :

Miranda do Corvo :

1905: 24 de agosto

Seriam 4 horas e meia da manhã —
quase noite fechada — pai de minha casa
com um fato já velho, botas grossas de ca-
mo por fora das calças, sapatos de couro,
binoculo a Viracolo, em companhia do meu
impedido que levava a maquina fotografica.

Ja para o Senhor da Serra como nomei-
ro civilizado, de maquina instantanea e bi-
noculo Goertz, pronto a colher todas as im-
pressões que na retina impressionavel da
memoria que na peliculo, mais impres-
sionavel das chapas sensibilizadas da "determi-
nação."

Entra, esplendido, a manhã. O nevoe
passava rapido, encubriendo um quarto

miunguante de luz de quando a quando; e eu segui pela estrada fêra, recebendo adiante vozes alegres e descantadas de grupos deromeiros que eu não via ainda com o escuro da madrugada.

Logo ao aproximar-me da Bartela comecei a encontrar ranchos que vinham da romaria, já cumprida a procissão; grandes grupos de homens e mulheres tomavam a estrada, cantando e dançando, numa ansia de prolongar a folia; e por entre os arvoredos cheiros da estrada, alegremente, docemente, com o alvorecer esplendido que deixava a claridade já a beleza dos campos verdes, eu ouvia o canto arrastado, monótono, a lembrar toda a peregrinação.

« O Senhor da Serra tem
sua cabilia de seda... »

Éra quase tudo gente de Gondara, gente das areias do mar que vinha fidedelmente á patrilial, a pé, carregada com os filhos e com estes, em caravanas barulhentas, empacotadas, num misto de devoção e de desejo de fandangos.

Mais adiante, subiu, quando me aproximei de Coira, já com o sol a deixar o alto

Do montes ao leste, havia um verdadeiro acampamento: carroças, carros de bois, machos carregados, tendas de pano, tudo isso prova que ali a movimentação era grande, uma espécie de caravansará dos devotos do Sr. da Serra. Daqui por diante era um pouco acabar de gente que ia, que vinha, que cozia aos cantos da estrada, que descansava ás pombeiras pacificas, que cantava, que dormia, que dançava — num conjunto admiravel de movimento, de vida, de alegria.

Nas vendas de beira, atacam a subida com valor; o caminho não é mais, nem lá: ao começo sobre pilvados, depois entre pinhais, vai subindo em curvas que não são difíceis e com piso razoavel.

Mas, com os primeiros contrafortes, commecam dois espectaculos qualquer deles curiosos e dignos de observação; um bello, alguns pontos magnifico, outros surpreendente; outro asqueroso, horrivel: o primeiro é a serie de panoramas que as curvas do atalho vão desvendando á vista; o segundo é a péria de mendigos crapeulosos que gritam e imploram numa toada plangente para comoção do povo piimpleris.

Os panoramas são dignos de atenção: pouco a pouco avistam-se as casas de Santo Antonio dos Olivais, da Curruada, de Santa Ima; vem depois a alta da cidade, a Torre da Universidade, o Observatorio, o casario todo que desce o declive até ao Mondego, o rio, a praia, Santa Clara, os largos campos marginaes — tudo num conjunto municipal de grande beleza; depois, ao longe, toda a baixa até ao mar se destaca num perfil triangular a Serra de São Tiago; para a direita, eubão, o panorama é escuro, é um nunca acabar de vales fundos, encostas abruptas cobertas de pinhais, alguns cerros com olivados; para a esquerda o escuro fosse natural do beira, com umas curvas verdes jantes, com as primeiras encostas cultivadas e arborizadas e o rio caindo de seude em seude; e com a subida, era suave era agreste, é o Bussaco que aparece por de cima da Serra do Azule, ou a vila de Paucel, do lado direito, que espreita por sobre Paucifoles, enoldurada no perfil trapessoidal do resente de Vez.

De surpresa em surpresa ia subindo o atalho, entre cantos de caneiros alegres e

o plausível hereditário dos polaresinhos, segundo a designação local.

A certa altura, ainda ha uma cruz que marca, segundo a tradição, o aparecimento da imagem miraculosa do Sr. da Serra, o qual fez uma doze e avista-se, em cima, a capela com a sua torre alta, ainda incompleta.

Então redobram os clamores dos polaresinhos, que a ignorancia e o fanatismo do povo tobra e vê com lagrimas pebimmentais: velhos e creanças, uns de membros atrofiados, outros sem pernas, mudos, cegos, ~~atos~~ uns com marfeia asquerosa, outros com chagas pestilentas horriveis, tinnhosos, abortos — enfim uma serie de exemplares que explora a pebimmentabilidade dos pobres roqueiros, pelo caminho adiante e que se ouve de longe pelos clamores esbaideantes:

— Oh meu rico benefitar!... oh meu para esta desgraça!....

E por entre estes gritos estudados dos polaresinhos cheguei ao alto: num cubeco limpo para todos os lados, ha um agrupamento de casas humildes do qual se destaca a torre da capela que agora se anda a reedificar sob um plano do Antunes Augusto Gon-

colunas; e para a frente surge-nos a deves-
pão onde está Seneide e Tite de Vide, larga
caixa ricosa que se continua, mais ou me-
nos ondulada até a Lousan e Serpines e li-
mitada pela imponência da Serra do Tro-
rim com o seu marco geodésico a brilhar ao
sol. Sua causa imponente aquelle desfiar de
perras, destacadas umas das outras por uma
tenue neblina, até ao macisso da Estrela!

Em frente da capela se vêem um
pequeno: mulheres de joelhos davam voltas,
dolorosamente, cumprindo promessas; ho-
meus amantalhados e com coroas de flores
na cabeça; de mãos postas, no mesmo cum-
primento devoto; outros homens deita-
vam foguetes ás duzias, dalgum voto; pa-
dres passejavam no adro esperando curi-
tes para os perucos tradicionais; vendedo-
res ambulantes agropavam o seu comér-
cio. Pela parte da capela via-se lá dentro
um intenso movimento; acuriavam-se as
objurgatórias dos perucos, que os padres
dizem por quinze tocos pergundo as deter-
minações superiores; pelas ruas do lugar
havia inumeras barracas de lona com varie-
dos objectos para lembranças, desde os carri-

ruetões de ponto de ôro aos relógios de sol de
meio verão; aos cantos, reservados dos mais
res encontros, ruentes de Loucas dos Baijos
e Carapinhãl.

É assim vi eu, pela primeira vez, a
rouaria tradicional do Sr. da Serra e pela
primeira vez comi a deliciosa "carne de ca-
pamento", em casa do velho amigo José Ma-
ria Correia.

Depois, poria meus dias, combinei o
meu caminho, Louca fora, sobre pinhais
e oliveiros, ruendo á direita os vales do
Dunca e os altos de Vila Seca e á esquerda o
fértil e lindo vale do Lauran, coberto de mei-
lho já maduro. Quando cheguei ao final da
Louca, passada hora e meia de caminho, vi
em baixo Miranda do Corvo, quase escondi-
da, modesta, á pomera do ruente do castelo,
esperando que as graças lhe caiam do céu...

—◆—
26 de agosto.

O sol, aqui, levanta-se por detrás da
perra e logo os ruentes saem das casas lu-
pildes, de eschada ao ambró, com os gros-
tos ramancos a ruancarem o compasso na

estada, eus que vão para a fazenda rochar, eubros para a réga dos milhos e dos feijões. Depois, das casas, começa a subir um fumo tenue, muito ligeiro, em linha para o céu, no esplendido roço da madrugada.

No tempo vem uma cabrada. O pastor, de casco ao ombro, varapau debaixo do braço, vem a tocar uma flauta de cana para entreter o rebanho; as ovelhas, as cabras, os chibros, com os pés enfeitados com fitas de cores e com quizes alegres, vão andando pacientemente, retorcendo nas lésas, noendo nos pilvados.

Por entre os palmeiros ha um rom-rom continuo: são os bois que pacientemente tiram a agua dos pozos ou da ribeira para a rega dos campos.

E eubás, por todo o vale, por entre a ligira neblina da manhã, e vida começa de novo, forte, vigorosa, como a pedra eueve ao lado, me continuo tabenta para se alcançar um dom da natureza.

A pedra é ainda uma sombra escura; a neva, a pouco a pouco, começa a rascar, e subir, a desfazer-se, e mostrar os pinheirais que lançam nas encostas umas modas euev-

mes; nas aldeias do alto, entre castanheiros e carvalheiras, o fumo póbe subtilmente das telhas raras; e em baixo, a ribeira lá vem a correr, entre os polgueiros bastos e os oheiros, passar por debaixo das duas velhas pontes da vila lançar-se no duessa, ali adiante.

Sinto daqui, logo que o sol esfriar, as lavadeiras a baterem roupa, - os carros que passam chiando no atollo dos Barceiros, os cantos do "balenci! balenci!" das raparigas de vila.

É quando o sol, por sobre o dorso da terra, inunda o vale de luz, a harmonia da natureza completa-se, a nevoa foge, e os meus olhos veem tudo, com amôr, e transformam aquella beleza em maravilha...

30 de agosto

Ontem, depois do jantar, segui estrada de Coimbra acima.

Baia a tarde pensativamente, gloriosamente. Sobre a terra a nevoa cerrava-se e foi todo o vale o sol dourava as folhas altas das oliveiras que abafam, no paisagem, os lugarejos de onde começava a aparecer

subtilmente, o forno das eias reparadoras do trabalho do dia.

No largar a vila, a estrada atravessa o rio; vinhedos dum lado e outro; pinhais na encosta do Monte do Valeugo; só acima, na curva, é que a estrada pegue a margem do dueça numa das encostas mais asperas que tenho visto, quase saltada a pique. Nos altos, pinhais; no declive algumas oliveiras, um ou outro reque de castanheiros pelos canteiros das águas. No fundo o dueça aos zip-zapues sobre marachões verdes, guardado por rios finos. Do outro lado, a encosta é barreira; pinhais robeu por ela até ao alto; em baixo o corte de linhas finas, furando por túneis, seguindo em rectas por pontes altas.

A tarde estava magnifica; havia pancadas metálicas nos andaimes da ponte grande; ruído de wagonetes com terra que rodavam sobre carris improvisados; em cima, o chocalhar dum rebanho.

As encostas escureciam gradualmente; o muro de suporte da estrada era já um risco branco pela pedra adiante; os trabalhadores largavam o trabalho; de vagar, be-

beendo as impressões que aquella tranquillidade de me transmittia, voltei á vila.

Correi ao atalho de trás do Castello; vi ainda bem o acude do Carrilho, perseguindo; ~~o~~ olhei o vale esverdeado coberto de oliveiras de uma tristeza de elegia; senti umas lavadeiras batendo as ultimas peças de roupa no Alhedo.

Entrei na vila. Na antiga casa do Barão, o escrivão de fazenda e a familia, ao fresco, nas varandas, cumprimentaram:

— Quere descansar, sr. alferes?

— Muito obrigado a V. Ex.^{ca}...

Seguei. Adiante, á esquerda, as filhas do professor; logo acima as filhas do Eduardo da loja, de olhos que pareciam miopes; a seguir, á varanda, a filha do administrador:

— Minha Senhora... muito boa tarde.

— Não vai á quinta, sr. alferes?

Era um respospe; sem perceber respondi logo:

— Hoje não vou, minha Senhora, mas se de lá desejar alguma coisa...

— Muito obrigada; eu é que sauciamo lá ir um bocinho...

Etc. etc.! Continuei rua acima. Tristes, á varanda, as filhas do Rosa Falcão, olhando

tristes, o largo vazio do suburbio; mais adiante, em frente á larga paisagem do vale, as filhas do ricão do Joaquim Falcão, espreitavam a estrada deserta...

No lagar do Melo, tropeço, arruinado ao leito, vinha o Joaquim da Loja de ver as fezeudas; á varanda funda do casa, o José do Pizão, com os olhos quase cegos, olhava o puente, em busca da luz que se punha.

Assim dei uma volta á vila, naquella arrotear meu equal.

31 de agosto.

Está uma esplendida manhã, hoje.

Em frente, pela janela, eu vejo o muro do calvario a que, por tradição, chamam do Bastelo, com as raras oliveiras da encosta; á esquerda, o monte abrupto do Valongo, em cuja base o Duca e o caminho de ferro se cruzam por sobre chieiros; á direita, o pobre casario da vila, desde o muro Alhada á igreja poltranceira.

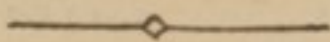
Em baixo, no Alhada que circunda a propriedade, as lavadeiras batem roupa esvovosamente; um cão ladra desesperado

um casal afastado; há por todo o vale um ar magnifico de paz religiosa.

No Vale do Velho, umas mulheres apertam o leite, cantolando, depois de se lavarem como mandam os costumes; crianças brincam na ponte de pedra, e um grilo; lá ao cimo, é porta do Moita, parou um carro...

Está uma esplendida manhã! Por todo o vale há já o sussurro do trabalho que chega a este alto da minha casa num conjunto difficil de reparar: é o ron-ron das réas ao puxar agua; é o canto alegre das mulheres que apertam e decarnizam o leite; é o bater das enxadas na terra; é o chiar dos carros nos caminhos — é um peu numero de causas que me faz ficar, irreflexivamente, sentado no angulo do quintal que dá para a vila, á sombra de uma oliveira, tempo seguido, a olhar a paisagem larga que as oliveiras adóçam e a ouvir todo esse sussurro de vida que sobe lá de baixo.

As estradas riscam, a branco, o escuro dos pinhais; e na grande quebrada da pedra, a capelinha da Senhora da Piedade, aponta alegremente do fundo dos penhascos.



2 de setembro

Ante-onhem, periam duas horas da tarde eu e o recebedor — antigo cadete de cavalaria — montámos a cavallo e atravessámos a villa obripando, com o tropear, e aparecer ás janelas, com curiosidade, as cabeças das velhas e das novas...

Eu montava um castanho, agarrado, do Santos da Quinta de S. Pedro; o Bolintô Mendes, o recebedor, montava um preto, montoso, saltão, que é do Prier; e aí nossos nós, transporta a vila, estrada nova fóra até á Cruz Branca, a trote largo e desimpueto das montadas; á Cruz Branca metemos á esquerda ao caminho velho, entre oliveiras; ~~para~~ adiante, é ponte sobre a ribeira, na casa pituresca que ali fica, dámos dois dedos de palestra ao velho Pimentel, haueusarrão que eschia a janela, e á filha, graciosa rapariga de 20 annos, esbelta, muito branca, com um fascoco de garça e seus olhos de infinita ternura; depois, transporta a ponte, ladeada umos pequenos elevação barrenta onde cada inverno deixa um fundo pulco branco, entrámos nas Meaus,

lugarinho pequeno, sobre oliveiros e campos
fertilíssimos de milho.

Estávamos ~~em~~ campo extenso e largo
que vai da vila á cerca das serras; milha-
rais fortes por todos os lados, pinhais nas ~~em~~
costas, oliveiras a adoçar o verde cruí dos
milhos: eis o que se via por todos os lados,
a qualquer curva do atalho ou em qualquer
elevação do caminho; e a perra crescia aos
meus olhos, extraordinariamente, a cada tro-
cada dos cavalos.

Adiante, entramos no Godexo — outro
lugar em que as ruas passam por debaixo de
latadas carregadas de uvas e onde as folhas
das vides rasparam por detrás de cada muro
de esvólta com as arvores; depois, campos
ubérrimos e pitorescos, cheios de imprevistos
de paisagem; e a seguir o Espinho, povoa-
ção já na encosta da perra (num ponto em
que está se levanta do vale sem contrafortes)
com um grande aglomerado de casas em que
as vides cresceram nos telhados e cercada de
castanheiros que a esconderam.

Parámos á fabrica de papel; é uma fa-
brica movida pela agua da ribeira que corre
em catadupas da perra, por entre pedras

cheias de murgos; entrámos e vimos como se fazia papel há dois seculos. . . Viemos encontrar uma fabrica de papel, passada duma familia polaca, como ha duzentos annos; pai, mãe e tres filhos é que fazem mover os maquinismos rudimentares q. a agua não moveia por completo — e de todo aquelle trabalho saia um papel de linho grosso, aspero, com areia á mistura, que não serve para imprensa mas serve excellentemente para embrulhos.

Depois, atravessámos a ponte de madeira tosea e pitoresca, e seguimos por um caminho que corre ao longo da base da serra; á esquerda, a encosta levanta-se em declive aterradôr; á direita, o vale fecundo estende-se coberto de verdura até á vila, Godinhães, Baijos, Carapinhal, encostadas á linha de montes que fecham pelo norte a paisagem; de par-a-par, ribeiras correm alegres sob castanheiros pombeiros; e nós caminhavamos a passo, gozando o fresco das carvalheiras copadas, vendo com prazer velhos muros cobertos de hera por debaixo dos quais as vinhas altas lançavam os cachos maduros, como em desafio á nossa rede.

Por fim, chegámos a Taboas, lugar dos
maiores da freguesia, de ruas cheias de mato,
com casas de varandas dependuradas, vasos de
barro nos peizaes das janelas, com cravos vermel-
hos, trepadeiras que sobem e revelam pelas pe-
redas e formam molduras nas janelas rubi-
cas. Descemos a povoação e atravessámos o
Alhêda; e ~~contando~~, notando quanto o atalho
causou, chegámos á Pereira, lugar alegre,
arejado, limpo, varrido do vento — onde to-
go á entrada, numa varanda cheia de flores,
duas lindas costureiras coriam placidamente
á máquina.

Atravessámos o lugar, por entre comen-
tários; metemos depois a um atalho dum pri-
nhal; contornámos a quinta de S. Pedro, car-
tamos á esquerda ao Monteiro; seguimos a es-
trada real; e de novo subimos na vila, tro-
cando, chamando a atenção das janelas...

Teram 6½ de tarde. Daí a pouco, é me-
ta do jantar, eu e o recebedor, recapitulámos
nos o passeio, saboreando os pitões que a
corinheira do amijo Botão trouxe por
bem servir aos hóspedes.

Ontem, porém, o passeio, embora um

peuco mais pequeno, foi, de certo superior.
 Tratava-se de um dia passado na Senhora
 da Piedade, debaixo dos castanheiros frondosos
 da fiduésca quebrada, com perneiras e
 raparigas. Foi, pois, superior...

Às 7 da manhã fui para a quinta de S.
 Pedro, do Joaquim Fernandes dos Santos. De-
 pois da dejeção mebeu ao caminho: o
 Santos, a senhora, as 4 filhas, dois filhos e
 duas brasileiras hospedadas que me tratavam
 por "peu miço..." Logo adiante jubou-se
 a filha do administrador e na Pereira o pro-
 fessor, o Luciano, rapaz novo, com carecas
 no cabelo e para o qual tudo é « sublime,
 um mimo, delicioso, um apêite! » e fala
 com ênfase na mais insignificante coisa.

Com perfécias mais ou menos ale-
 gres, com descensos debaixo das arvores co-
 padas, lá chegámos aos perneiros da cape-
 la, no fundo duma enorme quebrada de per-
 ne, de encostas abruptas, rias de arvore-
 do e negras do matagal.

O pitio é, de facto, como diz o pro-
 fessor — « sublime! sublime!... »

No fundo da quebrada por onde corre
 uma torrente de agua de fraço em fraço

sob um túnel de castanheiros frondosos, le-
 vanta-se um enorme maciço de rochedos
 pedregosos; no alto destes rochedos, num
 pequeno planalto arenoso, está a ermiça, com
 o seu alpendre largo de oito colunas, voltada
 ao vale extenso e fértil, coberto de verdura
 dos milharais e das oliveiras. Para dentro,
 para a serra, as encostas abruptas elevam-
 se muito, formando um valeiro fundo
 por onde corre a ribeira que lá de cima se
 sustenta e faz os meios vizinhos quase
 pre-históricos; mas tudo isto por debaixo
 de castanheiros copados, de grossos troncos,
 que dão ao local um tom altamente pitoresco
 e de uma beleza um tanto ou quanto
 selvagem.

O professor, ao passar pelos pedregosos
 cheios de musgo ou por bocadinhos de terra
 aprouvejada, cheios de relva fresca e fetos agros-
 tes, exclamava de olhos em alvo:

— Sublime! um mirmo! Senhora
 D. Inaura, que apetite! D. Laura, que bônito!

Passou-se o dia bem. Até 3½ da tarde
 arranjou-se a mesa ao pé da fonte de água
 esplendida sob castanheiros que cubriam tu-
 do; o jantar ceusou-se alegremente; depois

como a tarde caia com frescura, deusos em
 São passeio pela quebrada acima, conversando,
 apreciando os recantos pitorescos, vendo cor-
 rer a água de pedra em pedra, do musgo
 em musgo, pelas pedrinhas levadas para fe-
 zer andar os moínhos, regando umas mes-
 gas de terra com feijoados minúsculos.

A tarde caia; a capela do Sr. da Serra,
 lá ao longe, mal se via já no escuro do
 presente; e o Santos, gordo, pesado do jantar,
 homem feliz que tinha o dinheiro que que-
 ria, estendendo o braço para o vale extenso
 dizia com ar de abençoar tudo

— Eu só queria isto ali em baixo...
 Esta coisa deve valer os seus sete e oito mil
 contos! É um terreno que é uma beleza...

É o professor, como um eco, de olhos
 em alto dizia:

— Uma beleza, Sr. Santos! uma mimo!

3 de setembro.

Assim com'assim, ás oito horas da
 manhã de hoje, comecei a levantar-me...
 O sol já batia na vidraça da suíte, coado
 pelos eucaliptos da quinta dos Melos; as oli-

veiras da quintanda abanavam com o vento fresco da manhã; espreitando pelas vidraças viam-se alguns grupos de endormiçados, ao longe, pelas esbaldas, a caminho da Igreja.

Cujanto me vestia, ia ouvindo, em baixo, a meemina Preciosa, criada do Ferreira do Correio, cantando arguebimamente

Hi! um leijo não te posso dar
Porque eu tenho medo
Podem - no saber...

A cabrita branca do quintal chocava os quizes arguebimos; e eu esperei que alguma voz máscula continuasse a combiza agora em voz respondendo

Mas eu juro guardar o segredo...

ao que ela responderia de novo, como a sua voz vibrante de raparigo novo:

Mas eu tenho medo
Podem - no saber...

O meu impedido passeava fóra, a olhar a vila, como homem que não tem que fazer; quando me encontrei junto, abri janelas, respirei o ar fresco da manhã, desci os 66 degrãos de escadaria, atravessei a ponte e fui para a Igreja.

Religiosamente, não entrei na Igreja; recebi-me cá fora, ao fresco, a ver quem eu traava e a ver o esplendido cenário do vale já todo inundado de sol. Jam chegando minhas mãos de chameiras novas com fitas garridas e chales "de ver o Deus"; homens de barba feita e camisa lavada; rapazes ajantado; algumas damas da vila que me obrigavam a levantar para os cumprimentos respeitosos... Passou a família do Doutor; a filha do Dr. Abilio com uma tiuda maninha de renda branca; a Pienezel de colo de garça; a D. Carmila, filha do administrador; as Faleões muito enfiadas num vestido á moda; a po-brinha do Priór, do buço petulante; os irmãos do coadjutor, muito perias e com ar pelvageu; a família do escrivão de fazenda, etc. etc. numa palavra: o "hip-life!"...

Mas eu, discretamente (mas com meus relíquias do que elas) deixei-me ficar cá fora, ao fresco, perante o cenário magnifico do vale já todo inundado de sol, vendo a terra esfumar-se ao de leve com os restos da neblina da manhã e os telhados das aldeias a começarem a brilhar, por sobre as oliveiras.

Quando a missa acabou, vi sair toda a gente já confortada com o santo sacrificio; e por fim, para que a manhã terminasse bem, tive de ir a tirar o pol com uma pomberinha á senhora brasileira que ia com a familia do Santos e que me tratava por "meu moço..."

5 de setembro.

Curioso o passeio de ontem a Serride.

Seriam 2 horas da tarde, quando partimos: o recebedor Calixto, o José Cunha, porteiro do Prizer e eu. O pol estava excellento, havia um ar abafado de floresta, caiam algumas gotas de agua; mas nós tínhamos obrigado ao Sr. João Queiroz ripario de Serride e presidente da Comarca, ir - lhe comer o jantar e não havia outro remedio.

Eu montava o cavallo do brasileiro Santos; o Calixto o rocim do Prizer; o Cunha um macho pequeno levado da bréca — tres amigos que se não entendiam muito bem e que provocaram varias peripécias de riso e comentários.

Meteos, a trote largo pela estrada fó-

na, conversando, riudo das montadas, até
 um pouco adiante do Carapinhial onde a es-
 trada acabava; depois, seguimos por at-
 lhos entre pétes altas, quase sempre atra-
 vez de pinhais ou campos de milho.

Passámos a Pedreira aldeola em cujas
 casas rústicas as varandas estavam flori-
 das com vasos alegres; adiante Rio de Vide
 colheça de freguesia, lugar alegre que domi-
 na um fértil vancea, entre montes sua-
 ves, sob o dominio do companario da cafe-
 la do Sr. da Serra; mais acima, sobre o
 direito, começou a aparecer a Serra de
 Louren, a de Serpens e os altos de S. Mi-
 guel de Poianes; e quase a seguir, numa
 curva do atalho, na encosta da esquerda,
 abrigado pela Serra, escondido do mundo e
 quase do céu, avistei o casarão do velho
 mosteiro beneditino, ruído, derruido em
 parte, como coisa abandonada.

Curioso effeito o deesse velho edificio es-
 leusado, ali perdido na encosta de pinhais,
 em frente ao vale cheio de venduras, en-
 tre o murmurejar das levadas de rega! Co-
 mo noutros tempos aquilo devia ser deli-
 cioso como retiro, excelente para o aban-

dono do século, para a renúncia da vida!

Continuámos, pela calçada, parte do muro da cerca, nella muralla cheia de musgo e fétos viscosos que mais parecia restos de antiga ferruginação; ao fim, á esquerda, appareceu a entrada para o patio por debaixo das hospedarias — e eis-nos no vasto terreno do esplanado em frente á edificação do século XVII que um bispo magnânimo creou e a seguir a um incendio.

O vigário, o P.^o Queiroz, já nos esperava: haueu baixo, nervoso, com um perfil distinto, modos de boa educação, veio logo ao encontro, exultando pela visita, desculpando o desconforto da recepção entre ruínas, arriscando um ou outro gesto contra o abandono a que votavam o mosteiro.

Mas, agradável ciceroni, levou-nos á igreja — construção simples do século XVII, póbria, no entanto de linhas interessantes, a que uns altares de talha dourada palomónica e os azulejos que formam as paredes, dão um certo ar de conforto; depois, subindo por uma porta na grade do coro que uma retilha muito escura mais abriu, percorremos a serie de corredores, claustros.

trios, escadas e capelas do velho mosteiro de S. Bento.

As minhas esperanças titilavam no tamedo e profanavam o silencio daquelas ruinas; parecia-me que o modernismo não entrava, nem um protosto (quanto mais não fosse dos écos) nas velhas casa de Deus...

Por dentro, o mosteiro, pouco tem que ver; está tudo a cair, entulho para um lado, paredes rachadas, tectos a desabar. Corredores escurissimos, largos, muito escuros, que naquele momento estavam cobertos de camisas de peito de pequena cultura da cerca; janelas sem vidros, muros em desequilibrio... eis o que se via! E lá dentro ainda 23 pauliceras, encafusadas, recolhidas ~~em~~ do tempo das feiras em risco de um dia poubirem cair sobre si os destroços do velho casarão!

E com isto, com este andar em ruinas, confrangendo a minha possibilidade, a hora do jantar aproximou-se. E que pequena vista havia daquelas janelas sem vidros sobre o vale! que paz que patria de terra, áquella hora, até áquelles sombrios corredores! que beleza de conjunto, de campos fartos, de

encostas cobertas de pinhais, da terra, ao céu,
ge, magestosa!

Com estas impressões entrámos nos velhas
hospedarias onde meira o ripário; uma
sofa apetitosa fumegava sobre a mesa mesma
sobre de tectos apainelados e com grandes qua-
dros antigos de bispos e religiosos alinhados nas
paredes caídas; vieram as três irmãs do
padre, velhas eucarguithadas comi penteados
arrebricados, cheias de mesuras, com adema-
nes de meineté; e o jantar peguei-me
cerimonioso, com conversação discreta, como
convinha ao tom da sala e aos severos olha-
res daqueles prelados pintados...

Lá jára anoitecera, com prenúncios
de trovada; e depois do jantar, e a peguei
a um bocado de conversação mesma sala ao lado
onde havia um friso de mesa antigo, velhas
cadeiras de espaldar, e uns quadros de as-
suntos religiosos — tudo conventual, e cla-
ro — despedimo-nos, desceu ao ter-
reiro onde os animais já estavam prepa-
rados, á luz de lanternas, como a evocar
velhos tempos em que os hóspedes do moste-
eiro, fartos, pesados de doces, montavam
nas suas cavalgaduras para voltarem ás

suas terras. . . Montámos também, despedimos-nos do ripario que nos desejou uma boa viagem e mergulhámos na noite escura, pela calçada abaixo.

1907: 13 de junho.

Hoje, seriam 5 horas da manhã, senti bater na vidraça; levantei-me, espregitei por debaixo da coberta e vi o Dr. Costa e Silva, jóven encomendado que me chamava: ia dizer alguma aos Lobos e regressaria a minha companhia e a do Pacheco. (1)

Olhei: a manhã era uma coisa formosíssima; o vale descuberto de nevoa, a penha bem clara, o rio em baixo entre os palmeiros reflectia a luz do sol.

Concedei ceder o padre; chamei o Pacheco que dormia a péso solto; vestimos-nos e aí vamos todos três pela linha feneça, transpondo túneis e pontes, com a encosta abrupta á direita e o vale apertado e minúsculo do Duque á esquerda.

(1) Francisco Vaz Pacheco de Castro, estudante, então meu hospede por uns dias.

Andados cerca de uns dois quilómetros, meu tanto, metemos a um atalho é direita e eis-nos chegados a Lobares — lugar pitoresco numa encosta cheia de pinhais ao cimo do qual alucja a capelinha de Santo António, de gracioso alpendre campestre, com campariio modesto, e dois esplendidos castanheiros a dar-lhe sombra.

O Dr. Costa e Silva, seus cerimoniaes, puxou pela corda e tocou a sineta para a missa de Santo António, patrono da ermida e santo do dia. Cito com do riso alegre que ouvi pelas quebradas tranquiilas, começou a apparecer gente endormiçada que humildemente cumprimentava o prior; este foi preparar tudo para o santo sacrificio; e eu e o Pacheco, sentados á sombra duma oliveira mais acima, olhámosmos religiosamente as encostas agrestes, as leiras cultivadas junto do rio e das fontes, as casas aglomeradas da povoação for cujos telhados trepavam pés de videira e deixavamos-nos trespassar daquela tranquillidade, daquele silencio meditativo que foi quebrado pémente pela sineta quando o padre Costa Silva chegou ao ponto capital da missa e as bealadas rituais voaram tristemente.

Quando a missa acabou, um homem veio cá fora e, ritualmente, lançou tres foguetes de grez que estaláram no ar alegremente; o povilão saiu e dispersou pelo lugar; o prior, sorridente veio ter connosco; e bem dispostos, comentando a manhã e a lenda do santo festejado, voltamos pelo mesmo caminho — e here a que os estômagos reclamavam imperiosamente o almoço.

15 de junho

Ontem á tarde fomos — eu, o meu condiscipulo Pacheco, o recebedôr e o prior — á quinta do Pimentel, á ponte do Cerro, entre choupos altos e mitharais fartos.

O deus da quinta, humezarrão falador, afidalgado, arbiço escrivão de freude, estava em mangas de camisa, de pecho na mão, regando um feijoad junto da casa; a filha, a Saravinha do Cerro, como lhe chamávam, esbelta rapariga de colo perfeito, vinha da quinta toda vestida de branco, com um braceado de rosas de escombros ao peito; quando subríamos, o pai gesticulou com surpresa e lamentou o desalinho do braço e

a filha consei até ficar do cor das rosas que le-
vava

No leuge, os trabalhadores largavam o
trabalho; e sobre o vale começava a cair o
fraco e tenue véu do crepusculo com a fres-
ca viração da noite.

Subimos á larga varanda da casa; co-
memos cerejas esplendidas; ao lado, o Pi-
riquetel, conversámos com o prior e o recebe-
dor acerca da magna questão da divisão da
freguesia; a noite caia e começou a deixar
ver umas ou outras estrelas no céu muito
limpo ao passo que na terra desapareciam
as casitas brancas das aldeias.

Depois, veio a noite estrelada, magni-
ficamente estrelada; o céu mostrava todos os
luzeiros radiantemente; e eu e o meu con-
discipulo Pacheco — como estudantes de ma-
temáticas — ensinávamos á Saravinha
as constelações

Ela ouvia, inteligentemente, a nossa
digressão pelo Infinito; e o seu ruço e robe-
rano perfil destacava-se no escurecer como
um perfil de estátua.

Em que cidade se passa assim um bo-
cado, em que cidade — Paris, Londres, No-

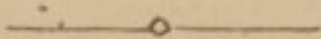
na York — se encontra a poesia dum an-
 tico tempo este, quando as oliveiras tomam
 um tom mais triste e os pulcos das que-
 bradas das pedras vão gradualmente en-
 greescendo?

Onde?

Não é esta vila que tem a primazia
 sobre todas as vilas; não é este vale que to-
 dos excede em beleza; não é aquella pedra q.
 todas as pedras sobrepuja em grandeza; isto
 não, não é; mas tudo isto que digo em
 favor prova a beleza dos campos, dos va-
 les, das pedras, da vida forte que aqui se le-
 va e se goza, do ar puro que se respira,
 dos entardeceres suaves que embriescem...
 Não é também a gentil Sana a unica ra-
 pariza que tem o condão de poesia; qualquer
 outra gentil, suave de olhar, de côlo esbelto,
 naquella varanda, áquella hora, sob o céu
 radiantemente esbelto, faria viajar pelas
 constelações ~~estrelas~~ ~~estrelas~~ e daria
 ao quadro a maxima beleza.

É que o campo é tudo: aquelle conjunto
 sem fim — onde se não avistam as exten-
 sas avenidas das capitais, onde se não ou-
 ve o tilintar dos electricos nem o ruído dos

autómoneis — é que me peduz, me absorve
e me faz poeta...



21 de junho

Sloje, levantando-me ás 6 da manhã,
fui com o dr. Costa e Silva a Lobases sede
de ia dizer missa; as messas pontes, os
messas tuncis, a messa capelinha branca e
os messas castanheiros frondosos.

A manhã estava muito fresca; uma nu-
va campegada causava leves arrepios de frio e
cobria o vale do duce. Chegando o frisar di-
zia a missa eu lembrei-me cá jára tendo os
jornais que chegarão no comboio da manhã;
á volta, como eram horas de almoço, fui al-
moçar; e depois de dois dedos de palestra com
o republicano Balthão que espera ansioso por
esse dia de vembura da proclamação da Republi-
ca, fui á farmacia do José Cunha.

Estê preparava-se para ir a um pinhal
do negro mandar cortar uns pinheiros para
fazer uma fogueira em honra de S. João; e
voltou-se para mim de repente:

— Suere o meu tempo vir?

— Vamos lá!

E aí fomos nós, estrada feita, de chapéu derrubado, de varapau ao ombro, com dois rachadores atrás de machado às costas. A neve já se tinha levantado mas ainda havia fresco; uma ou outra nuvensita ficava e corria ao longo da serra esfarrapando-se nos pinhais. Seguimos aos Buijos; subimos ao Vale Simões, indireitamos ao Vale Salgueiros e subramos no extenso pinhal do João Carmilo.

Por umas poucas de colinas, cobrindo uns vales, trespassando a encosta da serra, o denso pinheiral estende-se, alastra, susurrando ao vento com um doce susurrio. Um homem, andando bem, teve mais de hora e meia a dar-lhe a volta; e nós, com os rachadores atrás, metemos afoitamente á mata, caçando pandores que dormiam e péto de papo para o ar.

Na cõma dos pinheiros cantavam cigarras e rouxinóis esbridulamente; e um vaço por Kriste de marulho de aguas percorria a terra, através dos troncos hirtos.

Por uma ou outra aberta, a serra de Louren aparecia, muito grande, como gigante adormecido, desconhecendo a colossal

musculatura; e eu, sentindo a frescura e a beleza do rio e vendo que os rachadores se preparavam para começar a faina, estendi-me no chão sobre a caruma caída e respirei fundo o ar agreste de resina.

Apretei, mais uma vez, a vida do campo e lembrei-me, com desejo, da conversão do Jacinto em Torques... E como o Jacinto fiquei-me no chão a pensar, a filosofar, enquanto um lagarto de espinha verde e afilada, espreitava de dentro do esconderijo da raiz dum pinheiro.

Dai a pouco ouvi o som cavo dum arvore que gemia, que estalava, que se agarrava ao tronco das outras, num movimento natural de conservação e que caía no chão com fragor; dai a pouco outra vez uma outra arvore vinha a terra; eu ia adormecendo com beatidão...

Depois veio um carro de bois; e quando o carro ficou carregado, e seguiu pelo atalho largo, o mesmo silencio caiu sobre o pinhal e apenas se ouvia o tal murmúrio que parece o mar, ao longe, batendo ao de leve na areia. O José Cunha chamou-me: estava acabado o trabalho assas

sues, eram horas de voltar para casa. A tarde apurecia e a terra parecia mais; desceus á estrada da Leusan, perto do apearino do Padrão.

Em baixo, no vale, passava, descendo um comboio, esbridulo, alegre, largando flocos brancos de fumo que se nubiam pelos pinhais fugindo; pelas terras cultivadas havia cantos meus-tonos de mulheres que trabalhavam; a terra, negra, passava sobre a paisagem; e nós peguimos pela estrada, conversando, falando á cerca do valor das propriedades por que passávamos e comentando a politica do João Franco...

Chegámos ás 3 horas da tarde. O Cunha deu-me agua com aguardante e assucar para refresco.

Coimbra:

1908: 4 de setembro

Fui ontem a Miranda, com o Flaco Fleuryrigues, á tarde, no comboio.

Está, pariu a estrada de Coimbra; o meu quinieta quiz ganhar o tempo perdido e começou a puxar a velocidade. A linha é

cheias de curvas, pontes, túneis, sterros, puli-
das e descidas e, pegando os acidentados, es-
tá mal feita; os comboios, por isso, estão sem-
pre a mudar de andaime.

Estas paradas quando, já passada a aldeia
de Lobares, numa curva apertada, sente-se
um estremecão, a carruagem sacudida, e a
fresira, em ruínas, envolvendo tudo; sem
tempo para se pensar, percebemos que o com-
boio parára e compreendemos que se trata-
va de um desastre...

Por todas as carruagens foi um berrai-
no; alguns passageiros, precipitados, lançaram-
se á linha; eu e o Gloro, ficámos a olhar...

O que será?

Fôra uma roda da máquina que saltou
ra fora e a obrigou a adormar, levantando,
com o choque, um pedaço da linha. Mais
nada.

Contudo, o comboio ficára ali entalado
naquelle vale fundo e deserto, até que o fôrsem
de lá tirar.

Que fazer? Como pó houve leves ana-
nhoduras, eu e o Gloro peguimos para Mi-
randa para avisar do desastre na estação e
porque o jantar nos esperava...

Seguimos, bem dispostos, linha fora, pela tarde fresca, sentindo cair o crepúsculo sobre os montes com tristeza. E por sobre os commentarios relativos ao desastre, chegamos á conclusões de que tivemos muita sorte...

Se a roda que caiu fosse do outro lado, naquele ponto de terreno alto, a máquina arrastava tudo para o declive e o comboio ia parar ao ducca.

E quando começámos a caminhar a pôpa que o annipio batatmas nos tinha quebrado, chegámos á conclusões pela terceira ou quarta vez, de que tivemos muita sorte...



S. Tomé da Ferreira - a - No-
va.

Coimbra:

1904: 26 de julho

Que curiosa reunião aquela de São To-
mé, na aldeia da Ferreira a Nova, em ple-
na Gandara!

Ja havendo muito pancada, muito
barulho — mas a presença da força mili-
tar fez parecer os animos. Tu, com os
meus poucos soldados, fui o heroe da si-
tução e pedi-me pessoa importante na-
queles annos perdidos...

7 de agosto

Foi por uma manhã clara, quando o me-
rosino leve do mar se desafiava que eu
cheguei á estação do caminho de ferro de Mou-

temar-o-Velho, na linha da Beira Alta, com a minha deligencia, depois de atravessar a Bairrada monotonica entre pinheirais e vinhedos.

Quando desembarquei, o regedor, um homem do campo, de chapau na mão, respeitoso, apresentou-se-me: era a autoridade superior da freguesia e estava ás minhas ordens. . . Tinha uma cara sem expressões, incharacterísticas, mas falava pelos cotovelos e, pelo caminho, pôz-me ao corrente do que havia de grave na terra. . .

Seguimos pela estrada feia, uma estrada estreita, coberta de poeira, por meio de pinheirais; olhando para todos os lados, a mesma monotonia das copas dos pinheiros, do mesmo chão arenoso, sem outro qual quer aspecto.

O calor apertava e o sol começava a fazer brilhar a areia; e o regedor, com gestos largos, foi contando: a festa de S. Tomé é uma romaria muito concorrida e daqui de Santana (e apontava para umas casas em frente) vai sempre uma bandeira para a Ferreira e volta á tarde com foguetes e Le' Pereira, e com muito barulho e devo-

ção ; ora o sr. Saiz que é um ricasso de Santana, quer levar uma outra bandeira com um papeteiro heresje que para aí ha e outros da mesma laia ; o sr. Prior não quer e amonhã — concluiu o regedôr — vai haver muita pancada se Vossa Senhoria nos não acudir . . .

Esta era, realmente, nas suas linhas gerais, e historicis da questã que lá havia, questã de terras pequenas e em que se aproveitava um falso sentimento religioso do povo perante a heresia de uns poucos de liberaes do lugarejo. E com a pitoresca conversã de auberidade não dei por um quilometro aude do até a povoação de Santana onde a força ficou abolida : soldado aqui, soldado ali, lá se foi distribuindo a delibancia segundo as indicações do regedôr.

Eu fiquei em casa do professor de instrucção primaria, o sr. Margalho. Como é natural, aluceei ; e durante o aluceio o professor iubeira-me da questã que então prendia todos os espiritos naquelles ritos : era, de facto, o que o regedôr me dissera e apenas acrescentou, concretizando, que o povo estava disposto a não deixar cair a tal

Bandeira liberal, herética ou maçônica (davam-me todos estes nomes) e se ela se atrevesse a sair, corria a páu os que a levavam. . . . É bom notar que estas duas provocações estão situadas na Gandara eude e é tradicional o jogo do páu e eude estão em habito as grandes desordens em que tudo se resolve a cocotê. O caso estava peris. . .

Dei uma volta pela aldeia; era um conjunto de casas dispersas, casa aqui, casa acolá, por entre vinhedos ou pinhais, e ligadas por caminhos areosos ou cobertos de muito curvão. Havia umas tabernas, umas mercearias, uma capelinha de eude paia e bandeira tradicional — mas tudo muito dispersão e curvão, quase sem nexo, mas que dava ao conjunto um aspecto curioso.

Em casa do tal sr. Sousa havia muitas bandeiras em que se destacava a bran-leira; no patio da casa, um corêto para uma filarmônica local quando a filarmônica da festa local; e á volta do muro uma serie de peças de fogo de artifício para queimar quando o outro, o da Ferreira, estivesse a arder! . . . Coisas curiosas da aldeia.

Nisto, á janela do sr. Sousa, surge o

profraes sr. Sousa : e qual foi o meu es-
panto quando reconheço um sujeito da Tri-
gueira, antigo conhecido, republicano, me-
conico, chefe liberal...

— Oh sr. Sousa!

— Oh sr. alferes!

Caímos nos braços um do outro com
grande escandalo do povo que ali estava e q.
viu o commandante da força abraçar um here-
je... Tirnos-nos a meter por causa da
bandeira, por causa dele, sr. Sousa, por o
chefe dos revoltosos de Santana, por causa da
celebrna que ia na Gandara e que ameaçava
abastar pelo país e quem sabe se pela Euro-
pa fóra... Ele disse-me particularmente
que tudo aquilo era mais para meter medo
ao Brian, reacionário incorregivel, e ao ad-
ministrador, o Barges, antigo anarquista, e
agora regueradân enfundado aos jardins da
Biqueira.

— Mas em todo o caso, arrisquei eu,
não é muito proprio de mecons, esta maneir-
na de combate...

— Ora, ora, alferes: devemos fazer co-
mo os jesuitas: todos os meios são bons, o
que se quere é o fim!...

— Bem, bem... Isso é outra coisa...

E continuei a minha volta pela aldeia, riudo da furia liberal destes festeiros que desejam, como os jesuitas, chegar ao fim, seja por que meio fôr.

A' tarde, voluei, cheguei o administrador da Figueira, o Carlos Borges, antigo anarquista, realmente, hoje regenerado terreno: vinha ver de perto a luta e resolvido, com o meu apoio, a proibir toda a especie de manifestações liberais; meu um fozete deitariam!

Eu, entã, reuni os soldados e lá fui, ao entardecer, pelo atalho fóra, para a Ferreira, supuento, pessoalmente, o administrador ia iubimar os manifestantes.

Eu esperava grandes escubecimentos...

— o —

10 de agosto.

No deixar o pinheiral, já com a noite a cair, o atalho desembocava numa grande clareira arenosa; ao centro, havia uma igreja, isolada; e á volta dessa igreja, em carreira verbipinosa, filas de hameus e cavalos, na frente da unha, por sobre fiadas

de carros de bois enfeitados, chiando esdroneantemente, rodifriavam em obediência á tradição.

Do mar vinha uma aragem fresca, um pouco palgado; o céu tinha uma ou outra nuvem dourada pelo pôr-do-sol; e o tom escuro dos pinhais contrastava singularmente com o branco vivo da igreja isolada.

Havia um certo sussurro produzido pelo falar de muita gente; parecia-se o som escuro do galopar infernal de dezessas de cavalos e, irritante, por sobre tudo isto, ouvia-se o chiar constante da carriagem enfeitada.

Dirigi-me á esquerda, para uma casa moderna, já na orla do pinhal que o regedor me indicou como a casa do Prior; era este o sr. padre Vicente — belo tipo de homem forte, quarenta e cinco anos pouco mais em menos, boa fisionomia inteligente, ar de resoluto, aspecto de padre aldeão mas culto e homem de sociedade.

Vaiu para mim de chapéu na mão, amavel, correcto:

— V. l. e. e., antes de tudo, ha de permittir que dê um copo de vinho aos meus subditos...

Os meus subditos beberam um copo de

vinho; comeram alguma coisa; e eu tive de ouvir novamente a historia complicada de questões que ali me levára com a força armada.

— Como V. Ex. sabe o tal pr. Soisa...

É a historia peguei desde o principio, com a convicção de padre ofendido e o tom dum cristão sincero (segundo ele dizia); eu ouvi, ouvi, dizendo que sim ou que não conforme as circumstancias, e olhando, ao mesmo tempo, para o arraial que ia crescendo em gente e em barulho.

A volta da igreja continuava a esarmer fila de carros de bois, chiando lentamente; iam todos com um toldo claro coberto de verde para causa do calor e enfeitados com bandeiras de papel; no chavelhão havia um adorno qualquer: um ramo de flores, bandeiras, balões venezianos ou até um molho de garrafas! Dentro, iam sentadas as mulheres; os homens em pé, de chapéu na mão, e todos reverentemente; e á frente, conduzindo a junta um outro homem, também descoberto, silencioso e solene.

A romaria é dedicada a São Thomé; este santo é o protector do gado: por isso os

laureadores levam as suas juntas de bois ou os seus cavalos defeitados e com elles dão as voltas á igreja conferem o valor de cada um. O que é melhor dá mais voltas...: e assim, para cumprirem o seu dever, os carros levam na sua fila, chiando; e por fim, os laureadores mais ricos cavalgando os animais de pele, também defeitados com mais ou menos luxo, galopam á doida, em uma ou duas filas, numa corrida fantástica — para que o ponto tire o gado do mal.

Com o escurecer, com o pó que todo este revolutar levantava e com as luzes que se começavam a acender, a clareira tomou um aspecto curioso.

À volta da clareira havia as barracas de belidas que ha em todas as romarias e outras com jogos, circuilharias e piumpum-piumpum; as cantos começavam a agrefar-se gente para as danças; os harmoniums começavam a gemer um vira monotonico; e nos seus calvarios, as peças de fogo esperavam a vez de subnar em pecca e de fazerem um figurão.

No pinhal iam-se arremisando sempre ruculos para passar a noite; uma ou ou-

tra fogueira se ia acendendo e polere elas se
viam panelas de lata para fazer comida. A
aglomeração era cada vez maior; de todos os
atachos que vinham dar á clareira, saiam gru-
pos de ranceiros alegres, que se espalhavam
pelo arraial.

De Gandara, especialmente, vinham
mulheres belas com os seus vestuários carac-
terísticos e com que polereas o pequeno chapéu
de feltro de abas voltada cheio de flores de pa-
pel e plumas brancas e a grande quantidade
de ouro polere o peio; de toda aquella região
acorris gente com fatos de ver a Deus, em
regia acompanhada de uma musica simples
de flauta, violão e harmonium.

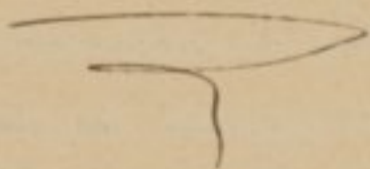
Andei por sobre a multidão a ver tudo,
conversando os costumes com o administra-
dor — até que fomos ceiar com o Prior uma
excelente coiza de lebre de calidela, touro asse-
do e galinha tostada que tentava um pouco
aseta, e que devia, pelas janelas abertas, ter
espalhado um transcendente aroma á culi-
naria celeste...

Com as palestras e com objurgatorias
irónicas contra os liberais de Santara, a
coiza correu maravilhosamente até começar

o fogo de artifício. Quando saímos e pará-
mos no patamar da escada exterior de pedra,
vii-se no meio da noite escura, girando
velozmente, lançando bombas, deixando no
ar rastros de luz, uma peça de fogo estala-
jando, por entre fumo, ora espalhando luz
verde, ora uma luz azul, ora vermelha,
lançando fogachos brancos para o negro do es-
paço e iluminando em baixo uma multidão
de caras brancas e barbadas.

Aproximei-me: no meio do fumo,
junto da peça, numa clareira aberta pelo fo-
vo, via-se o fogueiro, solene, numa abitu-
de exactica, revendo-se na sua obra mare-
vilhosa, no seu trabalho prodigioso; de en-
volta com o fumo espesso de varias cores,
aparecia o busto do pirotecnico, com os
olhos bem fitos, bem abertos, na sua obra-pri-
ma! "⁽¹⁾

.....



⁽¹⁾ Estas notas ficaram incompletas.

Leiria

Coimbra:

1903: 12 de novembro.

Cheguei a Leiria de noite e por uma má noite de chuva e vento; a estrada escura e o "char-á-banco", em que me meti, iam-me fazendo, durante o caminho, esquecer a bela ideia que eu formulava da próxima cidade do Liz.

No céu nem uma estrela; a iluminação má; á entrada da cidade, uma serie de casas baixas e de má apparecia; pelas ruas ninguém.

Seriam oito horas da noite...

Uma volta, de repente, vi um grande largo e apesar do escuro da noite, lá no alto, sobranceiro a uns grandes rochedos, um con-
torio extranho que devia ser do castelo ar-
ruinado. No pavimento do largo, a luz

dos candieiros reflectia-se na agua que caia lentamente. Em algumas lojas abertas viam-se, lá dentro, os caixeiros armados ao balcão á espera de hypotheticos fregueses.

O carro parou á porta do hotel e eu subi a escada convencido de que, afinal, ainda mais esperamos passaria e ainda encontraríamos mais frousa...

Bebudo, no dia seguinte, verifiquei, com a luz do sol que se dispusera afastar as nuvens de chuva que a cidade, embora mesmo vele acanhado tem uma apparencia agradável e o Rio de Rodrigues Lobo, serpenteando por sobre colinas e' alegre e as suas margens, com palmeiros e cheirosos pão frescos e fritões cas. As ruas são todas estreitas e tortuosas com casas sem apparencia, mas em comparação os campos em volta são largos, com vegetação forte de muita agua que tem e as colinas compoem o panorama com o olivado basto e triste.

A' hora a que saí, de manhã, havia o movimento natural de uma terra grande: credas cruzavam-se com os cestos das cunhas, conversando, dando, umas ás outras, as novidades das respectivas casas; no grande cha-

fariz histórico, impedidos eucliam barris de agua; e na praça principal, o mercado estava no seu auge.

Numa arcade que ha dum lado da praça estavam as vendeadeiras de futas, com a paia de paragona preta com uma fita vermelha na orelha enfiada pela cabeça seguindo o velho costume. Conversava-se, discutia-se, havia o barbarinho dos grandes ajuntamentos; as objurgatorias das vendeadeiras que são as mesuras em toda a parte; os pregões deus, os gritos e chamadas deus curavam-se naquele scenario ancestral duma forma curiosa.

Parcorri depois a cidade, espreitei, observei; deu-me a impressão ~~como~~ este rapido exame de que Leiria é um tanto ou quanto refractario ao progresso...

A farmacia no largo de Sé é ainda a mesma que existia ha 30 annos e que G. de Gusmão tão bem notabilizou no Crime do Padre Amaro; na estrada da Batalha, está a construir-se um enorme edificio, do mesmo tipo do de Compolide, para os senhores jesuitas; mas encontrei um barbeiro deus de onde se fizesse a barba sem prescripções

de certa ardeur . . . Os ruas real calçadas te-
em um ar triste e patético. As janelas, uma
ou outra dama espreitava esse um ar descon-
fido quem passava.

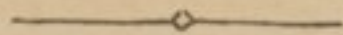
Fui almoçar com a firme convicção de
que Leiria está muito atrás do lugar em que
devia estar; vi muito padre e muita porca-
ria . . .

O castelo, porém, basta para resgatar o
atraso: ele lá estava no seu enorme rochedo
escuro, bravo, ainda elegante mas suas cui-
mas, albino na sua decadência. Conserva a
terra de managem de pé, firme ainda; uma
linda capela gótica ainda mostra o seu portal
elegante e a capela-mór, pequena, mas de
grande encanto; ha janelas perdidas nas mu-
rallas que lembram pseudo grafias arábicas;
restos de colunas envoltos em hera viçosa —
tudo isto num poético conjunto que prende
a imaginação.

Alfabeti aquilo tudo para restaurar con-
dignamente e viver nele, qual senhor feu-
dal no século XX . . .

Em baixo, estende-se a cidade acanhada
e escolhida; a vista bate logo nas colinas
fronbeiras sem encontrar grandes horisontes;

mas todo aquele conjunto é um encanto e
lá do alto dos muros a vista perde-se a con-
templar as terras derrocadas, as paredes en-
grecidas e a imaginação fica-se a reconstru-
ir os combates que ali se teriam dado, as
hercicidades ali praticadas — a que todas
aquelas muralhas assistiram impávidas no
alto dos rochedos abruptos, desafiando o tempo
e a vaidade dos homens.



Batalha

Coimbra.

1903: 17 de novembro.

Que hei-de eu dizer da Batalha? Que posso eu dizer deesse monumento que não sejam as banalidades já ditas por toda a gente? Eu li livros e tratados acerca da Batalha — mas o que é verdade é que esqueci tudo desde que subrei pelo elegante portal e me encumbrei na imensa nave fria e severa da igreja...

E depois... da Batalha, nem toda a gente pôde falar!

Perante aquellas altas e elegantes colunas, perante a grandesa da capela-mor, ao fundo, com as vidraças multicores, só ha o direito de colher impressões e de as deixar em familia.

Eu tinha lido bastante sobre o monu.

mento e imaginei muita coisa: o cálculo, pareceu, saiu errado...

Quando saí pela estrada de Leiria, minha "myland", escanzada e puxada por uma parrelha de dois animais que pareciam cavalos (os carros, em Leiria, são assim) eu esperava, a cada curva da estrada ver aparecer repentinamente, num grande aparato de canhões e de torres, o monumento de D. João I e olhava, curiosamente, os horizontes.

No longe, lá muito ao sul, a Serra de Aire; mais perto, colinas cobertas de pinhais e com quintas pitorescas nas baixas onde corre a água. É nada mais.

Só depois de muito andar é que me apareceu com um céu amarelado pelo tempo, o grande e belo mosteiro de Santa Maria de Viteria, enterrado num vale estreito, cercado por um pobre casario.

Sigo a primeira impressão, tudo me pareceu grandioso e de rara beleza; mas à medida que o carro se aproximava, aos poucos, o que via, ia tomando uma maior ~~impressão~~ grandezza e dando-me uma mais forte impressão de beleza.

A "mylar", cantareceu o edificio pelo lado das capelas imperfeitas; passou em frente da elegante porta lateral e parou no adro, ao pé dos primeiros degrãos.

O dia não estava bom; nuvens ruivas passavam constantemente pelo sol e não davam o realce que eu queria ver em todo o movimento; contudo, para me certificar de que estava, realmente, na Betelha, perguntei para o cocheiro:

— Betas, é aqui?

Ele, respeitadamente, já cansado, de cartas, de perguntas semelhantes, respondeu

— Sim, meu senhor.

Desci do carro, peguei na minha maqui-
na fotografica, olhei a frontaria baixa com a
luz baixa do dia e subi respeitadamente,
evocando a memoria do Mestre de Itiz, na
igreja de Santo Maria da Viteria.

Como disse, não é para todos dizer con-
tas da Betelha; não é para qualquer eserever
ácerca de tanta beleza e de tanta arte; não é
para mim, leigo no assunto, deixar juose
boe polere tão alto assunto; só direi que en-
trei com emoção na igreja e que com emo-
ção me deixei ir atraz do guia flador que me

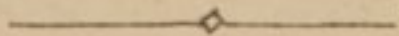
leve-me por ali fora a mostrar tudo. Foi assim que eu admirei o claustro de D. João I com o reedificado monástico devido em cada esquina do projecto primitivo; que vi o claustro de Afonso V, de gótico severo, e de grande simplicidade; que lasbimeei as capelas "imperfeitas", e que reguei umes praga á memoria do architecto que delinheu umes jurela renascença para acabar a obra com mais variedade... De mesma maneira percorri os terraços, as terras reedificadas, os patios interiores. E com maior emoção ainda, a capela do Fundador; mereceu-me uma demorada visita.

Vagueei, depois, muito tempo, pela igreja, com uma concentrada admiração: a enorme e elegante nave central, com os seus 32 metros de altura, surpreende pela severa elegancia e extrema simplicidade; a proporção das colunas é perfeita; a luz é criada por vidraças de ingenhos desenhos; he em tudo umes grandezza simples que aborve e nos obriga a umes profunda concentração.

Por fim, tive de voltar; não podia continuar ali, naquele passear compassado em

tra o portal e a capela-mor; mandei seguir os miseros amáveis ao fiores "meylaid", e lá voltei eu, enxada fôra, olhando para trás de quando em quando, para ver se ainda avistava o alto dalguma torre do poderoso edificio que o mestre de Ariz mandou levantar para atestar aos vindouros aquilo que usaram os seus pés de amais-meuada.

A estrada para Liria é mesuotona; fri-chais quase sempre, e uma ou outra vinha malgum vale mais fértil; cheguei triste à cidade e subi a escada do hotel recolhendo ainda impressões que me deixára o monu-mento na minha imaginação exaltada e confusa:...



Alcobaça

Coimbra

1903: 23 de novembro

Quando o comboio parou na estação de Valado, chovia. Que aborrecimento viajar com um tempo assim!

O carro da carreira era um enorme "ripent", puxado por machos suáves que lá foi, pela estrada feia, aos polavancos, esparrinhando lama.

Andada mais dumha legua apareceram umas elevações e a estrada seguiu por um vale estreito onde corria um riacho qualquer galgando acudes, fazendo muita espuma branca que se distinguia bem através da escuridão da noite.

Depois começaram a aparecer luzes, casas pequenas isoladas; e em breve subrei em Alcobaça, a terra cheia de tradições histó-

ricas, coeva da fundação da mearquia e centro de seu enorme poderio que se chamou a ordem de Cister. Muitas grandes lojas davam muita luz sobre as ruas e, ao dobrar duma esquina, deparei, de repente, com a grande frontaria da Igreja.

Eu contava ver a frontaria do templo e do convento grande, no centro duma grande praça; mas com o que eu não contava era com a enorme quantidade de barracas de madeira e tona que ocupava a praça em varios arruamentos. Era uma feira anual importante, explicou-me o cocheiro; e com esta explicação que me satisfez cheguei ao hotel, deitei-me e comecei a ler o que Silveira Barbosa escrevera sobre o convento.

E com a leitura sufficiente para a visita do dia seguinte, adormeci...

No manhã do outro dia, o sol surgiu sem nuvens; o vento rondava para o norte e refrescava com tempo.

Depois do almoço, saí. Uma grande rua, larga, com boas casas, ia direita ao largo ao fundo do qual se via logo, imponente, com uma curiosa mistura de architecturas, a

vasta frontaria do caseamento. Carrros cruzá-
vam-se, houvemos com juntas de bois e ca-
valos passavam para a feira; havia um
esmero movimento com o seu quê de cara-
cterístico.

O aspecto da terra é agradável, impres-
siona bem; sobre colinas ferbeis e muito
verdes, correm dois rios que ali se reúnem e
que passam por entre as casas por canais in-
teressantes que fazem mover fabricas; são
eles, o Itleão e o Baga — que segundo a tra-
dição dão o nome á terra; á volta, colinas
suaves, amurbeceem a paisagem documen-
te; tudo comida e uma vida rizada, qua-
re extática, sem polavancos — como deve-
ria ter sido a santa e gloriosa vida dos bons
frades bernardos.

Corri as ruas, examinei a feira, apre-
ciei uns recantos pitorescos dos rios, sobre
as casas; e depois disso, resolvi, sobrei no
grande templo de São Henrique.

No sobrear na igreja de Ilcobaca não se
nota logo a fina elegancia das naveas da Ba-
balha nem a grandezza architectonica da mes-
ma; mas vê-se uma grande nave severa,
larga, muito comprida, de gótico simples

prejudicada apenas pelas modificações de successivas gerações de frades, que agrada logo mesmo para quem traça os olhos cheios das maravilhas do mosteiro dominico e que se infunde logo ao mesmo respeito e á mesma admiração.

No exterior, temos realmente, e infelizmente, a grandeza, mas damos logo com remendos de máo gosto e embellimentos extravagantes; as columnas da nave central estão cortadas até ao meio naturalmente para tornarem maior o espaço da nave; ao cruzeiro, o orgão está estupidamente coberto sobre duas columnas e pegado por uma vulgar parede de alvenaria; a capela-mór que é em choro, está cheia de talha do século XVIII, dos tempos do sr. Dom João V; os altares do cruzeiro são de um terrível máo gosto.

Os frades fizeram ao templo o que não, por essas aldeias, fizeram os "brasileiros"...

Em compensação, fizeram, numa capela do cruzeiro, a seguinte commoção teve largas perante os túmulos de D. Pedro e de Inês de Castro. Sente-se qualques passos ao ver aquelles dois monumentos lavrados que o amor do rei cruel mandou fazer, como li-

ção ao mundo e riu de despreso para quem lhe restava a "misera e mesquinha"; a imaginação corre, sem querer, aos campos do Mondego e segue a poluição da água de Fonte dos Meuneres...

A capela tem pouca luz; há qualquer coisa de triste no ambiente; tudo nos injõe respeito — e a imaginação tem direito a voar á larga dali aos campos do Mondego, do Mondego áquelas arcaas de pedra lavradas com arte...

Sai com uma vaga tristeza da capela tumular e fui ver a sacristia; aqui, diante as portas manuelinas que estão deslocadas, tudo nos cheira ao reinado D. João V.

É pensando nas transformações que se fazem nos monumentos antigos, passei ao claustro chamado de D. Diniz que, apesar das modificações do cardeal D. Henrique, é uma ~~boa~~ obra equilibrada, de severas linhas e de belo efeito scenografico.

Mas... faltava-me uma coisa!

Não queria deixar de ver a maravilha de Alcobaca — o caldeirão de Aljubarrotos...

E o sacristão, um homem baixo e gordo, de boas fêlas, abriu uma porta e disse:

— O sala dos reis . . .

Teu subi e vi uma quadra ampla, com muitas estatuas em pedras (eram os reis portugueses até D. João V); em baixo, quarecendo as paredes, azulejos com a história da fundação do mosteiro; e lá a um canto, abandonado, coitado, o pobre caldeirão de D. Nuno Álvares, sobre um pilar de pedra!

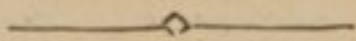
O minha curiosidade artística ficava satisfeita vendo a igreja e o mosteiro; mas a minha curiosidade "histórica" ~~se~~ ~~concentrou~~ se em ver o caldeirão heroico . . .

Para completar a visita, fui ao quartal onde vi a sala da livraria que está a cair aos bocados e a celebre cozinha onde entrava e onde ainda entra um braço de um dos rios, para lavar tudo depois das refeições.

E para satisfazer a minha curiosidade de viajante subi á Torre dos Rios para ver o panorama. Não é extenso mas é pitoresco: a leste, a parre de Albandos onde Afonso Henriques fez o celebre voto da fundação do mosteiro; para todos os lados campos férteis, cortados pelos rios que lhes dão vida, colinas viciosas que compõem o scenario a perder de vista; e para oeste, bastante longe, estendendo-se no azul

do céu, viam-se uns bocados de mancha escura do mar.

Seu per deus beleza euphônica, agreda e interessa-nos; e crebái, no quele dia, havia a curiosidade do ferrenqueiro humano que seu baixo se agitava na feira, e que produzia o barbarinho alegre que lá acinua chegava seu urisono, como o barulho do vento na parraria das arveres.



Peniche

Peniche

1905: 20 de dezembro

A viagem até Olidos não teve nada de notável; encasfado numa carruagem qualquer, limitei-me a conversar e a dormir.

Em Olidos quando a força parou e o comboio parou, apareceram-me em frente o castelo, sobre o monte escarpado, iluminado já pelo luar. Não podia desejar mais; e quando saímos com a força e cantávamos o monte para entrarmos na vila — a beleza que eu achei aquelas cobinas de muralha enciadas, cortada de terras rectangulares que se recortavam no céu luarento!

Entramos pela porta funda, abobadada, com nichos de azulejos, para a histórica vila; percorremos, à luz do luar, uma rua estreita e sinuosa até a um casarão onde

os soldados ficariam; e depois destes terem ficado armados, fomos á procura da casa da D. Isabel, uma velhota hespanhola que se encanega de receber os officiaes que por ali passam em serviço.

Já era tarde; o capitão⁽¹⁾ e eu despedi-mos-nos; cada um se foi deitar; e eu adormeci a pensar na serie de rainhas que por ali passariam como senhoras da terra e na triste gafeira que a friidade da Rainha Santa (palvo erro) ali instituiu.

Não dormi muito.

No dia seguinte, de madrugada, choio cava; a manhã estava triste; mas eu saí perrabeiro da casa e fui ver a vila

Que curiosa que é a vila! Dentro do cinto de muralhas, na encosta dum penhasco que para o nascente desce suavemente mas que para o poente é abrupto e inacessivel, a vila de Olidos conserva ainda uma feição arcaica que inebrensa o mais indifferente. Ruas estreitas; mesmo casa com janela de lavares manuelinos; mouteiras

⁽¹⁾ O capitão José de Silva Bandeira.

uma simples aguja; adiante um recorte gótico; aqui um pitoresco balcão; ali uma colunas deslocadas de qualquer parte sustentando um alpendre; e por sobre os telhados, a volta de nós, os dentes das muralhas poderosas que iam terminas, no alto do monte, no fabrissimo castelo medieval.

A' volta, pelo largo, campos amplos sem beleza mas fecundos; montes uniformes fecham o horizonte; em baixo perfeita a linha porra a risca da velhice do colosso de pedra...

Eravam horas da tarde, ferrear; voltei ao largo onde os soldados estavam prontos; dali a pouco o capitão deu a voz de marche! e nós pegamos rua abaixo, transpuzemos a porta e metemos pela estrada de Berniche.

Eravam 8 horas da manhã; a chuva parára; no horizonte puz começara a apparecer uma facha de um velho indiano de bom tempo; não estava frio; as estradas sem poeira; o céu encuberto — tudo propiciava uma marcha excellente para os 24 milhomens que teriamos de andar.

Bem dispostos, ao chegar á linha ferrea, metemos a um stallo para encantar; a conversa começou para animar e eu

ia observando a paisagem — campos sem brilho, mais em novos planos; ao longe recortes de serras; e quando subíamos, de novo, na estrada, á direita havia uma curva ebulção de terrenos, pedregosos e esbranquiçados, enquanto que á esquerda seguia o vale estreito por onde corria um riacho.

Para quem vem de Coimbra, isto não prende os olhos...

Até aqui andámos até á Aveiro e desta ao Casal da Truda. Desde Casal em diante o terreno movimentou-se, a estrada começa a pular em curvas e depois de uma cascata lateral chegámos, através de uma encosta sem graça e sem nada que prenda a atenção, á Serra de St. Rei, pequena aldeia lançada ao longo do planalto duma península que defronta com o mar.

O panorama é, ao menos, amplo; e durante o grande alto que se fez em si, á volta, aquella larga ebulção de terra q. se vai estendendo para o mar que fecha, pelo frente, o oceano e que vem, de dentro, aos polavancos, desde a serra de Aire a leste e das linhas de Torres, a sul.

A aldeia, em si, é incharacterística; apenas chama a atenção um velho paço manuelino que me disseram ser o paço de D. Pedro o cruz — anacronismo que eu tive de aceitar como um dogma.

Mas, para os lados do mar, o panorama tem o seu encanto: a península de Peniche recorta-se como uma mancha amarela na terra; em frente, as Berlengas e os satélites Farolhões; navios passam empachados de fumo; ao norte a ponta rochosa do Baleal, as pedras de Nazaré; ao sul, as ribas uniformes onde batia a espuma das ondas; embaixo, a histórica Alameda da Baleia, com a sua igreja polinésica ao casario.

As 11 horas e meia começámos a marcha; a descida foi rápida, já se via o termino da viagem e a temperatura baixava ao passo largo.

A estrada seguia em curvas; ao fundo da parra, quando a planície se acanhava, deuses com a Alameda, adiante, com ar alegre; dum cômodo, um homem atento á nossa marcha soltou dois fuzetes e despendeu a correr.

Como a história reza que a gente da
Abençoada é de boa raça, chamei a atenção
do capitão:

— Meu capitão! isto foi sinal...

O capitão que ia, de certo, arquiectando
alguma charada (eu que é exímio) rosou
um perceptico "hum!..." que me fez calar.
O que é certo é que, adiante, num muro q.
deitava sobre a estrada, eu vi curruco mel-
tidão meoedica.

— V.êê. não vê?

Eu olhei para a farda como quem veri-
fica o estado moral dos soldados antes de
subir num combate; mas os habitantes
da real conceituada vila não deram tempo
a que eu exortasse os homens ao cumpri-
mento do dever: ainda não nos tínhamos
aproximado muito, uma girandola, estri-
mulada por um trovão nervoso, subiu
aos ares e estabeleceu alegremente; e os ni-
mos refrigeraram festivos; e uma filarmóni-
ca rompeu com um ordinário marcial,
alegre, quase marcha de triunfo, ao pé de
qual nós tivemos de marchar com impo-
nencia através das ruas da terra.

Uns homens de trajes de ver a Deus

soltarem seus discretos rivos; o povo descu-
beria-se...

Final... era uma manifestação de sim-
patia dos progressistas locais!

22 de dezembro

A saída da Alauguia, quando entrá-
mos, de novo, no campo, avistamos ao lon-
ge a casaria de Berniche por cima de uma cin-
ta de muralhas.

Mais adiante, num alto que se fez, eu,
com o binoculo vi claramente um farol-
queiro humano sobre os bequartes e carbinas
e a uma parte ainda interior a estrada, uma
multidão compacta esperava.

— Vamos ter nova manifestação, disse-
eu.

De facto, ao passo que nos aproximávamos,
vi-se deslizando o ~~aparelho~~ aparato;
a estrada, plana, seguia em rectas pelo is-
tmo; á esquerda a praia, á direita pequenas
dunas de fraca elevação; mas em
frente iam vindo, cada vez mais, a amea-
ça de uma nova e maior manifestação pro-
gressista.

Passámos uma ponte de madeira ; as
rectas da estrada peguim-se ; em frente, a
casaria da vila, parece a espreitar por sobre
o traçado farbificado.

Por fim, chegámos ! Campesinos re-
gulamentariamente a força ; agitaram-se as
golas ; puxáram-se as mochilas ; o capi-
tão tomou o seu lugar e... invésimos com
a multidão no meio da qual brilhavam os
mebais duma filarmónica.

O Hino da Carta rompeu o mudo silencio
das areias ; o povo deu vivas ; num baluar-
te puleiram foguetes ; ao longe, o mar batia
cavo nos rochedos...

— Alto ! bradou o capitão.

É que em frente, sobre os, estavam as
autoridades de Peviche e as pessoas gradas
da terra para os cumprimentos : á frente o
administrador, de sobrecasaca com uma bo-
reta qualquer na lapela ; o comandante mi-
litar, um velho coronel reformado com cá-
na de bebado ; o capitão do porto de grande
uniforme ; o presidente do Camara ; funcio-
narios, alto commercio local, escolas, etc.
etc. — tudo o que a terra ~~tem~~ tem de
mais cotado, barbeados, com trajo domiu-

queiro, as pressurosas de boas vindas, conjunto curioso e inédito para mim.

Fizeram-se os cumprimentos, apresentações, cumprimentos; depois seguimos vila dentro, em cortejo triunfal, no meio da curiosidade indígena: á frente, a garotada saltando canço e costume; a seguir um homem portando fuzetes cuidadosamente; depois o destacamento; logo atrás a filarmónica que toca canço um ordinario; immediatamente as autoridades e gente grada; e no fim, o povo, numa canço alegre.

Os janelas muita gente; mas mas gente também em magotes; uma festa!

Assim se atravessou a vila, por ruas largas e de bom aspecto, até á fortaleza; á entrada desta pelos revalios classicos que protegem a ponte sobre o fosso, a musica parou e a multidão estacou; daí para dentro só subiu a força militar e autoridades — e nós encontramos-nos, finalmente, livres da manifestação.

Estavamos na principal explanada quando o capitão mandou alto; para a esquerda, uma parede de canhoneiras que ~~se~~ deitavam sobre o mar; á direita uma casa

com larga varanda coberta; mais adiante outras casas — pequeno mundo de reformados que não arrastando os últimos dias naquela vida contemplativa. Estávamos no aguardelamento da graça; começámos a tratar de acomodação da soldadesca; e eu ia vendo o aspecto geral de tudo aquilo que, francamente, me agradava.

Residência do século XVII; o mar largo e bravo em frente; que mais queres eu?

Até meio da acomodação do destacamento, um policias veio com um officio para o capitão: o commercio convidava-nos para um jantar íntimo...

O capitão não queria; mas eu não me resignava a perder aquelle espectáculo p. peria curioso e conseguí convencer o capitão a receber o dolman com charlateiras e a irmos á hora marcada, polevas e grãos ao refasto festivo.

Durante o jantar, a filarmónica percorria as ruas com archotes acêros; quando parava em frente do hotel (onde se realisou o jantar) havia vivário do povo que a acompanhava.

Pauiche estava em verdadeiro delirio progressista... Algumas casas fizeram luminarias! Pelas ruas o povo e a gente grande passeava e vinha estacar em frente do hotel onde íntavamos...

Houve brevedes, é claro, á soberanessa; o administrador, que é official reformado, fez um discurso em que ligava as maravilhas da harmonia do estado civil com a disciplina da organização militar; um commerciante expoz as vantagens para o commercio da permanencia da tropa como elemento de ordem; o presidente da banca alludiu ao prestigio que dava á terra a presença de tão distintos officiais do exercito...

Enfim, o champagne era bom; e tudo acabou por uma recepção em casa do administrador onde as filhas me convidaram para as ajudar a remar na baia, quando o mar estiver mau e o frente fôr calmo...

27 de dezembro

Que soberba casa, o temporal de azeitun! A minha casa, nella edificação da graça, deita para uma varanda coberta sobran-

ceira é a explanada principal; em frente, está a muralha rasgada por canhoneiras que dominam uma parte da baía do sul e construída sobre rochedos altos cortados a poucos metros sobre o mar.

Assim, as ondas veem bater na base das muralhas, entram pelos buracos dos rochedos que se ramificam por debaixo de toda a fortaleza e atiram com a espuma, ao de leve, até às canhoneiras.

Mas entem o vento era medonho; o mar estava feroz; quando o maré subiu, as vagas, que eram altas e turvas, vinham de encontro ás rochas com violencia, subiam pela muralha, galgavam as canhoneiras e espathavam-se subitamente pela explanada. Quando a tufada do vento era mais forte e coincidia com o marinhar de onda, a agua subia a grande altura, varria com chicotadas o terreiro largo, vinha bater na varanda e chegava a subir por debaixo das portas e janelas.

Que espectáculo soberbo!

Eu e a familia do capitão (que tem cá a esposa e uma sobrinha) estivemos todo o dia o mar, presos pela novidade e pela gran-

deza do espectáculo; as peuhoras, á porta da casa, e eu com o capitão na varanda, com capote e capuz na cabeça.

De repente, uma onda quebrava; reunia-se em um pom cavio e um ligeiro estremecimento sobre os pés; logo a seguir, em frente, um leucol de agua levantava-se a grande altura, estendia-se, contorcendo-se; o vento, ás lufadas, impelia aquella massa ligeira e ela aí vinha, explanada fôrta, violenta, furibundando com furor, varrendo tudo até bater de encontro ás paredes da casa; as peuhoras fugiam para dentro, eu e o capitão encubrimos-nos com as colunas da varanda, e a agua, como grosso chuveiro, passando pelo telhado da casa, ia cair nos telhados seguintes.

O mar, agitado, tórvo, era quase um mar de espuma; uma chuva grossa, de vez em quando, aumentando a cerração, vinha auxiliar o efeito das ondas sobre a graca.

Era uma coisa soberba!

O meu impedido, serrano da Pamfritosa e que nunca viu o mar, dizia-me que aquillo era o fim do mundo... Aquelle bater cavo, profundo, das ondas nas furnas

por debaixo da fortaleza, era para ele qualquer causa de ameaça infernal para este mundo pecador; e no recesso de uma morte horrora, auctas livido, resando orações por entre dentes, escondido, peiu saber onde iria encontrar segurança.

Na verdade, o caso não era para meus; aquella agitação do mar, aquele invadir das ondas pela explanada, aquellas lufadas de vento de extrema violencia, aquele noturno bater da agua nos subterraneos — são causas de uma influencia magnifica que devem impressionar fortemente uma creatura habituada á placidez das serras, ao pocego dos vales fundos, á tranquillidade das aldeias perdidas entre pinhais.

— Isto não passa de hoje, meu alferes!

O pobre rapaz não contava chegar ao dia seguinte...

Mas, voltando ao mar... Isto longe, por entre a cerração, vê-se formar a vaga, alteiar o dorso cheio de manchas de espuma, avolumar-se; caminha para terra no cegadamente, com seu andamento fatal, sinistro; ao aproximar-se, com uma contorsão interior, violenta, eleva-se,

perde um pouco a parella magestade que trazia; ao pendir no peio as arestas das rochas, tem uma commoção maior, agita a espuma branca que traz no dorso, caulta-se mais, deixa a influencia poderosa que a fazia sobresair no caminho e cai com furia nos rochedos; por um momento, um fugaz momento, só se vê espuma numa confusão caótica; caulta-se um pouco mais, profundo, no interior da terra que comprime o coração; mas logo a seguir aquelle caos de espuma sobe como um ariste pelas penedias, desliza pelas muralhas, envolve as canhoneiras, eleva-se ao ar em colunas, em bueiros, em chuva grossa e nem cair, cobre a explanada, como uma massa implacavel. No mesmo tempo, os respiradouros das furnas que ficam debaixo da fortaleza, lançam umas colunas de agua tenue, muito tenue, quase como fumo, semelhando ao vapor de agua das caldeiras quando descarregam a pressão.

Logo passa; a explanada fica livre; mas se otharmos para o mar, vê-se logo uma outra vaga a formar-se, a altejar o

deroso cheio de manchas de espuma, e avolumar-se, a cerninhar para terra pocejadamente, com um movimento fatal, de encontro ás rochas.

E o drama repete-se constantemente; por isso o pobre serrano que é meu impedido dizia que isto não passava de autêntico...

At final, passou.

30 de dezembro.

Ante-ontem, quando o meu impedido entrou no quarto pela manhã, a primeira coisa que me disse foi que um navio tinha naufragado.

Eu, por entre o póvo da manhã, não senti grande admiração pois o temporal tem combinado; mas, ao mesmo tempo, senti uma impressão triste ao pensar nesse naufragio por noite escura, no meio de vendaval, numa costa cheia de perigos.

Levantei-me; e quando abri a janela e me encobrei com o vestuario suficiente para vir á varanda — onde já cantava melancolicamente a minha alegre vizinha —

peguei no binoculo e comecei a observar toda a baía. O mar estava cavado, a espuma branca levantava-se magestosamente de encontro aos rochedos — mas não havia sinal de navio naufragado.

Saí e fui ás terras do norte; o cabo Carvoeiro lá estava no meio dum mar agitado fazendo a península ás Berleypas; tudo tranquillo pela terra e na península; e pôrmente, por detrás dos rochedos do Baleal se viam dois mastros dum navio e a extremidade dum cano. Nada mais. Para o norte, os altos de Nazaré; em baixo, na praia, as ceadas vinham quebrar-se em linhas paralelas de gelo effito; para a direita as ondulações da terra iam pender-se numa neblina que se arrastava por aquelles pinhais.

O naufragio fôra no maldito Baleal, de negras tradições; senti uma commoção grande ao ver a immobillidade daquelles mastros e daquele cano, peguei aquellas rochas malditas de saltadores e de quem me virão tantos desgraçados.

Quando fui stuoçar já se sabiam por-me-nóres; era um vapor inglez carregado de carvão; vinha de Cardiff e ia para Malta.

Já lá estavam a guarda fiscal, o administrador do concelho, o vice-consul inglês, a sociedade de socorros a naufragos, etc. etc.

Espetou-me ir ao Baleal; mas o dia real encarado, carrancudo, com vento frio, fez-me desistir; no entanto alguma coisa vi do naufragio quando fui jantar.

Na direcção do hotel, atravessando a praça, vinha um grupo de homens enfarruscados, mal vestidos, com cara de fome e de cansaço: eram os naufragos que abandonaram o navio e vinham recostar-se a abrigo hospitaleiros.

À frente, uns, em numero de cinco, mais bem vestidos, eram os chamados officiais de bordo; os outros, cerca de uma dúzia, ou talvez mais, eram os tripulantes.

Os primeiros vieram jantar á mesa do hotel; os outros cearam num esparbio-meuto qualquer da casa.

O immediato, bom tipo de inglês, simpatico, delicado, falava qual o português; o maguista ~~o~~ chefe falava um terrivel esparhol; o chefe dos pilotos um pessimo francês. Aquelle jantar foi uma Babel... Eles eram avaros, pediram desculpa por

vincem ruijos, esforçavam-se por serem amigáveis. No fim, levamos-os ao "club" da terra onde jogaram o bilhar e onde, depois de uns copitos do Porto, esqueceram desgraças e até dançaram alegremente!

Mas, o mais interessante foi na casa onde cearam os marujos e maguimistas. No fim do jantar um rapaz novo, de cara esquelada, de grande leuco em volta do pescoço, tirando o cachimbo de boca, começou a cantar em pé, com certo ar religioso; acabada a primeira estrofe, todos os outros, tirando também o cachimbo, começaram a cantar, em cântico, pomoso, lento, de andamento vagaroso como o balançar das ondas, a mesma coisa que o outro primeiramente cantara.

No acabar, ficaram a olhar uns para os outros, em silencio; depois levantou-se um homem, baixo, de bigode ruivo caído, e começou um outro cântico lento, com tristesa, como cântico religioso; peguiu-se depois o cântico lento, em tom compungido, no meio de uma reverente atenção de todos — e eu quiz ver em tudo isto um cântico de agradecimento á divindade por se encontrar com pão e salvos.

O fumo dos cachimbos já quase enchia a sala de tecto baixo; um candieiro ao centro, aceso, dava uma fraca luz; tive a impressão de que estava no compartimento dum navio a virado, solemnemente, um cambão de graças.

Aguilão era triste e impressionou-me. A cabeça de dois ou três já descaía sobre o peito, com cansaço; os cachimbos ficavam ao canto da boca, inermes; e, talvez para alegrar e afastar a sinistra visão do naufrágio, um rapaz começou a cantar uma canção alegre que provocava num ou noutro um palido sorriso — mas em todos eles se via a canceira da noite passada na luta com o mar e talvez com a morte; a ligeira alegria que um ou outro manifestava era mais um passageiro resultado do bom jantar e do infalível whisky peu pouda que beberam como bons ingleses. O pômo, a pouco a pouco, venceu-os.

Mas também, com um dia bom, é que fui ao Baleal!

De mais a mais, quando almoçava, vi passar uma alegre burricada com penho

nas e napezes da terra que o creado me des-
pe irem para lá.

— Nada! dê por onde der, vou ao Ba-
leal!....

Consegui pécamente arranjar um ma-
cho eueuue, descomunal, quase um camelo,
arreado com uma pelá de campino e lá fui
com o secretario da Camara, que ia num
burro, pequerrinho, muito baixo, por aquelle
areal fina, ao longo da costa; custou a che-
gar, quase uma hora daquelle friso monoto-
no, sem qualquer variante; mas por fim,
á hora da maré cheia, peris uma de tarde,
defrontamos as pedras traicoeiras do Ba-
leal.

Uns rochedos eueuues, solrefostos,
que ao longo seuelham um animal descon-
forme de dorso rugoso ali deitado, ligados
á terra por uma estreita passagem de areia
que a maré cobre na fraiz-mar — eis o
que é o Baleal.

Lá em cima, ao longo do dorso, umas
fiadas de casca brancas; á volta, o mar
iuuuso, alegre, palpicado de espuma, espe-
dando por um e outro lado, sob o sol
acariciador de iuverno.

No atravessar a ponta de areia, já as ondas passavam de lado a lado; esperei uma ocasião, mudi o macho a galope, ao passo que o meu companheiro, com as botas quase encasadas na água, se molhou ainda alguma coisa. Subindo, por um caminho aspero para a povoação, vi, eubão, o rojão inclinado, com a frisa muito alta e a ré quase debaixo da água. O mar estava ~~em~~ mauso, de modo que as ondas, no seu vai-vem, o colriam suavemente, sem o fazer mexer.

No cimo, peguimos por uma maritã, com casas rez-do-chão, todas baixas, sem affecto; e eu, ao entrar no lugarejo, levantando o braço direito, decima do meu proante macho, dizia para o secretario de Camara, lá em baixo, no pinguino amarelho que montava:

— Que dizes, Sancho amigo, a estás extranhas aventuras por que as nossas damas nos têm feito passar?

Ele achou graça — porque, de facto, ao longe, quem nos visse, diria que eramos o D. Quixote e o gordo Sancho Pança! Isto disseram, de certo, as senhoras quando, a uma esquinha, fomos ter ao posto fiscal onde está-

na a família do tenente comandante da peçã, as filhas do escrivã de fazendas, e mais umas outras que eu veio passar na barrica — e que se riram com tão estranho apanhecimento . . .

Aquilo, afinal, não era um naufrágio, era um "pic-nic"! O dia lindo, o pôr do sol bonito, o mar quase chã, o sol acariciadã, o espectáculo novo . . . que mais queriam aquelas gombis perncheiras que chilreavam e esvoaçavam por sobre aqueles rochedos?

O navio ali estava, com a grã mesmo junto dos rochedos, afocinhado precisamente na occasião em que qualquer outra maior o levantava; ali ficou entalado, e agora varrido mansamente pela vaga, vigiado pela guarda fiscal e cubricado pelos saltadores do arredores que esperam que ~~este~~ ele arrebeute para apanhar os pedregalhos.

Fez-me impressã tudo aquilo; mas o dia estava maravilhoso, o céu azul, o sol acariciadã, o mar quase chã — e pelos rochedos, desceidas, as raparigas saltavam, brincavam e riã . . .

31 de dezembro

Quando meutai, momentaneamente, no grandioso macho para regressar, encontrei esportiveiros: o escrivão de fazenda, o amanuense do mesmo e o secretario da Camara, no mesmo berrinho manso.

No descer dos rochedos, a maré tinha chegado ao maximo e as ondas cobriam de lado a lado o estreitissimo istmo; os animais como vinham para casa, facilmente metteram a galope por sobre o leurol de agua, esparrinhando espuma, salpicando tudo.

O escrivão de fazenda, o baldas, lembrou, por ser ainda cedo, que dessemos uma volta.

— Vamos lá! disseram todos.

E assim, em lugar de seguirmos a trilha velha pela praia, subimos á esquerda a umas dunas de areia; em frente só via esculpturas claras de areia, cobertas, nalguns pontos, de umas hervas rasbeiras; ao longe umas casinhas agrupadas; e fechando o horizonte umas elevações da serra da Itaquira, da Serra d'El-rei e da Lagoa de Olidos. Eu, como ia sobre o grandioso macho, espe-

cie de dromedários, dizia para o Baldas que ia todo presencioso num bom cavalo:

— Sr. Baldas! Parece que vou num ca-
nuelo, explorando o deserto do Saará...

E peguia magistrosamente. O Baldas, lá de baixo, olhava para mim, piscava um olho, punha a mão em pala e dizia-me

— Ph! aude o sr. vai!

Com ditos alegres e boas conversas, a ca-
nalhada peguiu através do extenso areal até
que, atravessando uns lodacais aude a agua
crescia com abundancia, chegámos ao logar
jo do Ferrel — bem tristemente conhecido
pelo seu numero de ladroes e malfeitores que
nele vive.

Explicaram-me os companheiros que,
quando causta que algum navio deu á costa, os
habitantes do Ferrel pegam de uma auxada e lá
vão para a praia á espreita, e ver o que hão
de roubar e quem hão de matar se necessario
fôr.

De facto, enquanto atravessávamos as
dunas, encontramos grupos acampados nel-
gum mesubiulo mais alto de aude se avistava
se o vapor; ali estavam, de observação, á es-
pera que o navio rebentasse para cair em po-

bre os despojos e apanharem o que o mar lhes lançasse a terra.

Dizeram-me os mesmos companheiros que estes selvagens têm sustentado verdadeiros combates com a guarda fiscal e com a tropa de linha em que se batem desbriçadamente e nos quais morrem com valor; mas a sua crueldade é tradicional com os naufragos.

Ha anos naufragou um paquete nestas paragens e muitos naufragos vieram parar a terra, uns vivos outros mortos; o desastre deu-se de noite — mas o certo é que de manhã, no chão, só havia cadáveres e estes, em parte, mutilados nos dedos que tiveram anéis e nas orelhas que tivessem brinços!

Mas adiante.

Passado o Ferrel, seguimos á aventura na direcção da estrada; subimos, desceu, passámos subeiros, transpuzemos ladeiras até que chegámos á povoação das Casas Brancas, situada em um alto; daqui, a vista estendi-se ao largo, para o mar: o sol que se caia, encuberto em nuvens, sobre a água; o mar, negro de todo; a península de Peniche desenhava-se sobre este negro onde brilhavam as luzes dos faróis; mais

adeante, as Berleuzas, pumindo-se no escuro da tarde; e em baixo, até ao literal, a grande extensão de areias.

Sobre o peço do mar, recortava-se a igreja da Matúrgia; e daí a pouco a luz intermitente do farol da Berleuga Grande começou a aparecer, através da nevoa, como um foguete que ao longe estalasse no escuro do céu.

Chegámos, por fim, á estrada; era quase noite; ao troté e ao galope, fomos passando os 7 quilómetros que faltavam para Beriche pela estrada monotona.

Na Matúrgia, vi novamente a velha igreja com restos de aguias já perdidas no meio da cal civilizada de alguma benevolência Junta de paróquia e com um campanário que destoava, por completo, do aspecto ambíguo da edificação; numa venda, o baldas, pagou umas dúzias de faguetes que comprára para a recepção do destacamento; e de novo seguimos, pela estrada fôra, conversando, pombindo a larma palpitar as botas — enquanto a noite ia caindo, escurecendo tudo, mal deixando ver ao longe o farol do barrosoiro por entre a cerração que subia.

O mar, ao longe, rugia; á frente, o

contorno abaluartado de vila, real se desvina-
va; eram 6 1/2 da tarde, entramos na vila, po-
léus e esfomeados.

1806 : 2 de janeiro

Logo no dia seguinte ao da reunião chega-
da a Peniche, não resisti á vontade de ir ao
Cabo Carvoeiro.

Devia falar do Cabo Carvoeiro como de
um terrar para a navegação, como causa
de terríveis naufragios, de desgraças sem
conto. No inverno, durante os temporais,
era vulgar ver noticias de navios perdidos
no Carvoeiro, quer com a corrente, quer
com a violencia do mar, quer com a fúria
do vento. E fui, caminho fóra, de binoculo
a Kinacolo.

A estrada segue em curvas por sobre
dois muros, ora caidos ora de pedra solta;
não se vê nada para um e outro lado; só de
quando a quando, malgum paubo em que os
muros baixam, lá se avista para o norte o
mar azul, as areais de For do Troelho, os altos
da Nazaré, ou para o sul o mesmo mar
tranquillo, com o cabo da Roca, lá ao fundo, a

entrar pela água, como a grãa aguada de um alteroso mar; ou ainda para o nascente, a estreita tira de areia branca que liza Peniche é terra firme. Mas, se se conseguisse, com algum muro mais baixo, ver os terrenos á volta, vê-se a coisa mais feia deste mundo...

Quem é de Coimbra e ali tem passado a vida e vê estes terrenos escuros, com muros negros de pedra polta ou pedras de rama também escura, sem vegetação — nota a diferença que ha entre o bonito e o feio...

Mais adiante, quozas de uns dez minutos, chega-se a um esaruna terreno, com casinhas baixas á volta, com um coreto ao meio e com uma capela, ao fundo, para a qual se desce um oito a dez degráos: era o mitio dos "Remedios" — forma abreviada de tratar o local da capelinha milagrosa de Nossa Senhora dos Remedios.

A capela nada tem de notavel a não ser o fôrro de azulejos das suas paredes e a grande quantidade de quadros robivos.

Ali, o que tem que ver, é a costa, que desce abrupta logo atraz da capela. — esaruna accumulacão de pedras sobre pedras, numa confusão tal que se diria que estas assien

desde que a crosta do globo se começou a solidificar. A água espandava-se com força por sobre aquela trapalhada, espumando, escoando-se, cobrindo uns e outros rochedos e eu fui seguindo pelo alto da península, para o sul, em direcção ao farol do cabo que eu via a certa distancia, na branca e estúpida immobildade de todos os farsis.

A costa, para o sul, como ao redor da península, é a mesma aglomeração fantástica e desordenada de penedias: aqui, cantadas a prumo, com grandes furnas e evernes saliências; ali, bocados pequenos, negros, uns sobre os outros, confusamente, por onde a água salta, espumando, constantemente; em ~~fronte~~ frente, mesmo, um enorme rochedo isolado, comprido, muito alto, disforme, a que chamam a Mãe dos Carros em razão de ser o poço constante daquelas aves negras que o cercam engraçadamente; perto, uma modesta cruz de ferro com um telheiro ainda mais modesto, atesta a morte dum homem depois dum triste naufragio; e ligando todo este conjunto, o mar irrequieto, o mar cheio de espuma, mexendo-se, pulbido, desceido, passando por sobre as ro-

chas casei caricias, escondo-se pelas fumas escondidas com repintes de sensualismo.

Mas eu freio, beem ao poente, e' que estava para mim a novidade: no mar azul passavam e cruzavam-se navios, e lá adiante elevava-se a Berleuga, ilha pequena mas altérosa, abrupta paciencia, desfrida de verdura, de aspecto selvagem; sobre a direita, como duas pedras colossais tombadas para ali, ao Deus dará, estavam os Farelhões; e sobre estes e a Berleuga, vi, com o binoculo, uns outros rochedos, pouco emergentes ao lerne de agua, e que á vista desarmada não se alcançam. Scenario magnifico!

Estava em presença da costa negra das cartas inglesas — dessa costa terrivel salpicada de naufragios, cheia de postos para os marinheiros, recessos constantes das casufinhas de navegação! E no entretanto, que poço a que beleza eu via ali, naquele dia luminoso, cheio de alegria, com o mar bonancoso a sorrir ~~na~~ na espuma branca que lançava sobre as rochas! Que paz havia em tudo aquilo, que harmonia dos elementos!

Não! os ingleses não eram justos: aquella costa era a costa luminosa!

Assim cheguei ao farol : olhando para o mar, alcancei toda aquella extensa freguesia de Nazaré ao cabo da Roca ; as Berlengas, na frente, mais potentes, recortadas no azul, tinham influencia scenografica ; e eu ali fiquei tempo esprecido, observado naquella scenaria simples, mas admiravel, vendo bater as ondas nos rochedos — velho espectáculo conhecido, mas sempre novo e sempre variado.

Por fim, voltei a Peniche pela costa do sul, contornando a rocha escarpada ; vinha cheio de sol, de ar maldado, de luz daquelle dia incomparavel ; vinha satisfeito comigo, vinha satisfeito com o mundo...

No subir á varanda de minha casa, e vizinha gentil, com a frescura dos meus dez e seis annos, cantava-me alegremente.

6 de Janeiro

Que bello dia, o de ontem!

O mar, mesmo, estava em maravilha ; apenas em leve ondulação se percebia, apenas o brulho do sol o agitava ! Havia em minha meblina, muito tenue, mas eu,

mesmo assim, confundia os planos afastados, e dava, aos olhos, uma certa uniformidade. Navios deslizavam polidamente, naquelle lago tranquilo: os imponentes transatlânticos, com o seu vulto formidavel; os vapores de carga, mais modestos, de armadura mais baixa; navios de vela, brancos, como gaiolas brancas a esvoaçar. O céu estava bello, o dia de ontem!

Da varanda coberta da minha casa, via-se tudo isto, sentia-se o sol acariciador de primavera, ouvia-se o canto jovial da minha gentil vizinha.

Fiquei, pela varanda, todo o dia, com meu canção do pevario...

A tarde, quando o sol já caía e as horas do jantar se aproximavam, é que saí da fortaleza, ainda cheio da paz daquelle dia, impressionado da tepidez daquelle sol.

Para da fortaleza, cornei á direita: á janella, vi a menina Bôto, uma linda menina de olhos grandes que reflectem a profundidade daquelle mar misterioso; desci á rua da doca: a tarde caía tão serenamente que me impressionou aquelle placidez tão harmoniosa e tão doce...

A praia lá estava, com as areias pequenas a quebrarem-se brandamente; gai-votas voavam em bandos alegres sobre a es-puma; mulheres corriam á procura da areia fina com seus sacos especiais; ao lon-ge, na estrada, passava gente; e a peregrina-ção de magistros da tarde não se alterava.

Contornei a doca; peguei pela chamada «pontão novo» de madeira, presa á muralha dum baluarte e parei ao fundo: lá está-va o mar a escurecer, toda a costa a perder-se na bruma da tarde, o céu a arroxear-ne-ro fúnebre; adiante, na «pontão da investida» uns marinheiros conversavam, com in-dolência, fuzando o fumo do cachimbo; e as mulheres da areia iam passando por diante de mim, já carregadas, dando as «boas noi-tes!»

Por toda a parte — quer no mar, quer na terra — a mesma paz dum entardecer sereno, a doce quietação de natureza depois dum dia de trabalho.

Segui pela muralha da contra-escarpa; lá estava á direita o areal do istmo, com as muralhas artificiais para obstar á invasão das grandes marés; á esquerda o fosso das

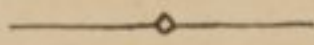
fortificações ainda entra a água do mar; re-
zei pela muralha fora, olhando: lá estavam
ao norte, os rochedos do Baleal com os mas-
tros do navio naufragado a assomarem; lá
ia a estrada queia escondida na areia; lá este-
ra o mar da outra costa — tudo na mes-
ma quietação e na mesma doce magnifi-
cência de côres.

Quando cheguei á porta do S. João (porta
aberta quem dos baluartes) subrei: a mes-
ma paz, o mesmo pocego; haseiros, a cave-
lo, atravessavam o areial para as suas ter-
ras; mulheres entravam com sacos de areia;
uns raparigos apanhavam conchas no fundo
pedregoso e escarpado do porto; e a tarde
caia com leubidão soberba.

Debro da muralha, já mesma das ruas
da vila, um cocheiro atrelava os cavalos á de-
ligancia da tarde; uns bois pastavam na rel-
va do atarvo da muralha; e adiante, na praça,
o medico e o farmaceutico passeavam, feren-
do horas para o jantar, enquanto na janela
da botica do Proença umas raparigas bonitas
conversavam com a vizinha, a filha do Oli-
veira da loja de panos. O esrivão de fazeu-
de, triste, andava dum lado para o outro; o

Andrade, o grande jesuíta da Terra, passava com a esposa; adiante iam as esposas do Albreu pollicitador e a do Oliveira; um grupo de rapazes da vila ia de carro para Obidos, alegremente; e eu, com os meus dois comensais, o medico e o farmacêutico, seguimos pacatamente, sob a docura daquela inegualavel tarde, para o sacrificio dum excelente jantar com cozinhado...

Já havia estrelas perfurando o azul do céu; do mar vinha um vago cheiro a salgado envolvido no murmúrio leueto das ondas.



10 de janeiro

Uma das maiores curiosidades da Terra, se não é a maior, são as rendas e... vá lá! as rendeiras...

Segue uma pessoa por qualquer rua e se olhar para a esquerda e para a direita, vê, por quase cada porta e quase cada janela, pelo menos uma rendeira, e ouve continuamente o tinir seco dos livros no seu incessante movimento. Velhas já curvadas sobre as almofadas por causa do cansaço da vista; rafa-

rigas novas desenhadas, mexendo com centenas de livros; mulheres de certa idade, algumas de má aspecto por causa do trabalho sedentário; rapariguinhas de 7 e 8 anos, vivas e alegres — tudo isto trabalha com livros, tudo isto sabe lidar vertiginosamente com centenas daqueles pausinhos torneados que giram por entre dedos, e que não fazendo crescer na alfomada, muitas vezes, como verdadei-
ra obra de arte!

Quando vou com vagar, acontece que, ao passar por casa ou de vez a outras vezes no meu trabalho, aproxima-me, encosto-me á janela, cumprimentando amavelmente, peço licença para olhar e fico a ver aquela vertigine dos livros, movidos com agilidade por uma familia inteira — desde a avó, curvada pela falta de vista, até ás netas, faladoras, amáveis, alegres...

É por entre a conversação e por entre risos, as roupas crescem ao pom do tinir seco de centenas de livros finos e sob as pernas caudinas de puilhares de alfinetes.

1907: 23 de janeiro

Fez ontem um ano que eu cheguei a Coimbra vindo do destacamento de Peniche; já lá vai um ano!

Nesses belos dias de sol, sobre os rochedos a piumo, com o mar infinito em frente, eu passei o tempo mais pocegado e mais tranqüilamente a meu da minha vida.

Sem o frio das outras terras, com a solidão acariciante do mar, com um pocego difícil de esquecer nos pitios, Peniche deixou-me uma agradável lembrança, uma indelével recordação; e hoje, quando ainda vejo — passado um ano — com um dia de sol bom, o cabo Mondego, ao longe, como um grande animal que ali caisse sobre a planície, eu tenho uma pontinha de vagueza saudade por esses dias descuidados, passados na mais negligente boa vida, na mais despreocupada peregrinação...

No levantar-me, pelas manhãs limpidas, quando eu afastava a cortina de papel de seda das janelas que deitavam sobre a varanda, para vêr o dia, eu tinha sempre em frente o mar enorme, o mar infinito, o

mar infinito, era lisamente azul, com
 uma vaga neblina que encobria levemente
 o horizonte, era terço, grandioso, agitado
 por cumbrões desconhecidas.

As ondas vinham bater em baixo, na ro-
 cha; um leve arrefio trespassava o velho for-
 taleza, subira temerosa; e os dias corriam
 serenamente, amavelmente, indiferentemente,
 como o fumo, ao longe, que os vapores
 iam deixando pelo ar azul.

Os dias passavam e a vida ia assim
 passando; as marés subiam e desciam; as on-
 das cobriam e descobriam os rochedos; o sol
 atravessava o azul...

Por isto, por tudo isto, eu sinto uma va-
 ga pontinha de saudade quando eu deo de
 sol limpo eu vejo ao longe emergir da ple-
 nície esverdeada, o nullo papueidermico do
 cabo Mondego...



Tomar

Coimbra

1904: 7 de janeiro

Duma volta de estrada, depois de andar uns 8 quilómetros do paislho para lá, vê-se o enorme campo onde corre o ribão e, em baixo, a cidade, plana, pequena, com a casaria alinhada em filas regulares. Logo á descida, depois desta primeira e agradável impressão, em frente vê-se no alto de uma colina elevada, o histórico castelo dos Templários e do Ordem de Cristo com a Torre de menagem esbranquiçada onde ainda se rasga uma janela gótica.

A estrada continúa pelo meio de altos campos e entra na cidade com o nome de «Avenida da Graça» — nome lindo posto afinal a uma rua larga, ensombrada por pequenos álamos em grupos junto da va-

letas e umas casas baixas, medianas, dum lado e outro.

Atuerrida de Graça! Como achei proibido o nome; como me impressionou logo bem, como me dispôs exalcentemente! Que lindos nomes de ruas iria ver eu tomar!

O cocheiro levou-me ao hotel que fica na rua principal que ainda conserva o nome tradicional da Corredoura — sobre designação agradável a que presbei atenções.

Instalei-me; e, como não eram ainda horas de jantar, saí e dei uma volta.

No fundo da Corredoura ha uma ponte sobre o Nabão; ao pé da ponte ha um acude onde a agua represada; nas margens, choupos, salgueiros e chorões caem sobre a agua docemente; para um lado, a casaria da cidade estabida sobre o meirame do convento do Cristo; para outro, o campo cheio de vegetação a pender de vista. O local é pitoresco, é agradável, é movimentado; e para não ser todo bucólico, umas poucas de chaminés das fabricas de fição esfriam por sobre os telhados e vão lançando o seu rolo de fumo na atmosfera tranquila. A tarde cae e uniformisava toda a variedade da paisagem.

A cidade é pequena, plana, vê-se
 num relance; é, porém, interessante é a
 sua situação é excelente — sem contar, é
 claro, com o convento de Cristo, lá no alto,
 maravilha da terra, verdadeira causa das vi-
 sitas aos alegres campos malandinos.

Sobe-se para lá por uma íngreme la-
 deira; e depois de passar por uns portais
 baixos em ogiva, entra-se no pátio ajardi-
 nado do convento, onde se deflora logo com
 o contraste curioso da velha charola de Gual-
 dimar Pais com o rico e ostentoso portal
 manuelino da Igreja.

O monumento é um conjunto de es-
 tilos arquitectónicos: o claustro dos Felizes,
 severo e ríspido; a janela da casa do capitulo,
 exuberante e magnífica; o claustro dos Ceivos;
 os túmulos góticos, de delicadeza polida; a
 Igreja reformada pelo rei nobreuroso; e... a
 habitação do conde de Tomar, incharacterística
 e abaravileirada... Tudo vi como quem gos-
 ta de ver — mas não sei de arte o neces-
 sário para comentar o que vi.

Não sei mesmo se a conservação do
 monumento não tenha falthas dignas de re-
 paro pois me pareceu que andam ali com-

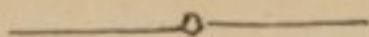
petências de devidora competência á volta
daquelle amentado de belezas.

Mas enfim: á volta, pelos campos e
por sobre a cidade, a vista recreia-se com deli-
cia; em baixo, a casaria alinha-se em talhões
regulares; o rio corre em breves curvas por
entre verdeira farta; adiante, a Torre de S.^{ta}
Maria dos Olivais sobressai ao olivado triste;
para o sul os campos ferbeis, cobertos de oli-
veiras, ricos de agua, que lá baixo se vão
unir ás lezírias; e para o norte, a massa
escura da fabrica de fiação erigida de charmi-
nés e as colinas regulares, de ondulação qua-
re, que se vão perder nas serras.

É um panorama quieto, tranquillo,
sem nada que quebre a serenidade campesi-
na do conjunto; a propria cidade não faz
barulho, vive silenciosamente encastada
no arvoredo; e as fabricas lançam a ruído,
de vez em quando, um fufonito alegre que
logo se desfaz . . .

Por uma bela noite de luar, seriam 11 ho-
ras e meia, vesti-me num como para Bai-
alvo; tomei o comboio para Coimbra; dormi
pauco, recostado nas almofadas da cama.

quei; mas ao acordar, ao amanhecer, eu
vi pelos vidros ovalhados os meus lindos
campos do Mondego e ao longe, a sparecer
por sobre o nevoeiro e os chapós altos, a
meinha terra que se espreguiçava pela colli-
na e abria os olhos ao belo pol creador que
a purpreeudia com caricias de ouro.



Torres Novas

Coimbra.

1904: 1 de janeiro.

Dormi por quase duas horas da manhã quando o carro entrou na vila de Torres Novas. A trovada que se faria sobre Santarém e que seria para o norte afastar-se, mas a noite estava negra como breu. Pelas ruas nem viva alma.

Fui-me deitar e dormi. Só de manhã é que comecei a ver a terra — e logo ao café matutino, o castelo apareceu-me em frente da casa de mesa do hotel, negro, bem tratado, com a cabine completa e de certa elegância e a praça central da vila, em baixo, de chão irregular, ampla e alegre e onde uns homens de peissa, á ribatejana, conversavam de cá para lá. O café e as trovadas não estavam máis...

A vila é mais ou menos plana; o rio Almonda atravessa — e em curvas pitorescas e sombreadas, malguezos pontos, por palqueiros grandes; mas as ruas são, em geral, estreitas, e as casas na maior parte, baixas. O largo central que eu vi de manhã é o único desafogo da vila e tem um carreto onde a municipalidade não toca; as duas principais casas de espetáculos — o teatro e o tribunal — estão juntas; os dois hotéis estão defronte um do outro; a cadeia está ao pé do cemitério, paredes ruínas; o comendante da Escola Prática mora a dois quilómetros de distância; e, finalmente, há umas cinco ou seis farmácias!...

Por isto não se pôde fazer ideia do que é Terres Novas; não me subretento aos dados que aqui deixo para que, do futuro, com um pouco de imaginação, se possa reconstituir uma Terres Novas mais pequena e talvez mais feia...

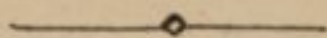
Mas, ao norte, eleva-se abruptamente, o monte do castelo que o Almonda contém em parte; lá de cima, de sobre as muralhas ruínas mal conservadas, o panorama, comprido não seja de grande ex-

leusões, não é, contudo, máu de todo: ao norte a serra de Aire coberta de oliveado espi-leirado; para o poente uma serie de colinas mais ou menos cultivadas que se perdem encostadas umas ás outras; para o sul, a ondulação desce até se perder nos campos de Golegã; e em baixo, no raio do monte, vai o rio correndo entre verdura e sobre lavadeiras alegres que matam assim, um pouco, a vago tristesa da paisagem.

Bommo vivei dois dias ás minhas ordens corri tudo: fui ás Lapas, pobre aldeola escondida sobre o rio e uma elevação abrupta; fui á quinta do visconde de S. João; fui ver as quatro-quedas, lugar pituresco onde ha, jun-tas, quatro quedas de agua e onde modern sempre muitos patos; fui algumas vezes á ponte do Lamego onde as lavadeiras batem a roupa alegremente; fui tambem como "artista" ver cair a agua do acude da ponte de Levada; assisti a uma audiencia onde o meu velho amigo Mario Dupre defendia um reu accusado de abrir a colheita a um patricio; e finalmente, com o meu amigo condiscipulo, fui jantar uma tarde á Ribeira Velha, com a avó, boa velhinha de 70 anos que me con-

Teu histórias do sr. rei Dom Miguel e falou
sua rapas reminiscências dos franceses.

Este jantar foi, eubá, particularmente
agradável, naquella santa paz de uma aldeola,
entre gente boa, ouvindo histórias remotas,
recordando, com o Mario, histórias mais
recentes do tempo de estudante; e teria sido
a melhor ceia de Ternes d'outras se, a meio
do jantar, não fossemos interrompidos por
foguebario e vivário insolito: era o seu da
audiencia da tarde que ia, com copia de gen-
te alegre, agradecer ao advogado a sua justa
absolução!



Castelo Branco

Castelo Branco.

1914 : 23 de novembro.

Dou o dito por não dito. Julgava que o frio não era muito e dizia que não tinha que me espantar.

Final, ontem, com o arrefecer, a temperatura começou a descer, a descer, a ponto de, durante a noite, chegar a 0° e me deixar, no quartel, a tremores.

O temporal, com o cair da tarde, aumentou e durante toda a noite a cidade esteve sob uma barragem desenfreada, com um frio intenso e uma ventania terrível.

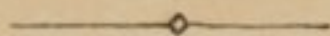
De manhã amanheceu um pouco; depois o céu limpou quase por completo; os horizontes tornaram-se nublados; e a neve de Guardanilha apareceu coberta de neve, sobberbamente, destacando o seu perfil sinuoso todo

branco, quase metálico, sobre o marriço imponente da Estrela.

Mas o termómetro deu-se ao luxo de descer abaixo de zero . . .

Durante o dia esteve entre 4 e 5 graus, com sol limpo!

Estão aqui ervas com friciras.



26 de novembro

Estive lá pouco no castelo, de lincoelho, olhando á roda.

É o meu refugio em dias de horizonte limpo, para fugir á cidade que não tem atrativos.

Lá estão a serra da Estrela já coberta de neve nos altos; mais á esquerda as serras mais baixas da Campilhos e da Louren; para sudoeste o boqueirão do Rodão, de rochedos alterosos; ao sul Castello de Vide, Marvão, destacando-se sobre o fundo da serra de S. Mamede; a leste e sudoeste, a Espinha, largas planícies ruas, sem fim, a perder de vista; a poeiris, seguindo ao norte, Moutinho, mouro abrupto, Penamacôr com o seu ninho de aguias; e por fim, fechando o

circuito, a Guardunha, de perfil recortado com arte que nem descer, aos relevancos na planura da direita.

É um ponto de vista soberbo, este castelo; ninguém dirá que de tão fraca elevação se abraça tanta largueza de terras; e como é variado, correndo a circunferência, as horas passam, naquelas ruínas, sem custar ~~uma~~ nada. Em baixo, na cidade, festeja-se e jubila-se; ali, ao menos, a vista é larga e o ar é puro.

30 de novembro

Como de ontem para hoje estive de serviço no quartel, vi esta manhã, e' claro, romper o dia.

Conferme o meu costume, á alvorada venho para fora ver o clarear do céu e o aparecimento das nebulas; mas hoje, o dia appareceu esvovado, muito exquisito, com um alvorecer acizentado, que vinha intristecer mais o aspecto do largo e da casa ria em frente.

Contudo, havia o movimento da feira que fazia esquecer o feio da madrugada.

Ainda de noite, começaram a chegar ao grande largo fronteiro muitos carros puxados a mulas com coberturas de lã; pouco depois começava a zafama de alinhar as viaturas e armar os balcões de negocio nos arreamentos proprios; o barbaquinho de centenas de pessoas aumentava; e quando o dia nasceu a feira estava a postos.

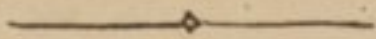
Aproximei-me, então, para observar aquella diversidade de trajos e aquella uniformidade de

Lá estavam os homens do Monforte da Beira, com os seus galeões de capuz que sustentam na cabeça e por cima do qual põem o chapéu; vi os homens de Malfica, com os seus calções de burel com uma fileira de botões aos lados e polainas do mesmo pano abotoadas com dúzias de botõesinhos brilhantes; lá andavam mulheres das terras de Oleiros, com saias amarelo-tomado e largas capas de paragona, quase á espanhola; Também vi as mulheres das Sarzedas sustentadas numas caprinhas curtas de burel, com capuz debruado a preto; — e tudo isto girava dum lado para o outro, no seu continuo agenciamento, falando, dis-

cutindo, ás vezes gritando, de mistura com a gente incaracterística da cidade e seus aros.

Percebi os arruamentos se de predominam as fazendas da Covilhã, Tortosendo, Teixoso e toda aquella região de quedas de agua; vi as olarias de barro preto do Distrito; e multidões mercenarias da terra e arredores; algibeles seus feições características — uma amalgama de arbores para usada que jubifica e exuberantemente o nome de «feira» e á volta da qual formava uma multidão que procura o mais barato, que negocia com os vendedores e que por fim, mais caro ou mais barato, lá vai levando para casa conforme a necessidade.

É um espectáculo movimentado e curioso que se repete todas as semanas, ás segundas-feiras, e que nesse dia, por umas horas, uma certa vida á cidade — sempre adormecida á porta do seu castelo, olhando com indiferença a vastas planícies que se lhe abrem em frente á espera que se lembrem de lhe metter um arado.



7 de dezembro

Temos de vêr o inverno. Ha quatro dias que chove constantemente. O vento é sul, mas, mesmo assim, a chuva é fria.

Passo os dias em casa, ou a passear no quarto como um penitenciario na cela, ou a conversar com os hospedes permanentes do hotel.

Ontem, porém, me lembrei-me, por ser domingo, de ir ver como a cidade era nos dias santificados e com má tempo...

Triste desejo!

As ruas estavam desertas; mesmo em outra janela, apparecia umos cara de homem ou mulher com ares desconfiados; sómente nas casas onde havia reparias estudantias da Escola Normal é que se veia gente e havia bulicio. No mais, um silencio envolvia tudo como em cidade abandonada!...

Contudo, nota curiosa: se eu de repente me voltasse para traz e olhar para as janelas, sempre havia de topar com um ou outro olhar curioso que immediatamente se retrahia...

É a espionagem organizada aos incautos que julgam a terra ás nuéscas... Não: a cidade está vigilante; e mal vai áquelles que julgam, pelas suas desentões, que podem andar em liberdade.

23 de dezembro

Cada mês está mais frio! Hoje, o vento do norte corta como navalha de barba; está insupportavel. Os parras estão cobertas de néve; o vento, antes de cá chegar, passa por ellas e recebe o frio todo.

Depois de chuvas torrenciais, verdadeiros caudais de agua que desabavam do céu sem apelação nem agráo — veio a neve nas parras e o frio certante.

Hoje o termometro, no meu quarto, ás 3 da tarde a que estou a escrever, com tudo fechado ha muito — marca 6 graus acima de zero!

Os piciras vieram com furia; os meus dedos são uns traubôlhos — e lá fôro eu sinto que o vento zene com finura, procura as frestas da janela para entrar e criminosamente fazer descer o mercenário na co

lena do termómetro! Que lhe hei de eu fazer? As mãos estão quase inertes e mal seguram a caneta.

E ouvir eu o medico do batelão a dizer ha pouco que ontem, em Lisboa, andou sem sobretudo, com uma temperatura amena, sob um céu de delicia e banhado numa brisa fresca do mar!

24 de dezembro

Noite de natal; estou no quartal de parvico.

Está uma noite fria, mesmo muito fria, e que sopra um vento constante do norte; o céu está estrelado, muito estrelado, sobre um fundo bem negro depois que a lua desceu sobre as pedras.

Lá fora ouve-se uma alegre algazarra, uma ruidosa cantoria — costume tradicional na Beira Baixa, nesta noite em que se celebra na praça principal das povoações um enorme madeiro.

Fonda a alegria lá fora, ao frio e á neve; o fogo põe um espirais; por sobre os telhados vê-se a luz irregular da fogueira.

Não sei a significação de tal costume; é talvez uma reminiscência das festas pagãs dos polibícios, na altura em que a natureza mais profundamente se transfere, mas que chega até hoje sob o ~~aspecto~~ aspecto prosaico de um bando de raparicos que de casa em casa pedem bocados de mudeira e os vão amontando no largo de Sé em frente á porta de entrada, para á noite lhes lançarem fogo estra- zana medonha.

Aqui está a festa do Natal, em Castelo Branco, sob uma noite estrelada, com um frio agudo de refassar.

Lá fora andam bandos de raparicos a cantar; correm as ruas na algazara e depois vão aquecer-se ao braseiro do largo de Sé. É em aqui estão, neste lugubre quarto do oficial de dia, vendo pela janela e por sobre os telhados o clarão da fogueira tradicional.

Aqui perto, na Idanha-a-Nova, nesta noite, segundo me disseram, queima-se o mether mudeiro dos arredores. O povo vai arranca-lo á propriedade onde ele estiver, tráz-lo para a vila, em triunfo; e ali fica toda a noite a arder, a arder, até que, quando chega a manhã, e o povo recolhe ás casas, o pol

muitas vezes, nem apagar as ultimas faí-
lhas volens do sacrificio.

Mas tenho as mãos muito frias; vou
calçar as luvas.

25 de dezembro.

Dia de natal. Ainda estou no quartel!

De manhã, não resisti e fui para a sa-
la dos officiais das metralhadoras onde havia
braseira — apesar dos meus protestos contra
este genero de envenenamento. Mas o frio
era intenso: em frente do quartel, um fio de
agua que corre sempre numa valeta, estava
gelado; o termometro do observatorio do Li-
ceu marcou, durante a noite, 5 graus abaixo
de zero; o azul do céu e' turvo; e para o quar-
tel, as serras cobertas de uma neve encantado-
ra. As frieiras aumentam a olhos vistos e a
noite parece que se transformou em leve
tecido de verão.

Se sempre foremos para a guerra, o que
será a vida nas trincheiras de neve?

1915: 4 de janeiro

Ante-ontem, o gerente de uma das fabricas de meação de Carbelo-Branco e que está no meu hotel, convidou-me para ir a Covilhã, num rapido passeio de automovel.

Lá fui. As 8 h. e mais da manhã largá-meos, apesar do aviso do terminal temporal que estava a ser que a chuva diluviana caiu sem do meu piedade; mas a manhã compensa-me, o vento mudou ao norte, o sol reapareceu e tudo prometia, aquela hora, um dia seguro de inverno.

Com o andamento do carro, o frio era constante; e frente, a Estrela estava branca, toda branca, de modo que, as faces chegaram a perder o movimento e tive a impressão de paralisia — especialmente quando se fez a travessia de Guardunha, e que, depois de umas curvas de grande pitoresco se entrou nessa beleza da «Cova da Beira.»

A ausência da paralisia foi, parece, compensada pelo soberbo espectáculo dessa região ainda refornada das cordas de agua caídas durante a noite, e já a reflectir a neve dos pontos altos.

É então, aquella parte de fundo da pen-
ra da Estrela, todo branco, com um ou sei-
tro risco negro das guelradas a destacar,
era duma beleza excepcional e, para mim,
desconhecida.

No Fundão houve uma ligeira pane-
gem e ás 11 horas estávamos na Coritha.

O tempo tornou-se; a neve succubiu-
se; vieram umas barrascas de grão que
fustigáram ferozmente as vidraças da casa
do mestre do hotel e da alucinação; e quan-
do saí á rua para ver a terra e os panora-
mas começaram a cair neve, uma neve fi-
na, em pequenos flocos muito leves, como
algodão, e que se fixavam na roupa como
frintas brancas.

Quando cheguei a um ponto alto, pa-
ra os lados do cimiterio e olhei á volta, vi
tudo branco; todas aquellas encostas esta-
vam cobertas de neve — e esse especta-
culo, para mim, foi uma novidade e um
encanto.

Nascido, criado e habituado ~~em~~ na
faixa temperada do litoral, eu nunca vira
coisa semelhante nem nos quadros e ...
nos romances; e o que me deu mais no

gôto foi a Mãe-Natureza ter guardado para este dia toda aquella variedade de peccario e todas aquellas variações atmosféricas, como se propositadamente quizesse que eu não passasse dali sem ter visto o encanto de tudo aquilo...

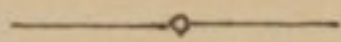
Matutava eu irbo, consentava para comigo que o Padre Eterno não estava tão mal como o heraje que não lhe preparasse causas agradáveis aos olhos — quando, que se sem traunicações, começaram a chover, de começo chuvas grossas mas espaçadas, depois em torrentes de formar caudais nas ruas e de entupir as parquês.

Refugiei-me numa loja, na larga praça antiga; durante muito tempo ali estive meubido olhando a agua que corria abundante pelas calçadas e viam-se em subna pessoas que se aventurava á travessia — até que ás 2 horas e meia o automovel me veio buscar, de capota toda fechada, e lá me trouxe novamente estrada fora, mas agora por Tortozendo, para o Fundão onde houve-me outra paragem para o gerente da fabrica resolver qualquer negocio e onde, de novo, a chuva amainou.

Quando se começaram a subir a Guardu-
nha, o tempo descobriu e outra vez o damo
da perra appareceu coberto de neve!

Estas mudanças fazem o encanto da jar-
nada; havia frio, mas havia beleza.

Só na descida para Ilpedrinha é que a
neve nos deixou; e o resto do caminho, atra-
vez daquelas rectas infundáveis, perdeu o in-
teresse. Chegámos ás 5 e meia sem provida
de — além dos membros enregelados e, em
geral, uma excelente impressão.



28 de janeiro

O tempo tem estado terravesso; ontem
caiu neve quase todo o dia; o termómetro
desceu assustadoramente.

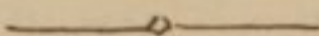
As frieiras voltaram com furor e gei-
tos de que rebeentaram.

Passo os dias por casa. Uma vez por
outra vou até um pequeno jardim onde pas-
seio para exercício; mas o meu passatempo
preferido é olhar para as serras todas co-
bertas de neve da varanda do meu quarto.

Hoje, então, estão uma beleza! A
Guarduinha, mais perto, brilha intensamen-

te ao sol; por detrás, o maciço da Estrela, imponente, como uma muralha de cenário fantástico; mais longe e para a direita, a Serra de Gato, já em Espanha, de dorso colossal, todo branco, também, a lançar reflexos de espelho; e até o rio de Monsanto, com os seus 700 e tal metros exiguos, apresenta hoje um pequeno capelo nevado.

Se não fosse o frio — isto seria tudo uma beleza. Mas o friar são as frieiras que voltaram com furia e que ameaçam rebentarem...



Porta Legre

Portalegre.

1940: 21 de abril

Agora cheguei mesmo mal. A viagem é que é fastidiosa.

Enquanto a linha segue o vale do Tejo ainda há que ver: o rio segue em curvas serenas, algumas bonitas e os olivados ainda dão um tom suave a toda a paisagem. Mas, passada Alentejo, alegre e vistosa terra, num alto narrido, com soberbos panoramas, a linha põe para o planalto alentejano em curvas apertadas de enorme percentagem através de terrenos rochosos e agrestes onde se vê apenas o sobeiro e a urze brava.

Depois, cá em cima, entrando abruptamente no Alto Alentejo, o que os olhos avistam é uma extensão enorme de terrenos

plenos, na maior parte charuecas, com le-
ves ondulações, sem arvares, sem casas,
nem uma desolação pavorosa!

No longe, muito ao longe, pôde appare-
cer uma elevação maior que se parecerá
com uma serra; mas de lá — e é
o deserto, é o Sahará sem areia e sem ca-
melos; é a charueca desoladora, onde ape-
nas a nota alegre é dada pelo auarelo del-
gum raro giestal!

É o comboio seguir, seguir sempre
através de planuras sem fim, se se avistar
uma aldeia, sem se ver a torre derrocada de
algum castelo antigo, sem um fumorinho
subtil dum chaminé campestre, sem a
verde alegre dum campo que marque a pas-
sagem fresca dum ribeiro.

Mas enfim, passadas tres horas de ca-
minho através da impindavel charueca, lá
cheguei á estação onde me esperava um ca-
no... Um carro!

Tive a impressão de que era uma pége,
uma suburbica pége de outros tempos e,
mesmo assim, já velha... O anacronis-
mo deu-me no zôto e deu-me verdade
alegre de vir!

Imagine-se um caupé fechado, com uma largura descomunal aude caberiam, eu sei lá! umas quatro pessoas talvez, feixado a duas mulas arreadas á alentejana com peles de raposa ao pescoço; dentro, o fôrro era um oleado barato; e por baixo, sobre o eixo, vi um rudimento de miólas!...

Quando cheguei á cidade meúdo do rodar do carro, ainda assim adoçado pelo bom piso da estrada — estavam as avaras a lançar a ultima pedreira sobre a terra pedregosa. Depois da charueca, o aspecto da casaria não desagradava, encoberta á serra, sobre oliveiros e castanheiros; a luz do crepusculo uniformizava um pouco o pccuario e diluía os pccões de tudo aquilo.

Mas hoje, á luz do sol, tudo desceu do benevolente escurito que ontem farusei á luz suave do sol presente...

A charueca lá está, a perder de vista, incensa, infindavel, incomensuravel, sem relevo, sem atracção; só o brato, ali adiante, aparece na arlita do linoculo, com alguma casaria branca, sobre o negro

me do polo; o mais é a polidão, a desolação, o silencio.

— o —
22 de abril

Ontem, corri a cidade toda, numa volta rápida.

Terei um ar de veterão interessante em que predomina o gosto dos fins do século XVII e século XVIII; ha esplendidos palacios antigos que com a pouca largura das ruas nos dão uma curiosa impressão arcaica; ha arcos atravessando as ruas e nichos de santos com lampões votivos.

At prova em que a cidade está assente é malgans pontos pitorescos; a uma certa aspereza tipa a alegria dos castanheiros e o ar triste das oliveiras.

Mas, se olharmos para o sul e praente, é tudo a mesma planura enorme, extensa, incomensuravel, com uma columna de fumo que indique aldeia, com um riacho alegre que denuncie corrente de agua; é a mesma tristeza monotonica, a mesma desolada extensão deserta, sem fim, que conca a vista.

At terra, parece, alegre. E eu souteu, sobre a tarde, passeando por umas estradas, olhava com simpatia para cima, onde ha penhascos enegrecidos envolvidos por oliveiras resistentes e onde se vê o claro dos castanheiros que agora, alegremente, commecam a rebentâr.

Pequenos recantos, lembrem, de relance, pequenos trechos do Minho; temu certa alegria e certa vida; mas para baixo... La' está o deserto, a planura sem fim, que subistêce e esmagá a alegria á terra...



27 de abril

Hoje levantei-me ás 5 horas da manhã e assisti a uma bela madrugada.

Como a atmosfera estava limpa, viam-se ao longe umas casas do Alter do Chão, devisa-se bem o brato, o Plan de Bessa de tradições historicas e a extensíssima planura que vai a perder de vista até não sei onde.

Estava frio; havia um vago crepúsculo de inverno que me fez embrethar no cofé; e ao romper do sol, a planicie commecou a escher-se de luz dando alguma cor e

alguns tons ao aspecto uniforme da vasta
extensão de terra chã.

Nas madrugadas limpas, feis como is-
tô é', he qualquer coisa que agrada e que nos
faz estar a olhar, a ver, a observar, era uma
casa que brilha ao longe com o aparecimento
do sol, era a cên negra dos azinhais que se
avulsa um pouco com a intensidade crescen-
te da luz, era um ou outro tipo de contorno
que purgia aquella chã uniformidade.

E assim eu hoje cobri uma grande boca-
do, de manhã, a ver a planície tomando va-
rios aspectos, colorindo-se, animando-se,
mas mentalmente fazendo o contraste com
essas subnas madrugadas que eu via apa-
recer dos altos das muralhas de Valença,
com o largo rio em baixo, ainda um pouco
coberto de neblina, com os campos verdes e
exuberantes, com a terra em frente de con-
tornos graciosos e recortados — enfim um
subno conjunto bem mais belo e amiguo
que essa extensão colossal de charueca e
de montados, de azinhais e polezeirais, um
ma desolacão enorme, como se fosse
uma terra ao abandono ou um vasto de-
serto sem fim.

Valer - me esta madryada, talvez, pa-
ra não ir só a dizer mal do Ilhebejo.

Mas quando voltar a ver o Mondego...

7 de julho

O calor aperta e, com frequência, isto
não é calor como o do norte, é calor de Afri-
ca, como se houvesse em volta de nós al-
guns ferros a arder.

No meu quarto, com chão de tijolo, de
tecto bem alto, na parte fresca da casa — ve-
lho casarão fidalgo, ruído em ruínas, ainda
parece que deve haver corujas que esvoaceem
à noite, ao acender de uma luz — a tempe-
ratura não era baixa; dormi de janelas aban-
da; e de madryada o ar que entrava era
já quente!

Se isto assim continua, como se ha-
de viver em Barbalegre?

8 de julho

Cheguei ha pouco do quartel e logo me
estendi na cama, moído, massado, como
se, durante a noite, me estivessem a ba-

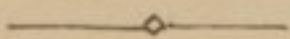
ter com os classicos pacos de areia A obra forçada horizontal, de abandono, é a unica compativel com este calor africano.

Sai de inspecção; e como a noite está me abafada, miôrna, passei-a, quase, no varanda de tijolo do quartel, na esperança de que, sobre a manha viesse algum fresco.

Mas qual! Os quadros da madrugada havia a mesma temperatura amornada, como de dia abafado de primavera.

Isso não é Barbalegre, terra de Portugal jardim de Europa: isso é Africa!

Passei a noite assim, sentado, deitado sobre cadeiras seguidas, dormitando, ou fazendo uns curtos passeios para não emborpar. Vi romper o dia sobre a planície suavemente e senti — vá lá! ao menos vatha-mos isso! — o sorriso alegre dos castanheiros da serra, que me lembravam os meus pitões.



10 de julho

Cheguei agora de um passeio a pé, pela serra que domina a cidade. Depois do almoço, para fazer a digestão, com um livro do Fialho, eis-me aí vou, estrada fora, serra

acima. O dia está fresco, com o sol entre nuvens e vento frio — como que a queres desmentir as minhas queixas; e eu fui vagarosamente subindo, parando aqui, parando ali, vendo cada vez de mais alto a vastidão da terra chã, vendo cada vez melhor o conjunto da cidade, me encosta em baixo, desdobrando o casario até ao vale que ali se aperta e afunila entre eucaliptos e azinhais.

Até vezes pousava-me sobre uma pedra de granito musgoso, por debaixo da copa dum castanheiro e lia um pouco, enquanto na estrada iam subindo, a cavallo, homens e mulheres, sobre alforjes atacadados, e que, com o ar despreocupado e franco de gente afeita á independência, iam dizendo ás boas-tardes, recammente, sem levar a mão ao chapéu; e eu ia lendo um pouco da prosa do Tizho, sob a pomela do frondoso castanheiro, irrução de muitos outros que por ali cobrem a serra e lhe dão frescura e beleza.

Lá em baixo, muito em baixo, estava a planície a perder de vista, sem a branqueira de casas aglomeradas, sem o britho de-

uma corrente de agua que tivesse e se es-
tirasse sobre os tristonhos azinheiros.

Fui pulando penhas, vagarosamente,
vendo, observando, procurando impressões;
quase ao alto da pedra, a estrada faz uma
curva para a direita e deixa ver, para o nor-
te, ~~uma~~ de penhas, umas pedras esculpi-
das com a crista dentada de rochedos e por re-
tra ella, mais distante, recostando-se num
massão de rochas estroqueçadas, o perfil
de um velho e forte castelo.

Seria Marvão?

Não o sabia dizer porque, pela primeira
vez via aquella região e não levava carta pa-
ra me guiar; mas devia ser Marvão, cujo
castelo esculpido num penhasco de agulhas do
pinho, em pedras, muros e vales.

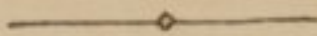
Continuei o meu caminho; e quando a
estrada, transposto um pouco de plano sobre
castanheiros novos, ainda tenros e finos, come-
çou a descer para um vale, de novo me
parei e lei, ao fresco daquelle ponto as for-
mações e vendo ao norte, indistincto, como a
parelha de um monstro colossal que para ali
se lançasse, o castelo grandioso de minha
terra da Brébela!

Ah! a Beira! Lá estava ela! Por detrás
daquelle nullo avarice, confuso, sobre lene-
mas, corria o Mondego descuidoso...

Senti-me bem. Passava, ás vezes, gem-
te na estrada que amavelmente carbejava;
havia fresco sobre aquella vendura tenra; ha-
via pocego, tranquillidade, solidão.

Senti-me bem — tão bem quanto se
póde estar longe de tudo e de todos, lançado á
margem, vivendo na pauidade duma vida di-
ferente; mas naquella passagem e naquella
frescura, eu esqueci quase tudo, vindo ao
longe, como um vago negrume, ou como o
confuso dorso dum gigante caído, essa perre-
da tábua a cuja sombra vivi, a cuja pau-
lra vive essa Beira dura, tenaz e forte e
que, pegando ali mesmo li no Tialho, sobre
carbanheiros, é ainda a mais impolita ora
da familia portugueza.

Por fim, voltei para trás, descendo a es-
trada em curvas, com a planície inmensa
sempre na frente, e sentindo que em baixo
o vento soprava com força e arrastava nu-
vens cinzenta de nevas pesada.



13 de julho

Ontem, pela primeira vez, em Portalegre, vi senhoras!

Foi no jardim, alameda ou passeio que ha ao fundo da cidade onde a banda do regimento toca aos domingos e quintas-feiras.

Bandas de damas passeavam para baixo e para cima, conversando, olhando, perguntando cousas umas para as outras; algumas, sentadas em cadeiras ao longo da rua principal, limitavam-se a ver quem passava em frente.

Que pensabaria!

As damas, e' certo, eram muitas; mas seu ar de distincão, pareciam damas de aldeia... Os chapéus usados são ainda de pouca roda; as saias, pelo contrario, têm ainda uma vasta roda quase arcaica...

Uma ou outra lá apparecia melhor, com aspecto mais fino; mas a regra era o provincianismo autentico, seu misturo, como de quem está mais habituado a lidar com varas de pauco do que a calçar luvas...

Isso é terra exquisita. Se tem algum atractivo, ainda não dei por elle.

E cautudo, esta gente parece viver satisfeita se é que não vive feliz...

Com pouco o homem se contenta!

13 de julho

Ontem, á tarde, com dois amigos,⁽¹⁾ fui estrada feia, carrinho de Castelo de Vide.

A estrada segue por um vale em cujas encostas ha castanheiros copados e aqui e alem, ha, sobre uns muros de quintas, pedrueiras que alegrem a paisagem e lhe dão um ar humano. Logo aos primeiros passos a planície, em baixo, desaparece e nós só vemos as pedras pequenas á volta, mas cobertas de vegetação, que limitão o vale que é fértil e que tem o seu quê de pitoresco.

Ali, na verdade, esquece-se a gente de que está no Alentejo e de que ali perto a planície se estende a perder de vista com charuecas, com azinhais murados e com grandes mádsas amarelas de campos de cevada. Ali ha arvores, ha vinha, ha pedrueiras

(1)eram o alferes Aurelio Nunes da Silva e o empregado do Banco Luis Lopes de Almeida.

entre muros brancos de quintas; ha telhados que surgem da copa das arvores, espreitando; ha fontes de agua fresca; ha enfim, qualquer coisa de credito neste terrido Alentejo que surpreende e que faz esquecer a charueca lá de baixo, inmensa, e perder de vista.

Seguiamos estrada feia, conversando, quando um carro chegou, vindo de Portalegre, com dois rapazes amigos dos meus companheiros de passeio; ofereceram-nos o carro, deixáramos, e lá fomos todos, estrada acima, por um cair sereno e esplendido de tarde, vendo esfumar-se no horizonte de Espanha o cante gracioso duma Serra e parte, confundindo-se com o escurecer, as arvores que cubriam a terra baixa.

Gostei do aspecto geral da paisagem e lembria-me bem porque, ao menos, no horizonte, recortavam-se serras e nas encostas proximas havia arvoredo.

Ansiácese; o luar deu luz para o passeio; e pelo caminho, onde ha uma ponte sobre uma ribeira (creio que a de Niza) voltámos; e então a paisagem parecia-me outra, talvez melhor, e qualquer coisa havia nela que me lembravam alguns pontos da

Breia. . . Mas, de repente, numma curva, surge uma luz electrica; depois subna, outra ainda e dentro em breue a cidade apparece illuminada.

O carro publico nos aciuma, até perto do hotel; e ao entrar no quarto e ao fechar da janela, lá vi em baixo, ao fundo da rua, como o mar sem fim, a vastidão da planície, quase uma ameaza, e á qual o luar dava um tom escuro de terraseas.

14 de julho

Hoje estee de perivico no chamado quartel de Santo Agostinho onde estoi alojado em batallas.

E' um convento pequeno, de claustros rectangulares, de onde se vê um curioso pennis subigo por entre as curvas das arcadas; é muito mais fresco do que o subno; tem pavimentos de tijolo, as abobadas baixas; e a situação em que está deixa-lhe subnar o vento á vontade.

E' um pocego. O perivico aqui é quase um perivico de refresco. . . O quarto tem uma varanda que dormina a encosta onde ha

ues quindalejos verdejantes nos quais esprei-
tam ues pequenos, minusculos pomares; e
domina, sobretudo, a enorme extensão de
plarricie que se puzer a leue, no horisonte, co-
mo o mar, numa curva defimida.

A luz é que é de uma iubeuridade eua-
modativa; iuepressiona pela brancura e pe-
rece fazer dardejear a plarricie.

Boitados daqueles que lá andam eua baixo,
curuados sobre a terra, ceifando, ceifando, com
o pol a faiscar-lhes nas costas, eua o pó das
ceáras a ferir-lhes os olhos, com a boca seca
numa enorme turtura de sede!

E eua eua britho de agua eoleando, eua
eua cheujo agitando a calura atmosfera!

17 de julho

Benho, agora eua eua, deum excelente pas-
sio, que afinal é o que uale nesta pauuabo-
ria de Pantalegre.

Ha muito que eu olhaua eua interesse
para o resente da benha que se eua perto, pob
eua ferua comica, penhascoso, e no ciemo
do qual eu uia eua alterosa cruz branca.
Pois hoje, á volta do quartel, olhai para o ho

nizonte e vi-o claro, nítido; olhei para o céu e vi que umas nuvens esbranquiçadas que o toldavam se deviam conservar.

Meu dito, meu feito; tirei a farda, vesti um fato velho, peguei o binóculo a tiracolo e aí vou eu, por atalhos ao valeiro fundo a frente da cidade, atravessei a estrada do Grato e pacientemente comecei a subir a encosta, pelo dorso do monte, que apresenta uma espinha de rochedos esmagados, sobrepostos, dentados, que são, talvez pontos, bem interessantes.

A subida é curvosa; e em varias vezes parava, olhava em volta, para os successivos aspectos que iam apparecendo. Ha apenas um atalho estreito, muitas vezes sobre as proprias rochas que segue a crista do lado do nascente; perpendicular por sobre pedregais que agora, com a falta da cortiça, têm o tronco amarello como pintado a ocre; talvez pontos encosta-se a altas paredes de rocha, com mais de dez metros de altura, a puzmo, como se o homem andasse por ali a alinhar e a apurmar.

Subi, subi sempre, vagarosamente; pensando na minha vida que por ali me fa-

ria andar debaixo de sobreiros, pisando galhas de cortiça que ficaram pelo chão e sob as quais se acoitavam grandes lagartos verdes, conservando grandes rochedos imensos, ponteiros malguezos pontos pitorescos e entre os quais cresciam fetos bravos e um ou outro sobreiro contorcido.

Em baixo, o vale ia-se estendendo, alongando-se, sob castanheiros, sobreiros e eucaliptos.

Por fim cheguei. Em cima, uma cruz branca, brancinha sobranceira, com um pára-raios, á cautela, por se possível vigilante; o atalho, subiu, torceu, subiu uns degraus, curvou á esquerda, curvou á direita, meteu-se por sobre pedregalhos que pareciam que me esmagavam — até que de repente, perturbado novamente, nos deixa ver um espectáculo que, na verdade, é esplendido.

Na frente, começando do sopé, lá em baixo, para onde a encosta vai a furro, estende-se a imensidão da planície alentejana; lá ia ela, mundo fora, até desaparecer nas brumas do horizonte, sem um alto, sem um baixo, com uns riscos brancos de montanhas que lá vão á terra do sul, sem um

umico brilho refulgente de uma pequena corrente de água.

Sentei-me, recebendo um certo fresco agradável; sentei-me á sombra da cruz, vendo zumbir moscardos e vendo grandes borboletas multicores voarem á volta.

Direi o binóculo e olhei em volta sobre o vasto panorama.

Tinha ao nascente a Serra de Portalegre, coberta de castanheiros, com a cidade na encosta bem rodeada de verdeira; por detrás a Serra de S. Mamede com os seus mil metros de altura, já na raia de Espanha; a seguir, sobre a direita, os declives, quase em precipícios sobre a planície onde se vislumbrava, de longe em longe, uns pontos brancos de casaria; e para a direita, sempre, até o norte... ah! a mesma inmensa planície, a mesma vastidão de Terra baixa, com uns típicos riscos que devem ser estradas, com manchas amarelas das ceáras e outras manchas escuras de azinhais e poleiros.

Oh tristeza que aquilo causa!

Lá vi, altéross, a velha igreja de Flor da Rosa e lembrava Nuns'elvares; lá vi Altar, o Cerato e outras terras distanciadas por lon-

gas leguas de estrada. Sobre a direita, sempre... aí! lá estavam, muito ao longe os contrafortes da Estrela! e ainda mais a direita, sobre uma serra de perfil gracioso, o penhasco gigantesco, esbranquiçado, sobre o qual está Marvão, onde distintamente se veem as velhas torres do castelo.

Pela primeira vez, em Santalógro, gostei... Em baixo, o vale é fértil, lembra um pouco a Beira; mas para que o prazer venha é necessário pôr esse pequeno vale alegre em contraste com a planície, do outro lado, inmensa, incalculável, como o mar...

24 de julho

Como é domingo hoje, lembrei-me de ir ver o mercado que se faz lá em baixo, no Pocio, sob a cúpula dum inusado platéu centenario.

Fui. Estava já um calor abrasador. O sol escaudante; se algum vento quente era abafado; as paredes brancas chispavam lume; as próprias ruas pareciam queimadas!

Causa terrível, este calor alentejano, esta atmosfera de ferro!



Salão  Recreio

DOS

SARGENTOS E MUSICOS D'INF. 22

RECITA DE CONVITE

Portalegre, 27 de julho de 1910

ORDEM DO ESPECTACULO

OS CREANCOLAS

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

Helena A. d'Oliveira
José Nunes

UNIÃO IBERICA

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

Pepita A. C. Nova
Antonio Dias Santo . . . Santos

MONOLOGOS

Por. A d'Oliveira e Nunes

Está cá o Augusto

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

D. Rosaria A. d'Oliveira
D. Magdalena A. C. Nova
Augusto Duval Casaca
Augusto do Val Santos
Cezar de Vasconcellos . . . Nunes
Valentim Maia

Principia ás 9 horas em ponto

O mercado nada tem de notavel além da originalidade dos arranjos dos taboleiros que colocam no sabado, á noite, sobre uns cavaletes e das laucas de barro de formas estranhas, tambem em arranjos.

O mais é vulgar; contudo notei a enorme quantidade de taboleiros com ~~uma~~ coloráu que era vendido em grandes cartuchos e que meotá terra serve de condimento para todas as corridas. Nem abrir e fechar de olhos vendiam-se arrobas de coloráu!

E hei de eu andar com paude!...

Voltei vagarosamente para cima, fazendo uma paragem numa Havana da terra que tambem vende assucar, café e outros artigos de mercearia, para passar os olhos pelos journals; e depois vim almoçar á espera de ver no prato, sobre a comida mais innocente, a cã avermelhada do real dito coloráu.

Dizem que á noite ha arraial num dos largos da cidade.

Arraial!... Chamem aquilo arraial, como se um arraial fosse coisa susceptivel de se fazer em Barbalegre!...

25 de julho

Ontem dei o passeio classico de Portalegre — ou seja «a volta da serra», passeio que logo é aconselhado á guisa que de fãra têm a sua aventura de cair nestas paragens estranhas.

Na verdade, a serra de S. Mamede, têm escondidos uns vales que são bonitos e interessantes embora não sejam o que dizem os portalegreenses — o que ha de melhor no país!

Nem mais nem menos.

Não, não é o que ha de melhor no país, mas é uma coisa bonita, principalmente pela originalidade das encostas cobertas de castanheiros meados e tão juntos que apresentam o aspecto mesmo d'um tapete.

Nessas encostas ha muitas pitorescas, onde ha jorros de agua fresquissima, pequenas arvorezcas de alamos e platanos enermes; aqui e ali, por entre a verdura, ha cariticos perdidos; sente-se a passagem alegre em gorgheios altos. É um oasis, ali, entre vales, escondido ás vistas de quem anda ou passa na planicie, com pombas

ressuais e águas murmurantes. Gostei, embora tenha visto melhor, muito melhor.

O que mais me impressionou foi a macieira das encostas onde os castanheiros tenros se unem, num tapete só, acedendo suavemente com o vento, dando um aspecto inédito para os meus olhos e encantador para quem, como eu, está cansado de ver a planície aberta, seia, perdendo-se no horizonte com a mesma suavidade e a mesma aspereza.

Parei nas quintas, nas fontes pitorescas, nos pilões onde a beleza do conjunto mais me prendeu a vista. E quando é volta, na descida, numa curva, a cidade nos apareceu em baixo, numa encosta, o que se depara é, á primeira vista, impressionante pela vastidão e pela grandezza; mas a seguir, os olhos habituam-se e lá vemos a mesma planície sem relevo, perdendo-se, ao longe, na neblina da tarde...

E aquella macieira das encostas cobertas de castanheiros esquece e esvai-se num momento como coisa longínqua.

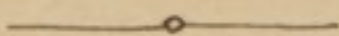


11 de agosto

Hoje, o calor, aperta-se. Sinto hoje o tal pol cariscante que faz tuzir e brithar as pedras das ruas e dá um ar potúrno á plamicie escura. A atmosfera é pesada e dumme certa opacidade em que se vê o azul-escuro do céu pesando sobre nós, escaudente, como querendo queimuar-nos.

Isso, ao mesmo, dá para impressões literarias. É o que vale.

Derrete-se a gente, como num forno, mas, ao mesmo, é novidade...



25 de agosto

Está hoje um pavoroso dia de calor... O mesmo ar abafado já tão mais conhecido, a mesma elevada temperatura que me leva a ter o quarto sempre fechado, quase ás escuras, pois que qualquer corrente de ar que de fora vem é como se viesse dum forno.

O corpo sobá a pedir indulgencia, descanço, inação; os nervos negam-se contra a vontade, parece que paralisam e que em nós só dormina o que é adiposo...

Esbocei os pontos, neste quarto, e ajudar
 meu capitão na factura de meu relatório, mas
 ajudei-o deitado na cama, porque a posição
 vertical é difícil de manter.

Isto é a verdadeira bebedeira de calor!

A posição horizontal domina.

A planície aparece nestes dias baixa,
 num veu espesso de neblina que parece que
 se corta á foice.

É horrível.



28 de agosto.

Vou-me hoje embora, finalmente. Isto
 era, para mim, já, uma tortura.

Vou logo para Lisboa.

Quem para o homem do norte que se
 aguenta nesta terra?



Castelo de Vide:

Castelo de Vide

1940: 28 de julho.

Não esperava encontrar neste Alentejo inimigo uma coisa destas.

Estão, de certo, num oasis...

Ha poméras frescas; aguas frias, comen-
do sob folhas; panoramas extensos cheios de
imprevistos; recantos cheios de pitoresco; ver-
dura alegre; ar lavado e fino; e ao fundo o
recante grandioso e imponente da Serra da
Estrela.

Cheguei autêntico à noite; real percebi o
ocasião que me rodeava quando me apro-
ximei da vila, depois de deixar à direita, ao
lusco-fresco, o muro colossal de Marvão;
vi apenas que o carro rodava por sobre
campos alegres e que perto se recortavam li-
nhas pinucadas de montes.

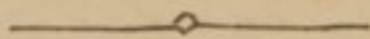
De modo que hoje, á luz do sol, eu
soltei exclamações.

Não estava no Alentejo! Não: não
podia ser; aquilo era um recanto alegre da
Beira: estas encostas geomórficas, estas ver-
deuras frescas, este ar puro e fino!

E então este vale que corre para o sul,
limitado por nervuras de rochas altas, sob
as quais, descaí, no declive aspero, o pin-
heiro fino das altitudes — é coisa digna de
se ver, é um quadro bom em qualquer par-
te. Não: isto não é Alentejo.

De qualquer ponto alto vê-se Alentejo,
Gavião, o Rodam, Castelo Branco, Penamacôr,
e essa Beira-Baixa toda; entrando nas
ruas antigas, veem-se inúmeros vestígios de
tempos idos, desde as arquivas das portas, até
a simples arquetas que o vandalismo ainda
conserva por favor.

Não: isto não é Alentejo...



Altér do Chão :

Altér do Chão.

1910: 24 de abril.

Depois de uma caminhada de sete horas
bem feixadas desde Portalegre, cheguei a Altér
com muita grande novidade.

Foi uma marcha sem interesse, das 5
horas do manhã até quase á 1 da tarde, atra-
vez de grandes plainos, levemente ondu-
dos, na maior parte incultos, ou cobertos de
azinheiras ou poleiros.

É uma desolação!

Atravez destes campos que ~~encontra~~ atra-
vessei, não encontrei uma povoação, uma
aldeia; só de quando a quando, no alto de
uma elevação, via uma casa branca, isolada,
entre poleiros, a que chamam, neste Alen-
tejo irrimio — um mesite! São deser-
tos sem fim, sem paisagem, sem um

contorneo gracioso a fechar o horizonte que
chame a vista ou prende a atenção.

Pode-se, pois, imaginar o que foi esta
marcha grande através de desertos, nos quais
só se via, aos poucos, uma ceára de cevada
ou trigo, acedendo com o vento, em largos
arrepios.

Agora, sentado numa grande sala de
hospedaria, acho interessante a observação
dos costumes da casa; as filhas de dona de
casa, estão a falar a uma costureira, junto
duma janela, mas numa linguagem cantá-
da, que custa a entender; o chão é de tijolo;
as paredes irremediavelmente caiadas e o
tecto mostra as vigas grossas do telhado; em
volta, junto ás paredes, as arcaas tradicionais
cobertas de pano branco com rendas e folhos;
e um canto uma enorme cômoda cheia de
garnetas e com uns castiçais — tudo a res-
pirar um ar lavado, como em regra nos
interiores alentejanos, que agrada e atrai.

O mais... que direi do Altar, nestas
poucas horas?

Terra de uérripas, já eu pensei que era,
gracias ao Supremo Deus do Universo! E já
pensei que amanhã, que é dia de festa rijs, a

pancadaria deve ser com estrondo e aparato... O administrador do concelho não consente que a filarmónica local (que é do partido contrário) toque na festança; os músicos deixarão as harmonias musicais e empunharão o cacete...

Vai ser bonito.

O que valerá é que, amanhã, dada a meia-noite, reunirei os homens da deliquencia e vou andando com eles, por aí fora, para olhar para trás, sob o olhar clemeute de tua cheia.

No resumo do dia, por esses azinhais Kristonhos...

... O que será uma madrugada nesta charuca sem fim?

25 de abril.

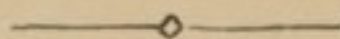
Estão fatigado e aborrecido. Verdade seja que dormi bem, mesmo explendida como antiga, alta, de rodapé alvissimo, sem interesse para o quarto de chão de tijolo e paredes escuras e rodamente caídas. Na rua havia carros e platéris, pareciam carros que traziam romanos; mas eu dormi bem, e de certo que o interesse do quarto não foi extranho a isso.

Mas o arraial está desorganizado segundo me disse o administrador do concelho. Pouca gente chegou de fora para a festa; e conforme a opinião da autoridade, não deve haver alteração de ordem...

Bombudo, meusmo assim, para quem, como eu, nunca deserviu costumes alentejanos, isto tem certo interesse: desde os trajos nobres até a fala que é exquisita; desde os interiores das casas, irrepreensíveis de limpeza e arrumação, até ao aspecto externo das mesmas casas (as modestas, é claro) que têm o seu quê de africano.

Eis, porém, é que me não sinto com boa disposição para uma observação cuidadosa; estou desejando que chegue a noite para meber por esses mecidos pelo fim, pelo luar reingente, até ver receber o sol sob as azinheiras combarcidas, e pensando — sendo é volte o deserto adusto — se é verdade eu estar no meu país alegre de pastas, ou se na Africa...

Apesar de ter, a' frente, uma grandeza de de leguas, talvez me sinta mais satisfeito...



Portalegre.

27 de abril.

Gostei, afinal, da marcha de Alentejo - do -
 Alentejo a Portalegre.

Parti de Alentejo, por volta da manhã;
 atravessei aquelles montados sob um luar ex-
 plendido, por entre azinheiras tristes e cevas
 que, ao longe, davam uma extrema impressão
 não. Por um bocadinho veio uma batida de
 água, e houve frio; mas em compensação
 vi um romper de dia esplendido, como nunca
 vi esperai, nas planuras ingratas do Alentejo.

Os tons que aquelles montados pela vida
 tomavam com o aproximar da madrugada; a
 variedade de cores que o horizonte mostrava
 antes que o sol rompesse; os orgãos que
 aquellas azinheiras contorcidas faziam com o
 apparecimento da luz; todo aquelle conjunto
 harmonioso que afinal era a luta da fealdade
 da terra com a beleza do alvorecer de uma ma-
 nhã húmida de abril; tudo era inédito pa-
 ra mim e belas impressões me deu.

Mas... ai de mim! com o dia claro a
 charueca voltou a mostrar-se tal como elle
 era e então não desejei o terreno de viagem

para ver se me vinha iunctas as impressões
dessa ~~esse~~ alvorada estranha.

Parámos, já dia claro, no Senhor dos
Áflitos, local de reuaria, com uma igreja e
uns casebres em volta, num pequeno e
recatado vale onde corre agua por entre flo-
res e plantas.

Era uma especie de casis naquele de-
serto inuerso. No adro da igreja, como as en-
costas baixas encobrem tudo á volta, a gente
esquece que está no Alentejo e que ao redor
daquelle pequeno oitreiro o desampado é
quarenta.

Sté se fez o café e o rancho da manhã pa-
ra os soldados; e eu, que estava a cair de
rôno, reubi vontade de me deixar ao compri-
do em qualquer parte, enquanto se arranja-
vam as refeições.

Munas das pobres casas que guardavam
o adro estava uma mulher sentada á porta,
a fiar tranquilamente; olhei para dentro e
vi um largo banco de madeira, de costas al-
tas, destes que se usam de arco para a roupa;
por todo o caso havia limpeza e arranjo; não
resisti: pedi á mulher se me deixava ir

dormir um pouco no banco convidativo que eu via mesmo e chamar-me...

A pobre mulher, solícita, foi logo buscar um capote alentejano do marido e estendeu-o sobre a cadeira; pôz, sobre um pequeno esto de rime uma almofada branca, muito branca; eu dei-me com delicia e ela, com delicadeza, desejando um pôno feliz, fechou a porta e foi fiar lá para fóra.

Agitei-me sobre o capote como pude; e antes de adormecer não deixei de reparar na limpeza do chão de tijolo irreflexivamente varrido; na brancura das paredes, caiadas a cal; no acio de larga chaminé onde se não via uma moda de fumo; a quase artistica disposição da lousa nas prateleiras caracteristicas; no lutho dos muebles, caxarolas, taxos, panelas, em cima, no friso largo da parede; algumas jarras com flores e meus objectos de barro numa mesa a meio da casa; meus bancos de cerbica e algumas meigas da mesma cerbica para as galinhas comerem; e a pouco e pouco, pesando as palpebras pesarem, eu adormeci, pensando em como é diferente a limpeza alentejana comparada com a promiscuidade da Beira, onde se juntam in-

firmemente os homens, as mulheres, as crianças, os porcos, as galinhas e os burros...

E não se julgue que a casa onde dormi cerca de duas repoladas horas, num banco, era de algum lavrador remediado. Não: era de gente pobre a quem a irmandade do Senhor dos Aflições dá a casa com a condição de guardar a igreja, de cuidar do arraujo do adro e da limpeza da fonte.

Por isso, aquelle arraujo notavel para mim, mais me impressionou.

Quando acordei, daí a umas duas horas, estava com os membros entorpecidos e os pés friidissimos.

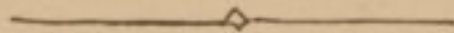
Um gato curria ao suas popas, limpa-mente, sem deitar nada fóra; um gato dormia na lareira, ao calor de uns restos de lençãos; uma aveiã cantabolava numa gaiola pendurada na parede; pela mesga da porta entrava o sol alegremente, dando um brilho maior aos meibais enfiteirados em cima, no friso caiado, fazendo luzir os pratos na pratelina e realçar umas modestas flores das pobres jarras da mesa.

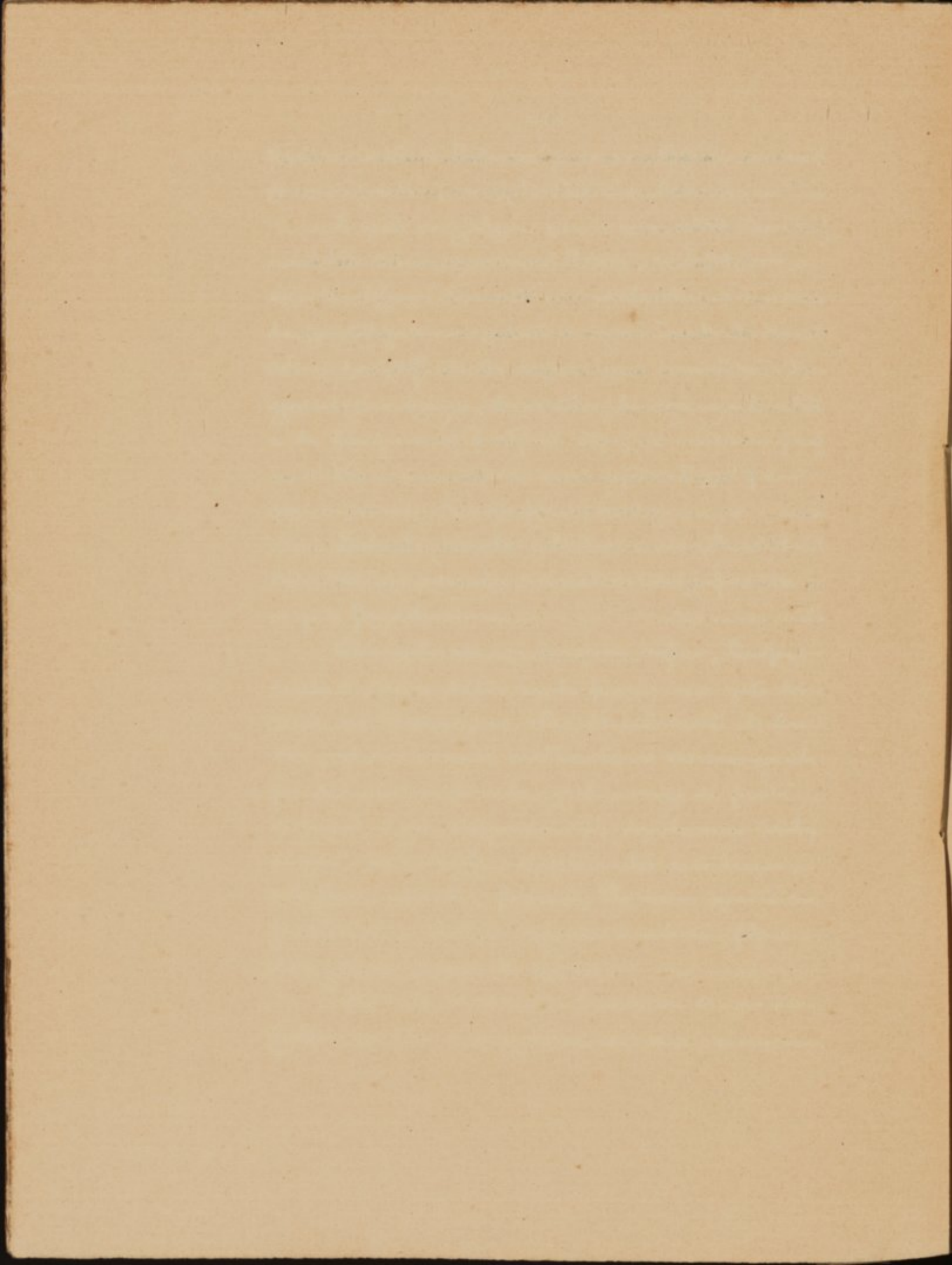
Aquelle arraujo e limpeza de uma casa pobre voltou a impressionar-me; e auguran-

tô desentofecia o corpo e habituava os olhos á luz, mirei e remirei tudo appello com pium fatia e interesse.

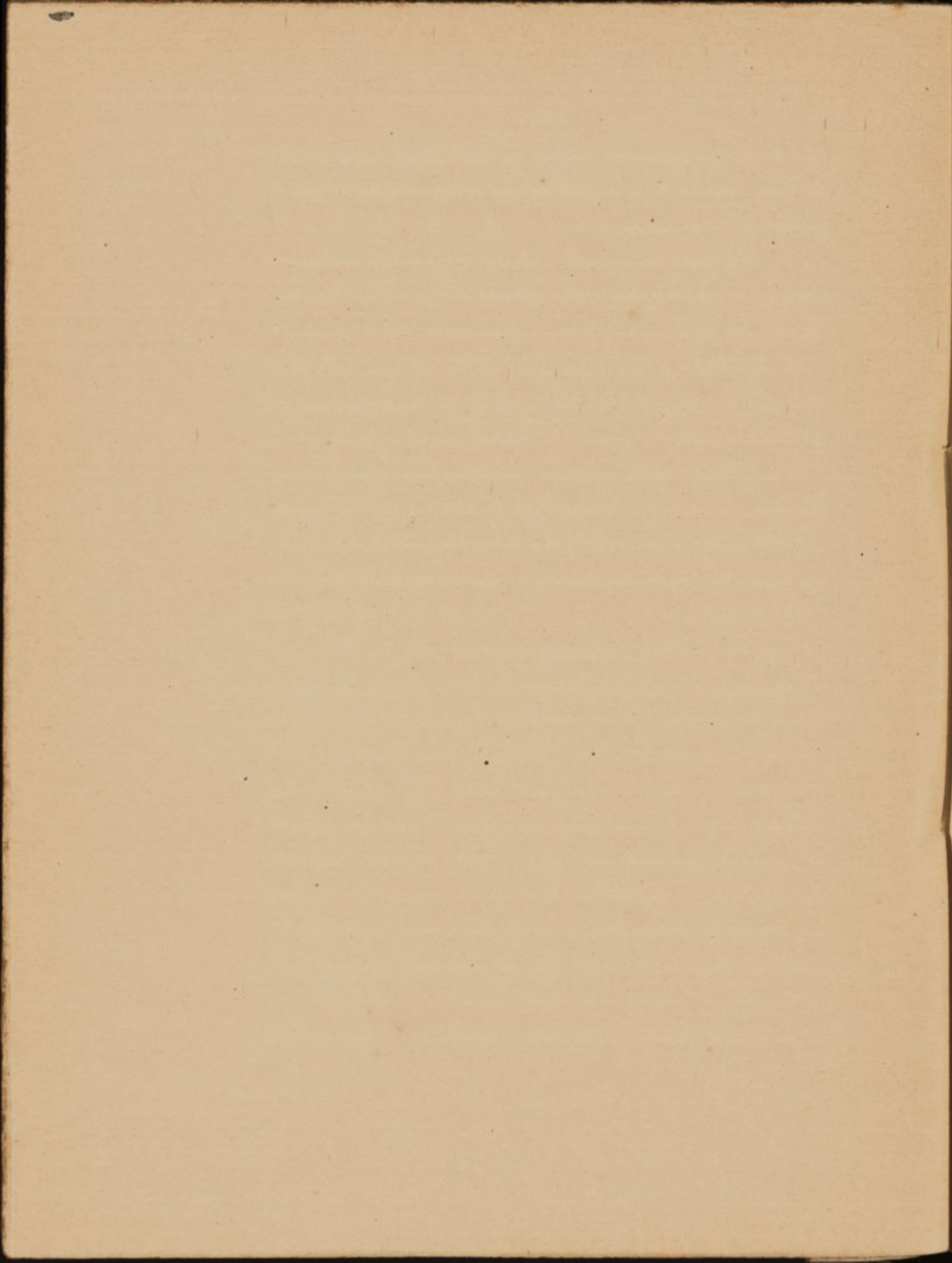
Lá fóra ouviram-se as vozes dos soldados que, ás vezes, um discreto « pchuu! » da dona da casa obrigava a baixar; o pol já devia ir alto, a avaliar pela restea alegre que entrava; e o gálo, farto e contente, sumiu-se pela abertura da porta lá para fóra.

E aqui está como eu derrei umas duas horas, num pobre casebre perdido, neste ingrato ebleutejo, numma feiz mesdrupada de abril, quando a giesta começa a abrir a sua triste flor amarela.





Indices.



A

| | Pag. | | Pag. |
|-------------------|---------|------------------|-------|
| 1903: Setembro: 4 | — 35 | 1905: Agosto: 24 | — 213 |
| " " 4 | — 92 | " " 26 | — 219 |
| " " 9 | — 37 | " " 30 | — 221 |
| " Novembro: 12 | — 262 | " " 31 | — 224 |
| " " 17 | — 267 | " Setembro: 2 | — 226 |
| " " 23 | — 272 | " " 3 | — 232 |
| " Dezembro: 6 | — 122 | " " 5 | — 235 |
| 1904: Jan.º: 7 | — — 318 | " : Outubro: 19 | — 127 |
| " Fever.º: 7 | — — 94 | " : Dezembro: 20 | — 279 |
| " Maio: 27 | — 98 | " " 22 | — 285 |
| " Junho: 2 | — 123 | " " 27 | — 289 |
| " Julho: 26 | — 251 | " " 30 | — 294 |
| " Agosto: 7 | — 251 | " " 31 | — 302 |
| 1905: Março: 20 | — 102 | 1906: Jan.º: 2 | — 306 |
| " " 24 | — 105 | " " 6 | — 310 |
| " Maio: 2 | — 112 | " " 10 | — 314 |
| " " 26 | — 116 | 1907: " 1 | — 323 |

| | |
|-------------------------|---------------------------|
| 1907: Jan.º : 23 — 316 | 1907: Outubro.º : 23 — 30 |
| " : Março : 13 — 163 | " : Novembro.º : 9 — 60 |
| " " 15 — 165 | 1908: Jan.º : 29 — 33 |
| " " 17 — 171 | " : Fevereiro.º : 14 — 61 |
| " " 18 — 177 | " " 26 — 63 |
| " " 20 — 181 | " : Agosto : 15 — 118 |
| " " 22 — 191 | " : Setembro.º : 4 — 248 |
| " " 23 — 208 | 1910: Abril : 21 — 342 |
| " : Junho : 13 — 240 | " " 22 — 345 |
| " " 15 — 242 | " " 24 — 369 |
| " " 21 — 245 | " " 25 — 371 |
| " : Julho : 11 — 9 | " " 27 — 373 |
| " " 17 — 38 | " " 29 — 346 |
| " " 19 — 11 | " : Junho : 7 — 348 |
| " " 19 — 41 | " " 8 — " |
| " " 21 — 66 | " " 10 — 349 |
| " : Agosto : 4 — 44 | " " 11 — 353 |
| " " 17 — 15 | " " 13 — 354 |
| " " 17 — 51 | " " 14 — 356 |
| " " 31 — 20 | " " 17 — 357 |
| " : Setembro.º : 3 — 89 | " " 24 — 361 |
| " " 6 — 22 | " " 25 — 363 |
| " " 14 — 52 | " " 28 — 367 |
| " " 18 — 55 | " : Agosto : 11 — 365 |
| " " 20 — 55 | " " 25 — " |
| " " 26 — 26 | " " 28 — 366 |

| | |
|--------------------------|--------------------------|
| 1914: Novemb.º: 23 — 327 | 1914: Dezemb.º: 24 — 334 |
| " " 26 — 328 | " " 25 — 335 |
| " " 30 — 329 | 1915: Jan.º: 4 — 337 |
| " : Dezemb.º: 7 — 332 | " " 28 — 340 |
| " " 23 — 333 | |

B

| | |
|--------------------------|--------------------------|
| Alcobaca — 272 | Beira, rio — 95 |
| Alentejo — 342, 375. | Chelo — 132-36, 153-62. |
| Alter do Chão — 369 | Coimbra — 94. |
| Alva, rio — 95 | " , ponte — 112 |
| Anguil — 122-126. | Covilhã — 337. |
| Avegueira — 283-85, 305. | Dão, rio — 95 |
| Balsal — 295, 299. | Espanha — 9 |
| Batalha — 267 | Espinho de Minanda — 227 |
| Braga — 92. | Ferrel, Perriche — 303-4 |
| Brejos — 99 | Galiza — 9-35, 87. |
| Cabo Carvoeiro — 306 | Góis — 167. |
| Carminha — 89 | Idanha - a - Nova — 335 |
| Carapinhãl — 99 | Lafela — 88 |
| Castelo-Branco — 327 | Leiria — 262 |
| " de Vide — 367 | Lorvão — 127-62 |

- Marvão — 351, 361.
 Minho, prov.^a — 36-40
 Miranda do Corvo — 219.
 Mondego — 95, 105
 Monforte, Galiza — 34
 Mourão — 85-6.
 Oridos — 277
 Olarias de Miranda do
 Corvo — 100
 Ourense — 33, 34.
 Pamplhosa da Serra —
 163
 Parriche — 277-317.
 Ponte de Coimbra — 112
 " do Solam — 166-7
 Pontavedra — 15
 Portalegre — 342-66.
 Rainha Santa — lenda.
 — 106-11.
- Rei de Espanha — 26
 S.^{to} Agostinho — 112
 " Ant.^o dos Olivais — 98
 São Tomé da Ferreira —
 251
 Serride — 235
 Sr. de Serra — 103, 213
 " do Bonfim — 66
 Serr.^a da Piedade — 230
 " do Faro — 51
 Serra de S. Mamede — 363
 Sueajo — 72-3.
 Tomar — 318
 Torres Novas — 323
 Tuy — 11, 12, 20 e 20
 Urgina, Valença — 44
 Valença do Minho — 41-65.
 Vidual de Baixo — 198
 Vigo — 22

Índice geral :

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Galiza : 1907-908 | 9 |
| O Minho : 1903-907 | 36 |
| Valença do Minho : 1907-908 | 41 |
| O Sn. do Bonfim, em Anhaes : 1907 | 66 |
| Caminha : 1907 | 89 |
| Braga : 1903 | 92 |
| Covilhã : 1904-908 | 94 |
| Aregosil : 1903-904 | 122 |
| Larvão : 1905 | 127 |
| Pauprinhosa da Serra : 1907 | 163 |
| Miranda do Corvo e Serride : 1905-908 | 213 |
| S. Torri de Ferreira-a-Nova : 1904 | 251 |
| Leiria : 1903 | 262 |
| Batalha : 1903 | 267 |
| Alcobaca : 1903 | 272 |
| Pediche : 1905-906 | 277 |
| Tomar : 1904 | 318 |
| Carres-Novas : 1904 | 323 |
| Castelo-Branco : 1914-915 | 327 |
| Pontevedra : 1910 | 342 |

| | |
|----------------------------------|-----|
| Castelo de Vide : 1910 | 367 |
| Alto do Chão : 1910 | 369 |
| Índice cronológico das notas : A | 381 |
| " alfabético dos assuntos : B | 383 |
| " geral | 385 |



Concebi a copiar as notas que aqui fi-
cam, para este volume em 31 de março de 1922
e terminei a copia e ordenação delas hoje,
28 de outubro de 1923. _____

Bolívar Simões

P

